



*A vida é feita
de escolhas*

Elisa Masselli

A Vida é feita de Escolhas

Elisa Masselli

Sinopse

Fernanda, prestes há completar 50 anos é abandonada pelo marido. Entra em desespero. Sente que o chão está faltando sob seus pés. Vê tudo o que construiu e sua vida destruída em um momento.

Amparada por Marilda a sempre amiga e verdadeira cúmplice que sempre esteve ao seu lado no desenrolar de sua trajetória. Começam juntas uma verdadeira maratona na tentativa de recuperar o amor de Antero, marido de Fernanda.

Mas, a lição do destino, só poderá ser compreendida após o final de um longo caminho. Ajudada pelo plano espiritual, Fernanda faz descobertas jamais imaginadas.

Dedicatória

Lucas

Meu neto querido
Que acaba de nascer
Com carinho e amor
Queremos te receber

A tua vida futura
Não sabemos como será
Mas durante toda ela
Carinho e amor você terá

Que a luz Divina te acompanhe
Por toda a tua jornada
Que possa ser feliz
Em toda a empreitada

Sumário

Prefácio	10
Preciso falar com alguém.....	12
Amiga é para todas as horas.....	24
A atitude de Antero	37
Experiência de vida	54
Vigiando	70
Em busca de evidências	76
A consulta.....	85
Constatando a verdade.....	100
Tudo está sempre certo	109
De volta à realidade.....	132
Surgem Dúvidas	147
Coisas do destino	156
Notícias de Fernanda	179
Em busca de paz	187
Suspeitas confirmadas.....	193
A quem de direito	200
Conversa franca.....	204
Notícias do delegado	209
O desabafo	214
O despertar	225
Recebendo esclarecimento	240

A influência	261
Lição de mediunidade	268
Nada é como parece	279
A pior acusadora.....	310
Instrumento de Deus	324
Epílogo.....	334

PREFÁCIO

Sempre que começo a escrever um livro, nunca sei como a história vai continuar; sei que ela chegará aos pedaços.

Em uma manhã quando eu estava quase acordando, como sempre acontece, ouvi uma voz de homem, dizendo:

- "Uma mulher abandonada".

Acordei, sabendo de antemão que a minha próxima história seria sobre uma mulher abandonada. Sorri e comecei a escrever.

Como sempre faço, não me preocupei em pensar como seria a história, nem as suas personagens, pois sabia que viriam. Não só a história, mas, ao meu ver, o mais importante: os ensinamentos sobre a espiritualidade. Quando estou escrevendo, não me preocupo muito com a forma ou com a própria história, apenas escrevo.

No entanto, com este livro foi diferente. Em dado momento, após terminar um capítulo, parei para pensar. Conheço várias pessoas que, assim como eu, muitas vezes já foram tentadas a abandonar a Doutrina e outras que realmente a abandonaram. O motivo foi, é e sempre será o mesmo: consciência e inconsciência.

Por sempre ter sido consciente e ver que as pessoas ao meu lado diziam estar inconscientes, eu julgava estar mentindo, fazendo "teatro". Por muitas vezes me afastei das casas espíritas, embora continuasse acreditando na Doutrina e procurasse vivê-la da melhor maneira possível e aplicá-la à minha vida sem que fosse preciso eu frequentar casas espíritas e mentir sobre um mentor, que eu não acreditava ter. Mas, por um motivo ou outro, eu sempre voltava. Durante um desses abandonos, estava acordando e ouvi uma voz de homem:

- "O que importa é a mensagem".

Despertei totalmente e pensei:

- É isso mesmo! Não importa de que maneira as mensagens venham, mas, sim, que cheguem.

Daí para frente não me preocupei mais com quem as estava transmitindo nem como, se por livros ou palavras. Comecei só a tirar o melhor proveito delas. Nesse tempo, eu nem imaginava que um dia escreveria. Quando escrevi o meu primeiro livro, nem por um minuto pensei que aquela história maravilhosa fosse minha. Tinha certeza que ela estava me sendo intuída. Sabia e sei que, pela pouca escolaridade que possuo, não tenho capacidade para escrever uma história como aquela nem as outras que vieram depois. As pessoas me perguntam qual é o nome do mentor que escreve comigo. A bem da verdade, não posso dizer, porque não sei. Poderia, se quisesse, inventar um nome qualquer e ninguém contestaria, mas não seria a verdade.

Acredito que o meu mentor não queira se identificar, pois se quisesse o faria. E, em uma manhã qualquer, como sempre faz, eu

acordaria ouvindo seu nome. Depois deste livro, a minha preocupação se tornou menor ou quase nenhuma, pois compreendi, através dele, o enorme trabalho que o plano espiritual tem para fazer com que os médiuns acreditem e se entreguem.

Hoje, tenho a certeza que o mais importante são as MENSAGENS, não importando a maneira como cheguem. Por isso, só posso dizer: se você, espírita ou não, acreditando ou não, tiver vontade de escrever, ESCREVA; se tiver vontade de falar, FALE; se tiver vontade de compor uma música, COMONHA; recebendo e agradecendo com carinho a INTUIÇÃO ou, se preferir, a INSPIRAÇÃO que está chegando, facilitando assim, em muito, a vida do plano espiritual. Porque, no final, o que importa mesmo é a MENSAGEM.

Elisa Masselli

Preciso falar com alguém

Marilda estava dormindo, quando o telefone. Tocou. Acordou assustada. Atendeu. Do outro lado da linha uma voz desesperada disse:

—Marilda! Algo terrível aconteceu! Preciso da sua ajuda! Venha,

por favor!

—Que aconteceu? Alguém está doente? Algum acidente?

—Não é nada disso, mas preciso de você! Preciso falar com alguém senão vou cometer uma loucura!

—Calma! Está me deixando nervosa! Diga ao menos alguma coisa! Dê uma pista!

—O Antero me abandonou!

—O quê? Como foi isso?

—Não consigo falar por telefone! Preciso que venha! Marilda olhou para o relógio.

—á são mais de duas horas da madrugada! Está muito tarde! Não quer deixar para amanhã?

—Não! Não posso esperar! Estou ficando louca!

—Deixe para amanhã!

—Não! Tem que ser agora! Você é ou não minha amiga?

—Claro que sou sua amiga, mas são duas horas da manhã. — disse, sonolenta.

A voz do outro lado da linha disse gritando e chorando:

—Não está entendendo? O Antero me abandonou! Marilda sentou-se na cama; embora sonolenta e ainda aturdida com aquela notícia, pensou: "A situação parece mesmo grave".

—Está bem, estou indo para aí, só vou pegar minha bolsa e as chaves do carro. Irei em seguida. — disse.

—Venha depressa, sinto que vou enlouquecer!

—Fique calma! Estou indo agora mesmo...

Foi o que fez. Levantou-se, foi até o banheiro, lavou o rosto, passou um pente pelos cabelos, pegou a bolsa, as chaves e saiu apressada.

Já no carro, enquanto dirigia, pensava: "Embora seja muito tarde para sair de casa, preciso ir, já que sou, e sei disso, a melhor amiga dela. Que terá acontecido? Por que ele fez isso?"

Chegou na casa de Fernanda o mais rápido possível. Estava nervosa, preocupada. Tocou a campainha. Fernanda abriu a porta, toda descabelada e, chorando muito, abraçou-se à Marilda.

—Por que demorou tanto? Não podia ter vindo mais rápido? Estou desesperada! Não sei o que fazer!

Marilda quis responder, dizer a ela que aquela não era hora para alguém sair de casa, que teve medo e estava preocupada, mas percebeu que não adiantaria.

Sentiu que ela não a ouviria, notou que, naquele momento, a única pessoa que existia no mundo para Fernanda era ela mesma, com todo o seu sofrimento. Mas, mesmo assim, embora sentindo um pouco de raiva pelo modo como foi recebida e tentando entender a amiga, disse:

—Fique calma! Estou aqui. Deixe-me entrar!

Fernanda soltou-a e, calada, saiu da frente da porta e Marilda conseguiu entrar. Dentro da sala sentou-se em um sofá. Fernanda sentou-se em outro, na ponta, quase caindo e chorando muito.

—O Antero foi embora! Me abandonou!

—Como foi isso e por quê? Quando foi?

—Não sei! Chegou dizendo que estava indo embora, porque não me amava mais, quer viver a sua vida. Não entendi!

—Disse isso? Falou dessa maneira?

Fernanda, chorando com mais intensidade, gritou:

—O pior você não sabe ainda! Fui trocada por outra!

Marilda ao ouvir aquilo não acreditou. Sem saber o que dizer e preocupada, ficou calada por alguns segundos:

— Está bem, Fernanda. Vai me contar tudo, mas antes sente-se direito. Desse modo como está vai cair do sofá.

Fernanda ajeitou-se no sofá, mas continuou chorando.

— Como posso ficar calma, Marilda? Fui trocada por outra! Fui largada! Jogada fora. Depois de tantos anos, tantas lutas!

— Por outra? Ele disse isso? Quem é essa outra?

— Não, ele não disse que estava me trocando por outra, mas só pode ser isso! Não sei quem ela é! Tentei argumentar com ele, perguntar, mas Antero não quis conversar, me deixou, arrumou suas roupas em uma mala e foi embora...

— Foi para onde?

— Não sei! Simplesmente foi embora!

Marilda percebeu que a amiga estava muito nervosa e sabia que a primeira coisa a fazer era acalmá-la:

— Já está tarde, eu estou com sono...pode me oferecer um café? Preciso manter-me acordada.

Percebeu que Fernanda ficou nervosa. Sabia que ela poderia querer fazer qualquer coisa naquele momento, menos café. Mas Marilda apenas sorriu, não deixando outra alternativa para Fernanda a não ser fazer um café.

Muito a seu contragosto, dirigiram-se para a cozinha. Lá, Fernanda começou a preparar o café. Marilda ficou olhando para a amiga, sem saber o que falar. Afinal, elas eram amigas desde crianças, moraram na mesma rua, estudaram na mesma escola. Sabia que ela estava desesperada. Entendia a situação. Sabia que era muito

difícil aceitar um abandono, muito pior quando é por outra pessoa.

— Que pretende fazer, Fernanda? Qual é o seu plano? Tentando enxugar os olhos, Fernanda respondeu:

— Não sei! Estou desolada, não consigo pensar!

— Entendo que não saiba o que fazer, mas o que você não pode mesmo é ficar nesse estado!

— Quer que fique como? Quer que eu saia rindo, dançando ou cantando? Será que não entendeu? Fui abandonada!

— Espere aí! — disse Marilda ao perceber o tom de ironia da amiga. — Está bem que esteja nervosa, mas isso não te dá o direito de ser rude comigo! Estou aqui tentando te ajudar e você vem com toda essa grosseria!? Estou indo embora!

Fernanda percebeu que a amiga estava brava e disse:

— Desculpe, não pretendi ser grosseira, só estou nervosa! Marilda apenas sorriu, compreensiva. Tentava entender. Ficou olhando para ela e pensando: "O que te dizer? Eu estou sentindo muita pena de você, por tudo que está passando. Entendo que esteja fora de si e por isso nem pensa no que diz. Sei que preciso te dizer algo, mas o quê? O que se diz em uma hora como esta?"

Fernanda terminou de preparar o café, colocou sobre a mesa duas xícaras, o açucareiro e o bule. Em seguida, sentou-se ao lado de Marilda. Enquanto tomavam o café, Marilda pensava em sua amiga Dinorá, que é psicóloga e faz terapia de casais, e no que ela sempre diz:

"Sabe, Marilda, o ser humano é engraçado. Pode ter lá as suas diferenças. Ele pode ser de qualquer raça, seguir qualquer religião, torcer para qualquer time de futebol, pertencer a qualquer

partido político, ser pobre ou rico... mas quando se trata de amor, de sentimento, somos todos iguais e reagimos da mesma forma. Por exemplo, quando tomamos conhecimento que nós ou alguém a quem amamos está com uma doença grave, a nossa primeira reação é a de negação. Nunca aceitamos que aquilo esteja acontecendo conosco, porque, no íntimo, todos nos julgamos livres de qualquer mal. Tudo pode acontecer com os outros, mas conosco, nunca! Quando algo de ruim nos acontece, não aceitamos, pois somos orgulhosos, mas isso não é errado, não! Somos apenas seres humanos."

— Não posso acreditar, isso não está acontecendo, não comigo!
Fernanda disse, com a xícara na mão.

Ao ouvir a amiga, Marilda voltou dos seus pensamentos. Tentou mais uma vez confortá-la:

— Talvez não esteja acontecendo mesmo. Deve ser uma crise passageira! Você só tem que ter paciência. Tenho certeza que logo Antero voltará e pedirá desculpas!

— Não vai, não! Ele falou com muita tranquilidade! Sabia o que estava dizendo!

— Acredita mesmo nisso?

— Claro que sim! Acha que estou dessa maneira por quê? Senti que ele estava sendo sincero! Já o conheço há muito tempo! Sei que pensou muito antes de tomar essa decisão...

Novamente Marilda não soube o que dizer. Ficou apenas olhando para um ponto distante. Fernanda, mais é amiga do casal. Eu sou amiga dos dois e sempre julguei que fossem um casal perfeito. Nunca havia passado por minha cabeça que um dia estariam nessa

situação. Estou mesmo sem saber o que dizer."

Marilda percebeu que Fernanda estava distante, parada, sem dizer uma palavra, parecia estar se distanciando da realidade. Ficou preocupada. Sabia que precisava ajudá-la, mas como? O que dizer naquele momento? Com voz firme, perguntou: calma, mas ainda chorando, levou a xícara até os lábios. Marilda ficou calada, respeitando o silêncio da amiga, mas sentia que precisava dizer algo, só que não sabia o quê. Só conseguiu pensar: "Ninguém pode imaginar a situação em que um amigo fica diante de uma cena como esta. Na maioria das vezes, como acontece agora, se..."

Fernanda, em que está pensando?

— Estou fazendo uma pergunta a mim mesma, mas não encontro resposta. Mesmo assim, não consigo parar de perguntar — respondeu, voltando os olhos para Marilda.

— Que pergunta é essa?

— Por que isso aconteceu? Por que ele me deixou? Marilda sorriu intimamente ao constatar que Dinorá tinha razão. Só que ela, Marilda, não era psicóloga, por isso estava ali sem saber o que responder. Também nervosa, disse:

— Não sei, eu era a última pessoa neste mundo que poderia um dia imaginar estar, a esta hora da madrugada, aqui, ao teu lado, discutindo um assunto como esse... não sei o que te dizer.

Novamente se calaram.

"De acordo com a Dinorá", Marilda pensou, "após a aceitação, geralmente essa é a pergunta que todos fazem. Por que comigo?" No dia em que conversávamos sobre isso, lhe perguntei, intrigada:

— Por que isso acontece?

— Porque somos orgulhosos.

Lembro-me que olhei assustada e espantada para ela, que sorrindo me perguntou:

— Está assustada? Não precisa se assustar. Graças a Deus somos orgulhosos. O orgulho é um sentimento humano e, como todos os sentimentos, é divino. Isso mesmo, divino. Em todos os sentimentos e coisas, existem sempre dois lados. O certo e o errado. O orgulho, quando bem direcionado, pode e deve ser muito usado. Não entendeu?

Com a cabeça, eu disse que não, e ela continuou:

— Podemos e devemos sentir orgulho de nossa família, do nosso trabalho, quando feito com amor; dos nossos filhos, quando fazem algo que nos dê prazer, ou alguma coisa que nos encha de orgulho; da casa que construímos; do diploma que conseguimos após muito estudo; de uma luta vencida e de muitas outras coisas. Eu, por exemplo, tenho muito orgulho dos pacientes que consegui ajudar. Fico feliz quando eles me dizem: — Obrigado, doutora, a senhora abriu os meus olhos.

— Isso sempre acontece? — perguntei.

— Nem sempre, mas quando acontece me causa um prazer enorme. Aí sim, eu me orgulho do meu trabalho.

— Orgulha-se?

— Sim, o orgulho nos empurra para a conquista, para a felicidade. Mas, se ele for usado do modo errado, pode nos destruir. Quando colocamos nosso orgulho à frente de tudo. Quando queremos nos mostrar a outra pessoa de uma maneira que sabemos não ser a verdadeira, pois nos conhecemos. Quando ficamos tristes

por não sermos aceitos em determinadas ocasiões ou lugares. Quando o nosso orgulho nos leva a esconder os nossos sentimentos em relação a outra pessoa. Quando sentimos orgulho do que temos e, por isso, achamos que podemos desprezar aqueles que não têm. Quando somos trocados por outra pessoa. Quando nos sentimos abandonados. Aí sim, o orgulho é pernicioso."

Pensando sobre o que Dinorá lhe disse, Marilda ficou com uma vontade enorme de contar tudo aquilo para Fernanda, mas não podia, pois sabia que, da maneira como ela estava, não entenderia. Mesmo assim, sentindo ser necessário, falou:

— Fernanda, preciso lhe contar algo que Dinorá falou.

— Lá vem você com psicologia. Não estou para isso.

— Sei o que sente a respeito de psicólogos, algumas vezes sinto o mesmo. Mas parece que aquilo que ela disse tem lógica. Não esqueça que ela faz terapia de casais.

— O que ela te disse?

Marilda contou tudo que Dinorá havia lhe dito. Quando terminou de falar, Fernanda a olhou com os olhos arregalados:

— Você e ela estão loucas! Não sou orgulhosa! Só estou sofrendo porque eu o amo muito e porque ele foi embora! Porque estou vendo o meu casamento se destruindo! Para vocês é fácil dizer isso, não estão na minha pele! Não está acontecendo com vocês! Eu amo o meu marido! Não sei viver sem ele!

— Será que o ama mesmo ou será que apenas o suporta?

— Está louca mesmo! — Fernanda respondeu furiosa. — Claro que o amo. Estamos juntos há muito tempo! Temos uma casa, uma filha! Uma vida toda juntos! Claro que o amo!

"Será que o estar juntos — Marilda pensou — há muito tempo, ter uma casa e uma filha, significa amar? Será que ela nunca pensou, que, se não tivesse se casado, poderia ter feito isso ou aquilo? Poderia ter se tornado uma profissional? Será que conseguiu realizar todos os seus sonhos? Será que a sua filha a completa? Será que você é feliz, Fernanda?"

Ela se fez todas essas perguntas, mas não teve coragem de fazê-las para Fernanda. Continuou olhando para ela, que estava com um lenço enxugando as lágrimas, e continuou pensando: "Neste momento, tenho uma vontade imensa de te perguntar tudo isso, mas não posso; não agora, neste momento em que está sofrendo tanto. Sou sua amiga, estou aqui para confortá-la, não para enchê-la de dúvidas".

Olhou fixamente para Fernanda, que estava com a xícara na mão e os olhos tristes, esperando que ela lhe dissesse alguma coisa. Nesse momento, Marilda sentiu a língua arder com vontade de dizer tudo que estava pensando, mas ficou calada. Fernanda, percebendo que ela estava distante, disse:

— Marilda! Responda! Por que isso aconteceu?

Marilda voltou os olhos para ela e pensou: "Agora não tem jeito, vou ter que responder. Você está sofrendo e precisando de uma resposta. Sou sua amiga e preciso dizer o que estou achando de tudo isso. Mas, sei que não vai adiantar. Você não entenderia nem aceitaria, mas vou tentar".

— Não sei. Estou aqui pensando, tentando te ajudar, mas não sei como. Sempre julguei o teu casamento perfeito. Não era?

— Claro que era perfeito! Nos dávamos muito bem. Tivemos

algumas brigas como todo casal, mas nada mais sério. Ele foi sempre um ótimo marido e sempre fez tudo que eu quis. E um marido perfeito!

— Você também fez sempre tudo que ele quis?

— Claro que sim!

— Nunca lhe disse um "não"?

— Não! Claro que não!

— Não sei o que dizer, pois sempre achei que não tinham problema algum!

— Éramos não! Somos um casal perfeito! Ele vai voltar e seremos felizes novamente!

"Preciso encontrar uma maneira de te ajudar, Fernanda. Tenho que levantar teu ânimo, mas como?"

Não encontrando as palavras certas para confortá-la, disse:

— Sendo assim, se tudo estava bem, acredito que isso seja só uma crise da idade e que ele logo voltará. Só precisa ter paciência e esperar.

— Não! Ele não voltará! Ele foi embora!

— Por favor, não volte a chorar. Isso não vai adiantar.

— Será que não entende! — Fernanda gritou furiosa — O pior de tudo é que fui trocada por outra!

— Pior, por quê?

— Não imagina o que estou sentindo! Estou humilhada! Magoada! Com muita raiva! Tenho vontade de matar aquela sem-vergonha!

— Calma! Isso não vai adiantar. Procure ficar calma para poder encontrar uma solução! Se continuar assim, não conseguirá.

— Que solução? Não sei o que fazer!

— Também não sei, mas sempre há uma solução. Vamos pensar com cuidado? Sei que encontraremos um caminho.

Fernanda tentou se acalmar. Marilda precisava pensar rápido, estava cansada, com sono, mas não podia abandonar a amiga em um momento de crise como aquele.

— Sabe quem é essa outra? Ele disse que tinha outra?

— Não! Ele não disse. Perguntei, mas ele não quis dizer. Mas só pode ter sido por causa de outra. Não existe outro motivo. Preciso descobrir. Preciso saber quem é essa sem-vergonha que roubou o meu marido e destruiu o meu lar. Assim que descobrir vou mata-la! Vou mesmo!

Ao ouvir aquilo, Marilda voltou a pensar: "Novamente ela está entrando no lugar-comum. Por que a outra é a culpada? Por que é sempre mais fácil julgar e condenar os outros? Por que ela, e não você, é a culpada? Por que o seu marido não é o culpado?"

Ela pensou, mas não falou. Percebeu nos olhos da amiga um brilho diferente, que já conhecia.

"Está tendo uma ideia", pensou — "Disso tenho certeza".

Fernanda levantou-se, olhou para Marilda bem nos olhos:

— Vou descobrir quem é essa sem-vergonha! Vou descobrir! Aí, ela vai ver com quem está lidando!

— Como vai fazer isso?

— Vou segui-lo por toda parte! Ele vai ter que ir até ela!

— Seguir? Vai mesmo fazer isso?

— Vou sim! Preciso descobrir quem é ela!

— Como vai fazer isso?

— Você vai me ajudar!

— Eu?! Como?!

— Ele conhece o meu carro e o seu, por isso não podemos usar nenhum dos dois!

— Não estou entendendo...

— Vamos arrumar um carro emprestado de alguém que ele não conheça!

— Vamos?! Está dizendo que nós vamos?!

— Claro que vamos! Você irá junto comigo! Não poderei fazer isso sozinha! Não sei qual vai ser minha reação quando encontrar os dois juntos!

— Espere aí! Você não disse que eu teria de participar de tudo isso! Além do mais, quem vai te emprestar um carro?

— Sei lá! Temos muitos amigos, não temos?

— Acredito que sim, mas quem vai querer te emprestar um carro? Ainda mais nas condições em que se encontra?

— Que condições? Estou muito bem!

Marilda percebeu que ela estava nervosa novamente. Precisava pensar rápido no que iria dizer ou fazer: "Que vou fazer? Não posso

sair por aí dando uma de detetive! Mas, sou sua amiga! Preciso ajudá-la de alguma forma".

— Sei que estou nervosa — Fernanda continuou —, mas também queria o quê? Você tem que arranjar o carro!

— Eu?! Não sei a quem pedir!

— Você sempre disse ser minha amiga, agora chegou a hora de provar! Preciso de um carro e você vai ter que conseguir.

— Como, vou ter?!

— Claro que vai ter! E a única amiga que tenho! A única em quem posso confiar! Não sei o que fazer! Precisa me ajudar! Só tenho você neste momento!

"Você não percebe, mas está confundindo as coisas. A amizade tem um limite. Não podemos exigir, de nossos amigos, coisas que talvez eles não possam fazer. Sei que para você, no momento, isso não tem importância. O que está importando agora é só você e seu enorme sofrimento. Os outros...ora, os outros! Estou nervosa, a minha vontade é sair, ir para minha casa e dormir, mas não posso fazer isso. Não posso te abandonar. Não neste momento, e da maneira como está".

— Estou pensando, mas não encontro alguém que possa ou queira emprestar um carro, Fernanda. Sabe como é, as pessoas, normalmente, têm muito ciúmes de seus carros.

— Que ciúmes! Que nada! Esta é uma hora de desespero! Preciso de um carro! Tente lembrar-se de alguém! Eu não consigo pensar em ninguém! Você tem mais conhecidos do que eu!

— Nem eu, neste momento, consigo lembrar-me de ninguém! Espere... talvez a Ivete... ela também passou por essa mesma situação! Talvez ela entenda e nos ajude!

— Ótimo! Não a conheço muito bem, mas, se passou por isso, vai entender e me ajudar. Tem o número do telefone dela?

— Sim, está aqui na minha agenda.

— Então procure e vamos ligar para ela agora!

— Agora? Sabe que horas são? Não podemos fazer isso!

— Não me importo! Preciso de ajuda e não posso esperar!

— Espere aí! As coisas não podem ser feitas dessa maneira! A Ivete tem um emprego, deve estar dormindo! Não temos o direito de acordá-la por um probleminha desse!

— Probleminha! Probleminha!? Como pode dizer isso? Marilda percebeu que havia dito uma bobagem. Mas agora já estava feito. Fernanda estava brava e com razão. Marilda precisava encontrar um meio de se desculpar, mas estava cansada, e, no fundo, la no fundo, achava que era um probleminha mesmo. Sabia também que para Fernanda o problema era imenso.

— Desculpe, mas você está muito nervosa e não está podendo pensar direito. Não podemos telefonar para a Ivete neste momento. Ela tem que levantar cedo e ir trabalhar. Precisamos respeitar a privacidade das pessoas.

— Privacidade?! Privacidade?! A minha foi mais que desrespeitada. Alguém entrou dentro da minha casa e roubou o meu marido! Destruíu o meu lar!

— Espere aí, ninguém entrou na sua casa. Você foi quem não notou que seu casamento estava terminando!

Fernanda começou a chorar novamente. Marilda percebeu que, mais uma vez, havia falado demais e essa não era a sua intenção. Levantou-se da cadeira em que estava sentada, aproximou-se de Fernanda e abraçou-a:

— Desculpe mais uma vez, estamos cansadas. Vamos fazer o seguinte: eu vou embora, vamos tentar dormir. Amanhã bem cedo eu volto e traçaremos um plano. Prometo que vou pensar. Falarei com a Ivete. Está bem assim?

Fernanda não respondeu, apenas continuou chorando. Marilda sentiu que já não poderia mais ajudá-la, não naquele momento. Após alguns instantes, Fernanda disse:

— Não vou conseguir dormir! Não consigo parar de sofrer e muito menos de chorar! Estou desesperada!

— Tente! Amanhã terá que estar inteira para poder agir. Eu estou num "prego" e preciso dormir. Boa-noite.

Fernanda não queria que ela fosse embora, mas não disse coisa alguma. Percebeu, finalmente, que Marilda estava cansada mesmo e que, em seu devaneio, chegou a pensar que ela não queria ajudá-la, que não era mais sua amiga. Ficou calada.

Marilda, embora com um sentimento de culpa, não por não tê-la ajudado nem por não se sentir sua amiga, mas por não ter dito tudo

aquilo que realmente estava pensando, entrou no carro. O caminho até a sua casa era longo.

"Como as pessoas sofrem sem necessidade", foi pensando enquanto dirigia. "Eu já havia aprendido com a vida que tudo nela é ilusão. O bem, como o mal, passam. Quando um momento termina, em seguida vem outro. Quando estamos passando por uma situação ruim, julgamos ser o fim do mundo, mas ela passa e, depois de algum tempo, ao nos lembrarmos dela, não acreditamos que foi difícil. Mas não temos mais tempo para pensar nela, pois quase sempre estamos com um outro problema. Assim vamos vencendo as dificuldades. O vencer dificuldades depende de cada um. Alguns conseguem com facilidade, outros não. Mas, de uma coisa eu tenho certeza: a cada dificuldade vencida, ficamos cada vez mais fortes. Fernanda está agora vivendo algo novo e, por ser novo, diferente de tudo que conheceu até hoje, está nervosa e ansiosa, mas sei que conseguirá superar".

Finalmente chegou em casa. Ao entrar na sala, olhou para o relógio. Eram cinco horas da manhã. Estava realmente muito cansada. Foi direto para o quarto, deitou-se e adormeceu.

Amiga é para todas as horas

Marilda novamente acordou assustada com o barulho do telefone. Olhou para o relógio que estava sobre seu criado-mudo. Sonolenta, atendeu:

— Alô.

— Ainda bem que já está acordada!

— Não estava, mas agora estou...

— Não consegui dormir! Não via a hora de que amanhecesse! Já falou com a Ivete?

— Não. São ainda oito horas da manhã! Nem acordei direito... estou sonolenta...

— Pois então acorde! Não liga mesmo para o meu sofrimento! Será que não percebeu que estou desesperada? Que não sei o que fazer da minha vida?

Marilda sentou-se na cama. Na realidade, estava furiosa por ter sido acordada daquela maneira e naquela hora, depois de ter passado quase a noite toda ouvindo Fernanda reclamar. Ia responder com uma má-criação, mas lembrou-se do muito tempo que eram amigas e que os amigos verdadeiros estão presentes nos bons e maus momentos. Respirou fundo e contou até dez:

— Fique calma. Vou me levantar, tomar um banho, depois

telefone para a Ivete. Não sei a que horas ela chega no trabalho, por isso precisamos esperar mais um pouco.

- Não! Não quero que telefone para ela sozinha!
- Por que não? — Marilda perguntou, surpresa.
- Quero estar ao seu lado para ver o que você vai dizer!
- Não entendi! Por que está dizendo isso?

— Quero estar presente para ver o que vocês vão conversar! Quero ter a certeza de que você telefonou mesmo!

Marilda pulou da cama e ficou em pé junto a ela, irritada.

"Isso já é demais! Estou aqui com a maior boa vontade, quer dizer, sem muita vontade, mas estou tentando ajudar, ficar ao seu lado nesse momento, e ela me vem com essa? Não! Já é demais! Eu não preciso disso!"

La responder, mandar Fernanda se virar sozinha! Pedir que a deixasse em paz e que resolvesse seus próprios problemas! Foi o tempo de pensar tudo isso, quando Fernanda se deu conta do que havia dito e disse, chorosa:

— Desculpe, estou muito nervosa...

Marilda voltou da fúria em que estava. Procurou entender o que Fernanda estava sentindo:

— Está bem, vou te desculpar, mas precisa entender que só estou tentando te ajudar. Hoje é o meu segundo dia de férias, tenho a minha viagem marcada, preciso comprar roupas, deixar alguns papéis em ordem, mas vou adiar tudo isso por alguns dias, só para ficar ao seu lado neste momento.

— Desculpe novamente, sabia que poderia contar com você. Obrigada, sempre soube que você era minha amiga...

— É... amiga é para essas coisas...

Enquanto Marilda dizia isso, Fernanda soluçava. Marilda não teve outra alternativa:

— Está bem — disse, contrariada —, antes vou tomar um banho para despertar.

Fernanda suspirou fundo, dizendo:

— Vê se não demora muito!

Marilda não respondeu. Percebeu que, se aquela conversa continuasse, iriam brigar.

"Ela está completamente fora de si", pensou. "Sei que estando do lado de fora da história tenho que manter a cabeça fria. Sei que tudo isso em breve passará. Só preciso ter um pouco de paciência."

— Já vou, chego aí o mais rápido possível — disse, com um sorriso conformado.

Antes que Fernanda tivesse tempo para dizer qualquer coisa, Marilda desligou o telefone.

Foi em direção ao banheiro, precisava mesmo de um banho. Não havia dormido o suficiente. Precisava despertar. Olhou para o espelho, estava com olheiras profundas. Entrou embaixo do chuveiro, deixou a água cair por seu corpo. Aos poucos a irritação que estava sentindo foi passando. Sabia que teria de ter muita paciência. Sabia que Fernanda estava realmente passando por um momento muito difícil. Sabia, principalmente, que era sua amiga. Talvez a única que tivesse naquele momento. Terminou de tomar banho. Desligou o chuveiro. Estava se secando, quando o telefone tocou outra vez. Atendeu:

— Alô.

— Você ainda está aí, Marilda?

Marilda novamente contou até dez, respondeu:

— Estou terminando de tomar meu banho, Fernanda...

— Já faz muito tempo que te liguei! Você ainda está tomando banho?

Marilda olhou para o relógio:

— Agora são só oito e dez! Não faz tanto tempo assim...

— Não pode ser que se passaram só dez minutos! Seu relógio não está certo! Faz mais de uma hora!

Marilda sorriu, entendia que, para Fernanda, o relógio parecia estar parado. Ela estava tão ansiosa, que não via o tempo passar.

— Fique calma, já estou indo! Fernanda começou a chorar novamente:

— Venha logo, por favor...

"Como vou brigar com ela nesse momento? Uma mulher com quase

cinquenta anos está ali perdida, sem saber o que fazer, agindo como se fosse uma criança, uma adolescente".

— Estou indo. Chego o mais rápido que conseguir. Tchau. Desligou o telefone, não dando tempo para Fernanda dizer nada. Vestiu-se, saiu. Chegou na casa de Fernanda, encontrou-a com a mesma roupa com que a havia deixado. Estava com os olhos vermelhos e esbugalhados. Percebeu que realmente ela não havia dormido um minuto sequer. Antes que Marilda dissesse qualquer coisa, Fernanda falou:

— Ainda bem que chegou! Demorou muito!

La responder novamente com uma mal-criação, mas percebeu que não adiantaria. Apenas disse:

— Você está horrível! Nem parece a mesma Fernanda que conheci durante tanto tempo!

— Queria que eu estivesse como? Ainda não entendeu que fui abandonada? Que fui trocada por outra, que nem sei quem é? Vamos telefonar para Ivete?

— Sei de tudo que está passando, sei que está sofrendo, por isso estou aqui. Vamos telefonar para a Ivete, sim, mas antes você vai tomar um banho, trocar de roupa e pentear esse cabelo.

— Não! Vamos falar primeiro com a Ivete!

— Primeiro você vai fazer o que eu disse. Se não fizer, eu não telefono para ela! Depois vamos tomar um café. Aí, só aí, vamos telefonar.

— Vai demorar muito!

— Não vai, não. Me recuso a ficar ao seu lado, nesse estado em que está. Não suporto ver a minha amiga nessa situação de desânimo.

Logo tudo isso vai passar.

— Como, passar? Será que não entendeu ainda a minha situação? Perdi o meu marido! Quero que ele volte!

— Entendi a sua situação, sim! Claro que entendi, mas não vai adiantar você ficar nesse estado. Nervosa como está, não vai conseguir pensar. Nem tomar uma atitude sensata!

Fernanda recomeçou a chorar. Marilda sabia que a primeira reação de qualquer pessoa é justamente essa. Desespero e sentimento de impotência diante de uma situação inesperada.

— Não adianta ficar assim. Procure se acalmar. Nada melhor para isso do que um bom banho. Você precisa sentir-se bonita. Depois que estiver calma, vamos telefonar para a Ivete.

— Não consigo me controlar! Não consigo aceitar que ele tenha me abandonado, depois de tantos anos juntos! Depois de tanto sacrifício para conseguirmos tudo que temos hoje!

— Sinto muito. Não quero te desanimar, mas você não é a primeira nem será a última a passar por essa situação.

— Sim, sei disso. Quantas nós conhecemos? Muitas, mas nunca pensei que isso um dia aconteceria comigo. Comigo não! Sou uma boa dona de casa. Boa mãe. Dediquei minha vida toda à minha família. Comigo não!

— Está bem, mas vá tomar o seu banho. Enquanto isso, vou preparar um café. Quando voltar cheirosa e bem penteada, vamos telefonar para a Ivete. Está bem assim?

Marilda conhecia muito bem Fernanda. Sabia que ela não desistiria e não sosseitaria enquanto Antero não voltasse.

"No seu íntimo, ela deve saber que estou certa. Quando isso aconteceu com algumas de nossas amigas, discutíamos sempre a respeito, sempre demos a nossa opinião, mas agora é diferente, está acontecendo com ela".

Abanando as mãos, entendendo que Marilda não faria nada, antes que ela fosse tomar banho, Fernanda saiu da sala. Marilda respirou fundo e, aliviada, foi para a cozinha e colocou água no fogo para ferver. Enquanto a água fervia, ia pensando no que diria para Ivete. Mais uma pessoa seria envolvida em uma história que não era sua. Não sabia se Ivete estaria disposta a emprestar o carro. Conhecia-a há muito tempo, era sua amiga, mas não íntima como Fernanda. Não tinha com ela a mesma liberdade. Por isso, não sabia como pedir um favor desses, mas sabia, também, que se Fernanda não tivesse um carro, se não descobrisse quem era a mulher que havia roubado seu marido, não teria sossego. Estava ainda pensando quando Fernanda entrou na cozinha. O café já estava pronto e Marilda estava colocando as xícaras sobre a mesa. Fernanda, ainda com os olhos vermelhos, perguntou:

— Estou melhor agora?

— Agora sim! Está limpa e com outra aparência. Seus cabelos estão molhados, mas penteados. Seus olhos, embora tristes, estão faiscando de uma maneira diferente daquela que estava quando cheguei. Justamente por esse olhar, estou percebendo que teve uma idéia e que está, outra vez, com esperança.

—Tive sim!Já sei o que faremos!

Marilda, receosa do que ia ouvir, disse:

— Você está ótima! Agora sim vai saber que caminho tomar! Venha tomar café. Vai me contar qual é essa nova idéia?

— Claro que vou contar. Vou tomar uma decisão, sim. Só que antes precisamos falar com a Ivete. Vou precisar do carro para pôr em prática o que decidi.

— O que foi que decidiu?

— Só depois que falarmos com a Ivete, vou te contar. Agora estou mais calma. Sinto que ainda não está tudo perdido.

Agora quem estava curiosa era Marilda. Percebeu que aquele banho que Fernanda havia tomado lhe fizera mais bem do que ela poderia imaginar. Sentou-se e começaram a tomar café. Para o espanto de Marilda, Fernanda tomou café tranquilamente, comeu até uma fruta e pão. De repente disse:

— Estou velha e gorda!

Ao ouvir Fernanda dizer isso, Marilda estremeceu. Olhou para ela, enquanto pensava:

"Como o ser humano pode ser tão óbvio e previsível? Por que, quando somos abandonados, a nossa reação é a de primeiro, procurar um defeito em nós? Por que nunca no outro"?

Estava pensando isso, mas também não poderia dizer. Não agora, que estava vendo os olhos dela brilhando de esperança.

— Não estou te achando gorda — disse sorrindo —, talvez um pouco cheinha, mas não gorda! Sente-se realmente velha?

— Não na cabeça, mas o meu corpo já não é o mesmo! Ele não acompanha a minha cabeça. Não posso negar que os anos passaram e que já não sou a mesma...

— Tem razão, mas, se você envelheceu, aconteceu o mesmo com Antero: hoje já não é o mesmo rapaz que você conheceu, se apaixonou e casou.

— Sei que ele também envelheceu, mas com o homem é diferente. Quanto mais velho fica, mais charmoso se torna.

— Nisso você tem razão, mas, mesmo charmoso, ele nunca poderá negar a idade que tem. Se o seu corpo não acompanha a sua cabeça, o dele também não. Tem de ter outro motivo. Não acredito que seja esse.

— Pode ser que não, mas vou a uma clínica de estética! Quero cortar e pentear o cabelo, fazer massagens e marcar algumas aulas de ginástica. Depois quero ir a uma loja e comprar roupas novas. VOU me tornar outra mulher! Você vai ver!

Marilda ficou olhando para ela. Percebeu que estava feliz por ter encontrado a solução.

"Não importa em que eu acredito, o importante é que ela se sinta bem e parece que está muito bem..."

— Não estou te achando gorda nem velha, mas se acha que isso seja o problema, poderemos ir até uma clínica de estética. Também estou precisando de um tratamento.

— Você vai mesmo comigo? Faria isso por mim?

— Claro que vou! Sou sua amiga e estou aqui para te ajudar, mas e a Ivete? Não vamos falar com ela?

— Agora não, não vai adiantar. Preciso estar preparada e bonita, se quiser tê-lo de volta. Por isso podemos ir hoje mesmo à clínica de estética.

— Hoje?

— Sim, quanto mais cedo melhor. Assim que eu estiver bem bonita, iremos até o escritório do Antero. Tenho certeza que ele, ao me ver mudada, desistirá de me abandonar!

— Está pensando mesmo em fazer isso?

— Claro que estou! É a solução!

Sem alternativa, Marilda acompanhou a amiga.

Durante o caminho até a clínica, quase não conversaram. Para Marilda não havia opção a não ser acompanhá-la.

Fernanda estava ansiosa, sentia que ali encontraria a solução para seus problemas. Em dado momento, ela disse:

— Marilda, não sei como te agradecer.

— Agradecer o quê?

— Por estar fazendo isso, por estar me acompanhando. Está mostrando que realmente é minha amiga. Eu sabia que você pretendia viajar nas suas férias...

— Pretendia, não! Ainda pretendo, mas terei muito tempo. Logo tudo isso vai se acertar e poderei viajar tranquila.

Novamente uma sombra de tristeza apareceu nos olhos de Fernanda. Marilda, percebendo, disse:

— Você não vai começar a chorar outra vez, vai?

Fernanda passou as mãos pelo rosto, olhos e nos cabelos. Tentou esboçar um sorriso.

— Desculpe, estou tentando me controlar, mas está sendo difícil. Tenho medo de não conseguir trazer Antero de volta. Não sei como isso pôde acontecer... ele foi sempre tão carinhoso, comigo e com a Regiane. Jamais poderia imaginar que houvesse outra em sua vida. Embora, pensando melhor, já há algum tempo ele estava diferente, quase não conversava mais comigo e começou a chegar tarde. Dizia que estava em reunião ou em jantares de negócios. Nunca desconfiei de nada. Também, depois de tantos anos, já não existe mais ciúmes ou preocupação.

— Posso imaginar como está se sentindo, eu também nunca imaginei isso. Ele sempre demonstrou gostar de vocês, por isso acho que não passa de uma aventura; logo mais ele voltará e tudo ficará como antes.

— Gostaria de acreditar nisso, Marilda, mas não consigo. Ele falou calmo, parecia saber muito bem o que queria.

— Olhe, estamos chegando à clínica; quando sairmos dela, você será outra pessoa. Irá falar com Antero, quem sabe, ele também não esteja arrependido do que fez. Você não pode perder a esperança. São muitos anos de casamento para terminar assim.

— Deus te ouça... Deus te ouça. Se isso não acontecer, não sei o que farei com a minha vida, Marilda...

— Ora, não se preocupe. A vida sempre foi, é e será mais importante que tudo!

— Você fala assim porque nunca se casou, nunca teve uma família

nem sabe o que isso significa. O dia que tiver, poderá saber como me sinto hoje.

— Talvez você tenha razão, mas acho perigoso colocarmos a nossa felicidade nas mãos de outra pessoa. Acredito que isso não acontecerá comigo. Já passei da idade. Hoje, só quero pensar no meu trabalho, aliás, como sempre fiz. Agora eu sei do que sou capaz e que posso viver às minhas custas, sem depender de ninguém, financeira ou emocionalmente.

Marilda estacionou o carro em frente à clínica, e desceu, enquanto Fernanda também descia. Sorriam e, confiantes, entraram. Dirigiram-se até o balcão, uma recepcionista sorriu:

— Em que posso ajudá-las?

Fernanda respondeu ansiosa e com a voz embargada:

— Estou aqui porque preciso me transformar em outra mulher, quero e preciso ficar bonita. E só o que quero!

A recepcionista sorriu. Estava acostumada com aquele tipo de mulher e sabia o motivo de ela estar ali.

"Essa também deve ter perdido o marido", pensou, mas não disse. Ao contrário, demonstrando solidariedade, falou:

— Pois a senhora veio ao lugar certo! Vou chamar a doutora Lídia. Ela conversará com as senhoras, garanto que tem o remédio para que esse seu pedido seja atendido.

Acionou o interfone e chamou a doutora, que pediu que entrassem em seu consultório. Marilda e Fernanda encaminharam-se para a porta apontada pela recepcionista, entraram. Dentro do consultório, uma senhora as recebeu:

— Bom dia, meu nome é Lúdia, espero poder ser útil. Sentem-se, por favor. Em que posso ajudá-las?

— Preciso mudar todo o meu visual, quero ficar bonita! — Fernanda respondeu, agitada.

— Está no lugar certo, vejo que você está precisando de um bom corte de cabelo, uma tintura, talvez com algumas luzes, e um tratamento de pele — disse sorrindo, compreensiva.

— A senhora acha que só isso basta? Não acha que estou gorda? Que preciso emagrecer muito?

A doutora olhou-a demoradamente, respondeu:

— Não acho, só talvez um pouco flácida, nada que algumas sessões de ginástica não possam resolver.

— Quanto tempo isso vai demorar?

— Depende da senhora; se seguir todo o tratamento facial e fizer ginástica, em dois meses, mais ou menos, estará vendo algum resultado.

— Dois meses?! Não posso esperar tanto tempo! Preciso ficar bonita hoje!

— Hoje?! Acredito que não será possível... poderemos arrumar seu cabelo, um tratamento de pele e uma maquiagem, nada além disso. Depois, com o tempo, aí sim, obterá resultados.

Fernanda olhou para Marilda, que sorriu. Ela sabia que aquilo que Fernanda queria era quase impossível, mas disse:

— Acho que deve fazer isso que a doutora indicou ou esperar por dois meses, Fernanda. Quem sabe a espera seja o ideal. Nesse tempo, poderá pensar com mais calma em tudo que aconteceu e

assim poderá tomar uma decisão mais consciente. Quem sabe o Antero reflita e volte atrás.

— Marilda, você está louca? Não posso esperar tanto tempo! Tenho que ir hoje até o escritório dele!

— Você é quem sabe. Estou aqui para te acompanhar.

— Então vamos fazer o possível para que a senhora se sinta bonita!

— disse a doutora, sorrindo.

— E isso o que quero! Sei que a senhora não sabe, mas o meu marido me abandonou, me trocou por outra!

— Desconfiei, isso acontece muito. Já estou acostumada. Quer mesmo fazer o tratamento inicial?

— Quero! Claro que quero!

— Pois bem. Queiram, por favor, me acompanhar. Marilda olhou para Fernanda, sabia que aquilo estava deixando a amiga feliz e esperançosa, não lhe restou alternativa, decidiu acompanhá-la. Enquanto caminhavam, disse:

— Fernanda, já que você vai ficar aqui praticamente o dia indo, vou aproveitar e também cuidar um pouco da minha aparência; sabe que trabalho muito e me sobra pouco tempo.

— Você sempre trabalhou muito, deve fazer isso mesmo, também tem que ficar bonita, quem sabe encontre um namorado. Marilda riu, o que menos lhe preocupava era ter um namorado. Ela estava com quarenta e oito anos, nunca se casou; além do mais, depois que terminou com Jorge, repensou a sua vida e não encontrou ninguém que fizesse com que ela abandonasse a sua carreira, tão promissora. Era advogada e, desde que se formou, começou a trabalhar em um grande escritório. Aos poucos, foi crescendo na empresa e, agora, era sócia. Morava em uma bela casa, tinha carro e podia viajar sempre que o trabalho permitisse. Estava quase na hora de se aposentar, mas continuaria no escritório, trabalhando menos, mas ainda trabalhando. Adorava o seu trabalho. Depois de Jorge, não se interessou mais por romances, teve alguns por pouco tempo, mas nada muito sério, e, agora, ao ver a situação de Fernanda, pensava:

"Algumas vezes, apesar do Jorge, pensei em casar, ter marido filhos, cheguei até a invejar a Fernanda. Mas, hoje, ao vê-la dessa maneira, acho que fiz bem em não colocar a minha felicidade nas mãos de ninguém. Assim que me aposentar, vou viajar e conhecer todos os lugares que antes não tive oportunidade. Tenho a minha profissão, dinheiro para fazer isso, e Fernanda? O que ela tem? O que conseguiu?"

Enquanto ela pensava, Fernanda conversava animada com a doutora Lídia:

— Sabe, doutora, estou arrependida de ter deixado de me cuidar... sabe como é, após um longo casamento, parece que tudo está bem, mas veja o que me aconteceu.

Para espanto de Marilda, ela começou a contar para a doutora tudo que havia acontecido com Antero. A doutora ouvia com o olhar compreensivo; no final, disse:

— Nunca é tarde, quem sabe conseguirá recuperá-lo.

— Tenho certeza que sim. Sei que ele ama a mim e à nossa filha também. Sempre foi muito carinhoso.

— Espero que consiga o que quer. Chegamos à recepção. As senhoras podem fazer as suas fichas. Depois, uma atendente irá levá-las para todos os setores.

Sorrindo, se despediu. Marilda e Fernanda fizeram as fichas e o plano de pagamento; em seguida foram levadas para a sala de ginástica, massagem, cabeleireiro e maquiagem. Já eram quase duas horas da tarde quando ficaram prontas. As duas olharam-se no espelho que estava em frente ao cabeleireiro.

— Puxa, Fernanda! — Marilda disse, feliz — Há quanto tempo eu não te via tão bonita! O que um tratamento não faz!

— Você tem razão, também gostei. Esse corte e cor de cabelo ficaram muito bons!

— Agora que já está se sentindo bem, podemos ir até ao escritório do Antero?

— Nem pensar! Acha que vou com esta roupa?

— Não vá me dizer que está pensando em fazer compras!

— Claro que sim! Todas as roupas que tenho ele já conhece! Quero que ele sinta que sou outra mulher!

Marilda sabia que seria inútil tentar argumentar, apenas sorriu, e saíram. Percorreram várias lojas até que, finalmente, Fernanda escolheu a roupa e os sapatos que usaria naquele dia tão especial. Voltaram para a casa de Fernanda, onde ela se vestiu com esmero. Marilda teve que dizer:

— Você está realmente bonita! Por que deixou de se cuidar durante todos estes anos?

Não sei, mas você tem razão. Desde que me casei e tive a Regiane, deixei de pensar em mim e passei a viver para ela e para Antero. Fazia muito tempo que não me sentia bonita, aliás, isso não me preocupava, o importante era que Antero e ela estivessem bem. Hoje, me arrependo disso, mas sinto que ainda posso recuperar o tempo perdido. Com minha filha casada, terei mais tempo para me dedicar ao Antero e a mim mesma. De hoje em diante serei outra mulher. Não quero nem posso perder o meu marido! Sei que ele ainda me ama, fui eu que deixei de me preocupar com ele. Mas, a

partir de hoje, tudo será diferente.

Marilda sorriu. Sabia que Fernanda estava determinada a reconquistar o marido, sabia também que ela não desistiria.

— Fernanda, estou preocupada com você. Se Antero não quiser voltar mais para casa, o que você fará? Foi sempre tão dependente dele. Como você mesma disse; deixou de se preocupar com a sua aparência, a sua própria vida e passou a viver só para eles. Abandonou a faculdade, não se preparou profissionalmente. O que acontecerá se ele não quiser voltar?

Fernanda a olhou com um misto de espanto e raiva.

— Você está dizendo que eu o perdi para sempre? Nem pensar! Se isso acontecer, não sei mesmo o que farei. Sinto que a vida não terá mais sentido. Não suportarei viver sem ele, sei que morrerei. Não sei viver sem ele!

— Sei disso, mas você tem de pensar em todas as possibilidades. Espero e desejo de coração que tudo dê certo, que vocês se entendam e que ele volte para casa, mas se isso não acontecer você terá que repensar a sua vida. Agora, terá de saber o que fará com ela.

— Não sabe o que está dizendo! Nunca teve um amor, casamento ou filhos! Por isso não entende que para mim não existe vida sem ele! Não sabe o que significa viver a vida toda voltada para uma família! Se ele não voltar, não sei o que farei da minha vida! Aliás, eu sei! Vou me matar!

Ao ouvir aquilo, Marilda novamente ficou brava. Estava apenas preocupada, querendo animar e ajudar a amiga, mas ela parecia não entender o que estava pretendendo. Outra vez, sem

perceber, ofendeu-a. Magoada, disse:

— Fernanda, sei que sempre me criticou por eu, depois do Jorge não ter me casado. Por ter escolhido a minha profissão. Mas, embora eu tenha feito isso, nunca deixei de ver e analisar os casamentos de minhas amigas, e a cada momento eu me convencio mais de que havia feito uma boa escolha. Talvez eu não tenha mesmo como te dar conselhos. Só posso te dizer que o que mais desejo é te ver feliz e novamente ao lado do seu marido.

— Desculpe por aquilo que falei. Estou nervosa, sei que você é minha amiga e só quer o meu bem, mas estou desnorteada. Não quero pensar na possibilidade de Antero não voltar mais para casa. Não quero nem posso!

— Está desculpada novamente. Já que deseja realmente tentar, vamos. Estou e estarei sempre ao seu lado.

A atitude de Antero

Passavam quinze minutos das cinco horas da tarde, quando Marilda estacionou o carro na garagem do prédio onde Antero tinha o seu escritório. O prédio era austero, mas elegante, ficava na Avenida Paulista, o cartão-postal do Estado de São Paulo e centro financeiro do País. Marilda já havia estado ali muitas vezes. Conhecia o andar, onde ficavam os escritórios da construtora de Antero. Assim que entraram no elevador que as levaria até ao décimo primeiro andar, Fernanda disse:

— Marilda, você lembra do dia em que Antero inaugurou estes escritórios? Lembra-se de como ele estava feliz?

Marilda voltou seu pensamento para aquele dia distante.

— Lembro-me sim, e não era só ele quem estava feliz, você também estava.

— É verdade. Naquele dia, realizamos o sonho da nossa vida. Finalmente, ele conseguiu fazer com que a construtora se tornasse famosa e respeitada. Eu não estava só feliz, estava também orgulhosa por tudo aquilo estar acontecendo. Eu havia ajudado muito, não só com incentivo, mas também com toda a herança que recebi dos meus pais. Você sabe, não foi pouca. Finalmente eu via tudo que fiz produzir resultados. Por isso, não entendo o porquê de ele ter me abandonado, justamente agora que nossa filha cresceu e está casada. Agora que poderíamos aproveitar a nossa vida. Não tínhamos mais preocupação alguma.

— Também não entendo, mas agora você vai falar com ele e tudo ficará bem novamente. Assim espero.

O elevador parou, lentamente a porta se abriu. Fernanda ficou parada, sem coragem de sair. Marilda pegou em seu braço e conduziu-a para fora. Diante delas surgiu um corredor e, no fim dele, uma imensa porta de vidro. Entraram em uma sala decorada com quadros e vasos floridos. Tudo muito luxuoso. Assim que as viu, uma moça levantou dizendo:

— Dona Fernanda! Que bom vê-la aqui!

— Boa tarde, Cristina, preciso falar com Antero. Pode me anunciar?

— Pois não, agora mesmo.

— Luciana, a dona Fernanda está aqui para falar com o doutor Antero.

Ao ouvir a resposta, olhou para Fernanda:

— A senhora pode entrar. — disse Cristina. Fernanda, intrigada, perguntou:

— Com quem você falou?

— Com a Luciana, secretária do doutor Antero.

— Luciana?! Quem é ela? Onde está Zuleica?

— Ela foi embora da empresa. Disse que estava cansada de trabalhar e de morar nesta cidade. Foi morar no interior, não sei o nome da cidade, mas parece que ia montar um negócio lá.

— Quando foi isso?

— Há mais de três meses. A senhora não sabia? Surpresa, Fernanda olhou para Marilda, com um olhar significativo, depois disse:

— Eu sabia, sim. Antero me contou, só que eu havia me esquecido.

Marilda sabia que a amiga estava mentindo, mas ficou calada. Fernanda pegou em seu braço e as duas entraram. Assim que abriram a porta, uma moça sorridente as recebeu.

— Boa tarde, meu nome é Luciana. A senhora deve ser a esposa do doutor Antero. Reconheci pela fotografia que ele tem em sua mesa. Por favor, sentem-se, ele já vai atendê-las.

Marilda sentou e fez com que Fernanda sentasse também. Ficaram em silêncio, mas estavam intrigadas: "Por que ele não me contou que a Zuleica havia ido embora?" — Fernanda pensou — "Eu não sabia; sempre que precisava falar com ele, ligava para o seu telefone direto. Não me disse que havia contratado essa moça. Ela é muito bonita..."

Marilda também estava intrigada. Conhecia Zuleica. Ela fez parte da mesma turma de faculdade, sabia que ela trabalhava para Antero desde quando ele iniciou a construtora. Assim como Fernanda, também ficou admirada com a beleza daquela moça, que as olhava. "Ela é jovem e bonita, será que foi por causa dela que o Antero me abandonou?"

Luciana notou que as duas pareciam intrigadas com a presença dela ali, mas fingiu não notar. O telefone que estava em sua mesa tocou, ela atendeu e olhou para Fernanda.

— O doutor já vai atendê-la.

Fernanda olhou para Marilda, que sabia que ela estava nervosa e não mais tão segura como estava quando chegaram. Assim como ela, Marilda também temia que aquela visita seria inútil, pois a moça era realmente bonita e educada. Agora uma luz surgia. Ali,

provavelmente, estava o motivo do abandono de Antero. Intimamente estava furiosa, mas tentou animar Fernanda. Disse em voz baixa:

— Sei o que você está pensando, mas talvez não seja isso. Vamos entrar e ver o que ele diz. Não faça acusações, deixe-o falar, procure manter-se calma.

— Como ficar calma? — Fernanda disse, nervosa. — Foi por ela que ele me trocou! Vou matar os dois!

— Um escândalo aqui não vai resolver. Entre e fale com ele, ouça o que ele tem para dizer, mas não faça escândalo. Lembre-se que aqui é um estabelecimento comercial, um local de trabalho, não seria conveniente um escândalo.

— Eu não vou suportar vê-lo com essa aí! Ele não podia ter feito isso! Não comigo, depois de tanto tempo, tantas lutas!

— Sei o que está pensando, mas procure se controlar...

Luciana, a uma certa distância, percebeu que elas conversavam e pareciam alteradas, mas não conseguiu ouvir o que conversavam. Após um novo chamado pelo interfone, disse, sorridente e amável:

— O doutor está pedindo que entrem.

Andou na frente das duas, abriu a porta para que elas entrassem. Sempre com aquele sorriso que fazia com que elas ficassem mais indignadas. Marilda, segurando o braço de Fernanda com força, empurrou-a para dentro da sala.

Por detrás de uma mesa, Antero levantou-se sorrindo e, olhando para Marilda, disse:

— Marilda, boa tarde! Como vai? Faz muito tempo que não nos

encontramos!

Marilda sentiu-se mal com aquela situação. Assim como Fernanda, percebeu que ele fez questão de ignorar a presença da sua esposa. Um pouco sem graça, pensou rápido e disse:

— Boa tarde, Antero, faz muito tempo mesmo. Estou bem, e você, como está?

— Estou bem, só não entendo a sua visita aqui; precisa de meus serviços? Queira sentar-se.

Marilda, pouco à vontade, olhou para Fernanda e percebeu no rosto dela um misto de ódio e vergonha. Pegou no braço da amiga e fez com que ela sentasse ao seu lado. Tentando manter uma calma que não estava sentindo, mentiu:

— Foi por isso mesmo que viemos aqui. Fernanda me disse que você está com um novo empreendimento. Estou querendo comprar um apartamento e, sabendo que tudo que você constrói é sempre da melhor qualidade, eu a convenci a me acompanhar. Ela gentilmente me atendeu.

Ele, ainda ignorando Fernanda, sorrindo, disse:

— Fez muito bem. Com certeza, nossos apartamentos têm tudo que você procura. Espere um pouco, vou lhe mostrar... os apartamentos são da melhor qualidade e o lugar onde foram construídos, também. É um lugar privilegiado, vou até a outra sala pegar a planta para que veja. Fique à vontade, vou pedir à Luciana que nos sirva um café.

Assim dizendo, levantou-se e saiu da sala. Marilda olhou para Fernanda e viu que ela estava lívida. Seu rosto, apesar da maquiagem,

estava branco e ela tremia muito, disse, nervosa:

— Fernanda, vamos embora daqui! Voltaremos outro dia.

— Não, vamos ficar aqui — Fernanda respirou fundo e continuou: — Quero ver até onde ele vai com essa atitude. Está me tratando como se eu não estivesse aqui, como uma inimiga! Não dá para entender. Não posso ir embora, você sabe que jurei reconquistar o meu marido e é o que farei, nem que para isso tenha que me humilhar. Você viu a secretária dele, como é bonita? Ainda tem alguma dúvida do motivo pelo qual ele me abandonou? Foi por causa dela! Como posso competir com ela? Ela tem juventude! Beleza! Eu? Tenho o quê?

Embora Marilda pensasse da mesma maneira, disse:

— Você não sabe se foi por causa dela que ele te abandonou. Por isso não pode julgar. Talvez o motivo tenha sido outro, mas acho melhor irmos embora. Deixe essa conversa para outro dia. Da maneira como ele nos recebeu, não acredito ser boa hora para se dizer qualquer coisa. Vamos embora, conversaremos e encontraremos um outro caminho. Vamos!

Estava terminando de dizer isso, quando Antero entrou na sala. Trazia em suas mãos algumas folhas que queria mostrar para Marilda. Ainda ignorando a presença de Fernanda, estendeu as folhas sobre a mesa e disse sorrindo:

— Olhe, Marilda, como o prédio é bonito e os apartamentos são espaçosos! Olhe que área verde!

Marilda não sabia o que fazer, não estava se sentindo bem com aquela situação, queria sair correndo, mas apenas sorriu e fingiu olhar para as folhas. Ele, ainda ignorando Fernanda, começou falar sem parar sobre os apartamentos.

Fernanda não suportou mais, levantou-se e, tentando manter a calma, disse com a voz pausada:

—Antero, não sei por que você está me tratando assim, mas não viemos aqui para comprar apartamento algum. Talvez você não tenha notado, mas hoje me arrumei toda e viemos aqui te convidar para sairmos, jantarmos e conversarmos sobre tudo que aconteceu ontem.

Antero voltou-se para ela como se só a estivesse vendo naquele momento. Dobrando as folhas, disse:

— Notei, sim, e quero te dizer que está muito bonita, mas não

temos mais o que conversar. Ontem tomei uma decisão que venho adiando há muito tempo. Não posso mais viver ao seu lado. Nossa filha está criada, casada e bem. Meu pai morreu, e agora posso viver a minha vida da maneira como sempre quis.

— Não estou te entendendo, você precisa me explicar. Acredito que tenho esse direito. Eu, como fico?

— Não quero nem posso te explicar nada. Você ficará muito bem, continuará na nossa casa, com o seu carro, e te darei uma pensão com a qual poderá viver, tranquilamente, pelo resto da sua vida, sem ter que se preocupar com nada.

Lágrimas começaram a descer pelo rosto de Fernanda. Ela estava desconhecendo aquele homem que estava à sua frente.

— Não sabe o que está dizendo! Não estou preocupada com a parte financeira. Sabe muito bem que tudo que tem hoje é meu, pois tudo foi construído com o dinheiro dos meus pais! Estou preocupada com o nosso casamento, com a nossa família e com você! — disse soluçando.

— Todo o dinheiro que um dia me deu, multipliquei várias vezes, mas mesmo assim vou devolver com juros e correção monetária. Quanto à nossa família, está tudo bem. O nosso casamento nunca deveria ter acontecido. Nunca fui feliz ao seu lado, sempre quis outra vida e agora vou conseguir tê-la. Não se preocupe, não deixarei que lhe falte nada. Procure encontrar um outro alguém e seja feliz.

Marilda, assim como Fernanda, estava sem saber o que dizer ou fazer. Ele, embora nervoso, disse aquelas palavras com uma

tranquilidade impressionante.

— Você não sabe o que está dizendo! — disse Fernanda, muito nervosa. — Nada está bem! Tudo está se desmoronando a nossa volta. Não quero encontrar um outro alguém! Sempre fui feliz ao seu lado! Não sei por que está dizendo tudo isso! Deve estar doente e precisando passar por um psiquiatra!

— Não estou louco, apenas decidi viver a minha vida da maneira que sempre quis e você deve viver a sua.

— Está me abandonando por causa da sua secretária? Não vê que ela poderia ser sua filha? Que ela só te quer por causa do seu dinheiro? Se você fosse pobre, ela nem te olharia!

— Não sabe o que está dizendo, não tenho nada com a minha secretária — ele disse, sem alterar a voz. — Ela apenas trabalha aqui. Nada além disso! Não foi por ela, apenas quero viver a minha vida! Agora, por favor, volte para casa, procure reconstruir a sua vida e ser feliz.

— Está querendo que eu acredite que não existe outra? Como pode ser isso? Se não houvesse outra, jamais me abandonaria! Tem que existir!

— Pense o que quiser, mas, por favor, vá embora. Preciso ir a uma reunião com alguns fornecedores...

Para espanto de Marilda, Fernanda deu a volta ao redor da mesa, abraçou Antero e disse chorando copiosamente:

— Você não pode me abandonar! Por favor, não faça isso! Não sei o que será da minha vida sem você! Volte para casa! Eu farei tudo que você quiser, mas não me abandone!

Antero, com força, afastou Fernanda, dizendo:

— Não faça isso! Terminou! Não quero mais viver ao seu lado! Quero viver a minha vida! Quantas vezes precisarei te dizer isso? Volte para casa e procure viver a sua vida também! Não suporto mais a sua companhia!

— O que eu te fiz? — disse, chorando. — Sempre procurei ser a melhor esposa deste mundo! Sempre me dediquei à você e a nossa filha! Você precisa me dizer o que foi!

— Você não fez nada! — ele disse, muito nervoso. — Esse foi o motivo! Não cresceu! Foi a melhor dona de casa que conheci, mas como minha mulher foi um desastre! Sua casa sempre esteve muito limpa, mas para isso você escravizou a mim e à nossa filha! Não tínhamos liberdade para nada! Não podíamos sentar no seu sofá sem colocarmos um cobertor ou qualquer coisa, pois ele não poderia sujar! Ela não podia brincar, pois sujaria a casa! Essa sua mania de limpeza sempre me fez muito mal, tentei te alertar muitas vezes, mas você fez questão de ignorar!

— Sempre quis manter a casa limpa para vocês, para evitar doenças por germes! Mas se esse foi o motivo, prometo que mudarei! Não ligarei mais para a limpeza!

— Esse foi um dos motivos, mas sabe muito bem que eu não queria me casar. Você arrumou um filho e eu fui obrigado por meu pai a te assumir! Eu nunca quis me casar! Mesmo assim, mantive nosso

casamento por eles. Mas hoje ela não precisa mais da minha presença e ele morreu! Minha obrigação com você terminou!

— E eu, como fico?

— Vai continuar cuidando da sua casa e da sua vida!

Fernanda chorava desesperada. Marilda estava constrangida com aquela cena. Penalizada e ao mesmo tempo com raiva da atitude da amiga, percebeu que Antero não mudaria de idéia:

— Fernanda , disse nervosa , vamos embora. Vocês estão muito nervosos. Deixe essa conversa para outro dia.

— Não posso ir embora! Eu não quero que ele me abandone! Preciso dele!

— Não adianta insistir, tomei a minha decisão e nada neste mundo fará com que eu mude de idéia. Marilda, desculpe-me por esta cena, mas não tenho mais condições de viver ao lado dela.

Marilda não olhou, nem respondeu, estava com raiva dos dois. Deu a volta na mesa, segurou no braço de Fernanda:

— Fernanda, vamos embora! Não tem mais nada para fazer aqui! Tudo que poderia fazer já o fez!

Fernanda olhou-a, sem conseguir conter as lágrimas. Em silêncio, acompanhou-a. Passaram pela recepção. Luciana, ao perceber que Fernanda chorava muito, disse:

— Tudo bem com a senhora? Aconteceu alguma coisa? Fernanda não respondeu. Marilda, olhando para ela com muita raiva, respondeu:

— Não aconteceu nada que seja da sua conta! Boa tarde! Segurando Fernanda pelo braço, empurrou-a para dentro do elevador e já na garagem a colocou dentro do carro. Deu a partida, acelerou e saíram rápido.

Na rua, Fernanda continuava chorando copiosamente. Marilda estava sem saber o que fazer. Entendia a situação da amiga, mas, ao mesmo tempo, assim como ela, não entendia a atitude de Antero e como ele pôde ser tão cruel. Não sabia o que dizer. Continuou dirigindo em direção à casa de Fernanda.

"O que será dela agora?" Marilda pensava, enquanto dirigia. — "Nunca imaginei que o seu casamento fosse só de aparência, ao menos por parte de Antero. Ele sempre me pareceu tão tranquilo e feliz. O que será que aconteceu na realidade? Não posso acreditar

que o motivo tenha sido aquele por ele alegado. Deve existir um outro, mas qual?"

— Fernanda , disse preocupada , não adianta você ficar assim. Isso não vai resolver... precisa reagir...

— Estou tentando me controlar, mas não consigo! Você viu o que ele disse? Viu das coisas que me acusou? Me condenou por eu ter sido uma boa mãe, esposa e por querer a minha casa sempre em ordem! Pode uma coisa dessa? Tudo isso para mim foi sempre motivo de orgulho! O que ele queria? Chegar em casa e estar tudo desarrumado, a minha filha abandonada? Não consigo entender! Não pode ter sido esse o motivo! Tem que ter outro!

— Você tem razão, mas nem sempre aquilo que julgamos ser o correto na realidade o é. Talvez ele quisesse um pouco mais de liberdade dentro de casa.

— Ele tinha toda a liberdade do mundo. Só me incomodava quando ele se deitava no sofá da sala e queria comer. Eu dizia que lugar dessas coisas era na copa. Nunca imaginei que isso o estava desagradando. No início ele reclamou, mas depois não tocou mais no assunto! Você acha que fui tão errada para que ele me abandonasse?

— Não sei o que responder, como você sempre diz, nunca tive marido ou filhos, sempre vivi sozinha.

Fernanda pareceu não ouvir a resposta e continuou:

— Dizer que eu arrumei um filho só para forçar um casamento, foi ridículo! É verdade que eu sabia que ele não queria se casar, mas não arrumei um filho, simplesmente aconteceu. Não fiz a Regiane sozinha!

— Por que você não se protegeu?

— Eu tinha vinte anos! Não tinha cabeça para isso. Na realidade, eu sempre tive tudo. Por ser filha única, meus pais sempre me deram tudo, inclusive muito dinheiro. Ele esqueceu de dizer que o nosso casamento para ele foi um bom negócio, pois seus pais estavam falidos e ele, talvez, nem conseguisse terminar a faculdade. Disso, convenientemente, ele se esqueceu! Não se lembra mais!

— Não sei o que dizer, mas vamos para sua casa, lá terá tempo para pensar com mais calma.

— Para minha casa?! Nem pensar! Passei o dia todo me

arrumando, não vou para casa! Quero ir a um lugar onde possamos jantar, dançar e, quem sabe, conhecer algum homem.

Marilda estacionou o carro junto à calçada, disse indignada:

— Não ouvi isso que você disse. Não está realmente pretendendo arrumar um homem!

— Claro que estou! Você não viu a secretária dele? Não viu que ele me trocou por ela?

— Eu vi a secretária, sim, ela realmente é muito bonita, mas não tem certeza de que ela tenha sido o motivo.

— Claro que foi ela! Por isso hoje vou dançar e encontrar um homem. É impossível que eu não encontre um que não me rejeite. Você vai comigo!

— Eu?! Sinto muito, Fernanda, mas não gosto de frequentar esses lugares onde há dança. Não me sinto bem.

— Você sempre foi assim! Por isso não arrumou um marido até hoje! Não posso ir sozinha, você tem que ir comigo! Está com medo do quê?

— Não estou com medo de coisa alguma. Só acho que essa não seja uma boa idéia. Quanto a não ter arrumado nenhum marido, você sempre foi minha amiga e sabe que muitos apareceram, mas não encontrei em nenhum deles a segurança para entregar a minha vida e a minha felicidade. Confesso que, embora você possa não acreditar, não sinto falta alguma. Tenho a minha carreira e a minha liberdade e isso, minha amiga, não tem preço.

— Desculpe, sem querer eu te ofendi novamente, mas você precisa me perdoar. Está vendo que estou transtornada! Não estou sabendo o que dizer ou fazer...

— Não tenho o que te desculpar. Entendo a sua situação. Você colocou a sua vida e a sua felicidade nas mãos do Antero, esqueceu que as únicas responsáveis por isso somos nós mesmas. A nossa felicidade só será completa quando tivermos o seu domínio em nossas mãos. Sei que está perdida. Admito que na sua situação eu também estaria, mas arrumar um homem, da maneira como está, continuo dizendo que não é uma boa idéia.

— Talvez não seja, mas é a única alternativa que estou vendo. Preciso me sentir amada e desejada, seja por quem for! Estou me sentindo muito mal, a mulher mais feia e asquerosa deste mundo!

— Você sabe que isso não é verdade. Você é uma mulher bonita,

inteligente e educada; se isso lhe faz tanta falta, com certeza encontrará alguém que te ame do modo como quer e merece. Só precisa ter um pouco de calma, pensar em como recomeçar a sua vida sem ele. Não tome nenhuma atitude agora.

Fernanda ficou novamente furiosa. Disse, gritando:

— Você ainda não entendeu? Não existe vida sem ele! Se eu não o reconquistar, com certeza encontrarei uma maneira de acabar com esta vida que não tem mais sentido!

-Você está ouvindo o que está dizendo? Pensar em acabar com a vida por causa de um homem? Você não está raciocinando direito! Tudo isso vai passar e você se reencontrará. Vamos para sua casa. Vou tomar um café e você, um comprimido. Depois vai dormir e amanhã será outro dia, com novas idéias. Além do mais, do jeito que está o seu rosto, não poderemos ir a lugar algum.

— O que tem o meu rosto?

— Com todas essas lágrimas — Marilda disse, rindo — a sua maquiagem borrou toda, seus olhos estão pretos, parece que levou um soco!

Fernanda tirou da bolsa um pequeno espelho e se olhou.

— Está bem — disse —, você tem razão, vamos fazer isso. Vamos para minha casa.

Chegaram em casa. Fernanda ainda estava chorando. Não conseguia entender nem aceitar que Antero a havia abandonado. Marilda observava a amiga, sabia que precisava animá-la, mas como? Entraram, Fernanda foi para o banheiro. Marilda permaneceu na sala, olhando tudo à sua volta. A sala era ampla, muito bem decorada cada coisa estava colocada em seu lugar. Tudo com muito bom gosto. Sabia que Fernanda havia contratado uma decoradora para projetar todos os cômodos da casa. Lembrou-se do dia em que, com uma festa, a casa foi aberta para os amigos e da felicidade de Fernanda, que dizia orgulhosa:

"— Marilda, a minha casa não está linda?!"

"— Está sim, você tem muito bom gosto."

Marilda estava ainda olhando e pensando, quando Fernanda regressou. Estava com o rosto limpo, mas os olhos inchados. Pegou no braço de Marilda e fez com que ela sentasse em um sofá. Disse com a voz embargada:

— Lembra do dia da inauguração desta casa?

— Estava aqui, lembrando daquele dia. Vocês estavam tão felizes! Nunca pensei que o seu casamento estivesse passando por uma

crise. Preciso te confessar que, vendo como teu casamento era feliz, algumas vezes fiquei em dúvida se havia feito a escolha certa, no sentido de não ter me casado e não ter tido filhos.

— Sei que não só você, mas muitas pessoas tinham esse pensamento. Eu mesma não acreditava em tanta felicidade. Nunca imaginei que o Antero fosse tão infeliz. Ele nunca deixou transparecer. Não consigo ver a minha vida daqui para frente. Não sei viver sem ele...

— Mas terá que aprender. Você tem muito tempo pela frente. A vida não se resume só a um marido e filhos.

— Isso é para você que nunca teve, mas para mim é difícil.

— É difícil, mas não impossível. Verá como, com o tempo, tudo ficará mais claro e você encontrará um caminho. Só precisa ter um pouco de paciência, logo tudo ficará bem.

— Nada ficará bem! Não sei o que fazer sem ele! Meu mundo caiu, sinto como se me faltasse o chão.

— É natural que isso aconteça, mas logo tudo voltará ao normal, você vai ver!

— Nada voltará ao normal sem ele! Estou confusa, não sei onde errei, mas com certeza aconteceu em algum momento. Preciso descobrir onde e quando.

— Não se torture mais. Você não errou, sempre foi uma ótima esposa e boa mãe.

— Também sempre pensei isso, mas agora vejo que nunca fui boa esposa, mãe ou coisa alguma!

— Espere aí, Marilda disse furiosa. — Assim também, já é demais! Você foi, sim, uma ótima esposa! Por que não se pergunta se ele foi um bom marido? Um casamento é feito a dois! Quando termina, não existe só um culpado! Ele te abandonou! Não foi você. Ao contrário, dedicou toda a sua vida a ele! Você terá agora a oportunidade de descobrir novos caminhos, poderá realizar alguns sonhos que ficaram perdidos! Tem ainda muito tempo de vida! Não pode continuar se culpando por algo que fugiu ao seu controle! Tem que reagir!

— Sei que você tem razão em quase tudo que está dizendo, mas eu não consigo pensar em algo que possa fazer neste momento. Nem sei se deixei de realizar algum sonho.

— Você agora não está podendo pensar com clareza, mas dentro de algum tempo, quando se acostumar com a idéia, sei que encontrará um novo caminho.

Fernanda, chorando, se abraçou a Marilda. Depois de algum tempo, parou de chorar, ficou com os olhos distantes. Marilda ficou calada. Sabia que não tinha o que fazer, a não ser ficar ao lado da amiga, dando-lhe todo o apoio. Apenas isso.

— Não sei! — disse Fernanda quase gritando. — Não sei viver sozinha, sem ter alguém a meu lado. Pensando bem, ainda não são oito horas. Você passou o dia todo ao meu lado, o mínimo que posso fazer é te oferecer um jantar. Não tenho nada pronto e nem vontade de cozinhar, por isso vamos até a um restaurante, jantaremos e poderemos até dançar.

— Fernanda, o que está pensando?

— O mesmo que você. Quero me divertir e, quem sabe, encontrar alguém que me ame!

— Já conversamos sobre isso, continuo achando que não é uma boa idéia. Você não está bem. Precisa pensar na sua vida antes de decidir sobre qualquer assunto.

— Estou me sentindo muito mal. Estou sendo rejeitada! Preciso ter alguém que me ame!

— Mas não vai encontrar esse alguém em um restaurante ou bar. Da maneira como está, só atrairá para o seu lado pessoas também deprimidas. Espere mais algum tempo, veja como as coisas ficarão. Tenha calma...

— Você não viu como ele falou? Não tem volta, não! Ele disse para eu encontrar um caminho! É isso mesmo que vou fazer! Encontrar um novo amor! Vou me arrumar e sairemos para jantar! Depois decidiremos o que fazer. Está bem assim?

— Está bem; se vai fazer com que se sinta melhor, vamos. Fernanda voltou para o quarto. Seu coração estava partido, mas ela bem lá no fundo, tinha certeza que traria Antero de volta. Aquele que estava no escritório e que disse aquelas coisas para ela não era

o Antero que conhecera, era outro. Alguma coisa havia acontecido para que ele mudasse daquela maneira e ela descobriria que coisa era essa. Não podia aceitar ficar sozinha com toda aquela idade e depois de tanto sacrifício para conquistar tudo que sonharam e quiseram. Não, ela não dividiria tudo aquilo com ninguém.

Arrumou-se, colocou uma maquiagem suave e voltou para a sala. Marilda percebeu que nos olhos da amiga estava novamente aquele brilho estranho, e perguntou:

— Tudo bem com você? Quer mesmo sair?

— Está tudo bem, quero sair, sim, mas só para jantar. Não se preocupe, não pretendo arranjar uma companhia. Sei que alguma coisa aconteceu para fazer com que Antero mudasse de comportamento e vou descobrir o que foi. Ele está diferente. Jamais me tratou da maneira como fez hoje, parece que ele está me odiando e eu não sei o motivo. Mas não quero mais falar sobre isso, vamos sair e jantar.

— Está bem, vamos fazer o que quiser. Estou feliz por notar que você já está tentando se controlar. Isso é bom, pois só assim poderá encontrar um caminho para seguir. Vamos?

Foram ao restaurante onde Fernanda, Antero e a filha sempre iam. O garçom e os donos conheciam Fernanda. Assim que elas entraram e se sentaram, o garçom se aproximou:

— Dona Fernanda! Boa noite! Que bom que está aqui! O doutor Antero não veio?

— Boa noite, Luigi, o Antero não veio, teve uma reunião. Você já sabe o que desejo comer. Esta é a minha amiga Marilda.

— Boa noite, senhora. Aqui está o menu, pode escolher. Marilda, sorrindo, pegou o menu e começou a ver os pratos que eram oferecidos. Fernanda olhava a sua volta, pensativa. Marilda observava a amiga e sabia que, com certeza, ela devia estar pensando no marido, na filha e nas muitas vezes que haviam estado ali. Sentia um grande pesar pela situação da amiga, mas não tinha o que fazer a não ser ficar ao lado dela. Jantaram. Fernanda comeu pouco e permaneceu quase o tempo todo em silêncio, só respondendo às perguntas que Marilda lhe fazia, na tentativa de trazê-la de volta. Terminaram de comer, saíram e entraram no carro. Marilda olhou para Fernanda e disse:

— Ainda é cedo, você não quer ir ao cinema? Está passando um ótimo filme!

— Pensando bem, você tem razão, é ainda muito cedo. Vamos ao cinema.

Foram ao cinema, mas, durante o tempo todo, Fernanda permaneceu calada e Marilda respeitou o silêncio dela. Após terminar o filme, voltaram para a casa de Fernanda. Assim que chegaram, ela desceu do carro e não convidou Marilda para entrar:

— Já está tarde, vou entrar, tomar um banho e tentar dormir.

— Faça isso, lembre-se de que amanhã será outro dia, mas se precisar de alguma coisa basta ligar, virei o mais rápido possível.

— Sei disso e preciso te pedir desculpas, por hoje e pela maneira que algumas vezes falei com você.

— Não se preocupe, entendo a sua situação. Até logo. Beijaram-se, Marilda acelerou o carro e foi embora.

Fernanda entrou em casa. Aquela casa que ela e Antero haviam planejado nos mínimos detalhes. Onde sua filha nasceu, cresceu e foram tão felizes. Aquela casa, que agora era imensa e solitária. Novamente seus olhos se encheram de lágrimas. Com as mãos, enxugou-as e entrou em seu quarto. Foi para o banheiro, tomou um banho, voltou para o quarto e se olhou no espelho. Lembrou-se de Luciana tão jovem, bonita, com a pele macia e um corpo escultural.

"Como posso competir com ela? Com este rosto marcado pelo tempo? Com este corpo disforme e esses cabelos escassos? Ela tem juventude e mistério, coisas que já há muito tempo eu perdi. Antero não podia ter feito isso! Dediquei toda a minha vida a ele! O que vou fazer agora? Marilda disse que preciso recomeçar, mas como e por onde? O que vejo diante de mim a não ser tristeza, solidão e esse terrível sentimento de rejeição? O que vou dizer para Regiane? Ela entenderá? Não sei o que fazer. Preciso dormir. Como Marilda disse, amanhã será outro dia."

Deitou-se, fechou os olhos e tentou dormir, mas foi em vão.

Seus olhos, boca e garganta estavam secos. Levantou várias vezes foi até a cozinha para beber água. Voltava para a cama, virava de um lado para outro, mas não conseguia relaxar e dormir. Em sua mente via a imagem de Antero e Luciana beijando-se. Novamente

levantava, ia até o banheiro, sala e cozinha, andava de um lado para outro até que finalmente decidiu: foi ao banheiro, pegou um comprimido que Antero tomava quando não conseguia dormir e tomou. Após alguns minutos, finalmente adormeceu.

Seu sono foi agitado. Em dado momento, sonhou que corria atrás de Antero por um campo; ele olhava para trás, a via e corria ainda mais. Ela chamava por seu nome, mas ele corria cada vez mais rápido. Ele parou junto a um precipício. Quando ela estava se aproximando, ele olhou, sorriu e se jogou. Ela chegou junto ao precipício e pôde vê-lo ainda caindo. Começou a gritar. Diante dela surgiu a figura de Luciana, que ria sem parar. Fernanda se atirou sobre ela e acordou. Seu corpo todo tremia e transpirava, seu coração batia acelerado. Sentou-se na cama, respirou fundo. Percebeu que havia sonhado. Levantou-se e foi para a cozinha tomar um pouco de água. Depois foi ao jardim. A noite estava silenciosa, o céu com poucas estrelas e a lua escondida atrás de uma nuvem. Caminhou até o portão:

"Que sonho louco foi aquele? Será algum aviso? Será que o Antero está em perigo? E Luciana? Por que ria daquela maneira? Ela parecia saber o que estava acontecendo! Meu Deus do céu, será que ela fez algum feitiço para ele? É, só pode ter sido isso! Ela deve ter mandado fazer alguma macumba! Se ela fez isso, preciso mandar desmanchar, mas como? Onde? Não conheço ninguém que lide com isso! Vou ligar para a Marilda, ela conhece tanta gente! Quem sabe possa me ajudar!"

Entrou em casa e foi até um telefone que estava na sala de estar.

No momento em que ia discar o número de Marilda, seus olhos voltaram-se para o relógio que estava ao lado do telefone.

"Não posso fazer isso, ainda é madrugada, ela deve estar dormindo. Ficou ao meu lado quase toda a noite passada e hoje o dia inteiro. Vou esperar amanhecer, aí sim telefonarei."

Colocou o telefone de volta no gancho, foi para o seu quarto e tornou a se deitar.

Marilda chegou em casa. Estava cansada, pois não havia dormido bem na noite anterior e o dia também não havia sido fácil. Estava triste com a situação da amiga e por ver um casamento como aquele se desfazer daquela maneira.

"Assim como a Fernanda, também não reconheci Antero. Ele foi sempre muito educado, sempre tratou Fernanda com carinho, nunca presenciei um gesto ríspido por parte dele, mas hoje à tarde ele pareceu sentir por ela um ódio profundo. Não consigo entender o que aconteceu. Será que ele tem algo com aquela moça? Será que todo aquele amor, que parecia sentir, terminou assim de repente? Não sei, mas hoje dou graças a Deus por nunca ter me apaixonado. Percebo que o amor só traz sofrimento. Estou feliz assim, pois sei que a minha felicidade está só nas minhas mãos. Não tenho marido, nem filhos, mas tenho tranquilidade e paz quando leio um bom livro, assisto a um filme ou vou ao teatro. Não posso negar que se tivesse uma companhia seria bem melhor, mas para sofrer prefiro ficar sozinha. Além do mais, já passei da idade. Estou com quase cinquenta anos, quem se interessaria por mim? Bem, de qualquer maneira, não consigo entender o que aconteceu com o casamento da

Fernanda, só sei que ela terá de encontrar um novo caminho para seguir e que pretendo ajudá-la no que for possível. Não entendo, mas também neste momento não quero entender. O que quero, na realidade, é me deitar e dormir."

Foi o que fez. Tomou um banho rápido e foi para a cama. Assim que se deitou, adormeceu. Antes, desligou o telefone, não queria ser acordada subitamente por Fernanda. Queria dormir e acordar sozinha, sem susto ou atropelo.

Experiência de vida

Fernanda, após rolar muito pela cama durante o resto da noite, também adormeceu. Acordou, olhou para o relógio. Assustada, sentou na cama: "Quase dez horas! Como pude dormir tanto? Preciso me levantar e telefonar para a Marilda, ela deve conhecer alguém ou algum lugar aonde possamos ir. Sei que vai ser difícil convencê-la, mas conseguirei."

Sentou-se na cama e pegou o telefone para discar, mas colocou-o de volta. Precisava pensar com mais calma.

"Sei que Marilda não tem uma religião que siga. Ela nunca foi dada a acreditar nessas coisas de espíritos ou macumba. Por isso, sei que vai ser difícil convencê-la a me acompanhar, mas eu preciso salvar o meu casamento e a minha família, e para isso farei qualquer coisa."

Marilda também acordou e, assim como Fernanda, olhou para o relógio.

"Nove e meia! Há quanto tempo eu não dormia tanto! Estou me sentindo muito bem, tenho trabalhado muito, por isso pretendo aproveitar bem as minhas férias. A minha viagem para a Europa já está programada. Na próxima semana, embarcarei e certamente irei aproveitar muito, mas e Fernanda? Como estará? Estou com muita pena dela, quem sabe também não queira fazer essa viagem comigo? Vou me levantar, tomar o meu café e em seguida telefonarei para ela." Olhou para o telefone, sentiu uma ponta de remorso.

"Será que ela tentou me telefonar? Eu não devia ter desligado o telefone, mas também eu estava tão cansada e não queria ser acordada no meio da madrugada. Assim que tomar o meu café,

telefonarei para ela, inventarei uma desculpa qualquer. Direi que não ouvi o telefone ou que ele está com algum defeito." Levantou, foi para a cozinha, encontrou Renata.

— Bom dia, Renata. Está tudo bem?

— Bom dia, dona Marilda, está tudo bem. Assim que cheguei, percebi que a senhora estava dormindo e não quis fazer barulho; vim aqui para a cozinha preparar o seu café e o seu almoço.

— Estranhei te encontrar aqui, quase nunca te vejo. Quando saio para o trabalho você ainda não chegou e quando chego à noite você já foi embora. Mas não sei o que seria da minha vida sem você para me ajudar.

— A senhora sabe que adoro trabalhar aqui e que ficarei até quando a senhora quiser.

— Se for assim, ficará para sempre. Marilda sorriu:

— Pode ir para a copa, logo levarei o seu café. A senhora quer algumas frutas?

— Quero sim, obrigada.

O telefone tocou. Renata ia atender, Marilda disse:

— Pode deixar, eu atendo. Deve ser a Fernanda.

Marilda foi para a sala de estar, sentou e atendeu. Do outro lado da linha ouviu a voz de Fernanda.

— Bom dia, Marilda! Já está acordada? Dormiu bem?

— Bom dia, Fernanda. Estou acordada e dormi muito bem. Aliás acabei de acordar, ainda não tomei o meu café. E você, conseguiu dormir?

— Tive alguma dificuldade, mas, depois que consegui resolver o

meu problema, adormeci e acordei quase agora também.

— Resolveu o seu problema? Como?

— Tive uma ideia, mas vou precisar da sua ajuda.

— Sabe que estou sempre pronta para te ajudar, embora às vezes eu ache que não vai te fazer bem. O que pretende fazer? Que solução encontrou?

— O assunto é sério! Não gostaria de falar por telefone. Você não quer vir almoçar comigo? Poderemos conversar.

— Antes de sair em férias, tenho alguns processos pendentes e preciso colocar alguns papéis em ordem, mas nada que não possa ficar para depois. Está bem, vou tomar um banho e irei para aí. Estou curiosa para saber que solução é essa.

— Estarei te esperando. Vou cozinhar algo que você vai gostar muito, tenho certeza!

— Sei disso, pois sei também que você é uma ótima cozinheira! Comendo a sua comida fico com medo de engordar.

A voz de Fernanda ficou embargada quando disse:

— Mas isso não serviu para fazer Antero feliz...

— Não vá começar a chorar! Estou indo para aí. Tchau!

— Está bem, não vou chorar. Já está tudo resolvido. Tchau. Marilda tomou o café, se vestiu. Antes de sair foi até a cozinha e disse para Renata:

— Não precisa se preocupar com o almoço. Não almoçarei em casa, vou para a casa de Fernanda.

Saiu, olhou para o céu, que estava azul e sem nuvens. Entrou no carro e foi para a casa de Fernanda.

Assim que chegou e entrou na casa, percebeu no olhar da amiga um brilho diferente. Perguntou, curiosa:

— O que aconteceu? O que está pretendendo fazer?

— Sente-se aí, vou te contar tudo.

Contou o sonho e que, assim, teve a certeza de que Luciana era a culpada do abandono de Antero. Terminou dizendo:

— Foi ela sim! Acho que ela fez um feitiço para ficar com ele ou uma macumba. Sei lá, eu não entendo nada disso!

Marilda, que estava sentada, levantou-se e disse indignada.

— Você definitivamente não está bem da cabeça! Como pode pensar e acreditar em uma coisa dessa? Tudo por causa de um sonho! Tire isso da cabeça ou vai acabar louca mesmo!

— Você fala assim porque não viu o rosto de felicidade dela! Ela fez alguma coisa sim! O Antero mudou muito! Ele sempre foi amoroso! Não posso aceitar e ficar sem fazer nada!

— Não posso acreditar que estou ouvindo isso! Sabe muito bem que, embora eu não siga uma religião, acredito em Deus e Ele jamais permitiria algo assim! O Antero simplesmente cansou da vida que levou durante todos esses anos e quis se libertar, só isso! Não existe macumba ou feitiço! Você precisa aceitar a separação e seguir a sua vida! Arrumar algo para fazer!

— Vou fazer o que, com quase cinquenta anos? Não tenho mais aquele impulso da juventude! Todo o impulso e energia que tinha dediquei para ele e para a minha filha! Não sei o que fazer daqui para frente sem ele! Será que você não entende isso?

— Entendo que você esteja passando por um momento difícil, mas ele, como tudo na vida, vai passar e você encontrará um novo caminho. Por favor, não se deixe levar por credices! Tudo isso é bobagem. Da maneira como está, só poderá ser enganada. Tem que ter cuidado.

— Não sei se é bobagem, mas alguma coisa aconteceu! Você não lembra da Palmira, aquela que estudava na faculdade? Ela gostava do Luiz, que não gostava dela, e, quando ela foi naquele lugar, eles se casaram. Lembra-se dela?

— Lembro dela, sim, mas lembro também que dois anos depois de casados estavam separados. Além do mais, não sabemos se foi por causa daquilo que eles se casaram. Tem outra coisa, você não tem certeza de que foi a Luciana quem te tirou o Antero. Pode ter sido outra pessoa qualquer ou ninguém. Ele pode ter se cansado de ser casado.

— Eu sonhei! Ela ria com muito desdém! Foi ela, sim! Tenho quase certeza!

— Está vendo o que disse? Quase, mas não total. Acho melhor voltarmos ao nosso plano inicial. Vou telefonar para a Ivete, conversar com ela, pedir o seu carro emprestado, seguiremos o Antero e veremos se é com ela que ele está saindo. Se tivermos certeza, prometo que vou procurar saber onde tem e irei com você a um lugar desses. Está bem assim?

Fernanda estava nervosa, mas, diante da forma com que Marilda falou, só lhe restou concordar.

— Está bem, faça isso. Fale com a Ivete; se ela concordar,

vigiaremos os dois. Assim, você verá que tenho razão e vai me acompanhar.

Marilda sorriu, intimamente estava feliz por ter conseguido tirar aquela idéia louca da cabeça de Fernanda. Pegou o telefone e falou com Ivete. Contou a ela tudo que estava acontecendo; do outro lado da linha, Ivete disse:

— Já passei por isso e sei como é! Não conheço Fernanda muito bem, mas diga a ela que sei o que está sentindo. É uma sensação de rejeição, de abandono e inconformismo, parece que o mundo vai acabar. É muito triste, mas diz pra ela também que, depois de algum tempo, ela vai descobrir que nem tudo está terminado.

Na realidade, está apenas começando. Ela vai descobrir que não é tão ruim viver só e descobrirá o que realmente sabe e poderá fazer coisas que nunca pensou saber.

— Estou tentando, mas está difícil. Ela quer segui-lo, para descobrir quem é a outra. Para isso precisamos de um carro, pode emprestar o seu? Poderemos trocar, deixo o meu com você.

Do outro lado da linha, Ivete começou a rir. Marilda estranhou a atitude dela:

— Do que está rindo? A situação é triste! Não é para rir!

— Desculpe, mas é que já passei por isso. Também segui o meu marido em um carro que ele não conhecia, fui a bares para tentar encontrá-lo com alguém. Estou rindo, pois a situação sempre se repete e as mulheres fazem as mesmas coisas! Poderia dizer que não vai adiantar. Se ele resolveu sair de casa, com certeza não voltará, mas sei também que não adianta dizer isso a ela, pois não

vai acreditar. Ela se julga, neste momento, mais inteligente que todas as outras que passaram por isso. Portanto, está bem. Pode vir buscar o meu carro, mas realmente vou precisar ficar com o seu para ir para casa, assim que terminar o meu expediente.

— Está bem, iremos até aí depois do almoço.

— Volto do almoço às duas horas, estarei esperando. Em seguida desligou o telefone. Fernanda perguntou:

— E daí? Ela concordou? — estava ansiosa.

— Ela concordou, podemos buscar o carro quando quisermos, só que preciso deixar o meu com ela. Pronto, agora você poderá seguir Antero sem que ele desconfie, mas antes vamos almoçar.

— Está bem, já está quase pronto.

Começaram a almoçar. Fernanda quase não comeu, estava nervosa, sentia como se tivesse um caroço em sua garganta.

"Não posso aceitar essa situação. Não sei o que vou fazer, mas de uma coisa tenho certeza: não vou perder o Antero. Farei o possível e o impossível para que isso não aconteça."

Parou o garfo na altura da boca, olhou sério para Marilda, que comia tranquilamente, e disse com determinação:

— Não vou permitir que uma sem-vergonha como aquela me tire o marido. Ela não perde por esperar!

— Para ser bem sincera, não acho que isso valha a pena. Depois de tanto tempo de casados, ele te abandonou, não te dando valor, e, o pior, não te respeitando. Acho melhor que continue a sua vida sem ele. Sei que encontrará um caminho.

— Quero o meu marido de volta e o trarei. Só poderei continuar a minha vida se for ao lado dele!

— Está bem, mas termine de comer.

Três horas da tarde. Chegaram à empresa onde Ivete trabalhava. Era uma confecção. Identificaram-se ao porteiro, ele as anunciou, e foram encaminhadas até a sala, onde Ivete as recebeu com um sorriso:

— Olá, Marilda, há quanto tempo não nos vemos!

— É verdade, sabe como é, a vida não nos dá muito tempo.

— Sei disso, mas na realidade não é a vida. Somos nós mesmas que não arrumamos tempo para outra coisa a não ser o trabalho. E você, Fernanda, como está?

— Na medida do possível, estou bem.

— Ótimo, mas queiram sentar. Sei que estão começando uma maratona. Sei, Fernanda, como você está se sentindo. Acredite, já percorri esse caminho e sei como é doloroso. Justamente por tê-lo percorrido, sei também que no fim dele encontrará não só outro caminho, mas a você mesma, e isso te fará muito bem.

Fernanda, calada, apenas sorriu. Conhecia Ivete apenas de vista. Encontrara-a em algumas reuniões nas quais acompanhou Marilda, que era amiga de Ivete há muito tempo. Nunca teve uma conversa mais longa com ela, a não ser um "como vai" ou um "até logo". Ivete compreendia plenamente a situação de Fernanda, por isso voltou-se para Marilda, perguntando:

— E você, Marilda, como vai? Ainda sozinha?

— Vou bem, e ainda estou sozinha, Ivete. Mas posso te dizer que

isso não me incomoda nem um pouco. Acostumei-me com a minha vida e o meu trabalho me toma muito tempo.

— Eu também trabalho muito, mas não deixo de viver.

— Gostei deste lugar. Nunca pensei que gostasse de moda! Como romeçou a trabalhar aqui?

— Nem eu sabia — respondeu, sorrindo. — Quando o Reinaldo me deixou, fiquei quase louca, como você sabe... nós temos a mesma idade. Eu já não era mais jovem e pensava que viveria ao lado dele até o fim dos meus dias. Desde que nos casamos, ele tomou a frente de tudo. Pagava as contas, comprava os alimentos.

Enfim, cuidava de tudo. Eu nem sabia qual era o seu salário. Nunca precisei me preocupar com nada. Tinha segurança e tranquilidade, só precisava ser boa dona-de-casa, boa mãe, e isso, com certeza, fui. De repente me vi privada de tudo. Senti que me faltava o chão, fiquei desesperada, deprimida. Tornei-me uma pessoa doente. O meu prazer maior era ir ao médico, me queixando de problemas; embora ele dissesse que a minha saúde era perfeita, eu não acreditava, porque sentia realmente os sintomas. O médico dizia que eu precisava encontrar algo para preencher o meu tempo, mas eu não conseguia pensar ou fazer nada, a não ser chorar e procurar onde eu havia errado. Aos poucos fui me controlando e voltei ao meu normal, mas isso só aconteceu quando, finalmente, eu aceitei que ele não voltaria mais. Aí, sim, entendi que, embora ele tivesse ido embora, eu continuava ali e precisava continuar vivendo. Logo que o divórcio saiu, ele se casou, saiu do emprego e mudou-se para Curitiba. Na partilha, fiquei com a casa e meus dois filhos,

que só estudavam. Reinaldo mantinha-os na faculdade e continuou mantendo, mas eu fiquei sem nada, além da casa. Precisava de dinheiro para me manter, mas como conseguir? Nunca havia trabalhado, pois, assim que me formei, casei e vivi para a minha família. Fiquei desesperada. Ele quis me dar uma espécie de pensão, a princípio recusei. Eu julgava ser humilhante. Passei dias, semanas e meses terríveis. Estava perdida. Um dia, não tendo o que fazer, fui até o shopping para me distrair. Não tinha dinheiro para compras, fiquei olhando vitrines. Estava olhando uma vitrine de roupas, quando ouvi uma voz me chamando. Olhei, era a Laurinda. Marilda, você lembra dela? Ela fez parte do nosso grupo. Aquela que era muito engraçada e que sempre tinha uma piada para contar!

— Claro que lembro, embora não a veja há algum tempo; fiquei sabendo que ela ficou viúva.

— Isso mesmo. Ela ficou feliz ao me ver. Fomos até a praça de alimentação e, enquanto comíamos, conversamos muito. Aliás, eu falei muito, contei tudo que me havia acontecido. Ela me ouviu calmamente. Quando terminei de contar a maldade que o Reinaldo havia feito e como eu estava arrasada, ela me olhou e perguntou tranquila:

— E agora? Pretende fazer o que da sua vida?

— Não sei. Estou quase com cinquenta anos. Não tenho profissão, nunca trabalhei. Não sei o que fazer, acho que a solução seria eu morrer. Já pensei em várias maneiras de fazer isso, mas sou covarde. Nem para isso presto. De todas as formas que existem,

eu penso que sofrerei muito e tenho medo.

Ela continuou me olhando firme, depois disse:

— Existem muitas maneiras de se cometer o suicídio. Já ouvi dizer que se tomar comprimidos não sentirá nada. Poderá também tomar veneno de rato. Dizem que a morte é quase certa; ou então cortar os pulsos com uma gilete. Esta quase nunca dá certo, mas não custa tentar. Poderia, também, se enforcar no cano do chuveiro com uma corda, só que não pode ser de náilon, tem que ser de sisal, pois a de náilon não é muito confiável; quem sabe se jogar na frente de um carro, mas aí estaria envolvendo o motorista, qui não tem culpa dos seus problemas. Como vê, não é difícil de cometer suicídio, mas... e depois? Como ficará a sua alma ou espírito? Para onde ele vai? Que futuro você deseja para a eternidade?"

— Fiquei chocada com a maneira como ela falou, aquilo não era normal. Pensei que Laurinda fosse tentar me demover da idéia, mas ao contrário, ela estava me incentivando. Fiquei calada por alguns minutos, depois eu disse:

— Você diz isso porque não foi abandonada, seu marido morreu! Você não teve alternativa. Foi diferente do meu caso, meu marido me abandonou. Além do mais, acho que não existe nada depois da morte. Acho que somos como os animais ou as plantas, morremos e acabou.

— Você acha, mas não tem certeza. Tem?

— Pensei por alguns segundos; intrigada, respondi:

— Não tenho certeza, mas ninguém tem. Tudo que se ouve é

muita teoria, mas na realidade, como as pessoas dizem, ninguém voltou para dizer se é verdade ou não.

— Aí é que você se engana. Muitos voltaram e estão voltando para nos dizer como é do outro lado.

—As pessoas dizem, mas nunca ninguém voltou em carne e somente falam que recebem esse ou aquele espírito, nada mais do que isso. Desculpe minha amiga, mas não posso acreditar nessas pessoas. Elas querem só se promover, ganhar dinheiro.

—Talvez você tenha razão, mas mesmo assim existe a dúvida da existência da vida depois da morte. Acredito que só essa dúvida já nos faz pensar que, se realmente existir, temos um espírito ou alma e devemos saber o que queremos para eles. De acordo com a sua teoria, não existe vida depois da morte, mas e se existir? Está disposta a arriscar?

— Não sei, você está me deixando confusa, Laurinda ,respondi quase chorando.

—Não sei se existe algo além, só sei que estou vivendo aqui e agora!

— Isso é o que importa! Acordar todos os dias, respirar, ver o sol nascendo, o céu e toda a natureza linda que Deus nos presenteou. Ver homens e mulheres caminhando, alguns até correndo em busca da sua felicidade. Crianças nascendo, crescendo e brincando. O ser humano evoluindo para um mundo melhor. Isso é o que importa realmente, o resto é só resto. Você disse que somos como plantas e animais, somos mesmo. Estamos rodeados de energias, boas ou más. Assim como nós, quando uma

planta ou animal morre, eles voltam para a terra para adubá-la, fazem com que outra planta nasça. Nós comemos dessa planta, crescemos, temos nossos filhos, vivemos e morremos e nosso corpo continua adubando a terra. Mas nossa energia não morre, apenas se transforma. Deus, que criou tudo isto, fez com perfeição. Por isso nada está errado. Tudo é como tem que ser.

— Você vive em um mundo diferente do meu! No meu, só vejo desigualdade. Enquanto muitos não têm nada, outros têm até demais. Vejo tristeza, fome e miséria. Vejo crianças sofrendo, homens e mulheres trabalhando para sobreviver e alguns nem isso conseguem. Além dos crimes e todo tipo de violência.

— Tudo isso faz parte da evolução de cada um.

Eu não acreditava em nada daquilo e disse indignada:

—Você está dizendo que está tudo certo? Até essas maldades? Você deve estar louca mesmo. Alguém fez a sua cabeça. Ninguém pode aceitar toda essa injustiça e maldade que existem!

—Não estou dizendo que alguém nasce para ser ruim. Ao contrário, nascemos e vivemos da maneira que escolhemos. Alguns, durante a jornada, se desviam e seguem rumos diferentes. Mas um dia, mais cedo ou mais tarde, entenderão e voltarão para o rumo certo. Deus é nosso pai e nos ama a todos sem limites ou privilégios. Em Sua bondade infinita nos dá o direito da escolha.

— Está dizendo que cada um vive da maneira que escolheu? Que alguém escolheu ser pobre, miserável?

— Isso mesmo. De acordo com o que seria melhor para sua evolução."

Enquanto Ivete ia falando, Marilda e Fernanda se olhavam, mas nenhuma das duas teve coragem de interrompê-la. Ivete continuou falando:

— Ao ouvir aquilo que Laurinda dizia, não suporrei e perguntei num impulso:

— Quer dizer que o pobre escolheu ser pobre e o rico ser rico? Que alguns escolheram ser saudáveis, enquanto outros escolheram ser doentes? Alguns escolheram ser bons, enquanto outros escolheram ser bandidos? Disse que cada um está vivendo de acordo com a sua evolução, quer dizer que só o rico é evoluído? Está dizendo que já temos um destino e que ele será sempre ruim, que não poderemos fazer nada para mudar, só nos conformarmos? Está dizendo, como dizem muitos, que tudo é vontade de Deus?

— Quase tudo que eu disse você entendeu, mas nem só o rico e evoluído, ao contrário. O dinheiro também é uma forma de teste. Aquele que vem com muito dinheiro é para usá-lo de uma maneira que propicie trabalho e ajuda para muitos.

-O dinheiro serve para nos testar e para sabermos o que fazer com ele. Posso te garantir que é o mais difícil dos karmas. Eu disse que sempre estamos evoluindo e não que devemos nos conformar e aceitar. Mas, sim, escolher a melhor maneira de passarmos pela vida. Quase todos os problemas que temos nesta vida são por nossa culpa mesmo; quase sempre por nos desviarmos do nosso caminho. Ninguém nasceu para ser ruim, isso é um desvio. Nós traímos as nossas esperanças, deixamos de lutar por aquilo que acreditamos, seja em que nível for.

Teremos, sim, que encontrar amigos e inimigos. Teremos, sim, alguns testes para superar, mas nunca, quando eles chegarem, estaremos sós. Teremos sempre a ajuda de alguém ou de alguma coisa e a oportunidade de superá-los. Oportunidades nunca faltarão. Deus nos dá tudo o que precisamos para que a nossa felicidade seja completa. Cada um tem um ritmo, a evolução não termina nunca. Evoluímos através da reencarnação e de várias vidas.

—Karma!? Reencarnação!? Desculpe, mas não vou continuar conversando sobre isso! Não aceito a vida após a morte e muito menos isso de reencarnação. Não tenho muita religião, mas acredito que isso tudo é bobagem. A única coisa que sei é que estou aqui, sozinha, desesperada, sem saber o que fazer com a minha vida, sem saber que caminho tomar.

— Desculpe, você tem razão, mas é que estou tão feliz, Depois que aprendi isso, às vezes me empolgo e falo demais.

—Sou eu quem te peço desculpas. Embora eu não tenha uma religião que siga com frequência, não tenho o direito de criticar a de ninguém. Agora preciso ir. Fiquei feliz por te ver.

— Eu estava me levantando para ir embora, quando Laurinda, segurando a minha mão, disse:

—Espere, acabei de te dizer que Deus nunca nos deixa sós. Quando precisamos ajuda para cumprir o nosso destino, Ele faz com que algo aconteça ou alguém apareça para nos ajudar.

—Não estou entendendo o que está querendo dizer.

—Quando Rubens morreu, fiquei desesperada. Ele tinha só cinquenta e um anos, estava forte. A morte nunca passou por nossas cabeças. Ele era diretor de um importante banco, sempre teve um bom salário; por isso, nunca tivemos preocupação com dinheiro. Sempre tivemos uma vida muito boa. Nos amávamos e éramos felizes. Rubens estava trabalhando, quando sentiu-se mal e morreu ali mesmo no seu escritório. Sofreu um enfarte fulminante. A morte abalou a todos e, principalmente, a mim. Não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Revoltei-me contra Deus e contra a vida, pois havíamos feito muitos planos para o nosso futuro: ele trabalharia por mais algum tempo e, quando se aposentasse, começaríamos a viver realmente, pois, embora tivesse um bom salário, não tinha muito tempo para descansar. As pessoas me diziam que tinha sido a vontade de Deus, aí sim eu me revoltava ainda mais. Que Deus era aquele que havia tirado deste mundo um homem

trabalhador, honesto, bom pai e bom marido como ele e deixado tantos outros de mau caráter, péssimos pais e maridos, bêbados e bandidos? Que Deus injusto era aquele? Nunca poderia aceitar aquele Deus. De repente, eu vi todos os meus sonhos destruídos. Financeiramente, a minha vida não mudaria, pois ele possuía um bom seguro de vida e o banco continuaria pagando o seu salário. Minha casa era enorme, mas mesmo assim eu me sentia sufocada dentro dela. Fiquei desesperada, entrei em uma profunda depressão. Meu filho quis me levar para morar com ele; tentei, mas não consegui. Não encontrava um lugar para ficar e, como você está hoje, Ivete, também não tinha um caminho para seguir. Achava que o meu único caminho seria morrer para me reencontrar com ele.

Ivete parou de falar por alguns segundos. Fernanda olhou para Marilda, pois ela também havia dito que a sua única solução seria morrer depois que o Antero a abandonou. Marilda sabia o que amiga estava pensando, mas ficou calada, apenas sorriu. Olhou para Ivete, dizendo:

— Continue, o que aconteceu? Como veio trabalhar aqui?

— Laurinda, enquanto me dizia essas coisas, estava emocionada. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas continuou:

— Fiquei assim por muito tempo, até que um dia recebi a visita da minha cunhada, irmã do Rubens. Estranhei, pois, diferente de mim, ela parecia feliz. Ignorando a minha aparência, disse:

— Laurinda! Como você está bonita! Nem parece que já está chegando aos cinquenta!

— Aquilo me revoltou mais ainda. Eu não estava bem, nem bonita. Estava triste e só querendo morrer; disse nervosa:

— Não estou bem. Perdi o meu marido, não tenho motivo algum para estar feliz! Estou admirada por te ver dessa maneira, nem parece que perdeu o seu irmão! Você não gostava dele? Não sentiu a sua morte?

— Claro que gostava dele, mas penso de uma maneira diferente. Para mim, a morte não existe, é só uma mudança de dimensão. O corpo do meu irmão cumpriu a sua missão e voltou para a terra, mas o espírito dele alçou vôo e ele está bonito e feliz como sempre foi.

— O que está dizendo? De onde tirou essa idéia?

— Pertença a uma doutrina que nos ensina isso e acredito. Para mim, não perdi o meu irmão. Ele foi viajar e está em algum lugar, onde mais cedo ou mais tarde nos reencontraremos.

— Não acredito em nada disso! Não quero saber de religião, Deus ou de seus companheiros!

— Está bem, não precisa ficar nervosa. Vim até aqui porque fiquei

sabendo que você não está bem, não vim falar de religião ou doutrina. Vim para te fazer uma proposta.

— Que proposta?

— Sabe que tenho uma confecção. Desde o início, tive ao meu lado uma funcionária que cuidava da parte administrativa, enquanto eu me dedicava a modelar e cuidar das costureiras. Como você sabe, sempre gostei de costurar. Por isso, me dei muito bem, mas agora a minha funcionária de tanto tempo, e em quem eu confiava plenamente, ficou doente e teve que se afastar. Estou desesperada, pois ela era quem cuidava de todos os papéis e do dinheiro da confecção. Não conheço ou confio em ninguém para ficar no seu lugar, só você, Laurinda.

—Eu?! O que está dizendo? Nunca trabalhei, não sei como administrar uma empresa!

— Sempre administrou o dinheiro do Rubens e se deu muito bem, compraram várias casas e apartamentos. Por isso, sei que saberá administrar muito bem a minha confecção, Laurinda.

—Não sei, não estou com cabeça para nada.

—Por que não tenta? Poderá sair, conhecer outras pessoas. Tente por um mês, se não der certo poderá sair e ficará o dito pelo não dito; encontrarei alguém para me ajudar.

—Está bem, vou tentar. Quem sabe eu me encontre novamente e consiga reconstruir a minha vida.

— Comecei a trabalhar com ela. No princípio, me senti um pouco deslocada, me sentia velha para recomeçar e aprender, mas ela teve muita paciência e nem vi o mês passar. Ela também fez de conta

que não viu e eu continuo trabalhando até hoje. Investimos dinheiro e a confecção cresceu muito, hoje até exportamos. Comecei a frequentar uma casa espírita. Aprendi e aceitei o que aprendi. Hoje sei que o Rubens está caminhando também, mas em outra dimensão, e que a qualquer momento irei ao seu encontro. Com o tempo, compreendi que Deus, através da minha cunhada, me ajudou a seguir o meu caminho e descobri como é que Ele trabalha.

—Ontem, ela me disse que o seu filho, que mora na Inglaterra, pediu que ela fosse para lá passar algum tempo. Como está cansada de trabalhar, pediu que eu encontrasse alguém para tomar o seu lugar e ficaria até essa pessoa ser treinada. Vim hoje até aqui para visitar um cliente e te encontrei, Ivete. Acho que Deus vai te ajudar através de mim. Quer trabalhar comigo na confecção?

— Eu me assustei com o que Laurinda me propunha; respondi, gaguejando:

—Eu?! Como! Não entendo nada de moda ou costura!

— Sei disso! Mas poderá aprender! Sei que também gosta de fazer as suas roupas. Minha cunhada ficará com você, te ensinará tudo. Só irá embora quando você ficar pronta!

—Estou velha para isso. Terei dificuldade para aprender!"
Laurinda começou rir e disse:

— Estou me vendo dizendo essas mesmas palavras, Ivete. Vou fazer como a minha cunhada: tente por um mês. Se der certo, continue. Preciso de alguém responsável e em quem eu possa confiar. Você reúne todas essas qualidades, Ivete. Tente!

—Tentei e fiquei. Fui para a escola. Eu era mais velha da turma, mas me dei muito bem. Aprendi modelagem, crio todos os modelos e a confecção continua indo muito bem. Comecei a frequentar uma casa espírita, ler e entender aquela doutrina da qual ela havia falado. Entendi que a missão do Reinaldo ao meu lado havia terminado, que ele tinha outro caminho para seguir e eu também.

Precisava me descobrir e me dar valor. Hoje vivo feliz, tenho meu trabalho e um namorado com o qual me dou muito bem; sou feliz. Consigo conversar com o Reinaldo como companheiro de caminhada. Alguém com quem eu precisava me reencontrar e aparar algumas arestas. Mas com quem não poderia ficar por toda a minha vida. Como vê, Fernanda, nada está perdido, sempre existe um caminho e, com certeza, você encontrará o seu.

Fernanda apenas sorriu. Toda aquela conversa não estava interessando. Ela fora ali somente para pegar o carro, nada mais. Teve que ouvir toda aquela história. Esse era o preço que precisava

pagar pelo empréstimo do carro. Ela não era a Ivete, nem a Laurinda, por isso não desistiria, traria seu marido de volta para casa, custasse o que custasse. Por nada deste mundo permitiria que uma safada como aquela Luciana roubasse o seu marido.

Marilda, vendo o rosto de Fernanda, perguntou:

—Ivete, por quanto tempo podemos ficar com o seu carro?

—Pelo tempo que for preciso. Você vai me deixar o seu, portanto não haverá problema algum.

—Obrigada. Bem, acho que está na hora de irmos.

—Está mesmo, fiquei falando tanto, que não vi o tempo passar e tenho muito trabalho.

Marilda, sorrindo, levantou-se e tocou no braço de Fernanda para que ela fizesse o mesmo. Despediram-se e saíram.

Já lá fora, no carro, Marilda perguntou:

— Fernanda, que vamos fazer agora?

— Não sei, o Antero ainda deve estar no escritório. Vamos para minha casa, esperaremos lá até que seja a hora de ele sair e aí o seguiremos. Veremos como e onde ele a encontra.

— Está bem, mas, mesmo depois de tudo que a Ivete nos disse, você ainda quer continuar com isso? Acredita que valha a pena? Não seria melhor tentar achar algo para fazer, esquecer e seguir a sua vida?

— Nem pensar! Ouvi tudo aquilo por causa do carro! Ela é muito diferente de mim! Aceitou a idéia de perder o marido, mas eu não! Não vou permitir! Não é justo! Não preciso trabalhar, tenho minha casa e dinheiro suficiente para viver muito bem! Eu nunca

trabalhei em minha vida e não vou começar agora com quase cinquenta anos! Não vou trabalhar. Ao contrário, vamos seguir o Antero, descobrir onde ele se encontra com ela e depois verei o que quero fazer. Amo o meu marido e não vou perdê-lo!

— Está bem, se é assim que você quer, mas me pareceu que ela estava sendo sincera, que está realmente feliz.

— Você acreditou mesmo em toda aquela história? Ela não conseguiu trazer o marido de volta e encontrou uma desculpa para dizer que aceitou, mas lá no fundo te garanto que ela é uma pessoa revoltada, como eu ficarei se não conseguir trazer o Antero de volta! Mas eu vou conseguir! Sei que ele também me ama!

— Está bem, tenho alguns dias de folga e poderei te acompanhar, mas e depois? O que fará?

— Não sei o que farei, só quero ter certeza de que ele está com ela, para que você não me impeça de ir buscar ajuda.

— Ainda quer fazer algum trabalho de macumba, Fernanda?

— Não quero fazer um trabalho, quero somente desmanchar o que foi feito! Em algum lugar, deve existir alguém que desmanche! Eu vou encontrar esse lugar! Eu amo o meu marido!

— Sei que você ama o seu marido, mas será que é amor mesmo ou somente a dor da traição?

— Por que está dizendo isso? Como pode duvidar do amor que sinto? Estamos casados há muito tempo, tivemos uma vida feliz e tranquila por todo esse tempo! Claro que amo o meu marido e, por isso, farei tudo para que fique ao meu lado!

— Puxa! Ainda bem que nunca me apaixonei dessa maneira louca.

Gostei do Jorge, mas nunca desse modo!

— Por isso mesmo é que não pode avaliar o que estou sentindo! Se um dia se apaixonar, vai ver como é!

— Sinto que nunca verei esse dia! Se não aconteceu quando era jovem, não acontecerá agora! — Marilda disse, rindo.

— Tomara que Deus te livre disso, Marilda.

— Já me livrou! Se não aconteceu até agora, não acontecerá mais! Ainda bem que não me faz falta! Tenho uma vida muito boa e a minha única preocupação é com o meu trabalho. A minha felicidade está somente em minhas mãos. Não dependo de ninguém para ser feliz. Acho isso uma conquista e posso te garantir que é muito bom. Vendo o que aconteceu com você e depois de tudo que Ivete nos disse, fico feliz por nunca ter me casado.

Chegaram à casa de Fernanda. Marilda estacionou o carro diante do portão e entraram. Ficaram conversando. Fernanda preparou um café e tomaram um lanche. Na realidade quem comeu foi Marilda, pois Fernanda não sentia fome. Ainda continuava com aquele caroço na garganta. Estava nervosa, ansiosa e olhando a toda hora para o relógio, esperando que desse cinco e meia para saírem. Sabia que Antero sairia do escritório lá pelas seis horas. Entava decidida a segui-lo e descobrir toda a verdade.

Vigiando

Faltavam dez minutos para as seis horas, quando Marilda estacionou o carro em frente ao escritório de Antero.

Do lugar em que estavam, poderiam ver qualquer pessoa que saísse pela porta principal ou pela garagem. Ficaram lá por algum tempo, quando viram Luciana saindo. Ela estava apressada, parou em um ponto de ônibus que ficava a uns dez metros de onde Fernanda e Marilda estavam. As duas acompanharam todos os movimentos dela. Estava sozinha. Logo depois o carro de Antero surgiu na porta da garagem. Marilda ligou o carro e se preparou para segui-lo. Ele nunca pensaria que elas o estavam seguindo, pois o carro era estranho e elas estavam com óculos escuros. Ele estava acompanhado de Flávio, seu sócio e amigo. Iniciaram juntos a construtora, conheciam-se desde o tempo da faculdade. Marilda colocou o carro atrás de dois outros, assim poderia segui-los sem que as vissem. Fernanda, nervosa e ansiosa, perguntou:

— Para onde será que estão indo?

— Não sei, é para isso que estamos aqui, vamos descobrir.

Antero percorreu algumas ruas do centro e foi seguido por elas. Parou diante de um bar, já conhecido por Fernanda. Era um lugar de encontros no fim da tarde. Alguns empresários ali se encontravam para discutir negócios ou conversar. Fernanda sabia que ele o frequentava e não se importava, embora soubesse que ali também haviam encontros amorosos. Marilda também estacionou o carro, mas não desceram, ficaram esperando com impaciência. Fernanda olhava a todo instante para o relógio, que parecia ter parado.

Queria entrar para ver o que estavam fazendo, mas foi contida por Marilda:

-Não pode fazer isso, o lugar é pequeno e fatalmente eles te veriam e isso estragaria todo o nosso plano. Vamos esperar. Tenha calma, logo tudo será esclarecido.

— Mas, se saírem acompanhados, o que vamos fazer?

— Não sei, mas você precisa manter a calma, se é que realmente quer descobrir tudo. Um escândalo de nada vai adiantar. Precisa esperar.

Quarenta minutos depois, eles saíram sozinhos. Entraram no carro. Fernanda, intrigada, disse:

— Por que será que o Flávio não está com o carro dele? Por que saíram juntos?

— Não sei, mas isso não tem importância. O carro pode estar na oficina para uma revisão ou ele vendeu e está de carona até comprar outro; mas acredito que o Flávio não seja o nosso problema. Se o Antero continuar ao seu lado, não encontrará mulher alguma. A não ser que os dois se encontrem com duas amigas — disse isso sorrindo com desdém.

Fernanda sorriu, ela também conhecia Flávio desde o tempo da faculdade, gostava dele, considerava-o um bom amigo. Ele sempre frequentou a sua casa e a sua filha tinha verdadeira adoração por ele, no que era correspondida. Mesmo durante o tempo em que esteve casado e depois de alguns anos se separou, nunca deixou de visitá-los e de presentear a menina com brinquedos, roupas e de levá-la para passear. Ele era quase ou mais que um irmão, por isso riu e disse:

— Enquanto o Antero estiver na companhia dele, não preciso me

preocupar.

— Tem razão, por isso acho melhor irmos embora.

— Não, Marilda. Vamos continuar seguindo. Precisamos saber para onde irão. Sobre o que estarão conversando?

— Provavelmente sobre o mesmo que nós duas... vocês... O que não é de estranhar, pois assim como eu sou sua melhor amiga o Flávio é o melhor amigo do Antero.

— Tem razão, e ele deve estar contando o real motivo que fez com que me abandonasse.

— Pode ser.

O carro entrou na garagem de um prédio; ao vê-lo entrar, Fernanda disse surpresa:

— Temos um apartamento neste prédio, no nono andar, e o Flávio tem um no oitavo, mas pensei que estivesse alugado...

— Bem, parece que não está. O Antero deve ter-se mudado para cá. Agora, também, temos o motivo de estarem usando um só carro. Morando no mesmo prédio não há necessidade de usarem dois carros para irem até o trabalho.

— É... tem razão... não precisam de dois carros. O Antero deve ter-se mudado para cá, mas será fácil eu descobrir: tenho as chaves do apartamento. Amanhã virei até aqui para ver se ele está morando com alguém.

— Não pode fazer isso! Se ele estiver morando com alguém, você irá encontrá-la e fará o quê?

— O quê?! Vou colocá-la para fora do meu apartamento, nem que para isso seja necessário eu chamar a polícia!

— Está louca? Isso se transformaria em um escândalo! Os jornais comentariam e a credibilidade do Antero, como construtor, iria por água abaixo! Você não pode fazer isso! Tem que resolver tudo com cautela. Não se esqueça que a sua filha trabalha em uma empresa respeitada. Um escândalo poderá afetá-la muito! Já te disse que precisa manter a calma!

— Você está certa. Preciso agir com cautela. Conheço o síndico do prédio. Amanhã vou telefonar e perguntar-lhe se o apartamento está vazio. Se estiver, viremos aqui para ver se tem só as roupas do Antero.

— Assim está melhor, só poderei vir na parte da tarde. Sabe que vou viajar e preciso colocar a minha vida em ordem, pagar contas e providenciar a dispensa da minha casa. Renata continuará cuidando da casa e dos meus cachorros.

— Não sei como você tem paciência para cuidar de cachorros! Eu nunca consegui; mesmo quando a minha filha quis um, sempre dei uma desculpa e nunca tive animais em casa.

— Pois eu adoro os meus cachorros, com eles posso conversar. Você não acredita, mas eles me entendem. São ótimas companhias. Acho que não temos mais nada para fazer aqui. Provavelmente, eles não irão sair mais. Vamos embora.

— Vamos sim. Não temos mais nada para fazer aqui. Marilda ligou o carro e foram para a casa de Fernanda. Ela levou-a para casa e depois foi para a sua. Aquele dia para elas havia encerrado. O trabalho de detetive, também.

Antero, em seu apartamento, conversava com Flávio.

— Finalmente estou livre...

— Tem certeza que fez a coisa certa? Não vai se arrepender?

— Tomei a decisão certa. Eu já devia ter saído de casa há muito tempo. Por isso, sei que não vou me arrepender.

— E a Fernanda, como reagiu?

— Você pode imaginar... foi uma surpresa. Ela jamais pensou em uma separação! Ontem, ela esteve no escritório com a Marilda. Fiz questão de tratá-la mal, para que não reste esperança. Ela tem que aceitar a nossa separação, viver a sua vida e deixar eu viver a minha.

— Você sabe que não vai ser fácil, Antero.

— Sei disso, mas não existe outro jeito. Cansei de viver uma vida de mentiras. Você conheceu o meu pai, sabe como ele era autoritário. Sempre nos criou com firmeza, eu diria com ignorância. Sempre nos dominou através do medo.

— Minha mãe nunca reagiu, o que fez com que nós, seus filhos, também não reagíssemos. Ele sempre decidiu a nossa vida, sempre fizemos o que ele queria. Praticamente me obrigou a namorar com a Fernanda, pois ela era filha de pessoas importantes e para ele era conveniente juntar as famílias. Quando ela engravidou, ele me obrigou a casar. Eu o obedeci, me casei e procurei ser um marido e pai da melhor qualidade, mas nunca fui feliz. Sempre sofri muito por estar vivendo uma vida que não era a que eu queria. Não tive escolha. Hoje faz mais de um ano que ele morreu, minha filha está casada, minha neta nasceu e finalmente posso me libertar. Posso viver a vida da maneira que sempre quis.

— Mas e a Fernanda? Ela não teve culpa de nada disso! Sempre

foi uma boa esposa e mãe, já não é mais jovem. Para ela, será difícil recomeçar a vida, Antero...

—Antes de tomar a minha decisão, ponderei sobre tudo isso. Realmente ela não teve culpa sobre o meu pai, mas errou quando engravidou. Ela sabia que eu não queria me casar, que desejava antes, fazer outras coisas. Ela fez de caso pensado. Se foi boa esposa e mãe, não fez mais que a sua obrigação. Eu a deixarei muito bem, não quero nada das nossas propriedades, ela poderá ficar com tudo. Darei uma boa pensão para que possa viver com tranquilidade, sem que o seu padrão de vida mude em nada. Eu só quero ser feliz. Nada além disso.

— Bem, não posso interferir na sua decisão. Já tem idade o suficiente para saber o que quer.

— É isso mesmo. Vamos jantar? Agora que somos dois solitários, precisamos pensar no modo de nos alimentar. É melhor irmos a um restaurante, Flávio.

— Não precisa se preocupar. Moro sozinho há muito tempo, por isso tenho em minha geladeira alguns congelados, vou até lá pegar. Enquanto isso, vá preparando uma bebida. Jantaremos sozinhos com a nossa solidão.

Flávio disse isso rindo, acenou e saiu. Antero foi até o bar e preparou uma bebida. Conhecia Flávio há muito tempo e sabia do que ele gostava. Flávio retornou com algumas bandejas, e colocou no microondas. Juntos preparam a mesa. Assim que a comida ficou pronta, sentaram e começaram a comer.

Marilda finalmente chegou na casa de Fernanda, mas não

entrou. Estava cansada e queria chegar o mais rápido possível em sua casa. O dia, como o anterior, havia sido cansativo. Estacionou a carro na garagem e entrou em casa. Respirou fundo.

Fernanda, em sua casa, tentava dormir, mas não conseguia. Na sua imaginação, via Antero beijando e abraçando Luciana. Deitou e levantou várias vezes. Foi até a cozinha, que, assim como todo o resto da casa, estava em perfeita ordem. Olhou para ela:

"De que adiantou eu ter sido uma boa esposa e dedicar tantas horas do meu dia para que tudo permanecesse em ordem? Ser considerada como uma tirana pelas empregadas que passaram por aqui? Ele vem me acusar exatamente disso! De ter mania de limpeza! Não, esse não foi o motivo. Claro que não foi! Ele está com ela, me trocou, pois estou velha e sem mistério. Ela, ao contrario, é jovem e bonita! Ela deve realmente ter feito algum feitiço! Ele não poderia ter mudado tão de repente! Não vou contar o que está acontecendo para a Regiane, pois sei que ele voltará. Preciso encontrar algum lugar que desmanche feitiço.

Mas onde? Não conheço nada a respeito disso! Nunca me interessei. Preciso dormir; se isso não acontecer, sinto que terei um colapso. Tenho que me alimentar. Não posso ficar doente, preciso ser forte!

Espere aí! Será que essa não seria uma boa solução? Se eu adoecer, ele vai ficar com pena e voltará para casa.

Como vou inventar uma doença? Ele sabe que sou saudável, pois a cada seis meses sempre fizemos todos os exames de rotina. Eu poderia encontrar algum médico que me daria um diagnóstico

mentiroso, de câncer, por exemplo. Não, não daria certo, pois temos o doutor João, que sempre cuidou da nossa família. Com certeza, ele pediria vários exames e constataria que eu não estou doente. Realmente, essa não foi uma boa idéia. Mas preciso encontrar outra e encontrarei.

Virou de um lado para outro na cama, mas não encontrou posição. Sentiu seu coração bater rápido, se assustou e se sentou na cama. Respirou fundo e tornou a se deitar. Fechou os olhos tentando dormir, mas não adiantou. Por mais que quisesse, não conseguia parar de pensar.

Bem, ele não foi se encontrar com ela, foi para casa junto com o Flávio. Eu poderia ficar sossegada, mas não estou. É claro que ele não sairia com ela hoje. Ele precisa manter as aparências. Sei que deve estar preocupado com a reação da Regiane. Não sei o que ela dirá quando souber, mas, por outro, lado ele sempre conversou muito com ela. Sempre foi mais amigo dela do que eu.

Em alguma coisa ele teve razão, eu sempre me preocupei mais com a casa do que com a tranquilidade da minha filha.

Não a deixava brincar dentro de casa nem no quintal; eu estava sempre olhando.

Se ela jogasse um papel ou fizesse alguma sujeira, lá estava eu para brigar e obrigá-la a limpar. Será que ela ficará do lado do pai? Já é adulta, tem a sua própria vida.

Não posso lhe contar coisa alguma, ao menos por enquanto. Só direi quando eu tiver certeza que o Antero não voltará para casa, mas, como isso não vai acontecer, por enquanto ela não precisa

saber. Tenho certeza de que encontrarei uma maneira de consertar tudo isso. Vou seguir o plano original.

Amanhã irei até o apartamento, perguntarei ao síndico se está vazio. Sim, pois Antero pode estar morando provisoriamente com o Flávio, essa decisão, para ele, também deve ter sido repentina. Talvez ele, não tendo onde ficar, foi para o apartamento do Flávio. Se o apartamento estiver vazio, entrarei e vasculharei tudo. Se ele tem uma outra mulher, com certeza haverá algum vestígio.

Sorriu satisfeita. Esse era o caminho que precisava seguir. Precisava aproveitar enquanto Marilda estivesse de férias e antes que ela fosse viajar. Ao pensar em Marilda, sorriu e pensou.

Ela é realmente minha amiga. Não sei como poderei agradecer por estar ao meu lado em um momento como este. Sempre tive muitas colegas, conhecidas, mas amiga mesmo só ela. Sempre estive ao meu lado em todos os momentos. Não sei o que faria agora sem ela. Vou tomar um comprimido e dormir. Hoje, não tenho mais o que fazer.

Em busca de evidências

Marilda abriu os olhos, olhou para o relógio. Sete horas da manhã. Essa era a hora em que ela acordava todos os dias para ir trabalhar. "Estou em férias" pensou, virando-se na cama. "É muito cedo! Vou

tentar dormir mais um pouco."

Dormiu em seguida. Acordou novamente. Outra vez olhou para o relógio. Assustou-se, eram quase dez horas. Sentou-se na cama, havia sonhado muito, por isso não sentia o corpo descansado; tentou lembrar o que havia sonhado, mas não conseguiu. Levantou, foi para o banheiro, olhou no espelho, estava com olheiras. Sorriu. "Não estou acostumada a dormir tanto. Será que a Fernanda também dormiu? Acho que sim, senão ela teria me telefonado logo cedo.

Coitada, que situação terrível essa que ela está passando! Que será que deu no Antero para tomar uma atitude como essa? Dizer que foi por causa da mania de limpeza de Fernanda, e ela que sempre se orgulhou da sua casa. Ainda bem que nunca me apaixonei ou tive marido. Bem, não posso ficar pensando nisso. Preciso tomar o meu café."

Tomou um banho que a despertou definitivamente e foi procurar Renata. Ao passar pela copa, viu que a mesa estava colocada para o seu café. Sorriu e foi para a cozinha. Renata não estava ali, achou que ela estivesse lá fora na lavanderia, foi para lá e, realmente, Renata estava com a máquina de lavar ligada e dando comida para os cachorros. Marilda aproximou-se e sorrindo disse:

— Bom-dia, Renata, dormi muito, não foi?

Bom-dia, dona Marilda. Quando cheguei, vi que a senhora estava dormindo. Sei que trabalha muito e precisa aproveitar suas férias para descansar, por isso procurei não fazer barulho. Pode ir para a copa que já vou lhe servir o café.

Marilda foi para a copa, sentou, tomou um pouco de suco e começou a comer algumas frutas. Renata veio em seguida com o café. Assim que terminou o café, Marilda foi para o escritório. Antes de viajar precisava deixar tudo em ordem. Aquela viagem seria a realização de um sonho de uma vida. Por muitas vezes se imaginou passeando pela Europa. Queria conhecer a maior parte dos países, mas o que queria conhecer primeiro era Roma. Por isso, quando foi escolher a excursão, preferiu aquela que estivesse passando o primeiro dia na Itália. Estava examinando os papéis, quando o telefone tocou. Atendeu, era Fernanda.

— Olá, Marilda, hoje não te acordei! Você está bem?

— Estou, só com um problema, que estou tentando resolver.

— Que problema?

— Antes de viajar preciso deixar os meus papéis em ordem.

Fernanda deu uma gargalhada e disse:

— Você está me dizendo que isso é um problema? Isso não é nada; perder o marido, isso sim é um problema!

Marilda ficou furiosa com a atitude de Fernanda.

— Você é mesmo uma egoísta — disse, nervosa. — Pois para você arrumar os meus papéis pode não ser um problema, mas para mim é um problema, sim! O que não é meu problema é o seu marido ter te abandonado, mas mesmo assim fiquei do seu lado, te dando apoio.

— Tem razão, desculpe. Sempre pensamos que o nosso problema é maior que o dos outros. Entendo que para você deixar tudo em ordem é também um problema imenso. Quer que eu te ajude de

alguma maneira? O que posso fazer?

— Não, você não pode me ajudar, eu mesma farei isso. Só quero que entenda a minha preocupação. Nada, além disso!

— Tem razão, desculpe novamente por esta e por todas as outras vezes em que só vou pensar em mim e nos meus problemas. Sabe que não sei o que faria sem você, mas estou nervosa.

— Está bem, Deus sabe que estou fazendo o melhor que posso para te ajudar, mas você como está? Dormiu bem?

— Quase não dormi, ainda continuo muito nervosa. Estou te telefonando para saber se você vai comigo até o apartamento.

— Claro que vou. Foi bom você ter marcado para a tarde, Sabe que vou viajar daqui a quatro dias. Por isso, preciso ver que roupas levarei para a viagem e quais preciso comprar. Sabe que nesta época faz frio na Europa, e eu não tenho muitas roupas para o inverno. Preciso comprar e espero que vá comigo.

— Irei com certeza. Você está ao meu lado e não sei como agradecer por isso. Ir com você fazer compras, além de ser agradável, é o mínimo que eu poderia fazer. Vai mesmo viajar com uma excursão, Marilda?

— Preferi fazer uma excursão, pois viajar sozinha é muito ruim, ainda mais por países estranhos e com idioma diferente. Além do mais, indo com a excursão, os guias com certeza nos levarão a todos os pontos turísticos de cada lugar.

— Tem razão. Eu sempre quis fazer uma viagem como essa, mas nunca tivemos oportunidade. Sempre precisávamos fazer algo para a Regiane, ou Antero estava envolvido com o trabalho e

não podia gastar dinheiro com "essas coisas". Termine o que está fazendo, também preciso arrumar a casa.

— Por que não viaje comigo, Fernanda? Sei que nos divertiríamos muito! Você agora está livre e poderá fazer o que quiser da sua vida! Vamos! Se quiser, telefonarei para a agência e verei se ainda tem algum lugar na excursão!

— Talvez não fosse uma má ideia, mas não agora. Estou infeliz, não seria boa companhia. Quem sabe uma outra vez.

— Está bem, não vou insistir, embora ache que uma viagem como esta te faria muito bem.

— Fica para uma outra vez. Estou te esperando.

— Logo depois do almoço estarei aí. Não se preocupe.

— Está bem, estou te esperando.

Despediram-se. Marilda voltou para os seus papéis e Fernanda ficou olhando para os móveis de sua sala. Estavam empoeirados, as almofadas que ficavam sobre o sofá estavam desarrumadas. Na cozinha, louças sujas espalhadas sobre a mesa e a pia. O fogão também estava sujo, o chão, engordurado. Tudo estava de uma maneira como ela nunca havia visto.

Está tudo sujo e bagunçado, jamais pensei que um dia veria a minha casa assim. Jamais pensei que a sujeira e a bagunça não me incomodariam. Pensar que eu nunca quis empregadas, pois não confiava no trabalho delas e estava sempre atrás limpando o que elas haviam limpadado. Do que adiantou cuidar tanto da minha casa, se não soube cuidar do meu marido? Ele disse que não suporta a minha mania de limpeza! Que quer viver a sua vida!

Mas que vida? O que ele quis dizer com aquelas palavras? Eu não entendo, temos uma família maravilhosa! Nossa filha sempre foi uma criança linda e boa. Sempre quis estudar, nunca nos deu trabalho. Hoje, está bem e encaminhada na vida! Tem seu trabalho, está casada e tem também o Marquinho, que é lindo e eu adoro! Porque ele está revoltado? Não é só por minha mania de limpeza! Se fosse isso, conversaríamos e entraríamos em acordo. Sei que seria difícil, mas eu conseguiria mudar. Tem algo mais, lógico que tem! E o nome desse "algo" é Luciana, com toda a sua beleza e juventude! Mas ela não perde por esperar! Não vou deixar que fique com o meu marido! Não vou mesmo!

Duas horas e pouco da tarde, Marilda chegou.

— Ainda bem que chegou, Marilda — Fernanda disse, enquanto abria a porta, — não suporto mais ficar dentro de casa.

Marilda, enquanto entrava e sentava em um sofá, disse:

— Você está com uma aparência horrível; embora esteja com os cabelos penteados, os seus olhos estão tristes e está com olheiras profundas. Sinto muito, minha amiga, mas parece que você envelheceu dez anos! Isso não pode continuar! Vamos viajar!

Fernanda começou a chorar.

-Acha que já não vi como estou? Mas não posso evitar, estou triste e revendo toda a minha vida, vendo os momentos em que briguei com o Antero e com a Regiane por causa de uma migalha de pão que deixavam cair. Quanto tempo perdi!

—Também não é assim! Está certo que sempre te achei um pouco

exagerada, mas você procurou dar a sua filha uma boa educação. Não pode continuar se culpando e tentando encontrar um motivo para isso que está acontecendo. Antero iria embora de qualquer maneira. Se você fosse relapsa com a sua casa, ele diria que estava indo porque você não cuidava das coisas. Ele encontraria uma desculpa qualquer. Não se culpe por nada. Tente recomeçar a sua vida. Venha viajar comigo!

— Não posso viajar agora, estou deprimida. Preciso descobrir qual foi o real motivo pelo qual ele me abandonou. Embora eu saiba que o motivo tenha um nome: "Luciana".

— Você não tem certeza disso, apenas desconfia. Não tire conclusões apressadas. Precisa investigar mais.

— Não é isso que estamos fazendo? Não é para isso que estamos indo até ao apartamento?

— Está bem. Mas como você fará para entrar? Vai conversar com o síndico... E se encontrar alguém lá, o que vai fazer?

— Já pensei em tudo. Tentei falar com o síndico, mas não consegui. No prédio não tem porteiro. Eu tenho as chaves de entrada do prédio e do apartamento. Não quero falar com o zelador, pois, se houver alguém no apartamento, ele poderá nos impedir de entrar. Se eu encontrar alguém, não sei o que farei.

— Sendo assim, eu não vou com você. Não quero participar dessa loucura. Acho que você não pode invadir a privacidade do Antero. Só vou se me prometer que falaremos com o zelador para sabermos se tem alguém morando lá. Se tiver, não entraremos. Voltaremos para cá e pensaremos no próximo passo.

—Está bem,vamos fazer como você quiser. Chegaram na rua em que ficava o apartamento. Estavam entrando justamente no momento em que o zelador estava saindo. Ao vê-las, disse admirado:

— Boa tarde dona Fernanda! Como vai?

— Boa tarde, seu João, estou bem. Vim até o apartamento para ver se está tudo em ordem.

— Eu acho que está. O doutor Antero comprou móveis novos. Ele disse que não pretende mais alugar.

Fernanda olhou para Marilda ,depois disse:

— Realmente, não pretendemos mais alugar; é justamente isso que vim fazer, olhar os móveis novos.

— Acho que a senhora vai gostar, são bonitos. Até mais. Ele se afastou e elas entraram no elevador. Fernanda tremia muito, enquanto dizia:

— Você viu? Ele comprou móveis novos, vai mesmo trazê-la para cá! Não te disse? Eu sabia!

— Disse bem, vai trazer, mas ele ainda não trouxe. Se tivesse feito isso, o zelador não nos deixaria entrar.

—Ainda bem, estou louca para ver os móveis. Chegaram à porta do apartamento. Fernanda colocou a chave na fechadura, a porta abriu e elas entraram. Fernanda, após olhar a sala, disse, abismada:

—Ele comprou móveis modernos e coloridos! Um horror! Sempre gostei de móveis tradicionais e de madeira de lei! Isso aqui está um horror mesmo.

Marilda, que também olhava tudo, disse:

— Pois eu não acho. Está muito bem decorado, alegre e claro. Eu nunca quis te dizer, mas a tua casa é muito escura. Este ambiente está aconchegante. Vamos ver o resto?

Para a cozinha ele também havia comprado móveis novos, todos brancos. No quarto, havia só uma cama e um armário que pegava a parede toda, claro também. Embora, a princípio, Fernanda quisesse criticar, foi obrigada a reconhecer que estava tudo bonito e com muito bom gosto.

— Bem, Fernanda, ao menos você está vendo que não tem ninguém morando com ele.

— Como pode ter certeza disso?

— No armário e nas gavetas, só tem roupas dele e, no banheiro, só tem uma escova de dentes.

— É... você tem razão. Mas, para ele ter modificado tudo assim, é porque pretende trazer ela para cá.

— Ou talvez quisesse viver da maneira como sempre quis, em um ambiente alegre e colorido.

— Você viu que sobre a pia da cozinha tem dois pratos limpos e talheres? Ela deve ter vindo aqui ontem à noite.

— A que horas? Esqueceu que ontem ficamos ali embaixo por muito tempo? Provavelmente, ele deve ter jantado com o Flávio. Vamos embora, não temos mais nada para fazer aqui. Ele ainda não a trouxe para cá. Está vivendo sozinho, Fernanda...

Fernanda concordou com a cabeça. Foram embora. Saíram do prédio e entraram no carro. Marilda conduziu o carro em direção a

casa de Fernanda, que disse:

— Para onde está indo?

— Para a sua casa, já vimos que ele está sozinho.

— Não! Vamos até a empresa ver com quem ele sai.

— Fernanda, isso não vai adiantar. O Antero deixou bem claro que não voltará mais a viver com você. Está se torturando à toa. Está perdendo tempo.

—Ele disse, mas isso não é verdade! Ele vai voltar! Sei disso. Porque, se não voltar, prefiro morrer.

— Não diga isso! Ter o corpo perfeito, ver o amanhecer e o anoitecer é um privilégio! Devemos agradecer todos os dias por isso e pela vida que Deus nos deu!

—Deus?! Que Deus?! Aquele que permitiu que o meu marido se apaixonasse por outra e fosse embora?! Deus não existe! Pois se existisse não permitiria uma coisa dessa! Sempre fui uma boa esposa e mãe! Vivi a minha vida toda para a minha família! Nunca fiz mal a ninguém! Não merecia isso, não agora, que já estou velha e não tenho mais nada para fazer na vida!

—Você tem razão de se revoltar, mas Deus é quem sabe das coisas. Você não é velha, tem muito a fazer!

— Tenho?! Pode me dizer o quê? Não tenho mais nada! Acabou tudo, Marilda!

— Não sei o que te dizer, mas acredito que tudo tem sempre uma solução. Vou viajar, mas antes disso precisamos devolver o carro para a Ivete. Já que Antero não pode saber que o está vigiando e por isso não pode ver o seu carro, o melhor a fazer seria comprar

um novo carro.

— Como comprar um carro novo? Não tenho dinheiro!

— Não tem dinheiro? Como assim? O Antero fica com todo o dinheiro de vocês?

— Foi ele quem sempre se preocupou com as finanças. Eu só pedia e ele dava tudo que eu ou a Regiane precisássemos. Nunca nos negou nada! Eu não queria ter preocupação com isso e sabia que ele cuidava muito bem do dinheiro. Tanto que aquele que recebi como herança de meus pais ele multiplicou várias vezes. Nunca pensei que um dia estaria nesta situação...

— Você está dizendo que não tem dinheiro, nem uma conta em um banco? O seu carro está no seu nome?

— Não, está no nome do Antero. Ele sempre fez isso e todos os anos vendia o meu carro velho e comprava um novo. Sempre como uma surpresa. Eu me acomodei a essa situação. Nunca quis saber o quanto ele ganhava. Nunca me faltou nada! Eu vivia bem e era feliz, Marilda...

Não acredito que você tenha-se anulado tanto na vida! Que tenha vivido através do Antero e da sua filha! Mas parece que foi isso que aconteceu. De qualquer maneira, embora a Ivete tenha dito que não precisa do carro, ela o emprestou para mim. Por isso, vou lhe telefonar e dizer que estou indo viajar e perguntar se o carro pode ficar com você.

— Faça isso e lhe explique a minha situação. Ela entenderá. Diga que não tem problema, eu me responsabilizo pelo carro.

— Se responsabiliza como? Não tem dinheiro, e da maneira como está não tem condições de dirigir! Se você vir o Antero com outra, perderá facilmente o controle e poderá causar um acidente! Não posso permitir!

— Não se preocupe com isso. Prometo que vou apenas segui-lo e, se encontrá-lo com outra, esperarei você voltar da viagem para ver o que faremos. Está bem assim? Prometo, pode viajar sossegada. Não farei nada antes da sua volta!

— Não sei se posso confiar em você, está muito alterada.

— Pode confiar, eu prometo.

— Está bem, vou telefonar para a Ivete, ela decidirá. Pegou o telefone e ligou para Ivete. Contou-lhe tudo que estava acontecendo.

— Não se preocupe — disse Ivete —, pode deixar o carro com ela. Já passei por isso e sei como é. O meu carro tem seguro, portanto não se preocupe. Só diga a ela que tenha calma e que não tome nenhuma atitude precipitada se vir Antero com a outra.

— Obrigada Ivete. Creio que ela está bem consciente do perigo que corre, mas me parece que tomará cuidado.

— Então, boa viagem e aproveite. Você bem que merece umas férias. Sei que tem trabalhado muito.

Desligou o telefone, olhou para Fernanda dizendo, séria:

— Está feito, Fernanda, pode ficar com o carro da Ivete. Mas tem que prometer que não fará coisa alguma até eu voltar.

—Prometo e obrigada. Você é mesmo uma grande amiga. Marilda sorriu ao ver no rosto da amiga um ar de criança.

—Você está mesmo parecendo que voltou à adolescência. Agora preciso ir, tenho muitos preparativos para a viagem. Vou com o seu carro e você ficará com o da Ivete. Quando eu for viajar, o seu ficará guardado em minha garagem. A propósito, você vai me levar até ao aeroporto?

— Claro que sim, imagine se não faria isso, Marilda.

— Otimo, depois te darei a hora em que deve me pegar.

— Está bem, assim que combinarmos, estarei em sua casa.

Marilda sorriu. Fernanda acompanhou-a até o portão. Marilda entrou no carro, ligou e saiu.

No carro, enquanto dirigia, Marilda, ainda preocupada com a situação de Fernanda, pensou:

"Como alguém pode entregar a sua vida e felicidade nas mãos de outra pessoa? O que a Fernanda fará agora? Não está preparada para nada. Pelo que percebi, durante toda a sua vida foi tratada como uma criança. Antero não lhe deu responsabilidade alguma a não ser cuidar da casa e criar a filha. Ela nunca se deu conta da sua real situação. Também, nunca imaginou que ele um dia a deixaria. Ainda bem que nunca me apaixonei dessa maneira. Sei que isso tem um preço. Estou envelhecendo e não tenho um marido ou filhos, mas ao menos apenas eu sou responsável pela minha vida e felicidade."

Entrou em casa. Como sempre, tudo estava em ordem. Foi até seu quarto, pegou uma mala e foi colocando as roupas que pensava

usar durante a viagem. Estava feliz com a vida que havia escolhido. Tinha tudo para ser feliz e era. Não tinha preocupação alguma, a não ser com o seu trabalho, o que não chegava a ser preocupação, pois gostava do que fazia.

A consulta

Fernanda em casa, sabia, estava na hora de preparar o jantar, mas não estava com fome; pensava:

"Prometi que vou esperar a Marilda voltar, mas será que conseguirei? Será que não vou vigiar o Antero? Não sei..."

—Alô!

— Fernanda! Sou eu, a Leonor, como vai?

— Tudo bem, e você? — disse contrariada, pois Leonor era muito conhecida como aquela que sabia da vida de todos e que também comentava.

— Faz muito tempo que não me telefona, aconteceu alguma coisa?

— Comigo não, mas com a Joana sim. Você já sabe?

— Não, o que aconteceu?

— O marido dela foi embora. Trocou-a por outra. Também, ela é muito chata! Você não sabia?

— Não, não sabia, mas parece que você está feliz com a situação dela.

— Não estou feliz, mas pelo menos tenho assunto para conversar e você sabe que gosto disso...

- Sei, te conheço muito bem. Como você soube?

— Você nem imagina! Ela me telefonou para contar. Disse que a outra fez macumba e queria saber se eu conhecia alguém para desmanchar a macumba e fazer outra contra a mulher que levou o marido dela!

— Você conhece alguém que faça isso?

— Conheço! É um homem que faz "trabalhos", ele é muito bom. Fui com ela até lá, ele prometeu que o marido dela vai voltar e que a outra vai acabar na miséria e ficar doente.

— Credo! Como pôde fazer isso?

— Eu não fiz nada, quem fez foi ela. Eu só a levei até lá. Fernanda pensou um pouco e disse:

— Estou pensando, tenho uma amiga que o marido também foi embora e ela está desconfiada que a outra fez macumba. Você pode me dar o endereço para eu dar para ela?

— Quem é ela?

— Você não conhece, ela faz parte das amizades do Antero.

— Vou te dar o número do telefone dele. Ela tem que telefonar, marcar hora e dizer que fui eu quem o indicou. Assim, terei desconto em uma próxima "consulta" que precisar.

— Tem certeza que ele é bom mesmo?

— Tenho! Já vi muitas coisas que ele fez! Já vi gente se afundar em dívidas e até morrer.

— Sendo assim, me dê o número, que passarei para ela. Leonor deu o número e Fernanda anotou. Conversaram mais um pouco. Depois se despediram. Assim que colocou o telefone no gancho, Fernanda olhou para o papel. Ficou olhando para ele por algum tempo, resolveu:

— Vou até lá! A Luciana deve mesmo ter feito macumba para o Antero, ele mudou muito de repente! Mas não posso ir sozinha, será que a Marilda vai comigo?

Com o papel na mão, tomou coragem e ligou:

— Marilda, sou eu!

— Tudo bem, o que foi agora?

— A Leonor me ligou e me contou uma coisa incrível.

—Partindo da Leonor, deve ter sido incrível mesmo! Ela gosta de falar da vida de todo mundo, mas o que foi desta vez?

Fernanda contou tudo e terminou contando sobre o homem, do papel e se ela iria junto fazer uma "consulta".

—Fernanda, você sabe que preciso arrumar as minhas coisas para a viagem. Além disso, nem sei se isso vai valer a pena! O Antero está firme na sua decisão e eu não acredito nessas coisas! Geralmente, são charlatões que se aproveitam do desespero das pessoas para tirarem o seu dinheiro! Ainda continuo pensando que você deveria viajar comigo! Eu sei que você não tem dinheiro, mas isso não importa. Pagarei a sua viagem e, assim que tiver o dinheiro, me devolverá. O Antero disse que não vai deixar te faltar nada, com certeza te dará uma boa pensão.

— Sei que não vai me faltar nada, mas ao mesmo tempo me faltará tudo, pois não terei mais ele! Vamos até lá, só para ver como é. Prometo que não farei nada se perceber que tudo é mentira e que o homem é um charlatão!

Vendo que não haveria como escapar, Marilda faria mais aquilo, também, pela amiga:

— Está bem, mas tem que ser amanhã.

— Vou telefonar agora mesmo, dizer da urgência e ver se ele pode marcar para amanhã. Assim que tiver a resposta te ligo.

— Está bem, estarei aqui em casa.

Fernanda telefonou, marcou para o dia seguinte, às três horas. Disse ser amiga de Leonor e deu um nome falso. Não queria que a Leonor descobrisse que ela também tinha sido abandonada, sabia que, se isso acontecesse, ela contaria para todos, e por isso seria motivo de chacota de todas as suas conhecidas. Anotou o endereço e tornou a telefonar para Marilda, marcando o encontro para o dia seguinte.

Embora contrariada Marilda atendeu a mais um pedido de Fernanda, mas já estava se cansando:

"Quando ela vai se conformar com a separação? Ela está ficando louca! Imagine, ir atrás de um macumbeiro! Da maneira como o Antero falou, ele está decidido e não voltará para casa. Mas, enfim, vou acompanhá-la e que tudo seja como Deus quiser."

No dia seguinte, ao acordar e ir para a copa, como todos os dias, a mesa do café estava colocada. Foi até a cozinha. Renata estava junto ao fogão; ao vê-la entrando, disse:

— Bom dia, dona Marilda, seu café está quase pronto. Acordou mais cedo hoje? Já estava acostumada com a senhora acordando mais tarde!

— Bom dia. Tem razão, acordei cedo. Eu queria ficar mais um pouco na cama, mas não consegui. Já me acostumei a acordar cedo. Agora, vou tomar o meu café e não te dou nem quinze minutos para a Fernanda telefonar — disse sorrindo. — Não sei como ainda não fez isso!

— São muito amigas, não é? — Renata também riu e disse:

— Somos, sim, mas não pensei que passaria quase todas as minhas férias cuidando da vida dela.

— Pode ir para a copa que já estou levando o seu café.

Marilda estava indo para a copa quando o telefone tocou. Olhou para Renata e disse com ar de deboche:

— Você ganha um doce se adivinhar quem é!

— É a dona Fernanda! Só ela telefona para a senhora. A senhora não tem outras amigas?

Aquela pergunta pegou Marilda de surpresa. Nunca havia pensado naquilo. Nunca havia notado que, apesar de ter muitas conhecidas, amiga mesmo era só Fernanda.

Respondeu, enquanto pegava o telefone, que estava sobre uma mesinha no corredor:

— Sabe que nunca pensei nisso. Não, não tenho outras amigas. Conhecidas sim, mas amiga mesmo como ela, não.

— Alô, Fernanda, bom dia! Dormiu bem?

— Bom dia, Marilda, não dormi muito bem. Estou telefonando para te lembrar do nosso compromisso de hoje à tarde. Você não esqueceu, não é? Quer vir almoçar aqui em casa? Depois do almoço, poderemos sair. O bairro onde ele mora é distante. Estou ansiosa para fazer a "consulta".

— Não esqueci, não, fique sossegada. Está bem, vou almoçar com você. Lá pelas onze estarei aí. Pode me esperar e faça um almoço bem gostoso!

— Pode deixar, sabe que adoro cozinhar! É o que melhor faço nessa vida! Vou te preparar, como sobremesa, uma torta que você não vai acreditar!

— Acredito sim! — disse rindo. — Suas tortas são um perigo para as nossas gordurinhas!

— Elas não engordam, só fazem bem ao nosso paladar!

— Sei...está bem, logo mais estarei aí, Fernanda. Desligou o telefone e continuou andando para a copa. Olhou para a mesa, puxou uma cadeira e sentou. Renata chegou em seguida, trazendo o café com leite, que Marilda colocou em uma xícara. Enquanto tomava, pensava nas últimas palavras de Renata.

"A senhora só tem ela como amiga?"

"Só agora me dei conta que realmente não tenho amigos. Desde que meus pais morreram e meus irmãos se casaram, me isolei nesta casa e no meu trabalho. Nunca tive muita vontade de conversar futilidades. As minhas amigas da juventude também se casaram e só sabem falar de marido e filhos, assuntos que não me interessam. Só restou a Fernanda. Quando estamos juntas, conversamos sobre tudo e quase nunca sobre família, a não ser agora, que ela está com esse problema. Será que nunca notei por que não me fez falta? Deve ter sido isso. Gosto de ficar em casa, ler e assistir a um bom filme na televisão. Depois do Jorge, nunca mais quis me envolver com alguém. Sofri muito com a separação e, agora, depois do que vi acontecer com a Fernanda, a Ivete e com a Laurinda, acho que sempre tive razão. Apesar de viver sozinha, nunca me senti só. Eu sempre achei que eu me bastava e continuo achando.

O trabalho me completa e tenho o suficiente para me manter ocupada. Depois que terminar de tomar o café, vou tentar arrumar as minhas malas. Essa idéia de consultar um macumbeiro não me agrada. Mas Fernanda tem o direito de fazer tudo que puder para salvar o seu

casamento. Se isso tivesse acontecido comigo, eu daria a volta por cima, deixaria para lá e encontraria algo para fazer. Será que eu faria isso mesmo? Não sei; depois do Jorge, nunca mais me apaixonei, e agora tenho certeza: não me apaixonarei mais!"

Um pouco antes do meio-dia, Marilda chegou na casa de Fernanda, que já estava com o almoço pronto e preparava a mesa. Ajudou Fernanda a terminar de preparar a mesa, sentaram-se e começaram a almoçar.

Aquilo de visitar o macumbeiro a estava incomodando. Nunca foi muito de religião. Não conhecia aquela, mas o pouco que sabia era que, em um lugar como aquele, só era praticado o mal. Não acreditava muito nesse poder, mas o simples fato de alguém se dirigir até a um lugar como aquele, com a intenção de prejudicar outra pessoa, deixava-a muito brava. Olhou sério para Fernanda e disse:

— Fernanda, você tem mesmo certeza que quer ir a um lugar como esse?

— Claro que tenho! Não estou vendo a hora de chegar lá e acabar com a macumba que a Luciana fez contra o Antero!

— Você não entende e não sabe como funciona... para te dizer a verdade, não acredito que funcione. Isso tudo é folclore. Não conheço ninguém que tenha usado a macumba e que tenha funcionado! É tudo uma maneira de tirar dinheiro dos incautos. Mude de idéia, vamos viajar juntas. Na Europa, conheceremos muitos lugares diferentes e você terá tempo de pensar no que vai fazer da sua vida. Não acredite em mentiras...

— Você conhece alguém que já fez macumba?

— Não, mas ouço falar a respeito.

— Então, se não conhece ninguém, não pode afirmar com certeza que não exista. Não te contei o que a Leonor disse que aconteceu com a Joana? A Leonor disse que ele é muito bom. Não vou fazer mal para ninguém, só vou defender a minha família! Você há de convir que a mudança do Antero foi muito rápida!

— Como rápida? Você disse que ele sempre se queixou da maneira como você cuidava da casa e da Regiane. Disse que há muito tempo não tinham uma vida sexual normal!

— Mas ele continuou sempre sendo um bom marido e bom pai, nunca nos deixou faltar nada!

— E você se acomodou a essa situação! Deixou que ele tomasse conta da sua vida de uma tal maneira, que hoje está aí... sem dinheiro e sem saber como continuará vivendo; e se ele não te der uma pensão todos os meses?

— Você ouviu ele dizendo que vai dar a pensão!

— Sim, mas quanto? Será que te dará o suficiente para que possa continuar vivendo da maneira como sempre viveu?

— Ele vai! Ele disse que vai dar! Mas também não vou me preocupar com isso. Hoje, vou desmanchar a macumba e ele vai voltar para casa e para mim e tudo vai continuar como antes! Não vamos mais perder tempo, vamos terminar de comer e ir embora, já estamos atrasadas.

— Está bem, se é assim que quer... faremos isso, mas não venha me dizer mais tarde que não te avisei, Fernanda.

— Não vou dizer isso, nunca!

— Você tem o endereço? Sabe ir até lá?

— Fica em um bairro da periferia, nunca fui até lá, mas encontraremos! Vamos. Você vai dirigindo, Marilda?

— Vou, mas você sabe que vamos nos perder! Fernanda sorriu. Ela sabia que as duas, no carro, eram um desastre. Nenhuma tinha bom senso de direção e sempre se perdiam, pois cada uma queria ir para um lado.

— Sei disso. Por isso que quero sair bem antes da hora. Se nos perdermos, teremos tempo para nos achar.

Marilda também sorriu, já que não havia outra solução, o remédio seria partir para aquilo que julgava ser uma loucura. Por incrível que pareça, elas não se perderam. Duas e vinte já estavam na rua onde ficava a casa. Marilda parou o carro na esquina.

— Chegamos — disse um pouco apreensiva. — Ainda é um pouco cedo, você tem tempo para desistir dessa loucura. Vamos para casa, arrume suas malas e venha viajar comigo.

— Marilda! — disse Fernanda, nervosa. — Você acha que tenho cabeça para viajar, da maneira como estou? Não. Já que chegamos até aqui, vamos em frente! Hoje vou resolver a minha vida e o Antero vai voltar para casa!

Impotente, Marilda acelerou o carro e pararam em frente ao número que estava no papel. Marilda estacionou o carro e as duas desceram. A casa era simples, de muro baixo. Uma senhora estava sentada perto do portão. Fernanda perguntou:

— Aqui é a casa do senhor Pedro?

— É aqui mesmo, moça. Pode entrar, ele está lá no fundo, atendendo a uma pessoa.

Marilda, nervosa e assustada, apertou o braço de Fernanda tentando fazer com que ela voltasse para o carro, mas foi em vão. Fernanda, com passos firmes, entrou pelo corredor que levava aos fundos da casa. Marilda, tremendo muito, a seguiu. Chegaram diante de uma porta que estava aberta, entraram. Diante delas, surgiu uma grande sala, com muitos bancos e, na frente dos bancos, um altar com imagens de santos conhecidos por elas. Pararam na porta e ficaram olhando. No alto do altar e de braços abertos, estava a imagem de Jesus. Olharam-se admiradas, pois jamais poderiam imaginar que em um lugar como aquele encontrariam imagens de santos, e muito menos de Jesus.

Estavam ainda paradas, quando, nos fundos da sala, uma porta se

abriu e por ela saíram duas pessoas, um homem e uma mulher, que levava em suas mãos algo embrulhado em um pano branco. Enquanto saíam, o homem disse:

— Agora está tudo nas mãos de Oxalá. Fizemos a nossa parte. Chegando em casa, dê um banho nele com essas pipocas e, depois, não esqueça de levar no cruzeiro do cemitério e, com muita fé e respeito, ofereça a Omulu. Se seu marido tiver merecimento e for a vontade de Oxalá, ele ficará curado. Quando ele ficar bom, em agradecimento, traga algumas velas para serem acesas aqui no Congá.

— Pode ficar sossegado, tenho certeza que ele ficará bom, e não trarei só velas, mas muitas flores também.

Marilda e Fernanda se olharam, cada vez mais abismadas. A mulher se despediu, passou por elas sem dizer nada. O homem também se encaminhou em direção a elas. Assim que chegou perto, estendeu a mão dizendo:

— Qual das duas me telefonou?

Fernanda se adiantou e também estendendo a mão disse:

— Fui eu quem telefonou. Estou aflita para conversar com o senhor, a Leonor falou muito bem a seu respeito.

— Ela frequenta a nossa casa, também gosto muito dela, embora saiba que ela fala demais da vida dos outros. Mas tudo faz parte do aprendizado. A senhora pode entrar comigo ali naquela sala e a senhora pode esperar aqui.

Ao ouvir aquilo, Fernanda disse:

— Se o senhor não se incomodar, eu preferiria que ela entrasse

comigo. Ela é minha amiga e sabe de tudo que está acontecendo. Além do mais, o senhor precisa entender, nunca estivemos em um lugar como este e por isso estamos confusas e até um pouco amedrontadas, sabe como é...

— Por mim, não tem problema algum. A senhora é quem sabe. Queiram me acompanhar.

Ele seguiu na frente e as duas o acompanharam. Marilda ainda estava um pouco confusa, mas não com todo aquele medo que sentiu quando chegaram.

Embora ainda estivesse preocupada com aquela história de cemitério, o ambiente era agradável e acolhedor. Não havia nada ali que a amedrontasse mais. Parecia um lugar de muita paz. Assim que entraram na sala viram uma mesa coberta por um pano branco. Sobre ela, havia uma vela branca e outra preta e branca. Ao redor das duas, havia dois colares feitos com contas: um feito com contas brancas e outro com contas pretas, misturadas com brancas. Na frente da mesa, uma cadeira, e do outro lado, um banco. Novamente se assustaram. O homem percebeu e, enquanto sentava-se na cadeira, disse:

— Podem se sentar aí nesse banco. Não se preocupem com as velas. Elas são de Oxalá e do preto velho que trabalha comigo. Fiquem tranquilas.

Embora não estivessem tranquilas, mas não tendo mais como sair dali, sentaram-se. O homem olhou sério para Fernanda:

— Se foi a senhora quem me telefonou, é porque precisa da minha ajuda. Pode me contar o que está acontecendo?

— Meu marido foi embora — ela disse de uma vez, muito nervosa, ele me trocou por outra... ela deve ter feito uma macumba para ele. Vim aqui para desmanchar essa macumba e, assim, trazer ele de volta para casa.

— Calma. Não precisa ficar tão nervosa. Tudo tem sempre solução, mas, antes de fazer qualquer coisa, preciso conversar com as senhoras... percebi que estão preocupadas com estas velas e estes colares. Esta casa pertence, primeiro, a Oxalá; depois, ao meu preto velho. O nome dele é Pai Joaquim das Almas, é um negro muito bom e só faz o bem. Já ajudou muita gente. Sei que, quando chegaram, ouviram eu dizer para aquela senhora que era para ela ir ao cemitério. O marido dela está muito doente, e os médicos da Terra já o desenganaram. Como última alternativa, ela veio até aqui. Aqui tudo é cercado de magia. Todo ser humano tem dentro de si o bem e o mal. Aqui trabalhamos com essas duas forças. Aquela mulher vai dar um banho de pipoca no seu marido. Pipoca é o remédio de Omulu. Ele cura as pessoas, quando permitido por Deus. Ele mora no cemitério, por isso todas as entregas e presentes para ele precisam ser feitos ali. Aquela mulher está tentando curar o marido. Ela vai ao cemitério, mas também poderia ir a uma encruzilhada, no mar, na cachoeira, na mata ou no rio. Depende do que o doente precise que seja feito para a sua cura. Ela vai fazer o que eu disse e, se o marido dela tiver merecimento, vai ficar curado.

— O senhor está dizendo que todas aquelas coisas que a gente vê nas encruzilhadas não são para o mal? Pode ser de cura

também? — Fernanda perguntou admirada

— Sim, é isso mesmo que estou dizendo. Grandes trabalhos são feitos na encruzilhada para o bem. Como já disse, Exu trabalha dos dois lados. Existem, sim, trabalhos feitos na encruzilhada, mas a maioria é para a cura de alguém. Aqueles que fazem para o mal terão o seu pagamento. Xangô, o Orixá da Justiça, mais cedo ou mais tarde deixará seu machado cair sobre eles. A senhora também, de uma certa maneira, está tentando curar o seu marido. A senhora conhece a mulher por quem ele se enrabichou?

— Conheço! É a secretária dele, é muito bonita e jovem!

— Fernanda — disse Marilda —, você não tem certeza!

— Não tenho, mas só pode ter sido ela. Não tem outra!

— Isso é importante — rebateu o homem. — É importante também que tenha certeza. Senão, poderá estar fazendo mal a alguém que talvez seja inocente. Mas julgando que ela seja a culpada, o que pretende fazer?

— Trazer o meu marido de volta!

— Muito bem. E com ela, quer fazer o quê?

— Não sei...

— Matar?

— Se for preciso — disse Fernanda com muita raiva. — Ela teve a coragem de roubar o meu marido, então que morra!

— Moça, sei que a senhora não conhece nada, nem sabe o que está dizendo, por isso, vou lhe explicar. Como já disse, aqui nesta casa lidamos com as duas forças que regem o ser humano, o bem e o mal.

Aqui, conseguimos a cura, abrimos caminhos, mas só de acordo com a vontade de Oxalá e de acordo com o merecimento de cada um. Do lado do bem, temos pretos velhos e caboclos. Do lado do mal, temos os Exus, que as pessoas chamam de diabo, mas na realidade, eles não são o diabo. Eles são escravos e, por isso, obrigados a fazer tudo o que lhes pedem. Quando solicitados, eles obedecem àquilo que lhes ordenam. Quando lhes pedem o bem, eles ficarão felizes e fazem de bom grado. Quando lhes pedem o mal, embora não gostem e não queiram, são obrigados a fazer. Mas quem lhes pediu esse mal, fica sendo seu devedor e eles, de uma maneira ou de outra, irão cobrar. O mal está onde houver inveja, ódio e ganância, não importando lugar ou religião,

pois ele está dentro de cada um. A senhora quer que eu peça a Exu para fazer o mal para alguém que nem sabe se é culpada ou inocente? Se insistir, eu pedirei e ele fará. Isto é, se essa pessoa tiver merecimento, pois, se ela não tiver, não vai adiantar. A senhora será então uma devedora do Exu e ele cobrará. Eu sou simplesmente aquele que obedece às suas ordens. Não tenho responsabilidade alguma, porque estou lhe avisando. Sei que tem muitos que fazem todo tipo de maldade, não importando a quem, somente movidos pela ganância e pelo dinheiro e que até ficam felizes quando vêem que o seu "trabalho" deu certo.

Alguns até mudam de religião e se dizem arrependidos. Acreditam que, pelo simples fato de ter mudado de religião e se arrependem, não devem mais nada. Puro engano. Ao se arrependem do mal que fizeram, estão ganhando um ponto diante de Deus, mas e aqueles que foram prejudicados? Aqueles que perderam tudo e, muitas vezes, até a vida? Esses serão seus cobradores e exigirão vingança, nesta vida ou em outras. Sem contar os Exus que foram usados, eles também vão querer vingança. Existe o direito da escolha, o livre-arbítrio, onde todos podem e devem perdoar. Mas não se pode impedir o desejo de vingança. As pessoas, às vezes, não sabem com que forças estão lidando e pagam caro por isso. Está em suas mãos. O que quer que eu faça?

Fernanda olhou para Marilda, que ouviu tudo atentamente.

— Marilda, o que eu faço?

— Não sei, tudo isso que ele disse parece ser sério. Na realidade, você não tem certeza se a Luciana é o motivo pelo qual Antero foi embora. Não sei o que deve fazer, você é quem tem que resolver, só vim para te acompanhar.

O homem olhava as duas. Conhecia várias pessoas como elas, que vinham em busca de coisas achando ser fácil e sem problemas. Ele era consciente, seus guias lhe ensinaram tudo sobre magia e ele sabia fazê-la, mas sabia também das consequências. Por isso, a sua casa estava sempre cheia e conseguia ali coisas surpreendentes. Ele sempre usou os exus para tentar desmanchar um trabalho feito para prejudicar alguém, mas nunca para o mal ou para destruir e matar. Continuou olhando-as em silêncio. Como Fernanda não se decidia, disse:

— Acho melhor a senhora ir para sua casa, pensar bem na atitude que vai tomar e procurar ter a certeza que essa moça é realmente a causadora do abandono do seu marido. Se tiver certeza e decidir, pode voltar. Farei o que a senhora quiser.

— Também acho — disse Marilda. — É a melhor coisa que tem para fazer. Vamos embora...

— Mas, se ela fez uma macumba, não tem como desmanchar? Não tenho o que fazer?

— Se a senhora tiver a certeza que ela é a pessoa por quem seu marido saiu de casa, a senhora volte e veremos o que dá para se fazer. Sempre existe uma maneira de se desmanchar um mal feito. Só não posso fazer mal para ninguém, meus guias não

deixariam nem eu quero. Gosto de ajudar a cura de alguém, gosto de dar esperança para aqueles que se sentem perdidos e sem rumo. Isso faço com prazer.

Marilda se levantou, colocou a mão sobre o braço de Fernanda e fez com que se levantasse também. O homem continuou sentado, Fernanda perguntou:

— Quanto preciso pagar pela consulta?

— Eu só cobro quando preciso fazer algum trabalho, porque para isso é necessário comprar algumas coisas; mas por conversar com a senhora, não vou cobrar. Sei que está desesperada, não vou abusar disso. Vá para sua casa, investigue. Depois volte e veremos o que podemos fazer. Tome cuidado com o que vai fazer. A senhora está desesperada e por isso é uma presa fácil para alguém que queira lhe enganar.

Fernanda sorriu; iam saindo quando ele disse:

— Moça!

As duas se voltaram, ele olhou para Marilda, dizendo:

— Sei que a senhora veio só para acompanhar e que não acredita no que eu disse ou viu aqui, mas Pai Joaquim está dizendo que a sua vida vai mudar muito.

— Minha vida mudar?! — Marilda disse admirada. — Mudar como? Tenho ela muito bem controlada! Diga ao Pai Joaquim que, desta vez, ele se enganou; boa tarde.

— Boa-tarde, mas o Pai Joaquim não se engana. Marilda apenas sorriu e, empurrando Fernanda, saíram dali.

Já na rua, Fernanda, que estava frustrada com tudo que ouviu do senhor Pedro, disse:

— Marilda, você entendeu alguma coisa do que ele disse? Vim para encontrar uma solução e ele me deixou mais confusa!

— Entendi que não se deve fazer mal para ninguém. Muito menos quando não se tem certeza se a pessoa é culpada ou não. E você não sabe se a Luciana é mesmo a amante do Antero.

— Nossa, Marilda! Que palavra forte! Amante!

— Por que forte? — perguntou Marilda, entrando no carro, ligando o motor e saindo. — Que nome se dá para alguém que vive com outro não sendo casados?

— Tem razão, não tem outro nome mesmo. Só que não sei o que fazer. Da maneira como ele disse, é muita responsabilidade. Ele disse que não tem culpa de nada, que o culpado é aquele que mandou fazer o trabalho, que ele é só um instrumento. Não sei mesmo o que fazer...

Acho melhor você esquecer tudo isso e viajar comigo. Deixe essas coisas para quem entenda.

— Não sei, é tudo tão estranho e diferente do que pensei que fosse. Da maneira como a Leonor falou, ele trouxe o marido da Joana de volta. Por que não quer trazer o Antero?

— Ele não disse que não vai trazer, disse que, se você não tem certeza de que Luciana é mesmo a culpada, deve investigar e depois retornar. Mas, se eu fosse você, esqueceria de tudo isso e procuraria uma outra maneira. Não acredito nessas coisas, mas vai que ele estava falando a verdade... já pensou o perigo que está correndo se mexer com o tal de Exu, que você nem sabe direito como é? Ele disse que esse Exu é rancoroso e vingativo. Fernanda, deixe isso pra lá. Não mexa com o que desconhece...

— Como deixar para lá?! O Antero foi embora e aquela mulher

deve ter feito uma macumba, um feitiço! Se aquele homem não fizer o que quero, tem que ter outro que faça!

— Depois de tudo que ouviu dele, o que quer realmente?

— Quero o meu marido de volta! Só isso! É pedir muito?

— Não, realmente não é, mas você não tem certeza se a Luciana é mesmo a culpada!

— Está bem, não tenho, mas vou investigar. Hoje mesmo vamos esperar ela sair do escritório e vamos segui-la.

— Seguir a Luciana! Está louca mesmo! Já viu que o Antero saiu do escritório e vai direto para o apartamento. Portanto, não é com ele que ela vai se encontrar!

— Ele não saiu esses dias, talvez porque pense que eu o esteja seguindo. Preciso saber quem ela é realmente!

— Tem certeza que quer fazer isso mesmo?

— Não sei, não sei de mais nada! Estou desesperada!

— Está bem. Entendo a sua situação. Confesso que também fiquei um pouco confusa, pois não pensei que esse seria o resultado da consulta. Sempre só ouvi falar mal dessas coisas. Nunca pensei que, em um lugar como esse, as pessoas procurassem a cura para as suas doenças e, parece que essa cura existe mesmo. Sempre achei que só se praticava maldade.

— Também pensava isso, mas pelo visto não é assim.

— Pretende mesmo seguir a Luciana, Fernanda?

— Pretendo, sim. E você, vai comigo?

— Já te disse que, até o dia da minha viagem, ficarei à sua disposição. Farei o que quiser...

— Obrigada, nem sei como te agradecer toda essa força que está me dando, Marilda!

— Não precisa agradecer. Estou fazendo porque quero, se não quisesse seria diferente..

— Ainda é cedo para ela sair do escritório, podemos ir a uma confeitaria e tomarmos o chá da tarde. O que acha?

Marilda sorriu e concordou com a cabeça. Foram à confeitaria, tomaram o chá e aproveitaram para conversar. Fernanda, passando geléia no pão, perguntou:

— Marilda, o que achou daquilo que ele falou?

— Do quê?

— Daquela história que a sua vida vai mudar...

— Achei uma bobagem. A minha vida não tem o que mudar. Tenho meu trabalho, casa e dinheiro. Nada pode mudar. Ele só quis mostrar serviço. A minha vida é bem controlada

— Também pensei que a minha fosse, mas agora vejo que estava errada. A minha vida deu uma volta de cento e oitenta graus. Está de cabeça para baixo e eu, perdida...

— Com você é diferente. Entregou a sua vida e felicidade nas mãos de outra pessoa. Eu nunca fiz isso. Sou a única responsável por tudo que me acontece.

— É... acho que você está certa, não tem mesmo o que mudar em sua vida, a não ser que encontre um amor. Aí, sim, a sua vida mudaria e muito!

Marilda começou a rir sem parar, depois disse:

— Imagine, isso acontecer nessa altura do campeonato! Se não aconteceu quando eu era jovem, não acontecerá agora. Ainda mais depois de ter visto o casamento de quase todas as minhas amigas ir por água abaixo. Não, minha amiga, isso não vai acontecer. Tenho a minha cabeça bem presa ao pescoço!

É... mas em matéria de amor o que menos importa é a cabeça. Quando a gente está apaixonada, não pensa em nada. Só se quer ficar junto da pessoa que se ama. Quando eu conheci o Antero foi assim. Depois que nos casamos, com o tempo, tudo foi se modificando... problemas com a casa, o nascimento da Regiane fizeram todo aquele amor inicial ir esfriando. Mas confesso que sinto falta daqueles tempos, em que eu só queria ficar junto dele.

Por isso é que estou tão triste e revoltada, não é justo! Agora que estou velha e que praticamente não temos mais problema algum e tudo poderia voltar a ser como antes, ele me abandona! Não é justo! Não é mesmo!

— Também acho e por isso estou te acompanhando nessa maratona, nessa tentativa de trazer o Antero de volta. Por isso, também, sei que nunca vou me apaixonar. O meu tempo já passou.

Fazendo assim, acho que me livrei de um grande problema, de estar na situação em que você se encontra hoje. Não tenho ninguém para me preocupar, a não ser os meus cachorrinhos, que não reclamam e estão sempre abanando o rabinho quando chego em casa. Eles são sinceros. Me amam...

— Depois de tudo que estou passando, chego à conclusão que você sempre esteve certa. Hoje está tranquila, sem problema algum, podendo viajar e aproveitar a vida. Eu, ao contrário, dediquei toda a minha vida para Regiane e para Antero. Ela está casada, cuidando da sua vida, e nem imagina o que está acontecendo, e só saberá se eu não conseguir trazer o Antero de volta. Não quero preocupá-la, ainda não está na hora. Ela já tem os seus próprios problemas.

— Nunca tive dúvidas a esse respeito, mas já está na hora de irmos embora, já são quase seis horas.

— É mesmo! Ficamos conversando e nem vi o tempo passar. Não sei como vai ser enquanto você estiver viajando!

— Serão só vinte dias e passarão depressa. Tem que prometer que vai esperar a minha volta para tomar qualquer decisão. Promete?

— Prometo! Ficarei contando os dias para a sua volta e não tomarei decisão alguma.

Marilda não acreditou muito, mas sorriu.

Constatando a verdade

Depois que saíram da confeitaria, Marilda estacionou o carro do lado direito da rua, dois carros atrás do ponto do ônibus. De onde estacionou poderia sair rapidamente e, assim que Luciana subisse no ônibus, elas a seguiriam.

Passava um pouco das seis quando viram Luciana saindo e, como sempre, apressada. Ela parou no ponto e ficou olhando, parecendo aflita e olhando para todos os ônibus que passavam e paravam, mas aquele que ela deveria tomar demorou um pouco para chegar. Finalmente, Marilda e Fernanda viram Luciana estendendo a mão para um ônibus que se aproximava, num sinal claro de que era aquele que estava esperando. Marilda ligou o carro, trocou a marcha e se colocou atrás do ônibus. Quando todas as pessoas subiram, o motorista deu a partida. Elas o seguiram. Tiveram que ter paciência, pois o ônibus parava a toda hora para que as pessoas subissem ou descessem. Mais ou menos meia hora depois, viram Luciana descendo do ônibus. Marilda parou um pouco mais à frente. Não tinha como parar no ponto. O ônibus passou por elas, que ficaram paradas, mas sem tirar os olhos de Luciana, que, ansiosa, olhava na direção em que os ônibus chegavam. Após uns dez minutos, a viram dando sinal para um outro ônibus, que parou e ela entrou. Assim que o ônibus passou, Marilda novamente o seguiu. Estavam já há quinze minutos seguindo o ônibus quando, após ele parar, viram Luciana descendo. Novamente, Marilda estacionou alguns metros à frente. Luciana desceu e apressada começou a caminhar. Passou pelo carro, mas não olhou. Ela realmente não percebeu que estava sendo seguida. Assim que ela se afastou um pouco, Marilda, devagar, continuou seguindo a uma certa distância. Luciana virou na primeira rua à direita e depois na segunda, também à direita. Assim que virou, em uma casa

iluminada pela luz de um poste, estava um senhor com um menino em uma cadeira de rodas. Assim que Luciana os viu, saiu correndo; abraçou e beijou o menino. Fernanda e Marilda se olharam. Pensavam que descobririam tudo, menos que ela tivesse um filho. Luciana tirou o menino da cadeira e, abraçando-o carinhosamente entrou na casa, acompanhada pelo senhor.

Marilda passou pela casa, ainda a tempo de vê-los entrando. A casa, embora simples, tinha uma boa aparência. Tinha uma varanda e um pequeno jardim. Fernanda não conseguia tirar os olhos de Luciana, abraçada àquele menino. Alguns metros à frente, Marilda estacionou novamente. Olhou sério para Fernanda.

— Fernanda, parece que você se enganou. Não foi por causa dela que Antero foi embora. Ela parece ser mais uma trabalhadora que cuida de um filho doente.

— Não pode dizer isso! Não sabemos se aquele menino é filho dela, pode ser seu irmão!

— Da maneira e felicidade como ela correu para ele, não acredito. Acho que é seu filho, sim...

— Se for filho dela, pode ser de Antero também.

— Como pode pensar uma coisa como essa? Acredita que Antero fosse pai dessa criança, permitiria que a mãe trabalhasse fora? Ainda mais a criança sendo doente? Ele nunca faria isso! Sabe muito bem que ele tem condições de manter uma ou mais casas! Definitivamente, não é ela a culpada do teu sofrimento.

— Não sei, mas preciso ter certeza, precisamos encontrar uma maneira de descobrir de quem esse menino é filho.

— Como? Vai bater palmas no portão e perguntar : esse menino é filho do Antero? Ora, Fernanda! Você precisa aceitar o que vê. Essa moça não tem nada a ver com a sua vida.

— Não sei, ainda não estou convencida. Preciso de um tempo para pensar no que farei. Ligue o carro e vamos embora.

Marilda obedeceu, ligou o carro e saiu. Seguiram em silêncio. Na

realidade, nenhuma das duas sabia o que dizer.

— Marilda — Fernanda disse — não consigo acreditar que ela não tenha nada a ver com o Antero. Eu tinha certeza!

— Mas parece que não tem mesmo! Ainda bem que o macumbeiro era honesto e te alertou sobre tudo que poderia acontecer se você fizesse algo contra ela sem ter a certeza de que era realmente a culpada. Se tivesse ido a alguém desonesto, que estivesse interessado só no dinheiro, ele poderia tirar tudo que você tem. E você estaria, agora, com um problema sério nas mãos. Por tudo o que ele nos disse, sério... sério mesmo...

— Tem razão, mas ainda não acredito que ela não é a culpada do meu sofrimento. Preciso ter certeza!

— Como vai descobrir isso? Perguntando para ela ou voltando à sua casa?

— Espere! É isso mesmo! Vamos voltar à sua casa!

— Agora?!

— Não, amanhã cedo. Vamos mentir que estamos pretendendo montar uma escolinha para crianças e que por isso estamos fazendo uma pesquisa para saber do interesse dos moradores. Bateremos em algumas portas e depois na casa dela. Assim, poderemos obter todas as informações que queremos! É isso mesmo que vamos fazer!

— Nós?! Fernanda, espere aí! Estou tendo a maior paciência do mundo e acompanhando você em toda essa procura. Mas, agora, você está passando dos limites! Isso que está querendo fazer é invasão de privacidade! Não sei se sabe, mas é crime! Sou uma advogada respeitada! Não posso fazer uma coisa como essa! Tenho uma vida toda de trabalho e um nome para zelar!

Desculpe, mas nisso não vou te acompanhar!

— Não sei se é crime, mas preciso saber a verdade! Não existirá perigo algum! Daremos um nome falso! Ninguém vai desconfiar! Preciso da sua ajuda, não poderei fazer sozinha e não tenho mais ninguém em que possa confiar! Me ajude! Prometo que essa vai ser a última coisa que vou te pedir, Marilda...

Disse essas últimas palavras chorando. Estava realmente desesperada, precisando de uma resposta. Marilda, novamente procurando entender a situação da amiga, disse:

— Sei que é uma loucura, que se formos pegas estarei em maus lençóis, mas está bem. Vou te ajudar. Mas, por favor, não me venha mais com idéias loucas!

— Obrigada! Sabia que você entenderia! Não se preocupe. Ninguém vai desconfiar, sabe que preciso descobrir a verdade...

— Está bem, espero não estar fazendo uma loucura.

Chegaram na rua onde Fernanda morava. Marilda não quis entrar ; além de ter muito para fazer, queria ir para casa e ficar sozinha para poder pensar em tudo que estava acontecendo. Fernanda deu um beijo no rosto dela e desceu. Marilda acenou, deu partida no carro e foi embora.

Estacionou o carro na garagem e entrou em casa. Ao passar pela copa, viu a mesa colocada para o jantar. Sabia que a comida deveria estar sobre o fogão e que precisaria somente aquecer. Foi para o seu quarto e resolveu tomar um banho antes do jantar. Estava cansada e preocupada com Fernanda e suas atitudes. Sabia que o que ela pretendia fazer era algo perigoso. Mas era sua amiga, precisava ajudar. Tomou banho, jantou e foi se deitar. Tentou assistir televisão, mas não conseguiu; o que queria mesmo era dormir.

Adormeceu e não passou muito bem naquela noite. Sonhou muito e acordou várias vezes.

Acordou com o telefone tocando. Olhou para o relógio, não eram nem oito horas, atendeu amuada.

— Alô!

— Alô, bom dia! Dormiu bem?

— Bom dia, Fernanda, não dormi muito bem. Não acha que é ainda muito cedo? Eu pretendia dormir mais um pouco...

— Desculpe, mas eu também não consegui dormir bem. Precisamos ir cedo à casa dela, logo depois que ela sair para o trabalho.

Antes do almoço estaremos de volta e poderá descansar. Prometo que esta vai ser a última coisa que vou te pedir.

— Está bem. Vou tomar um banho e o café, irei em seguida.

— Estou te esperando!

Marilda colocou o telefone no gancho. Abraçou o travesseiro e tentou dormir novamente, mas não conseguiu. Sabia que, assim que despertava, precisava levantar. Já fazia parte da sua natureza, não conseguia ficar na cama. Levantou, vestiu-se e foi para a copa. Como Renata ainda não havia chegado, ela mesma preparou seu café, tomou e saiu.

Assim que Marilda chegou na casa de Fernanda e estacionou o carro, percebeu que ela estava olhando pela janela e que saiu imediatamente. Trazia na mão uma prancheta com um papel em branco. Fernanda estava bem vestida, porém discreta. Parecia mesmo uma executiva. Talvez até uma empresária. Diferente daquela Fernanda que Marilda havia encontrado nos últimos dias.

— Ainda bem que chegou, Marilda. Estou ansiosa para descobrir tudo. Está pronta?

— Pronta não estou, pois sei que estamos fazendo uma bobagem. Mas, tudo bem, vamos.

Chegaram na rua em que Luciana morava, estacionaram na esquina e desceram. A rua estava deserta, tocaram a campainha da casa vizinha à de Luciana. Uma senhora apareceu na janela.

— Bom dia — disse Fernanda, sorrindo —, estamos fazendo uma pesquisa, a senhora poderia nos atender?

A senhora, vendo que eram duas senhoras distintas e bem vestidas, sorriu e fez um sinal com a mão, dizendo que esperassem. Enquanto esperavam, olharam por cima do muro que separava as duas casas e viram uma senhora que brincava com o menino, que ainda permanecia na cadeira de rodas. A senhora da casa que haviam chamado se aproximou:

— Bom dia, em que posso ajudá-las, senhoras?

— Bom dia. Pretendemos montar uma escolinha para crianças, por isso estamos fazendo uma pesquisa para saber quantas crianças moram no bairro — disse Fernanda.

— Não sei, pois moro há pouco tempo aqui e não tenho mais crianças; as minhas já estão todas crescidas.

— Está bem, obrigada pela atenção.

— Não tem de quê. Espero que venham para cá.

— Também esperamos. Obrigada mais uma vez. Elas foram para a casa vizinha, onde estava a senhora.

— Bom dia — disse Fernanda, sorrindo.

— Bom dia, se as senhoras vieram para falar sobre religião, preciso dizer que sou espírita. Tenho minha opinião formada e não gosto de discutir sobre nada, muito menos sobre religião.

— Não se trata disso. Não vamos falar sobre religião. Pretendemos montar uma escolinha para crianças pequenas e, por isso, estamos fazendo uma pesquisa. Precisamos saber quantas crianças tem no bairro, se há interesse dos pais e suas condições financeiras. Assim saberemos quanto poderemos cobrar. Estou vendo que a senhora tem um lindo menino!

— Ele é lindo, sim, mas não é meu filho, é meu neto.

— Desculpe senhora, mas já é quase meio-dia, estamos na rua desde de manhã, poderia deixar que usássemos o seu banheiro?

A senhora olhou-as de cima a baixo, sorriu dizendo:

— Posso, sim, já ia entrar. Está na hora de eu dar o almoço para o Bruno. Um momento, que vou buscar a chave do portão.

Ela voltou para dentro da casa. Marilda olhou para Fernanda não acreditando que ela estivesse fazendo aquilo. Parecia que tudo que dizia era verdade. Tanto que até ela mesma, Marilda, estava acreditando. Fernanda piscou um olho, num sinal de vitória. Marilda balançou a cabeça e sorriu.

A senhora voltou logo em seguida trazendo nas mãos um molho de chaves, escolheu uma. Abriu o portão e permitiu que elas entrassem. Depois, empurrou a cadeira de rodas.

— O banheiro fica ali naquela porta do corredor — disse assim que entraram na sala —, pode usar à vontade.

— Marilda, vá você primeiro, está mais apertada que eu! Enquanto isso vou fazendo a pesquisa.

— Está bem. Mas não podemos nos demorar muito. Acho que já pesquisamos o suficiente.

Fernanda apenas sorriu. Enquanto Marilda entrava no banheiro, ela perguntou.

— Ele está na cadeira de rodas, qual é a idade dele?

— Ele vai fazer quatro anos. Nasceu com um defeito no pé direito, já fez várias operações e ainda vai precisar de muitas, mas, se Deus quiser, ele ainda vai ficar bom e correndo por aí!

— Sinto muito. Ele é muito bonito, com certeza andará sim! A mãe dele está? O pai trabalha no quê?

— A minha filha foi trabalhar em uma empresa, onde conheceu o pai dele. Começaram a namorar. Eu e o meu marido não gostávamos dele, porque sabíamos que ele não gostava de trabalhar, mais minha filha gostava dele, engravidou, se casaram. Logo depois que o menino nasceu, o meu genro viu que teria muito trabalho para cuidar do Bruno, então ele desapareceu e nós nunca mais soubemos dele. Tenho mais um filho, que trabalha em um hospital. Ele é enfermeiro e muito querido pelo médico que é ortopedista e dono do hospital. Assim que o Bruno nasceu, o meu filho conversou com ele. Depois minha filha levou o Bruno para que fosse consultado. O médico disse que cuidaria de todo o tratamento e que não cobraria nada. Foi a nossa sorte, pois, se não fosse esse médico, não teríamos como pagar o tratamento.

— A sua filha não se casou novamente?

— Não, ela se dedica totalmente ao filho. Ficou muito tempo sem trabalho. Nós frequentamos uma casa espírita, pedimos muito e, graças a Deus, ela encontrou um trabalho que, além de pagar muito bem, também tem um bom ambiente. Ela está muito feliz e nós também. Há coisa de seis meses, ela conheceu, lá na casa espírita, um rapaz. Eles estão namorando e parece que se gostam e nós gostamos dele, pois é trabalhador e estudioso. Parece gostar muito dela e do Bruno, também. Queira Deus que dê certo. Nossa! Como fui contar tudo isso para a senhora? Talvez seja porque me pareceu ser uma pessoa confiável.

— Não se preocupe com isso. Sempre acontece, as pessoas confiam em mim. Fico feliz por ver que tudo está caminhando bem e, com certeza, esse lindo menino ficará bom.

Marilda, ao sair do banheiro, ouviu parte da conversa.

— Fernanda — Marilda disse constrangida — você não vai ao banheiro? Está tarde, precisamos ir. A senhora tem que dar o almoço para o Bruno.

— Vou, sim, acho que já terminamos a pesquisa. So falta uma pergunta. A senhora gostaria que aqui no bairro tivesse uma escolinha para crianças pequenas, assim como o Bruno?

— Para o Bruno não vai adiantar. Também, este bairro é velho, todos os vizinhos têm mais ou menos a minha idade. As crianças que nasceram aqui já estão adultas. Tem uma ou outra que os avós cuidam, mas não são muitos.

— Pelas entrevistas que fizemos, já percebemos isso. Acho que vamos ter que escolher outro bairro, mas de qualquer maneira foi bom ter conhecido a senhora. Espero, de coração, que tudo caminhe bem e que a sua filha, desta vez, tenha sorte com esse rapaz — olhou para Marilda e disse — Depois que eu voltar do banheiro, vamos embora?

— Vamos, sim, Fernanda, estou cansada. Assim que Fernanda voltou do banheiro, disse:

— Até logo, senhora. Obrigada por tudo.

— Não tem de quê. Fiquei feliz em receber as duas aqui na minha casa. Deus as acompanhe.

Fernanda sorriu. A senhora acompanhou-as até o portão. Entraram no carro.

— Marilda, eu deveria estar feliz por ela não ser a culpada, mas não estou...

— Por que não?

— Se não é ela, quem é?

— Não sei. Mas viu como você poderia, sem querer, ter julgado e prejudicado uma pessoa simplesmente por um mal entendido? A Luciana, embora bonita, tem uma história de desenganos e sofrimentos. É uma boa moça, que trabalha e vive para o filho doente. Pensar que você quase mandou que aquele homem fizesse um trabalho de macumba contra ela.

— Tem razão. Como o julgamento é perigoso. Bem, não foi por causa dela que Antero me abandonou. Me penitencio por isso, mas e agora? O que vamos fazer para descobrir quem é a outra? O que posso fazer é continuar vigiando o Antero, a qualquer hora ele terá que se encontrar com a outra, e aí eu saberei.

— Fernanda! — disse Marilda, com a voz firme e alta. — Você tem que parar com isso! Já está se tornando uma doença! Do que vai adiantar descobrir quem é a outra? Vai fazer o quê? Matá-la ou voltar naquele homem e pedir que ele faça um "trabalho"? Antero foi embora e deixou bem claro que não voltará mais! Você não tem o que fazer contra isso! Repense sua vida! Veja o que fez dela. Enquanto viveu com Antero, não estudou, não

trabalhou e não se realizou como pessoa! Agora, tem a chance de recomeçar! De ser alguém!

— Como recomeçar? Estou quase com cinquenta anos! Como encontrar um trabalho e ser alguém? Não sou ninguém! Sou um nada! Minha vida sempre foi ao lado dele, por isso não sei viver sem ele, sozinha! Preciso continuar procurando! Preciso saber por quem ele me trocou! Quando descobrir, não sei o que farei, mas preciso saber! Será que você não consegue entender?

Fernanda, enquanto dizia isso, chorava desesperada. Estava sem rumo, sem saber o que fazer com a vida.

— Estou procurando te entender, sim! Se assim não fosse, eu não estaria aqui! Mas estou vendo você se consumir! Você está aí, se desvalorizando, sofrendo por alguém que não te merece! Não é tão velha assim! Tem seu valor! Com certeza encontrará algo para fazer! Algo que te preencha e, quem sabe, até um outro alguém. Muitas pessoas começaram suas vidas depois dos cinquenta e até mais! O que não pode é parar com a sua vida! Tem que reagir, está com a sua auto-estima muito baixa! O que é isso? Foi sempre tão decidida! Precisa reagir!

— Não sei como reagir. Não sei o que fazer...

— Vou viajar, só te peço que espere a minha volta, antes disso não faça nada. Quando voltar, encontraremos uma solução, quem sabe poderá vir trabalhar no meu escritório.

— Te agradeço, mas não sei o que fazer em um escritório.

— Encontraremos algo que goste. Preciso de alguém para organizar os meus papéis, ir ao banco e ao fórum.

— É trabalho para um jovem, não para uma velha!

— O que está dizendo não é verdade! Tem algumas coisas que eu só entregaria nas mãos de alguém em que eu confiasse. Você é essa pessoa. Mas está bem. Estou indo viajar, por enquanto não tenho o que fazer. Só quero que prometa que vai esperar minha volta e que não fará nada antes disso. Promete?

—Prometo disse Fernanda,sem muita convicção. Marilda sorriu, levou Fernanda para casa e depois foi para a sua. Outro dia de aventura havia se passado.

Tudo está sempre certo

Finalmente, o dia da viagem chegou. Marilda embarcaria só à noite, por isso passou o dia com Fernanda fazendo as últimas compras e indo ao cabeleireiro. Queria estar bonita. Afinal, ela ia realizar o sonho da sua vida, conhecer a Europa e principalmente a Itália.

Fernanda a acompanhou até o aeroporto, dizendo que atenderia o seu conselho, não seguiria Antero e esperaria que ela voltasse. Fernanda sabia que só assim Marilda viajaria tranquila. Ela estava mentindo, Marilda sabia, mas fingia acreditar.

Assim que Marilda embarcou, Fernanda foi para a frente do prédio onde Antero morava. Ficou lá por muito tempo, não conseguia ver se o carro dele estava na garagem. Foi para casa e nos dias seguintes o seguiu por toda parte. Durante a tarde e, em algumas manhãs, ficava em frente ao escritório. Sempre que ele saía, Fernanda o seguia, mas ele seguia sempre a mesma rotina: saía ora com o Flávio, ora sozinho. Segundo ela, tudo para despistar. Ela tinha certeza de que Antero sabia que estava sendo seguido por ela. Luciana saía sempre sozinha e, apressada, ia para o ponto do ônibus. Outras vezes, Fernanda ia pela manhã: parava o carro em frente ao apartamento e esperava ele sair, para ver se saía acompanhado. Mas era em vão, ele sempre saía sozinho, pois Flávio saía mais cedo. Ela voltava para casa.

Marilda fingiu acreditar quando ela disse que não o vigiaria. Estava muito feliz com a sua viagem e não queria se preocupar com outra coisa que não fosse ela e realizar o seu sonho.

Finalmente, o avião aterrizou em Roma. Marilda desceu emocionada por estar naquela terra que, um dia, fora de seus antepassados. A confusão do aeroporto era imensa. O guia da excursão mostrou a todos as esteiras onde deveriam apanhar suas malas. Marilda ficou olhando, esperando as suas malas, mas elas não chegaram. As pessoas que a acompanhavam estavam aflitas, querendo ir embora, pois queriam aproveitar todos os momentos, mas não poderiam sair do aeroporto enquanto suas malas não fossem encontradas. Após notar que as malas haviam se extraviado, o guia da excursão, acompanhado por Marilda, foi até o setor de bagagem e lá ela teve que descrever a cor, tamanho e o que tinha dentro das malas. Marilda descreveu da maneira que lembrava, pois havia colocado muita coisa e não se lembrava de tudo. A pessoa que os estava atendendo tomou nota de tudo e disse que a companhia mandaria entregar as malas no hotel, e assim todos poderiam ir embora. Marilda estava nervosa, pois queria chegar ao hotel, tomar um banho e trocar de roupas, mas não tinha nenhuma. De acordo com o empregado da companhia, levaria mais ou menos vinte e quatro horas para que eles entregassem as malas e que ela seria ressarcida dos prejuízos. Assim que entrou no quarto, ficou deslumbrada com a beleza. Marilda preferiu pagar um pouco mais e ficar sozinha. Não queria dormir com outra pessoa que não conhecia. Parou diante de um espelho e se olhou:

"A viagem foi longa e não estou gostando deste começo. Será que só terei contrariedades? Esta roupa está toda amassada, preciso de um banho, mas não tenho roupas para trocar. Preciso comprar algumas. Se eu tivesse uma companheira de quarto, talvez ela me ajudasse nesta hora. Não, foi melhor assim, como dormir com uma estranha?"

Saiu do quarto e foi em busca do guia da excursão, ele teria que ajudá-la. Afinal, o pacote de viagem que comprou foi um dos mais caros. Ela não conhecia nada e, ainda, tinha a barreira do idioma. Se fosse no Brasil, não haveria problema, sairia e compraria roupas em qualquer lugar, mas ali? Aonde poderia ir?

— A senhora tem razão por estar nervosa — disse o guia preocupado — mas deve convir que não foi culpa nossa. Essas coisas acontecem todos os dias.

— Mas teria que ser logo comigo? Preciso de roupas, pelo menos algumas, para uns dois dias, ou até que a companhia traga as minhas malas. Não sei aonde ir para comprar!

— Agora, não posso sair daqui. Estou instalando as outras pessoas, mas, se quiser, basta seguir a calçada do hotel por dois quarteirões. Ali tem um shopping muito grande, tenho certeza que encontrará algo que lhe agrade. A senhora trouxe lira?

— Não, somente dólares, pensei em trocar o dinheiro em cada país que fôssemos. Achei que seria melhor, pelo visto não é. Estou sem saber o que fazer...

— Não se preocupe, aqui no hotel eles trocam. Fale com aquela mocinha que está ali naquele balcão.

Contrariada, mas não tendo opção, ela se dirigiu ao balcão. Como aquele hotel era visitado por muitos turistas brasileiros, a recepcionista falava português. Marilda trocou cem dólares e saiu. Caminhou pela calçada, olhou algumas vitrines, mas estava nervosa e preocupada.

"Esperei tanto por esta viagem para ter uma contrariedade logo no primeiro dia! Que coisa desagradável!

Chegou em frente ao shopping, que parecia ser grande, e entrou. Caminhou pelos corredores, foi olhando as vitrines, mas não encontrou nenhuma roupa que lhe chamasse a atenção. As roupas eram estranhas, diferentes daquelas que estava acostumada a usar, mas sabia que não teria opção. Teria que procurar mais um pouco e depois compraria qualquer uma. O que precisava realmente era de um banho e trocar aquela roupa. Ao passar por uma vitrine, parou.

Havia algumas calças que pareciam ter um bom corte, entrou. Uma vendedora se aproximou sorridente, falou em italiano:

— Posso lhe ajudar?

Marilda não entendeu, sorriu e mostrou algumas calças, que a vendedora apanhou e lhe mostrou o provador. Marilda entrou, fechou a cortina e vestiu uma atrás da outra. Escolheu três delas, saiu e entregou para a vendedora. Em seguida, caminhou pela loja procurando algumas blusas. Encontrou, tornou a mostrar para a vendedora, que as apanhou e a encaminhou novamente ao provador. Assim como aconteceu com as calças, ela escolheu três que combinavam. Estava no começo do inverno, por isso não comprou nada muito quente. Saiu e entregou-as para a vendedora, que fez sinal para que ela a acompanhasse até o caixa. Ali, as coisas se complicaram. A moça lhe deu um valor, mas ela não conhecia o dinheiro, estava toda atrapalhada. Foi quando ouviu uma voz de homem:

— Posso lhe ajudar? Estou vendo que está encontrando dificuldades com o dinheiro.

Ela se voltou e disse feliz:

— O senhor é brasileiro, que bom! Estou, sim, um pouco atrapalhada.

— Não tem importância, me dê o dinheiro.

Ela lhe deu o dinheiro, ele falou com a caixa, depois se voltou para Marilda, dizendo:

— Este dinheiro não vai dar, precisa de mais.

— Não tenho, só troquei esse no hotel. Acabei de chegar do Brasil e as minhas malas foram extraviadas.

— Não se preocupe, pagarei o que está faltando. Depois a

acompanharei até o hotel e poderá me devolver.

— Estou constrangida com esta situação, mas se fizer isso ficarei muito grata.

Ele apenas sorriu, pagou a conta dela e a dele, pegaram os pacotes e saíram.

Caminhavam pelo corredor, quando ela lembrou de algo e ficou prestando mais atenção nas vitrines. Parou diante de uma; nela estavam em exposição roupas íntimas.

— As minhas malas extraviaram — disse. — Sinto muito, mas preciso entrar nesta loja. Desculpe, mas é necessário...

— Quer que te ajude a escolher? — ele disse sorrindo.

— Não! Pode deixar que escolho sozinha, só preciso que me empreste mais algum dinheiro. Mas não se preocupe, assim que chegarmos no hotel devolverei tudo.

— Você é quem não precisa se preocupar. Pode escolher a roupa que quiser, ficarei esperando junto ao caixa.

Entraram, ela rapidamente escolheu as roupas íntimas. Ele pagou e saíram. Enquanto caminhavam, ele disse:

— Nem nos apresentamos. Meu nome é Júlio, sou cardiologista e moro em São Paulo, estive participando de um congresso que terminou ontem. Por sorte, hoje, resolvi passar aqui e comprar uma gravata que havia visto e gostado. Vou embarcar hoje à noite para o Brasil.

— Muito prazer, meu nome é Marilda, sou advogada e também moro em São Paulo. Estou fazendo uma excursão para conhecer o Velho Mundo, mas parece que não comecei bem.

— Claro que começou! Nos conhecemos! Estou muito feliz por isso. Acredito que estejamos iniciando uma amizade!

Marilda ficou um pouco constrangida pela maneira como ele falou. Ele percebeu seu constrangimento e tentou consertar:

—Desculpe, mas você não me parece estranha e fiquei feliz quando a vi. Será que não nos conhecemos de algum lugar?

Ela percebeu que quem estava constrangido, agora, era ele.

—É pouco provável; embora meu pai tenha sido médico, nunca frequentei os mesmos lugares que os médicos frequentam e, graças a Deus, precisei muito pouco deles.

—Bem, eu também não frequento muito os lugares dos advogados e, também, graças a Deus, não precisei muito deles.

Os dois riram e continuaram andando.

"Também parece que já o conheço, mas não consigo lembrar de onde poderia ter sido" pensou, intrigada. "Ele é muito bonito! Deve ter mais ou menos trinta e oito ou trinta e nove anos. Seus cabelos estão levemente grisalhos, o que lhe dá um charme especial, seus olhos e sorrisos são lindos! Nunca homem algum me chamou a atenção como está acontecendo agora! De onde será que o conheço?"

Embora pensasse tudo isso, tentou disfarçar o seu entusiasmo. Chegaram ao hotel, que por essas coisas do destino era o mesmo em que ele estava hospedado. Ela foi em direção à recepcionista, trocou mais dinheiro e deu a Júlio.

— Não sei como lhe agradecer. Sem a sua ajuda, eu estaria até agora tentando me explicar à caixa da loja e provavelmente não teria comprado as minhas roupas.

— O que é isso? Eu estava lá e foi um prazer. Mas agora está me devendo um favor! Que tal almoçarmos juntos para pagar? É o mínimo que posso cobrar..

— Bem... eu não sei... hoje pela manhã fomos liberados, o guia não nos levará a lugar algum. Ele disse que é para que possamos nos instalar, mas... está bem, almoçaremos juntos.

Ele sorriu, olhou para o relógio e disse:

— São dez e trinta, creio que logo estaremos com fome; que tal passearmos por aí até a hora do almoço? Conheço bem a cidade e poderei te levar a algum lugar agradável.

Ela pensou um pouco, não conhecia aquele homem, mas ele lhe pareceu sincero e com certeza era agradável.

— Está bem, só que terá que esperar um pouco. Preciso de um banho e trocar estas roupas, estou horrível!

— Para mim, está divina! Mas, se preferir, eu espero.

Ela sorriu com o elogio. Júlio a acompanhou até o elevador. Enquanto o elevador subia, ela pensava:

"O que está acontecendo? Como posso sair com um homem que acabo de conhecer, que nem sei direito quem é? Eu, que sempre fui tão comedida, que sempre escolhi as minhas companhias! Bem, já que estou em um país estranho e com pessoas estranhas, vou arriscar, vamos ver até onde isso vai."

Tomou seu banho, trocou sua roupa, colocou uma calça cinza-claro

e uma blusa azul-claro e se olhou no espelho:

"Apesar de ter quase cinquenta anos, não estou tão mal assim. Meu corpo é perfeito, embora tenha algumas gordurinhas a mais. Estou muito bem e o meu rosto não está muito enrugado.

Que é isso, dona Marilda, está mesmo impressionada com ele! Não vá se envolver! Está muito bem sozinha! Olhe o que aconteceu com a Fernanda e com tantas outras que conhece! Não está querendo passar pela mesma situação".

Sorriu e continuou pensando.

"Não vou me envolver, vou apenas aproveitar a minha viagem, procurar tirar dela o melhor proveito!"

Passou uma escova nos cabelos, fez uma suave maquiagem e desceu. Assim que a porta do elevador se abriu, ele, que estava sentado em uma poltrona, foi ao seu encontro e disse admirado:

— Você está muito bonita! Essa roupa lhe caiu muito bem!

— Também gostei, embora sejam diferentes das que costumo usar. Sempre me visto com roupas de cores escuras. Nem lembro da última vez em que vesti uma roupa clara.

— Pois deveria usá-las mais, está muito bonita!

— Bondade sua, uma mulher com quase cinquenta anos dificilmente pode ficar bonita...

— Quem disse isso? Eu nem imaginava que já tivesse essa idade, está muito bem.

Marilda sorriu. Ele era realmente um galanteador, estava fazendo um jogo e ela resolveu jogar. Júlio quis pegar o carro que havia alugado e estava no estacionamento do shopping, mas Marilda

preferiu caminhar. Caminharam um pouco, estava frio. Resolveram entrar em um restaurante. Marilda se admirou com a sobriedade e luxo do lugar. Comeram, tomaram vinho, ela não sabia dizer o porquê, mas estava feliz. Conversaram sobre muitas coisas, entre elas o Brasil, que era muito amado pelos dois. Ela tentou falar sobre o trabalho dele, mas ele respondeu:

— Não quero falar sobre doenças ou doentes. Estes momentos estão sendo muito importantes. Vamos falar de você, tem marido, filhos?

— Não, não tenho marido ou filhos, nunca me casei.

— Por quê? É uma mulher linda!

— Não sei, talvez porque não tenha encontrado alguém em quem pudesse confiar. Mas e você, é casado, tem filhos?

— Sou viúvo, minha esposa morreu faz cinco anos e tenho dois filhos. Meu filho, Rafael, está com quinze anos. Minha filha, Tatiana, tinha oito anos quando a mãe morreu. Moramos em uma casa, perto do hospital, onde trabalho.

— Sinto muito por sua esposa, ela deve ter morrido jovem.

— Morreu, sim. O que mais me irrita quando penso sobre isso é que, como médico, não consegui salvá-la. Fiz todo o possível, mas foi em vão. Ela se foi e me deixou sozinho, eu a amava muito.

— Não se casou novamente?

— Não, não quero passar por tudo aquilo outra vez, não suportaria ver alguém de quem gosto sofrer da maneira como ela sofreu e depois morrer. Prefiro me dedicar ao trabalho. Vivo participando de congressos, quero saber sempre mais para

poder usar com os meus pacientes. Mas... vamos mudar de assunto? Estamos aqui, em um lugar distante, e não quero pensar em coisas tristes. Vamos aproveitar este nosso encontro. Bendita foi a hora em que as suas malas foram extraviadas, pois, se assim não fosse, não teríamos nos encontrado.

— Tem razão, e eu fiquei tão nervosa!

— Aprendi com a vida que é sempre assim: não temos paciência para nada. Sempre que nos acontece algo ruim, nos revoltamos. Mas, na maioria das vezes, é sempre para o melhor.

— Preciso concordar com você, mas já terminamos de comer, o que faremos agora?

— Podemos pegar o carro e irmos até o Coliseu.

— Gostaria muito, pois sempre tive vontade de conhecer o Coliseu. Mas esse passeio consta do programa da excursão...

— Iremos agora e depois poderá ir com a excursão. Voltaram ao shopping, pegaram o carro e foram até o Coliseu, onde Marilda se emocionou ao pensar que ali, naquele lugar, muitos cristãos foram devorados pelos leões. Já vira aquele cenário muitas vezes, em filmes. Mas estar ali lhe dava uma emoção jamais sentida. Júlio, que já estivera ali muitas vezes, lhe mostrava tudo e falava sem parar. Ela ia se encantando com tudo e principalmente com ele. Assim que viram tudo, resolveram voltar para o hotel. Já eram quase seis horas da tarde e ele precisava ir para o aeroporto. Pegaram o carro e retornaram. Em dado momento ele, parecendo feliz, disse:

— Estou pensando. Não preciso voltar hoje, quinta-feira. Posso ficar até domingo e embarcar à noite. Chegarei no Brasil na segunda pela manhã. Não tenho consultas agendadas antes disso. Sempre que vou a algum congresso, peço à minha secretária que não marque consultas até eu lhe telefonar, avisando que estou voltando. Só preciso ir à companhia aérea e trocar o meu bilhete. Você me acompanha?

— Claro que sim, mas não estou entendendo.

— Eu estava pronto para ir embora, mas agora que te conheci e vi a sua emoção ao visitar o Coliseu, quero ficar um pouco mais de tempo com você. Já estive aqui na Itália várias vezes. Conheço tudo e posso ser o seu cicerone. Podemos ir de trem até Veneza. Fica distante daqui, mais ou menos cinco horas, e antes poderemos

passar por Florença. Garanto que vai adorar, são cidades lindas como jamais viu. Ao pisar em cada uma delas, parece que estamos nos tempos da Idade Média. Existem castelos medievais, catedrais riquíssimas e monumentos famosos. Tenho certeza de que vai adorar. Você comunica o seu guia que só voltará no domingo, para que ele não se preocupe, e assim poderemos viajar tranquilos. Dormiremos em hotéis.

—Espere! Você está indo rápido demais! Não posso simplesmente abandonar a excursão e seguir um homem que mal conheço, dormir com ele em um hotel e segui-lo em uma maratona como essa, principalmente em um país estranho!

Ela estava atônita e assustada. Ele percebeu.

—Desculpe, mas sou assim. Você tem razão, mas não sei como explicar. Logo que te vi, fiquei feliz. Senti que já te conhecia. Fazia muito tempo que não me sentia assim. Falei depressa. Talvez, não tenha me explicado bem. Sei que posso te mostrar muitas das belezas deste país. Quando disse em dormirmos em um hotel, não quis dizer dormirmos juntos. Sei que, para isso, é cedo demais, apenas quero aproveitar a sua companhia e voltar a lugares que já visitei e gostei muito. Por parecer te conhecer há muito tempo, falei como se isso fosse verdade. Pode ficar tranquila. Não vou te raptar ou assassinar, só quero a sua companhia, nada além disso. Olhe aqui os meus documentos — tirou do bolso uma carteira de documentos — sou mesmo médico, moro em São Paulo, trabalho em um hospital o tenho o meu consultório.

Marilda estava assustada, não sabia o que dizer. Nunca em sua vida havia estado em uma situação como aquela. Fazia muito tempo que não tinha um relacionamento e, agora, aquilo estava acontecendo. Achava Júlio bonito, interessante e uma companhia agradável, mas daí a sair com ele para uma aventura daquela? Ficou calada. Ele, sorrindo e constrangido, disse:

— Está bem, você tem razão. Desculpe. Vamos voltar para o hotel, jantaremos e embarco hoje para o Brasil. Quando você voltar, me telefone, nos encontraremos e aí, quem sabe, você poderá confiar em mim.

— Acho que será o melhor a fazer. Preciso pensar, não sou mais uma criança para me deixar levar pelo entusiasmo. Vamos deixar para quando eu voltar para o Brasil.

—Desculpe, mais uma vez tem razão; mas é que passei a minha vida toda estudando, nunca tive tempo para fazer o que gostava. Quando me formei médico, que foi o meu sonho desde criança, fui trabalhar como interno em um hospital. Meu pai morreu de um enfarte. Fiquei triste, mas, como ele já era idoso, a sua morte, embora tenha me abalado, fazia parte da vida. Aí sim, resolvi estudar mais e me tornar um cardiologista, pois pensava que, se eu fosse cardiologista, poderia ter evitado a morte dele. Continuei estudando, nunca fiquei muito ao lado da minha esposa e dos meus filhos. Passava muito pouco tempo em casa e, quando estava lá, estava também muito cansado para sair, me divertir e até mesmo conversar. Quando a minha esposa morreu, percebi como havia sido inútil tudo que eu havia aprendido, pois não consegui ajudá-la. Do que adiantou eu ter estudado tanto, se, na hora em que mais precisei, de nada serviu? Meu pai era idoso, mas ela não! Era jovem, bonita e tinha dois filhos! Fiquei revoltado com a vida e com tudo! Abandonei o hospital, consultório e clientes, me isolei do mundo, pois percebi que nada na vida importava, já que, a qualquer momento, poderia morrer e ficaria tudo aqui. Eu amava muito a minha esposa e só queria ir para junto dela, nada mais. Entreguei meus filhos para a minha mãe, que, depois da morte do meu pai, veio morar conosco. Peguei uma mochila e saí pelo mundo. Fiquei mais de um ano andando sem destino. Eu tinha dinheiro e podia me dar ao luxo de fazer isso. Mas, para onde eu fosse, não adiantava, uma tristeza imensa me perseguia. Sozinho, viajei muito e tive tempo para pensar em toda a minha vida até que, um dia,

resolvi voltar para a minha casa. Tentei retomar o meu trabalho, mas não era fácil, pois aquela tristeza, aquele sentimento de impotência, me acompanhava. Assim que cheguei, ao ver as crianças, notei que elas estavam bem, pareciam as mesmas de antes. Eu não entendia. A mãe delas havia morrido, como puderam continuar a vida daquela maneira, como se nada tivesse acontecido? Elas falavam da mãe como se ela não tivesse morrido, como se ela ainda estivesse ali. Eu não entendia aquele comportamento.

— Mamãe — perguntei intrigado — as crianças não gostavam da mãe?

— Claro que sim, mas por que está me perguntando isso?

— Elas parecem que não estão sentindo a morte dela. Falam dela como se a qualquer momento pudessem vê-la. Não estou entendendo. Poderia me explicar? " Minha mãe começou a rir.

— Mas é isso mesmo o que elas pensam.

— Como assim?

— Quando a Isaura morreu e você foi embora, esta casa se transformou. Tudo pareceu perder o sentido. Cada um de nós tentava retomar a vida, mas a tristeza era muito grande. Todas as noites, do meu quarto, ouvia as crianças chorando. Não sabia o que fazer para ajudá-las, pois eu também estava muito triste. Isso durou mais de dois meses. Eu rezava muito, pedia ajuda, mas não adiantava. Não conseguia fazer as crianças serem felizes como antes, até que um dia, Lia, aquela minha amiga de muitos anos, veio me visitar. Ela veio em uma tarde. As crianças já haviam voltado

da escola. Fiquei feliz com a sua visita, conversamos sobre tudo, mas não sobre Isaura. Desde que ela havia morrido, eu evitava falar dela e as crianças também. Quando coloquei a mesa para servir o lanche, as crianças sentaram-se ao nosso lado. Começamos a comer. Lia tentou conversar com as crianças, mas elas não tinham o que dizer. Lia não se deu por vencida e disse:

— Isaura está aqui.

Olhamos para ela achando que estava delirando.

— O que você está dizendo? — perguntei intrigada. — Isaura morreu!

— Sei disso. O corpo dela morreu; terminou, mas o espírito continua mais vivo do que nunca.

— Ah, esqueci que você é espírita. Desculpe, mas não acredito nisso.

— Eu sei, Rosa, mas isso não pode impedir que eu acredite e que a veja, aqui, neste momento.

— Pare com isso! Você está assustando as crianças.

Realmente, as crianças olhavam para ela com os olhos arregalados; sem mudar o tom de voz, ela disse:

— Crianças, não precisam se assustar. O que está acontecendo aqui é maravilhoso. A mãe de vocês está aqui, veio visitá-los e está muito feliz. Ela está pedindo para eu dizer que já não sente mais dor e que está aprendendo muito. Está pedindo para te dizer, Tatiana, que não precisa chorar todas as noites, pois ela está sempre com você e que não pode continuar apertando tanto a sua boneca quando vai dormir, porque ela pode morrer sufocada. Para você, Rafael, ela está me pedindo para dizer que você não precisa se preocupar, vai tirar uma boa nota de matemática e que fará parte da equipe de natação. Disse para seguirem a vida, porque tem muita coisa boa para acontecer.

"Nós três nos olhamos, incrédulos com tudo que ela disse. Eu sabia que Tatiana chorava todas as noites, mas não sabia que ela, ainda,

dormia com a boneca. Pensava que o Rafael ia bem na escola, que não tinha problemas, mas não sabia que ele queria entrar para a equipe de natação. Ela, me olhando, continuou:

— Para você, Rosa, ela tem um recado especial, vou repetir exatamente o que ela está dizendo:

— Dona Rosa, quero agradecer por todo o carinho que esa tendo com os meus filhos e com o Júlio. Está preocupada com ele e com a sua ausência, mas não se preocupe, ele logo estará aqui. Diga para ele retornar a sua vida e que, em breve, conhecerá uma mulher com a qual será muito feliz e viverá ao seu lado pelo resto da vida. Diga que estou bem, que o meu tempo na Terra terminou, mas o dele continua. Ele tem muito a aprender e, com o seu conhecimento, ajudar as pessoas.

— E a senhora acreditou nisso? — perguntei intrigado.

— Não tinha por que não acreditar. Lia estava dizendo coisas que eu não sabia e que muito menos ela poderia saber. Que eu estava preocupada com você era óbvio, mas com as crianças nem eu mesmo sabia. De qualquer maneira, Lia se despediu, nos deixou alguns livros que havia trazido e nos convidou para irmos até a casa espírita que frequentava. Assim que ela saiu, perguntei para as crianças se aquilo que ela disse era verdade. Eles confirmaram. Li os livros e gostei. Tudo aquilo que estava escrito poderia ser verdade. Comentei com as crianças e perguntei se queriam ir comigo até a casa espírita. Elas concordaram. Começamos a frequentar duas vezes por semana. Eles frequentam as reuniões feitas especialmente para adolescentes. Daquele dia em diante, mudaram a atitude e sabem hoje que, um dia,

não importa quando, voltarão a encontrar a mãe.

— Sabe, Marilda, fiquei impressionado com tudo que a minha mãe me contou. Resolvi conhecer mais sobre tudo aquilo. Comecei a ler. Embora seja médico e acreditando só na Ciência, muitas vezes não entendi e não aceitei a morte das pessoas que, apesar da ciência, não consegui salvar. Tinha que ter uma explicação, talvez eu encontrasse ali. Encontrei naqueles livros algo que poderia ser verdade e, se fosse, seria maravilhoso. Comecei frequentar a casa espírita. A tristeza que sentia foi desaparecendo aos poucos. Hoje, não sofro mais com a ausência da Isaura, sei que ela está bem e sempre ao nosso lado. Quando te vi lá no shopping, toda atrapalhada, senti que já te conhecia. Pode até ter sido de outra encarnação, ou talvez aquela mulher que Lia disse que eu encontraria. Por isso, todo esse meu entusiasmo e a vontade de ficar ao seu lado. Foi isso que aconteceu.

Deu um beijo na testa de Marilda e sorriu. Ela estava impressionada com o que ele lhe contou. Não sabia o que dizer, tudo aquilo era muito estranho. Ela nunca havia pensado na morte daquela maneira. Sofreu muito e ainda sofria, sempre que se lembrava dos pais ou de algum amigo que havia morrido e na certeza de nunca mais vê-los. Tudo aquilo que ele contou acendeu uma chama de esperança em seu coração. Quem sabe, algum dia, em algum lugar, poderia reencontrar seus entes queridos? Pensou isso, mas, naquele momento, apenas disse:

— Tudo isso que me contou é muito bonito, não sei o que fazer. Sou um pouco descrente. Preciso pensar a respeito. Mas agora podemos voltar para o hotel? Estou com fome.

— Claro que sim, jantaremos e depois irei para o aeroporto. Assim que você chegar no Brasil, voltaremos a nos ver.

Entraram no carro e foram para o hotel. Na recepção, pegaram as chaves. O recepcionista, assim que os viu, disse:

— Senhora, a companhia aérea mandou entregar a suas malas, já estão no seu quarto.

— Que ótimo! Mas já? Estou espantada! Eles disseram que demoraria vinte e quatro horas! Eu estava preocupada, espero que esteja tudo em ordem. Ficarei muito triste se faltar algo.

— Eles sempre dizem isso para que as pessoas não fiquem curiosas, mas normalmente entregam antes. Não deve estar faltando nada, mas qualquer coisa é só comunicar à companhia.

Entregou as chaves. Júlio e Marilda foram para o elevador. Enquanto subiam, Júlio disse:

— Estou em um andar acima do seu. Não podemos nos demorar muito, preciso estar às dez horas no aeroporto. Quanto tempo acha que vai demorar para ficar pronta?

Ela olhou no relógio, respondeu:

— Em mais ou menos quarenta minutos, está bem?

— Está; é o tempo que também vou demorar para me aprontar e arrumar as minhas malas. Te vejo no saguão.

O elevador parou no andar em que Marilda deveria descer, ela acenou e desceu. Entrou no quarto e viu suas malas junto à cama.

Abriu-as e constatou que estavam em ordem. As malas estavam, mas a cabeça dela, não. Tudo estava acontecendo muito rápido. Pela manhã, quando chegou a Roma, sua única preocupação era com as malas, e agora estava ali, pensando:

"Depois de ter encontrado um homem maravilhoso como ele, que nunca imaginei que existisse, estou aqui, pela primeira vez em minha vida, sem saber o que fazer."

Começou a tirar algumas roupas de uma das malas, mas não conseguia parar de pensar:

"Ele me convidou para uma viagem que poderá ser maravilhosa, mas como aceitar?"

Com um vestido nas mãos, sentou na cama:

"Não, não posso! — continuou pensando. — Eu não o conheço! Não sei, na realidade, quem é! Mas... pareceu-me tão sincero quando me contou tudo aquilo sobre a sua vida. Ele não poderia estar mentindo, não sei o que fazer."

Escolheu um vestido azul-turquesa. Vestiu-se, fez uma maquiagem leve e se olhou no espelho:

"Estou me sentindo bonita! Essa cor de vestido realçou os meus olhos."

Desceu. Júlio a esperava no saguão. Assim que a viu se levantou e foi ao seu encontro. Sorrindo, disse:

— Você está se superando! Sempre que te vejo está mais bonita! Não sei por que ainda não me acostumei!

— Obrigada, você é mesmo um galanteador!

— Não costumo ser, mas não consigo me conter. Acho que estou

te amando mesmo!

Enquanto se encaminhavam para o restaurante, ela disse:

— Isso não pode ser verdade! Como pode dizer que me ama, acabamos de nos conhecer!

— Nesta vida, mas e em outras... Não teríamos nos conhecido e nos amado?

— Não acredito em outras vidas, uma só já é o suficiente!

Assim que entraram no restaurante, uma moça apontou a mesa em que deveriam sentar. Quando chegaram junto à mesa, Júlio afastou a cadeira para que ela sentasse.

"Este homem é demais! Ele não existe, estou sonhando!"

Sentaram-se. Ela seguiu a sugestão dele e comeram lasanha, tomaram um bom vinho e conversaram sobre vários assuntos.

— Agora preciso ir — ele disse assim que terminaram o jantar.

— Logo que chegar ao Brasil, não se esqueça de me telefonar. Fique com o meu cartão, nele tem o telefone do meu consultório.

Marilda pegou o cartão, olhou e disse:

— O seu convite para viajarmos ainda está de pé?

— Você vai aceitar? Não acredito! Claro que está, e não pode imaginar como estou feliz!

— Estive pensando: conhecer Veneza, Florença, sempre foi o meu sonho, tanto que esses lugares estão incluídos no roteiro da excursão, e só por causa disso eu a escolhi. Mas sinto que, se conhecê-los com você, aproveitarei mais. Você parece conhecer muito sobre essas cidades.

— Conheço mesmo! Vou te levar a lugares que as excursões normalmente não vão. Garanto que não vai se arrepender.

— Está bem, pensei bem e poderemos ir amanhã. Só tem uma condição.

— Qual?

— Iremos como amigos e dormiremos em quartos separados. Não o conheço o suficiente para maiores intimidades.

— Está certo. Mas agora precisamos ir rápido até o aeroporto trocar o meu bilhete para domingo. Vamos?

Ele disse isso se levantando e dando a volta para afastar a cadeira em que ela estava sentada. Ela também se levantou. Estava feliz por ele e, principalmente, por ela mesma, que pela primeira vez em sua vida estava vivendo uma aventura. Sorrindo, pensou:

"Não tenho o que perder. Estou com idade bastante para entender que, apesar de tudo, de estar bem financeiramente e tranquila com a vida, nunca, na realidade, eu a vivi realmente. Aquilo de ele dizer que a morte pode chegar a qualquer momento, embora eu sempre soubesse que era assim, nunca parei para pensar. Não sei quando vou morrer, mas agora estou viva! Ele é maravilhoso, por que não aproveitar?"

Saíram de lá e foram para o aeroporto. Júlio teve que pagar pela troca do bilhete, mas nada lhe interessava; estava feliz, como há muito tempo não estava. Ele sentia que havia conhecido a mulher da sua vida. Depois do aeroporto, ele a levou a outro restaurante, onde havia uma pista de dança. Dançaram, beberam vinho e conversaram muito.

Marilda estava feliz por tê-lo encontrado. Era quase meia noite quando chegaram de volta ao hotel. Combinaram que na manhã seguinte sairiam bem cedo. Cada um, feliz, foi para o seu quarto. Ela entrou no seu e, ao passar por um espelho que estava pendurado na parede, falou em voz alta:

— O que é isso dona Marilda? O que está fazendo? Enlouqueceu? Tem certeza que é isso mesmo que quer fazer?

Sorrindo, foi em direção à cama e se deitou. Estava um pouco perturbada com tudo aquilo que estava acontecendo, mas não podia negar, estava feliz.

"Ele é um homem atraente e inteligente. O que poderá me acontecer de mal nessa viagem? E se ele for um psicopata? Meu Deus! Eu não havia pensado nisso!"

Levantou, foi para o banheiro. Precisava pensar e, para isso, nada melhor que uma banheira cheia e quente. Ligou a torneira e colocou a banheira para encher. Voltou ao quarto, abriu novamente uma das malas, tirou uma camisola e colocou sobre a cama, mas o seu pensamento não parava:

"Não! Ele não é um psicopata, tem um sorriso franco e uns olhos lindos. Conversa muito bem e é coerente em tudo que diz. A única coisa que me preocupou um pouco foi àquela história de vidas passadas, vida após a morte e amor à primeira vista. Como pode ser isso? Como alguém pode se apaixonar por outro sem nunca tê-lo visto antes? Mas o que é isso que estou sentindo? É estranho, nunca senti antes. Por que não consigo esquecer aquele sorriso, aqueles olhos?"

Voltou para o banheiro. A banheira já estava quase cheia, pegou alguns sais, colocou dentro e, com as mãos, começou a fazer espuma. Em seguida, entrou, se ajeitou, colocou uma toalha sob a cabeça e ficou ali deitada, pensando em toda a sua vida e naquilo que estava acontecendo.

Após meia hora, levantou, tomou uma ducha e voltou para o quarto. Colocou a camisola, se deitou pensando:

"Seja tudo que Deus quiser; se ele não for um psicopata... melhor ainda! — sorriu. — Com certeza terei bons momentos nessa viagem. Agora, preciso dormir, já está passando da hora. Amanhã vou realizar um sonho, conhecer Veneza! Tomara Deus, que esse sonho seja bom."

Ajeitou o corpo na cama e a cabeça no travesseiro, fechou os olhos e adormeceu.

Pela manhã, Marilda abriu os olhos, estava ainda sonolenta. Virou-se na cama, ajeitou a cabeça, fechou os olhos novamente, mas os abriu em seguida; olhou para o relógio, sentou-se assustada:

— Meu Deus é quase seis horas! Estou atrasada!"

Correu para o banheiro, tomou um banho rápido, vestiu uma das calças e a blusa verde que havia comprado no dia anterior. Estava passando a escova nos cabelos, quando o telefone tocou.

— Alô! — atendeu.

— Alô! Bom dia! Está acordada?

— Bom dia! Estou, e quase pronta, estou descendo.

— Ótimo, estou te esperando aqui no saguão.

Desligou o telefone, olhou para o espelho. Não tinha certeza, mas achava que ia viajar no carro que Júlio havia alugado, e era esporte. Sabia que ele tinha capota, só não sabia se Júlio ia abri-la. Se isso acontecesse, seus cabelos voariam ao vento. Foi até a uma das malas que continuavam abertas perto da cama. Procurou e encontrou um lenço de cabeça que, por acaso, era verde um pouco mais claro que a blusa. Colocou sobre os cabelos e olhou para o espelho. Sorriu, dizendo em voz alta:

— Você está mesmo bonita! Bonita não, maravilhosa!

Colocou tudo que estava espalhado pelo quarto nas malas, fechou-as e desceu. Júlio, quando a viu chegando, não conseguiu disfarçar o seu encantamento e disse:

— Não quero ser repetitivo, mas você, hoje, está mais linda!

Ela apenas sorriu e pensou:

"Ele é realmente maravilhoso, não pode ser um psicopata."

Assim que chegou perto dele, disse:

— As minhas malas estão no quarto, só estou levando esta maleta com roupas para três dias. Preciso deixar avisado ao guia da excursão que só voltarei no domingo. Ontem, quando chegamos, não consegui encontrá-lo; eu sabia que ele levaria as pessoas da excursão a um passeio noturno.

— Está bem, vamos até a recepção. Preciso avisar que vou deixar o hotel agora, pois quando voltarmos irei direto para o aeroporto. Vou pedir que fechem a minha conta e que guardem as minhas malas. Para nossa viagem, também levarei só uma maleta.

Conversaram com o recepcionista. Marilda escreveu um bilhete para o guia da excursão. Pegaram as malas e saíram.

—Acho melhor que façamos essa viagem de trem, Marilda.

Alem de admirarmos melhor a paisagem, poderemos conversar sem que eu me preocupe com a direção do carro. O que acha?

— Estou em suas mãos, Júlio, sei que já veio muitas vezes até aqui e deve saber o que é melhor. Eu apenas te seguirei e sinto que não vou me arrepender.

— Sendo assim, deixe por minha conta e te garanto que não vai se arrepender mesmo! Vamos de trem!

Júlio devolveu o carro para a locadora e foram de táxi até a estação de trem. A viagem começou e Marilda foi-se maravilhando com a paisagem, que passava rápida por seus olhos; disse:

— Esta paisagem sempre fez parte dos meus sonhos. Sempre quis conhecer a Europa e, principalmente, Veneza, na Itália, que é conhecida como a terra do romance e do amor.

—Verá que realmente é. Sei que ficará encantada!

Júlio ia lhe mostrando tudo.

"Já não estou mais preocupada em estar viajando sozinha com ele", pensava. "Não sei como, mas eu tenho quase certeza que já o conheço de algum lugar, mas de onde será? Não vou mais me preocupar, só quero ficar ao seu lado e ser feliz!"

Estavam viajando há mais de duas horas.

— Estamos quase em Florença, Marilda, poderíamos nos hospedar em um hotel, passarmos o dia aqui e amanhã seguirmos

para Veneza. Florença é uma cidade muito bonita, assim que entrar nela vai pensar que está na idade média ou na tela de um cinema. O que acha?

— Tudo bem, estou em suas mãos, se achar que visitar Florença vale a pena, gostaria muito!

— Sei que vai adorar!

— Já me convenceu. Vamos visitar Florença.

O trem parou em Florença, desceram. Marilda se admirou com as construções, castelos e igrejas que via. As ruas estreitas e calçadas com pedras. Disse, emocionada:

— É realmente muito bonita!

— Não te disse?! Florença foi uma cidade importante da Idade Média. Vamos a um hotel que conheço, ele é agradável e aconchegante. Depois sairemos para que conheça tudo.

Foram para o hotel, pediram dois quartos. Depois de se acomodarem, Júlio disse:

— Agora, vamos sair. Vou te mostrar alguns lugares, como a Catedral, o Fórum, castelos, monumentos e obras de arte. Garanto que nunca viu coisa igual a não ser nos filmes. Depois iremos almoçar. Conheço uma cantina que serve uma comida maravilhosa. Quero que esta viagem seja inesquecível para você.

— Já está sendo! Claro que imaginei tudo isso, mas por mais que se imagine nunca se conseguirá chegar perto da realidade! Sabe que, andando por essas ruas, posso até ver as damas antigas caminhando com seus vestidos armados, luxuosos, e com as suas sombrinhas coloridas enfeitadas com rendas largas.

— É isso mesmo que acontece com todas as pessoas que visitam Florença pela primeira vez. Sem que se perceba, volta-se ao passado. Isso tudo parece mesmo um sonho, ou melhor, é muito mais que um sonho! Embora já tenha vindo aqui muitas vezes, sempre que volto não consigo deixar de me emocionar e me sentir deslumbrado.

Fizeram o planejado. Depois do almoço, que Marilda adorou, passearam por toda a cidade. À noite, foram a um restaurante dançante. Marilda sentia-se voar.

"Não acredito que tudo isto esteja acontecendo. Realmente é muito mais do que um dia eu sonhei. Em meus sonhos, nunca pensei em ter ao meu lado um homem maravilhoso como este! Quando eu contar para a Fernanda, ela não vai acreditar mesmo!"

Era quase meia-noite quando voltaram ao hotel. Despediram-se e cada um foi para o seu quarto. Embora, durante a dança, tivessem sentido que algo mais que uma amizade nascia, ficaram calados. Um ficou com medo que o outro não gostasse, e não queriam estragar aquela viagem e a amizade que começava e parecia ser promissora.

Na manhã seguinte, após tomarem o café, saíram do hotel. Pegaram o trem novamente e foram para Veneza, a terra do amor e do romance. Novamente, Marilda se encantou pela paisagem e se deixou levar, por aquele sonho maravilhoso.

Assim que o trem parou e eles desceram, pegaram um grande barco, que os levaria ao centro de Veneza. Júlio disse,

entusiasmado:

—Este barco leva os turistas para o centro, onde se encontra toda a parte histórica. Olhe ali! Aquele muro alto que parece um castelo é um museu e está aberto para visitação. Vou te levar até lá. Você verá a riqueza como viviam, e também os jardins, com suas arvores e uma fonte maravilhosa.

Como aconteceu desde que chegou a Roma, em Veneza, também, Marilda se encantou. Durante a viagem naquele barco, pôde ver os castelos, catedrais, pontes e os canais. Foram a um hotel conhecido de Júlio e pediram dois quartos. O hotel era pequeno, por isso ficaram em quartos no mesmo andar. Cada um em seu quarto, deixaram as malas e voltaram rápido, não queriam perder tempo. Júlio tinha muito para mostrar e Marilda para conhecer. Em seguida, saíram do hotel.

Marilda estava deslumbrada. A cidade, com suas ruas estreitas, era toda rodeada por canais, as pessoas iam e vinham em seus barcos; lá no meio, várias gôndolas com casais que pareciam apaixonados. Nelas havia o gondoleiro e outro homem que tocava violino. Marilda parou para olhar um dos casais que estava abraçado, ouvindo a suave can o. Júlio percebeu que ela estava encantada; disse:

— Não quer dar um passeio de gôndola?

— Gostaria muito!   um dos meus sonhos!

— Sei que vai gostar e poderá realizar o seu sonho. Quero que realize todos!

Marilda o seguiu sem nada dizer, estava feliz demais para falar

ou simplesmente pensar. Ele comprou os bilhetes, entraram na gôndola, que saiu mansamente e, em seguida, começou soar uma linda canção no violino. Marilda fechou os olhos para ouvir melhor o som da melodia. Júlio a abraçou. Ela se assustou, abriu os olhos e encontrou os dele. Ficaram calados, olhando-se. Ele aproximou o seu rosto do dela, que não resistiu, e beijaram-se com paixão. A princípio leve e suave, depois com calor e emoção.

Após o beijo, Marilda se afastou dizendo emocionada:

— Estou perdida...

— Não! Esse nosso encontro não foi casual, sinto que ele foi planejado no céu! Encontraríamos-nos mais cedo ou mais tarde. Estou muito feliz, e você?

—Eu também. Não sei o que estou sentindo, só sei dizer que está me fazendo muito bem. Será que isso é o amor?

—Tenho certeza que sim, pelo menos da minha parte. Agora vamos terminar o nosso passeio, depois discutiremos o que fazer. Por enquanto, aprecie a paisagem, as construções e essa música maravilhosa que está nos invadindo.

Ela, calada, encostou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos. Abriu-os novamente, olhou à sua volta para ter certeza de que estava realmente acordada, e não sonhando; pensou:

"Está feito, não tenho como negar, estou irremediavelmente apaixonada. Talvez eu vá me arrepender, mas neste momento quero viver com intensidade este amor que demorou tanto para acontecer em minha vida."

Na gôndola, os dois homens sorriram. Estavam acostumados a cenas como aquela, mas sempre se emocionavam. O que estava tocando colocou mais sentimento na música, o que fez com que ela achasse ainda mais bonita.

Assim que a gôndola parou, eles desceram abraçados e caminharam felizes. O amor os envolvia e eles aceitavam sem pensar nas consequências. Não queriam pensar em nada. Naquele momento, só interessava a felicidade que estavam sentindo. Júlio disse entusiasmado:

—Agora vamos para a Praça de São Marcos. Entraremos na igreja e você poderá apreciar a bela obra de arte que ela é. Depois, iremos até a fonte, jogaremos uma moeda e faremos um pedido; não preciso te dizer que pedido farei!

—Que pedido fará? Será o mesmo que o meu?

—Pedirei para ficar ao seu lado o resto da minha vida! Não quero me separar nunca mais de você, Marilda.

—Não vale! Era isso mesmo que eu ia pedir!

—Um pedido duplo tem muito mais força! Vamos?

Entraram na igreja. Como ele havia lhe dito, ela se encantou com a arquitetura e as obras de arte que viu. Depois foram até a fonte. Marilda começou revirar a bolsa para pegar uma moeda. Júlio, enquanto tirava algumas do bolso, disse:

— Você me dará uma moeda e eu te darei outra. Assim o desejo terá mais força para ser realizado.

Marilda, sorrindo, concordou. Antes de jogarem a moeda na fonte, ele a abraçou e beijou suavemente.

Ela estava encantada com tudo aquilo. Sentia como se fosse uma adolescente e tivesse quinze anos, quando encontra o primeiro amor. Assim que jogaram as moedas, continuaram caminhando abraçados. Chegaram junto a uma cantina, entraram. Era hora do almoço. Almoçaram, tomaram vinho e se olharam profundamente; não falaram muito, pois nada precisava ser dito. Após o almoço, continuaram andando pela cidade. Visitaram muitas lojas e Marilda fez compras. Viu um lindo aparelho de chá, feito da mais fina porcelana; disse:

— Ele é lindo! Vou levar e presentear a Fernanda!

— Quem é a Fernanda?

— É uma amiga que está passando por um sério problema, mas sei que conseguirá superar. Esse aparelho de chá é bem do estilo dela. Gosta de manter a sua casa sempre limpa e bonita e é apreciadora de tudo que é bonito e caro! Tenho certeza que vai gostar. Disso tenho certeza.

Comprou o aparelho de chá, pediu que embrulhassem para presente. Com a caixa nas mãos, continuaram andando abraçados e, de vez em quando, beijavam-se suavemente.

Estava anoitecendo. Começaram a ouvir de vários pontos da praça músicas clássicas. Marilda se admirou:

— De onde vem essa música? — disse Marilda encantada.

— Aqui em Veneza existe uma espécie de disputa entre os bares que cercam a praça. Artistas tocam músicas clássicas e os turistas andam de um lado para outro parando na frente dos bares. Venha! Vamos andar um pouco e você verá como é.

Assim como os demais turistas começaram a andar de um lado para outro da praça e paravam um pouco na frente de cada bar, ouviam um pouco da música e seguiam para o próximo, até que resolveram entrar em um deles para jantar. Comeram uma pasta como Marilda nunca havia visto ou comido em sua vida e tomaram vinho. Saíram e continuaram por um bom tempo andando pela praça e ouvindo a música. Já eram quase dez horas da noite, Júlio disse:

— Está na hora de irmos para o hotel, o sábado já está terminando. Teremos só mais meio dia de amanhã para ficarmos juntos. Amanhã à tarde precisamos voltar para Roma, pois o meu avião sairá à noite. Vamos aproveitar bem o resto do tempo que nos resta para ficarmos juntos aqui. Mas no Brasil nos encontraremos muitas vezes. Nunca mais me separarei de você!

— Tem razão, quando se está feliz, o tempo passa muito depressa. Também nunca mais quero me separar de você...

— Quando chegar ao Brasil vai me telefonar?

— Claro que sim!

— Estarei esperando ansioso!

Pegaram as chaves, subiram as escadas, pois não havia elevador. Enquanto subiam, Júlio a beijou com um pouco mais de ardor do que antes. Estava feliz e disse:

— Estive pensando, não sei se vai concordar, mas gostaria de te acompanhar até o seu quarto. Pode me convidar?

Ela olhou para ele, sentiu que não só o seu coração já era dele, mas o seu corpo também.

— Não sei se o que estou fazendo é o certo, mas é o que desejo neste momento. Quer vir ao meu quarto?

Ele não respondeu apenas a beijou. Ele abriu a porta e assim que entraram a pegou nos braços e nada mais pôde impedir que o amor fluísse. Amaram-se com paixão e intensidade. Dormiram abraçados.

De volta à realidade

Pela manhã, ao acordar, Marilda olhou para o lado da cama: estava vazia e sentiu um aperto no coração.

Continuou deitada, pensando em tudo que havia acontecido. Para ela, havia sido mais do que um sonho. Temeu que, como nos sonhos, acordaria. Ela havia se entregado a um desconhecido, não só o corpo. Sabia que nunca havia sentido algo igual por alguém como sentiu por ele. Com lágrimas nos olhos, pensou:

"Ele foi embora antes que eu acordasse, num sinal claro que tudo não passou mesmo de uma aventura. Eu deveria estar brava, mas não estou. Sou a mulher mais feliz deste mundo e preciso agradecer a Deus por ter tido, nessa altura da minha vida, a oportunidade de viver um amor tão intenso. Um amor que demorou, mas chegou rápido e, da mesma maneira, foi embora". Sentou-se na cama, olhou novamente para o lado.

"Quem sabe ele deixou algum bilhete; sabe que estou sozinha e que terei dificuldade para voltar a Roma. Não, não deixou nenhum bilhete. Ele não pode ter ido embora, seria muita falta de responsabilidade me deixar sozinha em um país que ele sabe ser estranho para mim."

Levantou, foi para o banheiro. Abriu a torneira do chuveiro, precisava de um banho para despertar de vez e poder pensar com clareza no que faria se ele tivesse mesmo ido embora.

"Sempre fui muito centrada. Nunca deixei que problema algum interferisse no meu trabalho. Sempre soube o que fazer. Nunca me desesperei, pois sempre acreditei que todo problema tem sempre uma solução." — pensou, respirando fundo.

Sem que conseguisse controlar, lágrimas começaram a descer por seu rosto e depois correram em abundância. Soluçava, fazia força para que fosse baixo, mas não conseguia.

"Sempre fui controlada e centrada, mas hoje, não estou conseguindo. Por que ele fez isso comigo? Eu não merecia! Ele me pareceu tão honesto!"

Mesmo chorando, entrou no chuveiro, deixou a água cair por seu corpo. Ela ainda podia sentir seus beijos, seus carinhos. As lágrimas se misturaram com a água do chuveiro.

"Definitivamente, estou descontrolada. Preciso me acalmar e ver se ele deixou alguma instrução na recepção. Preciso me conformar que tudo não passou de um sonho e que foi lindo! Agora, consigo entender melhor Fernanda. Não é fácil perder alguém que se ama, muito mais ela, que esteve casada por tanto

tempo, que entregou toda a sua vida para Antero. Também, o que eu queria? Sou mais velha que ele! É bonito, charmoso e educado, pode ter a jovencinha que quiser. Como eu pude imaginar que ele gostaria de uma velha como eu? Bem, preciso ir até a recepção."

Voltou para o quarto. As roupas que usou no dia anterior estavam espalhadas pelo chão. Pegou uma a uma, foi dobrando e colocando de volta na maleta. A todo instante precisava parar para enxugar as lágrimas, que não paravam de cair por seu rosto. Escolheu a primeira roupa que pegou para vestir. Estava sentada na cama colocando os sapatos, quando percebeu a porta do quarto se abrindo lentamente. Seu coração disparou:

A porta se abriu totalmente. Júlio entrou, trazendo em suas mãos um enorme ramalhete flores de vários tipos.

— Você já acordou? — disse feliz — Que pena! Queria te fazer uma surpresa, acordei cedo e sai à procura de uma floricultura; queria te dar rosas vermelhas, mas não encontrei. Pensei que soubesse tudo de Veneza, mas pelo jeito não sei. O rapaz da recepção foi quem disse onde eu poderia encontrar flores. Queria voltar antes que você acordasse, mas não deu.

Ela o ouvia contar o que havia acontecido, mas não conseguia falar. Agora, as lágrimas corriam com mais força ainda.

Ele se aproximou, entregou as flores e a abraçou. Depois, afastou a sua cabeça. Olhou em seus olhos, perguntando:

— Está chorando? Por quê? Magoei-te de algum modo?

Ela, com as flores nas mãos, quase não conseguia falar; disse

num sussurro:

— Não, você não me magoou... Eu é que sou uma boba, você é maravilhoso! Sei que não devia, mas te amo, Júlio!

— Não devia por quê?

— Pensei que tivesse ido embora e me abandonado aqui...

— Por que pensou isso?

— Acordei e você não estava mais na cama. Pensei que tivesse ido embora. Sei que sou mais velha que você e que pode ter a jovem que quiser...

— Como pode pensar uma coisa dessas? Acreditou mesmo que eu te deixaria sozinha em um país estranho? Desde que te conheci, estou tentando demonstrar de todas as maneiras que te amo e que quero viver o resto da minha vida ao teu lado! Velha?! Quem disse que você é velha? Isso é o que menos está me importando!

— continuou muito nervoso — Posso, sim, ter a jovem que quiser, mas não quero! Você é uma mulher maravilhosa, inteligente, com quem eu posso falar sobre todos os assuntos! Precisa acreditar que eu gosto realmente de você, que estou sendo sincero!

— Desculpe, mas, quando acordei e não te vi do meu lado, fiquei insegura... Senti medo...

— Não te passou nem um minuto pela cabeça que eu tivesse acordado mais cedo e, para não te incomodar, saí do quarto? Por que será que as pessoas, quando acontece algo que não estão esperando, a primeira reação é pensar logo no mal? Diga, quanto tempo ficou sofrendo e chorando por algo que só estava na sua

cabeça? Você me pareceu uma mulher inteligente, segura de si. Por favor, não diga que me enganei a seu respeito. Eu estou sendo sincero, preciso ir para o Brasil, tenho compromissos agendados, mas assim que você chegar lá vamos nos encontrar, nos conhecer melhor, e quero te apresentar a minha mãe e comunicar aos meus filhos. Sei que, assim como eu, gostarão de você e ficarão felizes ao verem a minha felicidade. Por favor, hoje é o último dia que vamos ficar juntos aqui em Veneza, não o estrague com desconfianças. Pensei em te fazer uma surpresa e quem me fez foi você.

— Desculpe, prometo que isso não vai se repetir. E que tudo está sendo tão maravilhoso, que estou com medo. Não estava pensando e nem preparada para encontrar alguém. Já tinha me conformado de que ficaria sozinha para sempre. Esta viagem era só para eu conhecer lugares que sempre sonhei em conhecer e, de repente, se transformou em algo tão espantoso. Realmente, não estava preparada, mas não vai se repetir, juro.

— Está bem. Para mim também foi uma surpresa. Não fiz essa viagem para encontrar alguém. Minha única intenção era participar do congresso, tomar conhecimento daquilo que o mundo científico tem para nos mostrar, levar para o Brasil e, assim, poder ajudar meus pacientes de lá. Esse nosso encontro foi coisa do destino. Por isso, vamos agora sair. Vou te levar para conhecer lugares maravilhosos. Depois do almoço, retornaremos para Roma e, à noite, infelizmente, preciso ir embora, mas quando voltar para o Brasil vou te buscar no

aeroporto.

— Não, por favor. Combinei com Fernanda, aquela amiga que te falei. Tive que deixá-la sozinha em um momento muito delicado e sei que ela está contando os dias para que eu volte.

— Está bem, também estou me oferecendo, sem saber se estarei livre quando você chegar. Já tem o meu cartão com o número do telefone do consultório e do meu bipe. Assim que chegar, me telefone ou bipe. Combinaremos um encontro.

— Estive pensando, acho que não vou terminar a excursão. Estou pensando em tentar mudar o meu bilhete e voltar com você.

— Nem pensar, Marilda! Você ainda tem muito para ver. Fique até o fim. Aproveite, estarei te esperando. Não esqueça de que é o sonho da sua vida que está se realizando!

Ela sorriu; aquele homem não existia.

"Como pude duvidar?"

— Está bem, vou ficar, mas pode ter certeza de que pensarei em você o tempo todo.

— Também estarei pensando e, como a sua amiga, contando os dias da sua volta.

Marilda foi até uma cômoda, pegou um vaso que estava com flores artificiais, e as tirou. Encheu o vaso com água e colocou aquelas flores que Júlio havia lhe dado. Beijaram-se e saíram. Voltaram a caminhar pelas ruas estreitas de Veneza e foram até o museu. A cada momento, mais ela se encantava. Tudo aquilo era mesmo um cenário de filme.

Voltaram para a praça, não podiam se demorar mais. O trem passaria às duas horas e precisavam almoçar e se preparar para a viagem de volta. Marilda, embora estivesse vivendo aquele sonho, custava a acreditar. Almoçaram, voltaram para o hotel e se amaram mais uma vez. Pegaram as malas, as flores e foram até o grande barco, que os levaria à estação para esperar o trem. Chegaram a Roma ainda a tempo de jantar em uma cantina. Foram para o hotel. Marilda colocou as flores que estavam um pouco murchas em outro vaso, pegou as malas de Júlio e saíram. Ela queria acompanhá-lo até o aeroporto, mas ele não deixou. Falou com firmeza:

— Não, não precisa. Você não conhece muito bem o idioma e muito menos a cidade. Vou de táxi; assim que você chegar ao Brasil, me telefone. Estarei ansioso, esperando.

— Está bem, mas leve o meu cartão; se eu não te encontrar, pode telefonar, estarei em casa ou no escritório.

— Não esqueça que te amo, Marilda, e que estarei te esperando. Aproveite bem o resto da viagem, realize o seu sonho. Tem muito para ver — disse isso a beijando.

— Só não terei o meu guia preferido. Ele está indo embora.

— Não mesmo, mas não faltará ocasião para voltarmos.

Ele entrou no táxi e, com a ponta dos dedos, mandou um beijo. Foi embora.

Marilda, triste, ficou olhando o táxi se afastar, depois voltou para o hotel. Não havia ninguém da excursão. Todos haviam saído e o recepcionista não soube dizer para onde, mas isso não a

perturbou. Foi para o seu quarto, deitou-se e ficou relembrando todos os momentos que passou ao lado de Júlio.

"E se eu não voltar a vê-lo? Se ele me ignorar lá no Brasil?"

Aquele pensamento fez com que ela sentasse na cama. Ficou por alguns instantes, parada, depois pensou:

"Isso não vai acontecer, mas se acontecer ao menos terei algo para recordar, terei vivido um grande amor. Preciso agradecer a Deus por esta oportunidade."

Levantou, se preparou para dormir, deitou e adormeceu.

Pela manhã, ao acordar, sorriu. Dormiu a noite toda, não acordou uma só vez. Lembrou de Júlio, do seu sorriso e de todo o carinho com que ele a havia tratado. Levantou-se, estava perdida.

Não sabia qual era o programa que o guia da excursão havia planejado para aquele dia. Vestiu-se e foi até o saguão do hotel. Assim que a porta se abriu, ela viu o guia rodeado pelas pessoas da excursão. Não conhecia ninguém, só os havia visto durante o vôo. Sabia que a maioria era mais ou menos de sua faixa etária. Aproximou-se. O guia, ao vê-la, sorriu dizendo:

— Olhem a nossa sumida! Espero que tenha aproveitado bem esses dias.

— Aproveitei, sim, obrigada.

— Esta é a Marilda — disse, voltando-se para o grupo. — Embora não pareça, também faz parte do nosso grupo. Hoje andaremos muito e amanhã iremos de trem para Florença e Veneza. Tenho certeza que gostarão da viagem.

Sorriram. Marilda também. Ela, sim, havia gostado muito. Saíram seguindo o guia. Em pouco tempo, Marilda já conversava com todos. Andaram durante o dia todo. À noite, quando regressaram, alguns ainda quiseram sair, mas Marilda não. Estava exausta. Foi para seu quarto, deitou-se e ligou o televisor, mas tinha dificuldade de entender o idioma. Desligou o televisor e ficou pensando em Júlio e em todos os momentos que haviam passado juntos.

Pelo resto dos dias ela acompanhou o guia. Foram a Paris, à Espanha, onde, juntamente com os outros, pôde se encantar com tudo que via. Embora o guia não fosse tão bom quanto Júlio, era competente e conhecia tudo.

Os dias passaram e foram tão corridos, que Marilda não teve tempo de pensar. Andava o dia todo e, quando chegava ao quarto, só queria dormir. Aquela viagem havia sido um sonho, mas o que ela queria mesmo era voltar para o Brasil, para sua casa, sua cama e, principalmente, para Júlio. Na última noite, depois de terem voltado para Roma, deitada, pensou:

"Amanhã à noite, voltarei para o Brasil. Será que vou me reencontrar com o Júlio? Claro que sim, ele estava dizendo a verdade. Assim que chegar e contar tudo que me aconteceu para a Fernanda, vou telefonar para ele e ver qual será a sua reação. Fernanda deve estar louca para que eu volte e a acompanhe na sua luta para trazer Antero de volta. Será que ele vai voltar? Não sei, mas não poderei mais ficar ao lado dela. Quando eu chegar ao Brasil será quarta-feira e eu preciso voltar para o trabalho na

segunda-feira. Só tenho mais um fim de semana."

Adormeceu. O dia seguinte foi livre e ela pôde fazer algumas compras. Precisou comprar uma mala, pois as que trouxera estavam cheias. Sem perceber, comprou muito. À noite foram para o aeroporto e embarcaram de volta para o Brasil:

"Logo voltarei para a minha rotina de trabalho, e agora, queira Deus, não pensarei só no trabalho; terei o Júlio ao meu lado. Não vejo a hora de o avião aterrizar para que eu possa me encontrar com a Fernanda e contar tudo que aconteceu. Ela não vai acreditar! Vai pensar que estou mentindo! Ainda bem que tenho as fotos que tiramos juntos. Sei que não vai adiantar, pois, por mais que eu fale, não conseguirei dizer o quanto ele é maravilhoso" — pensou, já dentro do avião.

Finalmente, o avião aterrizou. Marilda pegou as malas, passou pela alfândega e saiu. Lá fora havia uma multidão esperando os que chegavam. Ela saiu ansiosa procurando Fernanda no meio da multidão, mas não a viu. Continuou olhando, mas foi em vão. Definitivamente Fernanda não estava lá. Ficou ali parada por mais de meia hora, esperando a qualquer momento vê-la chegar. Preocupada, pensou:

"O que será que aconteceu? Ela sabia que eu chegaria hoje! Deve ter se atrasado. Vou me sentar em um desses bancos e esperar. Ela deve estar atrapalhada com o trânsito."

Esperou mais meia hora; vendo que ela não chegava, resolveu telefonar.

"Acho que ela esqueceu. Vou telefonar; se ela esqueceu, vou de

táxi para casa".

Empurrando o carrinho com as malas, foi até um telefone público. Discou o número do telefone de Fernanda. O telefone chamou, chamou, mas ninguém atendeu.

Preocupada, pensou:

"Ela não está em casa, deve estar vindo. Vou esperar mais um pouco, sei que ela chegará. Só preciso ter paciência."

Sentou novamente no banco e continuou esperando. Depois de mais uma hora, resolveu:

"Ela não vem mesmo. Há esta hora, Antero já deve estar no escritório, quem sabe ele pode me dizer algo; vou telefonar. Novamente foi até o telefone, discou. Do outro lado da linha, Luciana atendeu. Estranhou, pois havia ligado para o telefone particular do Antero, que ficava em sua sala, mas naquele momento aquilo era o que menos importava; disse:

— Sou a Marilda, amiga da Fernanda, o Antero está aí?

— Não senhora, ele está no velório.

— Que velório, quem morreu?

— A senhora não sabe? A dona Fernanda foi encontrada morta ontem de manhã e vai ser enterrada hoje às duas horas.

Marilda estremeceu, precisou encostar-se às malas que estavam no carrinho. O telefone quase caiu da sua mão:

— Como ela morreu? — perguntou, gaguejando. — O que aconteceu? Conte, por favor!

— Quando a faxineira chegou, encontrou-a morta. Parece que foi suicídio, coitada.

— Não pode ser — agora ela chorava — ela não fez isso! Deve haver algum engano!

— Não sei o que dizer, mas essa foi a notícia que chegou aqui na empresa.

— Não acredito que isso tenha acontecido! Onde ela está sendo velada?

Luciana falou o endereço. Marilda anotou e desligou o telefone. Voltou ao banco e, chorando muito, tornou a sentar-se.

"Não pode ser, ela não faria isso! Está certo que estava desesperada, mas não a esse ponto. Ah, minha amiga, eu que estava tão feliz e ansiosa para te encontrar. Você não fez isso, é tudo um engano. Devo estar sonhando..."

Saiu dali rapidamente, pegou um táxi e foi para o velório. Quando chegou lá, pediu ao motorista que esperasse. Entraria para ter a absoluta certeza de que aquilo havia acontecido, depois iria para casa levar as malas e voltaria.

O motorista aceitou, ela desceu e ele ficou esperando. Apressada, se informou onde Fernanda estava sendo velada e foi para lá. Assim que entrou na sala que servia de velório, viu Antero junto ao caixão. Aproximou-se chorando e sem falar com ninguém. Olhou o rosto de Fernanda. Não havia dúvida, era ela mesma. Embora estivesse maquiada, seu rosto não estava sereno. Ao contrário, podia-se até dizer que uma mulher como ela, que sempre foi bonita, estava feia. Nem parecia a mesma Fernanda que ela conhecia. Ficou olhando para a amiga, pensando:

"Não acredito que você tenha feito uma loucura dessa. Por que

não esperou a minha volta? Quando soubesse tudo que me aconteceu, veria que nem tudo está perdido. Que sempre existe uma chance de felicidade. Por quê, minha amiga? Por quê?"

Chorava em silêncio. Sentia-se culpada.

"Se eu estivesse aqui, isso não teria acontecido. Perdão por eu ter sido tão egoísta e não ter pensado mais em você."

Sentiu uma mão tocando em seu ombro, voltou-se. Era Antero. Ela, chorando, abraçou-se a ele e perguntou:

—Antero, como isso foi acontecer? Como ela fez isso?

—Vamos lá fora, precisamos conversar. Sabia que você estava viajando, mas não sabia quando voltaria.

Ela o acompanhou. Precisava saber o que havia acontecido e só assim ter a certeza de que Fernanda havia cometido aquela loucura. Lá fora, distante de todos, perguntou:

—Como aconteceu? A Luciana me disse que foi a faxineira quem a encontrou. Estranho, pois sei que ela nunca quis que ninguém mexesse em suas coisas. Foi ela quem sempre fez a limpeza da casa. Briguei muitas vezes com ela por causa disso, mas ela ria e dizia que gostava de limpar a casa.

— Também sempre soube disso, por isso estranhei quando Anita, a nossa vizinha do lado, me telefonou lá na empresa, dizendo que a faxineira havia encontrado a Fernanda morta e que ela não sabia o que fazer. Pedi que ela, se pudesse, fosse lá em casa e ficasse com a faxineira enquanto eu telefonaria para a polícia e depois iria para casa. Foi isso que fiz.

—Mas o que aconteceu? Como ela fez essa loucura?

— Segundo a faxineira, Fernanda a contratou por telefone. Disse e é verdade. Trabalha já há muito tempo para a Anita, que foi quem a indicou. A Fernanda combinou com ela para que viesse no dia seguinte, que a estaria esperando. A faxineira disse que, quando chegou, bateu na porta da frente, mas a Fernanda não abriu; resolveu então dar a volta na casa e viu que a porta da cozinha estava aberta.

Bateu e, como ninguém respondeu, entrou e encontrou Fernanda caída no chão da cozinha. Desesperada, telefonou para Anita contando o que havia acontecido. Ela, antes de ir a minha casa, me ligou. Depois de chamar a polícia, fui para casa. A faxineira estava lá, ao lado de Anita, as duas choravam. A pobre mulher tremia muito. Assim que vi a Fernanda deitada no chão, não consegui evitar de me sentir culpado. Afinal, eu a abandonei sem dar muitas explicações e ela não suportou.

— Como aconteceu isso? Ela morreu de que maneira?

— Ao lado do seu corpo, tinha um vidro de calmante quase que totalmente vazio. Os comprimidos são pequenos, mas mesmo assim ela deve ter tomado muitos de uma só vez.

— A polícia disse o quê?

— Ao encontrarem o vidro dos comprimidos e depois da autópsia, chegaram à conclusão de que ela havia se suicidado. Ficou comprovado que ela ingeriu uma grande quantidade de comprimidos muito fortes.

— A que horas foi isso?

— De acordo com a polícia, mais ou menos as sete ou oito horas

da noite.

—Estranho, pois eu sabia que ela tomava comprimidos para dormir, mas não eram fortes. Eram apenas antidepressivos.

—Não sei como, mas ela tomou comprimidos e fortes.

—Você não estava em casa.

— Não. É a respeito disso que preciso conversar com você. Para minha surpresa, nem a Regiane sabia que estávamos separados. Fernanda não contou para ninguém. Eu estava há mais de dez dias no interior negociando um terreno para uma próxima construção. Viajei a noite inteira. Cheguei à empresa, alguns minutos antes da Anita ligar . Estive pensando, já que a Fernanda não quis contar à nossa filha a respeito da separação, acho melhor que continue ignorando. Só quem sabe é você, eu e o Flávio. Poderá ficar calada a respeito disso?

—Não estou entendendo. Por que quer que eu faça isso?

—Para que Regiane não sofra mais do que já está sofrendo. Fernanda não queria que ela soubesse, senão teria contado você não acha? Ela conversou a esse respeito com você?

— Sim. Ela não queria contar, pois tinha esperança que você voltasse para casa. Mas agora não sei se devo ficar calada.

—Até agora, não sei por que me separei dela. Durante esses dias em que estive longe e sozinho, tive tempo para pensar. Descobri que sempre amei a Fernanda, ia pedir a ela para que me aceitasse de volta.

—Um pouco tarde para pensar isso, não acha?

—Infelizmente. Tenho me amargurado muito por isso!

—Bem, preciso ir embora. Cheguei de viagem agora. Fiquei sabendo no aeroporto e as minhas malas estão no táxi. Vou para casa e voltarei logo. Até mais.

—Até mais e, por favor, pense no que falei a respeito do Regiane, ela não precisa sofrer mais.

— Vou pensar.

Estava saindo quando ouviu uma voz lhe chamando; se voltou, era Regiane, filha de Fernanda, que corria para encontrá-la. Marilda parou, abriu os braços e Regiane se abraçou a ela.

—Tia Marilda — Regiane disse chorando — não entendo. Como a minha mãe foi fazer uma coisa dessas? Por que foi? Você sabe? Sempre foi a sua melhor amiga, deve saber o que estava acontecendo! Por que ela fez isso?

Abraçada a ela e por detrás dos seus ombros, Marilda viu Antero, que com os olhos lhe pedia que não falasse o que haviam conversado. Ela se afastou de Regiane, dizendo:

— Também não sei qual foi o motivo. Estava viajando e só retornei hoje pela manhã e, assim como você, estou surpresa, sem saber o que dizer ou pensar. Até agora, ainda não acredito que isso tenha realmente acontecido.

—Mas aconteceu! A minha mãe está morta e eu não estou suportando tanta dor. Ainda mais da maneira como foi. Por que ela não confiou em mim? Não me contou seus problemas? Nunca pensei que ela tivesse algum!

— Procure ficar calma. Como você , também estou sofrendo, mas de nada vai adiantar se desesperar, só ela poderia nos dizer

qual era o problema. Portanto, ficaremos sem saber.

Estavam ainda abraçadas, quando Rui, o marido de Regiane, chegou perto delas.

— Regiane, o Marquinho está com fome.

— Nossa! Esqueci de dar a mamadeira! Tia Marilda, preciso ir, meu filho precisa de mim.

Marilda sorriu.

— Tem razão, pode ir e não esqueça que ele precisa muito de você. Também preciso ir até em casa, mas voltarei logo.

Rui e Regiane se afastaram. Marilda olhou para Antero, que de longe a observava; acenou e foi embora.

O motorista a esperava, entrou no carro e seguiram. Ela, em silêncio, não conseguia tirar de sua mente o rosto de Fernanda naquele caixão. Estava com sentimento de culpa e, enxugando com um lenço as lágrimas, pensava:

"Eu não deveria ter ido embora. Se eu estivesse aqui, ela teria com quem conversar e não faria isso. Mas como eu poderia saber? Essa minha viagem estava programada há tanto tempo! Era o sonho de minha vida. Não sei o que fazer, nem o que pensar. Fernanda, eu ia te contar tudo que me aconteceu. Queria que você visse que sempre existe uma chance de ser feliz. E o Júlio? Com tudo isso, esqueci de ligar, mas também, hoje, não tenho como conversar com ele; acho melhor deixar para amanhã, não tenho muito tempo. Só vou deixar as malas em casa, pegar o meu carro e voltar para o velório."

Quando chegaram a sua casa, o motorista levou as malas para

dentro. Ela agradeceu a gentileza. Pagou, deu uma gorjeta e ele foi embora.

Renata sabia que ela voltaria naquele dia e estava na cozinha preparando o almoço. Como a cozinha ficava nos fundos da casa, não ouviu o carro parando. Só percebeu que Marilda havia voltado quando ouviu a porta da frente se abrir. Foi para lá.

— Dona Marilda, que bom que voltou!

— Estou feliz por ter voltado, só não estou mais por aquilo que aconteceu com Fernanda.

— A senhora tem razão, foi muito triste. Quando a filha dela telefonou para cá perguntando sobre a senhora e me contou o que havia acontecido, eu nem acreditei. A dona Fernanda era tão boa, como foi morrer dessa maneira?

— Não sei, também não me canso de fazer essa pergunta. Por mais que pense, não consigo aceitar a morte dela. Agora, vou tomar um banho rápido, trocar esta roupa e voltar para o velório. Preciso me apressar. Quero dar-lhe o meu último adeus.

— A senhora não vai almoçar?

— Não tenho fome, nem tempo. Preciso me apressar!

— Vou lhe preparar uma salada e um bife, a senhora não pode ficar sem comer.

— Está bem, faça isso, enquanto eu tomo banho e me visto.

Renata foi para a cozinha, Marilda entrou no quarto, tomou o banho, se vestiu e foi até ela. Ao passar pela copa, viu que a mesa não estava colocada, foi para a cozinha. Renata estava terminando de temperar a salada e, ao vê-la chegando, disse:

— Dona Marilda , já vou colocar a mesa.

— Não precisa, estou com pressa, preciso voltar ao velório. Vou comer aqui mesmo na cozinha.

Sentou-se. Comeu algumas folhas e um pedaço de carne, mas não conseguiu continuar; disse:

— Não estou conseguindo comer, vou embora.

Renata apenas sorriu. Ela sabia da amizade que havia entre as duas, por isso entendeu a dor de Marilda.

Marilda, enquanto se dirigia ao velório, recordava todo o tempo que conviveu com Fernanda. De quando eram crianças, do tempo da escola e de quando aprenderam a ler juntas. Da sua felicidade quando começou a namorar com Antero. De quando ela veio lhe dizer que estava grávida e que não sabia como contar a ele. Do casamento, nascimento, batizado, primeira comunhão da filha. Da alegria quando abriram a construtora. Da compra da sua casa e de cada móvel comprado para ela.

"Sempre estivemos presentes uma na vida da outra. Apesar de ter se casado, nunca nos separamos. E agora Fernanda está lá, naquele caixão, mas o rosto que vi lá não é o dela. Ela foi sempre terna, aquele rosto está crispado, como se sofresse muito. Não, ela não se mataria. Temia a Deus e, por isso, sabia que o suicídio é um pecado que não tem perdão e que se fizesse isso iria para o inferno. Não! Ela não se matou!"

Parou o carro em um semáforo. Ainda pensando:

"Inferno! Será que vai para o inferno? Não, não pode ser. Ela sempre foi muito boa, teve uma vida digna, nunca fez mal a

ninguém. Foi sempre ponderada e temente a Deus. Estava deprimida, fora de si. Não suportou o abandono. Se ela for para o inferno, não há justiça. Deus não poderia ser tão implacável."

Chegou ao cemitério, faltavam vinte minutos para o enterro. Assim que entrou na sala, viu a filha de Fernanda e Antero em volta do caixão. Tinha muita gente. Amigos, parentes e os funcionários da construtora. Ela não quis se aproximar, não queria ver o rosto de Fernanda da maneira como estava. Queria se lembrar dela como sempre foi: alegre e sorridente. Ficou a certa distância. Regiane chorava, mas Antero chorava muito mais. Ele soluçava a ponto de seu corpo tremer. As pessoas tentavam consolá-lo. Marilda, revoltada com aquela situação e não se conformando, pensou:

"Deve estar com remorso, pois sabe muito bem que ela fez isso por sua culpa, por tê-la abandonado sem uma explicação. Ele sabe que ela sempre viveu para ele e para a filha. Está mesmo com remorso e isso há de acompanhá-lo pelo resto da vida. A filha dele o está abraçando, mas será que ela estaria assim, tão carinhosa, se soubesse o que ele fez com a sua mãe?"

Fernanda, você foi mesmo uma cretina! Por que não contou à sua filha o que ele fez? Não sei se devo contar. Ela não queria, e também do que adiantaria? Ela se foi para sempre, não voltará mais. Antero tem razão, para que aumentar a dor da Regiane?"

Chegou a hora de fechar o caixão. Todos se aproximaram menos Marilda, que continuou distante. O caixão foi fechado. Foi acompanhado, por todos, até o túmulo, onde deveria ser

sepultado. Assim que foi colocado no fundo, as pessoas se aproximaram jogando flores sobre ele. Marilda também se aproximou, beijou uma rosa que trazia em suas mãos e jogou.

"Vá com Deus, minha amiga, sei que Ele não vai te abandonar", pensou, em lágrimas.

Em seguida, as pessoas começaram se afastar, ela também. Seu coração estava apertado por saber que nunca mais encontraria aquela sua amiga tão querida. Não se despediu de ninguém, estava sofrendo muito, não queria mais prolongar tudo aquilo. Queria chegar a casa, se deitar e relembrar com carinho de sua amiga, que havia feito aquela besteira sem fim. Estava entrando no carro, quando alguém a chamou. Olhou para trás, era Antero, que se aproximava correndo. Ela ficou parada, esperando-o chegar. Assim que chegou, disse:

— Marilda, tem lá em casa um carro que pertence a uma mulher chamada Ivete, você sabe quem é ela?

— Sei sim, é uma amiga minha. Ela emprestou o carro para que Fernanda pudesse te seguir, sem ser notada.

— Me seguir! Para quê?

— Ela queria descobrir quem era a outra.

— Não existe outra! Se ela realmente me seguiu, viu que eu estou morando sozinho, em um dos nossos apartamentos.

— Se não tem outra, por que não deu para Fernanda um motivo no qual ela pudesse acreditar? Desde que soube da morte dela, estou pensando: será que ela não fez essa loucura por ter descoberto com quem você estava saindo? Será que ela não fez

isso por acreditar que você não voltaria mais para casa? Será que não foi por ter perdido a esperança e por ver que toda a vida dedicada a você não valeu nada?

— Eu te disse que nem eu mesmo sei qual foi o motivo e que estava querendo pedir perdão... Voltar para casa...

—Você me disse, mas não sei se posso acreditar. Estou confusa. De qualquer maneira, ela está morta e nada poderá modificar isso. Estou triste, nervosa e muito abalada com tudo que aconteceu. Vou para casa descansar e amanhã vou até lá pegar o carro e levá-lo para a Ivete. Você está com a chave e com os documentos?

— Estão no meu carro, vou pegar e te darei também a chave do portão, para que possa entrar sem problema algum.

Ele foi até seu carro, que estava ali, naquele mesmo estacionamento, e voltou trazendo as chaves, os documentos e a chave do portão. Entregou tudo para Marilda, que, muito nervosa, entrou no carro, ligou, acelerou e foi embora, sem se despedir.

Surgem dúvidas

Chegando a casa, lembrou-se que Renata já tinha ido embora. Foi para seu quarto, trocou de roupa, colocou uma camisola. Queria deitar e tentar dormir. Estava cansada da viagem e das

fortes emoções que sentiu. Em seguida, foi para a cozinha, abriu a geladeira, pegou uma fatia de pão, colocou manteiga e um pedaço de queijo, sentou-se e começou a comer. Não estava com fome, mas sabia que precisava se alimentar.

Voltou para o quarto, tomou um comprimido e deitou-se. Poucos minutos depois estava dormindo. Sonhou que estava em um campo florido, correndo para encontrar com alguém que ela não via o rosto. Quando estava se aproximando, ouviu um barulho, despertou. Era o telefone que estava tocando. Esticou o braço e pegou o aparelho que estava sobre o seu criado-mudo. Atendeu:

—Alô!

—Alô, Marilda! Sou eu, o Júlio! Estava dormindo?

— Júlio!

—Por que o espanto? Fiquei esperando o dia todo o seu telefonema. Você disse que ia telefonar.

—Desculpe, não deu...

— Entendo. Como não ligou, pensei que estivesse com a sua amiga contando tudo sobre a viagem; resolvi esperar até a noite. Ela está bem?

Marilda olhou para o relógio, eram oito horas da noite.

—Ela... Ela... Está morta...

—Morta?! Como e quando isso aconteceu?

Marilda contou o que aconteceu, terminou dizendo:

— Por esse motivo não te telefonei — disse com lágrimas correndo por seu rosto —, estava confusa demais, cansada

demais...

—Entendo, foi difícil. Ela era muito sua amiga, não?

—Sim, crescemos juntas. Estou completamente atônita. O que mais me preocupa é saber que ela deve estar no inferno. Eu não consigo aceitar...

—Quem te disse isso?

—Foi o que sempre ouvi dizer desde criança.

—Acredita mesmo que Deus, sendo um Pai maravilhoso, poderia condenar um filho seu ao fogo eterno?

—Não sei, não quero acreditar que isso seja possível, mas foi o que sempre ouvi dizer. O suicídio é um pecado sem perdão...

—É sim um pecado imenso; quem o pratica deve sofrer muito. Mas sofrer eternamente, isso Deus não permitiria. Ele é o nosso Criador e sabe que não somos perfeitos, mas nos ama muito. Assim como um pai aqui na Terra castiga um filho quando faz algo errado para em seguida perdoá-lo, muito mais faz Deus. Talvez até nos dê algumas provações para conseguirmos a perfeição, mas estará sempre de braços abertos, esperando por nosso pedido sincero, de perdão e a nossa vontade de acertar. Nos dará sempre novas chance para que isso aconteça.

—Acredita mesmo nisso?

— Sim, pois, se acreditamos em Deus, temos que acreditar nisso, porque, se não fosse assim, Deus não seria nosso Pai, nosso Criador. Se acreditamos, devemos confiar no Seu amor.

— Não sei, estou muito confusa.

— Entendo. Gostaria que você conversasse com a minha mãe e

com a Lia, sua amiga. A Lia entende muito de vida pós-morte, poderá te explicar muitas coisas e tirar suas dúvidas.

—Você me falou sobre ela, mas eu não acredito nessas coisas de espíritos.

— Mas acredita que Deus é um Pai vingativo e tirano...

— Não, ele é maravilhoso! Só não sei se acredito nessas coisas de espíritos e tudo mais.

—Está bem, não vou te obrigar a acreditar, mas não custa conversar. Se quiser, falarei com a minha mãe e ela convidará a Lia para ir lá em casa . Nesse dia, também te levarei e ela poderá te ajudar. O que acha?

— Não sei, estou confusa.

—Tenho que desligar, estou aqui no hospital. Preciso ver um paciente. Pense sobre o assunto. Amanhã, me telefone, mesmo que não aceite a minha sugestão. Estou com muitas saudades e louco para te ver, abraçar e beijar!

— Está bem, vou pensar, também estou com muitas saudades e com as mesmas vontades que você.

— Nunca, mas nunca mesmo, se esqueça que te amo...

— Não esquecerei, também te amo.

Desligou o telefone, seu coração batia forte.

"Como fui esquecer-me de telefonar? Ainda bem que ele telefonou. Já é noite! Dormi muito!"

Saiu da cama e foi até o escritório para ver se havia algum recado do trabalho. Não havia recado sobre a mesa. Sinal de que ninguém havia telefonado, pois Renata sabia que todo recado

deveria ser anotado.

Foi para a cozinha, olhou a comida, que estava pronta, mas ainda não sentia vontade de comer. Fez outro sanduíche, comeu, voltou para o quarto. Ligou o televisor, mas também não achou algo que lhe interessasse. Saiu do quarto e foi para sala, mas lá também não se sentiu bem. Foi até o quintal, chegou ao portão e olhou os dois lados da rua. Tudo estava quieto, as pessoas deviam estar dentro de suas casas. Olhou para o céu, que estava com poucas estrelas, e a lua, quase apagada, escondida por uma pequena neblina.

"Não estou conseguindo ficar em lugar algum, estou com um peso grande nas costas. Tem algo que está me incomodando, mas não sei o quê. Talvez seja a tristeza por aquilo que aconteceu com a Fernanda. Não consigo aceitar que ela tenha acabado com a própria vida! Será que aquela amiga da mãe do Júlio consegue mesmo falar com os mortos? Será que tudo aquilo que ele me contou é verdade? Não sei, essas coisas são misteriosas e nunca dei atenção. Mas, se for verdade, ela poderá falar com Fernanda e, assim, eu saberei o que realmente aconteceu. Amanhã vou pedir ao Júlio que marque um encontro com aquela mulher. Como é mesmo o nome dela? Lia. É isso mesmo; se ela pode realmente falar com os mortos, falará com a Fernanda; só assim terei paz novamente."

Voltou para o quarto. Deitou-se novamente. Pegou um livro e tentou ler, mas não conseguiu. Ficou assim o resto da noite, virando-se de um lado para outro na cama, até que finalmente

conseguiu adormecer.

Ao acordar pela manhã, sentiu que todo aquele peso que estava sentindo na noite anterior havia desaparecido.

"Eu devia estar cansada da viagem e também triste pela morte de Fernanda, mas, apesar de tudo que possa acontecer, a vida tem que continuar.

Vou telefonar para o Júlio. Ainda bem que ele surgiu em minha vida, bem agora, neste momento em que eu estava precisando tanto de alguém com quem pudesse conversar e confiar. Agora que a Fernanda se foi, não tenho mais ninguém com quem possa falar tudo que estou sentindo. É... a vida não pára mesmo... — sorriu. — Estou com fome, vou até a cozinha comer alguma coisa..."

Levantou-se, foi para a cozinha e entrou no exato momento em que Renata abria a porta que dava para a rua e entrava também.

— Bom dia, dona Marilda, a senhora já se levantou? Pensei que hoje fosse dormir até mais tarde. A senhora deve estar cansada da viagem e com tudo que aconteceu.

— Bom dia! Embora esteja mesmo cansada, acordei há pouco e não consegui ficar na cama.

— Espere só um pouquinho, que já vou preparar o seu café.

— Enquanto isso vou tomar um pouco de suco.

Abriu a geladeira, pegou uma garrafa de suco, colocou em um copo, sentou-se e começou a tomar. Renata, que estava junto ao fogão esperando a água ferver para coar o café, disse:

— Que tristeza o que aconteceu com a dona Fernanda...

— Foi sim. Ainda mais da maneira como aconteceu.

— Isso que não estou entendendo. Quando ela falou comigo, parecia alegre e feliz. Eu nunca poderia imaginar que ela fosse fazer aquilo.

— Você falou com ela? Quando? — Marilda, nervosa e levantando-se, perguntou.

— No dia em que a Dona Fernanda morreu. Eu estava me preparando para ir embora, o telefone tocou, eu atendi, era ela.

— O que ela queria? O que disse?

— Queria saber se a senhora tinha telefonado. Eu disse que não. Aí, ela disse que, se a senhora telefonasse, era para eu dizer que estava tudo bem e que o doutor Antero ia jantar na casa dela naquela noite. Por isso, ela estava preparando um jantar especial. Parecia que ele queria voltar para casa. Ele tinha saído?

— Espere, espere, repita o que você acabou de me dizer.

— Foi assim mesmo. Ela me pareceu feliz. Como poderia se matar naquela noite?

— Não sei. Mas tenho quase certeza que ela não se matou, só não sei o que fazer. Vou telefonar e depois sair.

— A senhora não vai tomar o café?

— Termine de preparar, mas não precisa colocar a mesa. Só Vou tomar café preto. Preciso pensar.

Renata ficou calada. Marilda foi para o seu quarto, pegou o telefone, telefonou para o hospital onde Júlio trabalhava. Ele não estava lá, chegaria mais tarde. Ia chamar pelo bipe, mas achou melhor não fazer isso. Telefonou para Ivete. Conversou com

ela, disse que iria até lá levar o carro que estava com Fernanda e rapidamente contou-lhe sobre a morte dela, pois Ivete ainda não sabia o que tinha acontecido. Ivete disse que estava esperando e que poderiam almoçar juntas.

Assim que desligou o telefone, tomou banho. Vestiu-se e voltou para a cozinha. Renata tinha terminado de colocar o café em cima da mesa, só colocou uma xícara. Marilda não sentou, tomou o café e saiu dizendo:

— Renata, estou indo agora me encontrar com uma amiga. Se alguém ligar, não deixe de anotar o recado. Antes vou telefonar para o escritório e ver como as coisas estão por lá.

— Está bem. Eu não me esqueço de anotar, não.

Marilda terminou de tomar o café. Em seguida, telefonou para o escritório. Estava tudo bem e ela avisou que voltaria a trabalhar na segunda-feira. Pegou as chaves do carro. Precisava ir até a casa de Fernanda pegar o carro de Ivete e deixar o de Fernanda. Fez isso. Assim que chegou à empresa onde Ivete trabalhava, se anunciou e foi recebida por ela na recepção.

— Marilda, que bom te ver. Foi boa a viagem?

— Foi ótimo, o difícil foi o que encontrei quando retornei.

— Foi uma pena mesmo. Preciso ver algumas coisas, depois sairemos para almoçar e conversaremos. Pode me esperar um pouco? Não vou demorar muito.

— Claro que sim.

— Fique lendo essas revistas que estão aí, volto em seguida. Saiu. Marilda pegou uma revista e começou a ler.

Alguns minutos depois, Ivete retornou e as duas saíram. Foram a um restaurante que ficava lá perto, onde Ivete estava acostumada a almoçar. Sentaram-se e fizeram o pedido. Enquanto bebiam um refrigerante e esperava a refeição chegar, Ivete disse

— Você me contou sobre a morte da Fernanda, mas não falou como foi. Quando ela esteve com você me visitando, parecia gozar de perfeita saúde. Um pouco nervosa com a situação que estava vivendo, mas não me pareceu doente.

— E não estava!

— Do que ela morreu?

— Dizem que ela se suicidou, mas eu não acredito Ivete...

— Meu Deus! Como foi isso, Marilda?

Marilda contou o que haviam lhe dito. Quando terminou, Ivete, com ar preocupado, disse:

— Se isso aconteceu realmente, ela não deve estar bem.

- Sei disso e é exatamente o que está me deixando mais nervosa e triste. Estou com medo que ela tenha ido para o inferno.

— Ela não deve estar em um bom lugar, mas com certeza não está no inferno. Deus não permitiria um sofrimento eterno.

— Alguém já me disse isso, mas custo a acreditar.

— Só não consegue se não acreditar que exista um Deus, e que Ele é nosso criador e um Pai amoroso.

— Acredito Nele, mas sei também que Ele deixou algumas regras para serem seguidas. Algumas coisas que não poderíamos fazer; entre elas, o suicídio talvez seja a pior.

— Sim, é um erro terrível e mostra que a pessoa não confia em Deus e não acredita que sempre exista uma solução para qualquer problema. Por um ato como esse, terá que pagar, sim, mas não com o fogo eterno. Se assim fosse, Ele não seria nosso Pai, mas um carrasco. Aqui mesmo, na Terra, existe sempre um julgamento antes que alguém seja condenado. Imagine com Deus!

— Alguém que conheço disse essas mesmas palavras. Também acredita em um castigo, mas não eterno. Ele segue essa sua religião. Gostaria de acreditar nisso. Treme só em pensar o quanto ela deve estar sofrendo. Não consigo esquecer o rosto dela dentro daquele caixão.

— O que precisa é lembrar-se dos bons momentos que passou com ela. Pedir muito a Deus que ela seja protegida e acreditar que essa proteção existe, e não esquecer que, a qualquer momento em que ela se arrependa do ato que cometeu e pedir ajuda, com certeza a ajuda virá. O que você viu no caixão foi só o corpo, a ferramenta que serviu para dar a ela a oportunidade de vir para cá e cumprir a sua missão. Agora, o corpo já não serve mais e deve ser reverenciado pelo trabalho que prestou. Ele vai descansar, mas o espírito dela, esse não. Vai continuar mais vivo do que nunca. Está neste momento encarando a sua verdade.

— Não entendo muito bem o que você está dizendo. Missão? Que missão? Ela não fez nada de importante! Viveu só para a casa, o marido e a filha!

— Ela fez exatamente o que precisava ser feito. Ser uma boa mãe e esposa. Isso é, talvez, uma das tarefas mais difíceis a serem cumpridas. Muitas pessoas não dão valor, mas é uma das mais belas missões. Talvez você devesse ler alguns livros. Eles podem te ajudar muito, posso te emprestar alguns.

— Não sei se estou pronta para isso. Embora não seja praticante, tenho minhas convicções religiosas.

— Está certa. Não se preocupe, quando chegar a hora, de uma maneira ou de outra, tomará conhecimento da espiritualidade. Por enquanto, reze muito por Fernanda. É a única coisa que ela está precisando no momento.

— Acredita que alguém possa ver e falar com os mortos?

— Existem pessoas que têm esse dom. Já tive muitas provas.

— Essa pessoa com quem conversei disse que conhece uma mulher que fala com os mortos. Estou pensando em ir vê-la para ver se consigo falar com Fernanda.

— A sua morte está muito recente e, nas condições que foi, acredito que será difícil, mas não custa tentar. Tome cuidado, pois existem pessoas que agem de má fé. Se te pedirem alguma espécie de pagamento, não aceite e nem acredite no que te disserem. Lembre-se, não chame por Fernanda, nem insista em vê-la. Na hora em que for permitido, isso acontecerá.

— Estou quase certa de que ela não cometeu suicídio. Ela não faria isso! Lutaria de outra forma para trazer Antero de volta.

— Se isso não aconteceu, melhor para ela. Está hoje tendo assistência, mas por tudo que me contou, não restam dúvidas.

— Ainda assim, tenho minhas dúvidas, só não sei como provar. Mas farei tudo para descobrir o que aconteceu.

—Não se preocupe com isso, apenas reze por ela e, muito mais, para que não tenha tirado a própria vida.

—Mas se ela não se matou, foi assassinada! A pessoa que a matou fica livre?

—Ninguém fica livre. Pode não ser condenado aqui na Terra, mas com certeza terá que responder a uma força maior e suprema. Fique calma e aceite a morte dela e continue a sua vida. Ainda tem muito para fazer. Tem uma missão a cumprir.

—Ainda não cumpri a minha missão, não me casei, nem tive filhos! — Marilda disse rindo.

—Mas, por outro lado, trabalha do lado da lei e, assim, ajuda muitas pessoas a terem os seus direitos respeitados. Todas as profissões são verdadeiras missões. Não importa qual seja. Você já imaginou se não existisse o lixeiro, que limpa a nossa cidade? Aquele que planta para que aqui, na cidade, possamos comer? O padeiro, o sapateiro, a costureira e, por fim o coveiro, que dá repouso para o nosso corpo? Além de tantas outras pessoas que trabalham para ajudar as outras. Todos fazem parte de uma grande corrente, uma profissão ajuda a outra e todos caminham para a perfeição. Não importando a nossa cor, estado civil, social ou religioso, somos todos filhos do mesmo Deus e Ele nos ama a todos da mesma maneira. Pode parecer, algumas vezes, que somos injustiçados, mas com certeza isso não acontece. Ele apenas nos dá a oportunidade de aprendermos, resgatarmos

nossos erros, darmos valor a tudo que nos acontece e principalmente à nossa vida, pois dela depende o nosso aprimoramento e o nosso futuro.

—Olhando por esse ponto de vista, você está certa. Todas as profissões são mesmo uma missão.

—Por isso, todas têm de ser exercidas com amor. Agora, precisamos comer. Tenho que voltar ao meu trabalho.

—E eu tenho muito que aprender a esse respeito. Preciso te agradecer, em nome da Fernanda, por ter emprestado o seu carro. Não é qualquer pessoa que faz isso...

—Não tive problema algum, você me deixou o seu. Foi uma pena mesmo que ele não serviu para aquilo que ela queria.

—De qualquer maneira, obrigada.

Almoçaram. Marilda entregou as chaves e os documentos do carro, que estava no estacionamento. Despediu-se, pegou o seu carro que estava com Ivete, e foi embora cheia de dúvidas.

Enquanto dirigia de volta para casa, Marilda foi pensando em tudo que Ivete havia lhe dito.

"Ela parece tão segura do que fala. Como pode aceitar tudo com tanta naturalidade? Será que é mesmo da maneira como ela pensa? Será que existe mesmo vida depois da morte? Será que os mortos podem mesmo se comunicar? São muitas as perguntas e poucas as respostas. Desde criança, aprendi que eu precisava fazer só o bem, senão iria para o inferno. Sempre acreditei nisso e procurei fazer o bem; se não consegui, o mal, com certeza, nunca fiz. Hoje, depois do que aconteceu com a Fernanda, não

quero nem consigo acreditar que exista um inferno, onde as pessoas sofram por toda a eternidade. Não quero aceitar, mas e se existir? A Fernanda estará queimando no inferno? Não pode ser! Ela foi sempre muito boa. Não sei o que fazer. Talvez seja uma boa idéia eu ir falar com a amiga do Júlio... quem sabe ela consiga me tirar dessas dúvidas.”

Chegou ao portão de sua casa, entrou e estacionou o carro na garagem.

Coisas do destino

Entrou em casa .Renata estava na lavanderia, foi até ela e perguntou sorrindo:

— Tudo bem por aqui?

— Está sim; e a senhora, como está?

— Estou bem, preciso telefonar.

— Um moço, chamado Júlio, telefonou e pediu que assim que a senhora chegasse, telefonasse para ele.

Sem conseguir evitar, um brilho diferente surgiu em seus olhos.

O brilho foi tão intenso, que até Renata percebeu:

— A senhora ficou feliz com isso que falei?

— Muito! Vou telefonar!

Marilda saiu correndo da lavanderia, foi para seu quarto, deitou, pegou o telefone e discou o número do consultório. Alguém

atendeu. Ela perguntou por Júlio. Pediram que esperasse. Alguns segundos depois ouviu a voz dele:

—Marilda! Que bom que telefonou! Desde que cheguei estou esperando que me telefonasse.

—Telefonei logo cedo, mas você ainda não havia chegado. Tive que sair e acabei de chegar.

—Ainda bem que telefonou. Vou ficar aqui até as sete horas, depois disso poderemos jantar?

—Está me convidando?

—Claro que sim. Estou morrendo de saudade e quero saber como foi o resto da sua viagem! Você aceita?

—Está bem, aceito. Também estou morrendo de saudade e preciso conversar com você a respeito daquilo que me falou sobre Fernanda e sobre a amiga da sua mãe.

—Pensou no assunto?

—Sim, e muito.

—Quer falar com a Lia?

—Sim, acha que ela falará comigo?

—Claro, ela é uma pessoa muito boa e gosta de falar sobre esse assunto. Vou telefonar para a minha mãe e ver se ela marca com a Lia. Agora, preciso desligar, tenho paciente me esperando. Até a noite. Você vem até aqui ou quer que eu vá te buscar?

— Eu vou até aí. Assim nos encontraremos mais rápido.

—Está vendo por que te amo? É uma mulher prática e decidida. Até mais.

Ela sorriu e desligou o telefone.

"Ele é mesmo maravilhoso! Que bom que surgiu em minha vida! Acho que estou amando mesmo! Preciso me preparar para o nosso encontro, quero estar bem bonita. Vou até o cabeleireiro preciso dar um jeito nos cabelos, fazer as unhas."

Passou o resto da tarde se preparando. Quando voltou para casa, já eram seis horas. Estava em frente ao espelho dando os últimos retoques, quando, de repente, pensou:

"Nossa! Com toda essa correria, esqueci completamente da Fernanda. Desculpe minha amiga, mas isso não se repetirá! Prometo que não vou te esquecer, nem só mais um dia. Vou tentar conversar com você através da tal Lia. Vai ser difícil ela me convencer. Como disse a Ivete, preciso tomar cuidado para não ser enganada. Não acredito nessas coisas, mas, se houver uma chance de saber como você está, eu vou tentar."

Ela, que durante toda a tarde estivera feliz com a expectativa do encontro, naquele momento ficou triste e sentindo-se culpada por ter esquecido a amiga. Olhou mais uma vez para o relógio, estava na hora e precisava sair. Saiu. Faltavam dez minutos para as sete quando chegou ao consultório que ficava em um prédio no centro da cidade. Entrou no elevador, apertou o quinto andar. A porta se abriu, ela saiu olhando para os números que estavam nas portas. Encontrou o número cinquenta e três, parou. Na porta, estava escrito com letras douradas: Dr. Júlio César Coutinho. Um pouco abaixo, outra placa menor escrito, Entre. Era atrás daquela porta que ele a estava esperando. Seu coração bateu forte, respirou por três vezes, virou a maçaneta e

entrou. Lá dentro, uma moça, que estava sentada atrás de uma mesa sorriu:

— A senhora é a dona Marilda?

— Sim, sou.

— O doutor Júlio pediu que a senhora, por favor, esperasse, pois chegou um cliente de última hora. Pediu também que eu lhe servisse água, refrigerante ou café.

— Não, obrigada, não é preciso. Posso me sentar?

— Claro que sim. Tem aí algumas revistas, fique à vontade.

Marilda sentou e pegou uma revista, abriu e fingiu ler. Pois na realidade, estava tão ansiosa por aquele encontro, que não conseguia concentrar-se na leitura. Enquanto fingia ler, olhou por toda a sala. Era decorada em cores alegres. O ambiente era agradável. Ficou ali, olhando a todo instante para a porta, esperando que ela se abrisse, pois ali julgava ser o consultório. Não saberia dizer por quanto tempo esperou, mas parecia ser uma eternidade. Na realidade, passaram só dez minutos e a porta se abriu. Um senhor saiu e logo atrás Júlio, com seu sorriso permanente. Despediu-se do paciente, que saiu.

—Você chegou! — disse voltando-se para ela.

— Que bom, fiquei com medo que não viesse. Olga, agora você já pode ir.

—Está bem doutor, até amanhã. Boa noite.

—Boa noite.

A moça se levantou, olhou para Marilda, despediu-se e saiu. Assim que a porta se fechou atrás dela, antes que Marilda se

desse conta, Júlio, num impulso, a abraçou e beijou com paixão. Ela, a princípio, se assustou, mas depois se entregou àquele beijo. Beijaram-se com saudade até que, finalmente, resolveram que estava na hora de sair. Antes, porém, a levou para dentro do consultório. Mostrou seus aparelhos, que para ela eram complicados, e explicou como funcionavam, depois saíram.

Quando chegaram à porta do prédio, ele perguntou:

—Onde deixou o seu carro?

—Ali, naquele estacionamento, do outro lado da rua.

—O meu está na garagem do prédio. Vamos fazer o seguinte: esse estacionamento fecha às oito horas. É melhor irmos no seu carro, pois o meu posso pegar a qualquer hora.

— Está bem; você dirige?

— Se preferir, para mim não há problema algum.

Atravessaram a rua, pegaram o carro e foram para um restaurante elegante, que, segundo Júlio, tinha uma comida muito boa. Sentaram-se. Júlio olhou sério para ela, dizendo:

—Que tal, para comemorarmos esse nosso reencontro, tomarmos champanhe?

—Adoraria, embora não seja de beber muito... Mas hoje é um dia especial.

—Também não bebo. Sou cardiologista e sei os riscos da bebida para o coração. Mas um pouco não faz mal, até faz bem.

Comeram, beberam e, quando Marilda quis falar sobre Fernanda, ele a interrompeu.

—Não vamos falar sobre tristezas. Hoje, quero que seja só de

felicidade. Conversaremos sobre isso em outra hora.

Ela sabia que ele tinha razão, aquele assunto poderia ficar para depois. O que mais queriam era aproveitar aqueles momentos. Quando terminaram de comer e estavam saindo do restaurante, ele disse:

—Agora, o que vamos fazer?

—Não sei, estou à sua disposição, Júlio.

—Está mesmo? — disse sorrindo e piscando um olho.

Ela percebeu o que havia dito, ficou envergonhada. Ele, percebendo o seu constrangimento, disse rindo:

—Por que está envergonhada? Também estou à sua disposição. Temos duas opções, podemos ir a um teatro, cinema, ou ir para um lugar tranquilo e colocarmos o nosso amor em dia. Você é quem escolhe.

—Estou gostando da segunda opção. Para onde quer me levar? Confio inteiramente em você — ela disse sorrindo.

—Gostaria mesmo de te levar para a minha casa, mas lá estão a minha mãe e os meus filhos. Por enquanto, não ficaria bem. Vamos esperar mais um pouco. Podemos ir para um hotel passarmos a noite. Garanto que não vai se arrepender. Que acha? Ela, sem titubear, aceitou. Foram para um hotel, pediram uma suíte. Passaram toda a noite se amando, matando a saudade. Pela manhã, ao acordar, Marilda viu que ele não estava deitado ao seu lado. Lembrou do que havia acontecido em Veneza e não se preocupou. Virou, fechou os olhos e ficou pensando em tudo que havia acontecido naquela noite. Sorriu feliz.

"Daqui a pouco, ele vai chegar me trazendo flores."

Passados alguns minutos, ela percebeu que a porta estava se abrindo. Sorriu e fingiu estar dormindo. Ele se aproximou, ajoelhou junto da cama, colocou a mão sobre a cabeça de Marilda e, afastando os cabelos, beijou seu rosto. Ela, fingindo estar acordando naquele momento, sorriu.

— Desculpe por te acordar, mas eu preciso ir para o hospital. Há dois dias fiz uma cirurgia em um paciente, ele estava em observação e agora a pouco recebi um chamado. Ele não está bem, preciso ir até lá.

— Como ficou sabendo? Não ouvi o telefone!

— Eu sabia que ele não estava bem. Sabia que poderia ser chamado a qualquer momento, por isso deixei o meu bipe ligado à noite inteira. Ontem, você não o viu sobre o criado-mudo?

— Vi, mas ele não tocou.

— Sim, mas, assim que você adormeceu e para não te incomodar caso ele tocasse, coloquei o bipe no vibrador, sob o meu travesseiro. Acordei agora a pouco com a vibração, percebi que você dormia e fui até a recepção para telefonar e ver do que se tratava. Sinto muito, mas preciso ir agora mesmo.

— Estarei pronta em um minuto — disse, levantando-se.

— Sinto muito, gostaria de ficar mais tempo ao seu lado.

— Não se preocupe Júlio, a noite que passamos foi tão maravilhosa, que nada neste mundo poderia me deixar triste, a não ser quando me lembro da Fernanda. Desculpe, já percebi que não gosta de falar sobre ela.

—Não é que não goste, é que eu planejei o nosso reencontro em todos os detalhes. Queria que fosse uma noite inesquecível.

Infelizmente, com a morte dela, percebi que se eu deixasse você falar nela nada seria do modo como eu havia planejado. Assim como você, fiquei abalado. Após conversar com você, falei com a minha mãe e pedi que marcasse um encontro com a Lia, disse que assim que fosse marcado eu te levaria. Não quis te dizer ontem à noite quando nos encontramos, mas na mesma tarde ela me telefonou dizendo que, se você quiser, poderá ir a minha casa hoje à tarde. A Lia estará lá. Você quer ir?

—Não sei, tenho um pouco de medo dessas coisas, mas, ao mesmo tempo, morro de curiosidade e de vontade de saber como a Fernanda está.

Terminaram de se vestir e saíram. Pegaram o carro e, enquanto Júlio dirigia, falou:

—Vou telefonar para minha secretária e pedir que remarque os meus pacientes para depois das seis horas. Acho que não são muitos, uns dois ou três.

—Ir à sua casa? Conhecer a sua mãe? Confesso que isso me assusta um pouco.

— Não precisa se assustar — disse rindo —, mas fique preparada, pois, assim como todas as mães, a minha também é ciumenta. Já falei com ela a seu respeito, disse que te amava e que queria ficar com você para sempre.

—Contou que estamos juntos?

—Claro que sim!

—O que ela disse?

—Ela ficou um pouco desconfiada, mas, afinal, já tenho quarenta e um anos! Sei bem o que quero da vida. Sei que ela só quer a minha felicidade e tenho certeza de que também vai te adorar. Agora, vamos até o meu consultório pegar o meu carro. Assim que eu chegar ao hospital e atender o meu paciente, vou te telefonar para dizer a que horas nos encontraremos. Poderemos almoçar juntos e depois irmos para a minha casa.

—Você pensa em tudo. Estou percebendo que se ficarmos juntos para sempre, assim com diz, não precisarei me preocupar com mais nada.

—Ao contrário, não pode imaginar nem por um minuto como sou dependente.

—Não está me parecendo!

—Só estou querendo te impressionar, mas lá no fundo preciso de alguém ao meu lado que me ajude com as pequenas coisas, que detesto, tais como: pagar contas, cuidar do dinheiro e me ajudar a comprar roupas. Não sou bom nessas coisas.

—Estou começando a acreditar que nos daremos muito bem, pois eu adoro fazer todas essas coisas.

—Você ainda tinha dúvidas de que nos daríamos bem? Não sei você, mas eu tenho certeza que te amo!

"Isso não pode ser verdade — pensou — é felicidade demais! Esse homem é perfeito!"

No estacionamento do prédio, pegaram o carro de Júlio. Ela ficou dentro do seu carro, esperando que ele saísse pela garagem.

Quando ele passou por ela, com a ponta do dedo, mandou um beijo, que ela recebeu com outro e sorriu. Em seguida, ligou o carro e saiu para lado contrário ao dele. Enquanto dirigia, pensava

"Ao mesmo tempo em que estou feliz por tê-lo encontrado, sinto um grande medo, pois sempre soube que a felicidade nunca pode ser completa. Mas, de qualquer maneira, vou viver o momento. Com certeza, esse momento está sendo maravilhoso!"

Chegou em casa . Ainda era muito cedo, Renata não havia chegado. Foi para o seu quarto e deitou. Queria relembrar daquela linda noite e do amor que teve com Júlio.

"Também, não tem como não amar um homem igual a ele! Não sei o que vai acontecer, mas sinto que não poderei deixá-lo nunca! Eu, na realidade, jamais imaginei que o amor fosse isso. Não conseguir esquecer nem por um segundo. Ver a todo instante o seu sorriso e sentir o seu abraço e beijo. Não sei, mas acho que não sou a mesma pessoa. Eu era tão forte e segura, sabia bem o que queria da minha vida e, hoje, não sei quem sou. Só quero ficar ao lado dele. Será que foi isso o que Fernanda sentiu pelo Antero, quando o conheceu? Deve ter sido por isso o seu desespero quando foi abandonada; dizia que sem ele não existia vida. Sinto que, se perder o Júlio, será a mesma coisa. Não consigo mais imaginar a minha vida sem ele. Não quero nem pensar nisso!"

Ouviu um barulho que vinha da cozinha, levantou e foi até lá. Renata estava junto ao fogão, disse feliz:

—Bom dia, Renata, mas bom dia mesmo!

—Bom dia, dona Marilda! Mas já está acordada? O que aconteceu? A senhora está diferente! Acordou cedo por causa da dona Fernanda?

—Não, acordei cedo porque passei uma noite maravilhosa e descobri que dormir é perda de tempo! A vida está aí para ser vivida! Sinto muito pela Fernanda. Hoje, talvez, eu entenda melhor o que ela sentia. Hoje, sei o que ela queria dizer quando dizia que amava o Antero, que ele era tudo na sua vida...

—Dona Marilda, a senhora está apaixonada?

—Está tão evidente assim?

—A senhora nunca falou dessa maneira, foi sempre muito quieta. Agora, os seus olhos estão brilhando!

—Não sei se estou apaixonada, só sei que estou feliz!

—Que bom, fico contente. A senhora merece ter um amor verdadeiro. Quero de coração que a senhora seja feliz.

— Obrigada, não sei se serei feliz para sempre, mas enquanto durar vou aproveitar. Estou com fome! Hoje quero comer tudo que tenho direito, Renata.

— A senhora merece! Já vou preparar.

O telefone tocou e Renata ia atender, mas Marilda disse:

—Pode deixar que eu atendo. Prepare o meu café. Foi para a sala, pegou o telefone e atendeu:

—Alô!

—Alô. Estou no hospital e já atendi o meu paciente.

—Como ele está?

—Está reagindo melhor do que eu esperava. Já confirmei para hoje à tarde a nossa ida lá em casa. Está disposta?

—Um pouco receosa, mas assim mesmo eu vou. Preciso tirar as dúvidas que tenho em relação à morte da Fernanda.

—Está bem, preciso ficar aqui até uma hora, mais ou menos. Assim que sair eu te telefono. Acho melhor eu ir até aí para te pegar, Marilda, não faz sentido usarmos dois carros.

— Boa idéia, estarei te esperando.

— Só tem um detalhe!

—Que detalhe?

—Você não me deu o seu endereço, como chegarei aí?

Ela deu o endereço e, rindo, disse:

— Sou uma donzela misteriosa! Moro em um castelo com a minha madrasta que não é nada boa. Na realidade, é uma bruxa!

—Não se importe com isso, chegarei com o meu cavalo branco e te resgatarei das mãos dela. Se estiver morta ou dormindo, te beijarei e você acordará num instante!

—Sei disso, você é o meu príncipe encantado, te amo!

—Também te amo. Até mais, um beijo!

Desligou o telefone. Renata, na cozinha, ouviu toda conversa e sorriu. Marilda, parecendo pisar em nuvens, foi para o seu quarto. Deitou pensando:

"Isso não pode estar acontecendo! Que bobagem foi aquela que eu disse sobre castelo, madrasta e príncipe? Pareço ter quinze anos! Mas, é muito bom! Estou feliz!"

Tomou café, andou de um lado para o outro dentro de casa, até

que finalmente, Júlio voltou a telefonar avisando que estava saindo do hospital e indo para lá. Ela se vestiu bem, porém com discrição. Afinal, iria conhecer a mãe dele e queria causar boa impressão. Depois de vestida, foi para a cozinha,

— Renata , como estou?

Renata a olhou de cima a baixo, disse sorrindo:

—A senhora está linda! Não é só a roupa, a sua beleza vem de dentro pra fora! Está mesmo apaixonada!

—Estou sim e muito feliz!

—A senhora merece! Vai almoçar com ele?

—Vou e depois ele vai me levar até a sua casa para que eu conheça a sua mãe...

—Que bom, sei que ela vai gostar da senhora! A senhora é muito boa e merece ser feliz.

—Obrigada, mas, na realidade, eu vou encontrar uma mulher que diz falar com os mortos. Vou tentar falar com a Fernanda. Estou com um pouco de medo. Você acredita nisso?

—Claro que acredito. O Altair começou ir a uma casa espírita, depois eu também fui, gostei e vamos sempre.

—Eu não sabia disso!

—Nunca comentei porque sempre soube que a senhora não acreditava. Nós gostamos muito. Depois que comecei a estudar, entendi muita coisa que acontece na minha vida e estou procurando fazer o melhor para viver bem. De vez em quando eu me revolto com a minha situação, mas logo depois aceito. Sei que tudo tem um motivo e que tudo vai passar. Sei que Deus está

sempre com a gente, dando força, e sempre que a gente precisa, Ele manda uma ajuda.

Eu estava desempregada, precisava trabalhar, mas não tinha com quem deixar as crianças. Fiquei nervosa e com fé pedi ajuda. Não sei se foi isso, mas logo depois a prefeitura fez, lá no bairro, uma creche. Aí eu tinha onde deixar as crianças, mas não tinha emprego. A senhora apareceu na minha vida e só posso agradecer a Deus. Apesar de tudo, eu gosto muito do Altair e ele de mim. Assim a gente vai tocando a vida. Sou feliz, tenho os meus filhos, perfeitos e com saúde. Aprendi também que Deus não erra, por isso tudo está sempre certo. Pode ter certeza disso...

—Isso é o que nos foi ensinado pelos poderosos, desde o início dos tempos, Renata! Criaram vários deuses para fazer com que o povo aceitasse tudo e não lutasse por seus direitos!

—Não, dona Marilda, não é assim! Eu não aceito injustiça! Quando vejo uma, luto muito.

Quando pedi a Deus um lugar para deixar os meus filhos, junto com outras pessoas, fundamos uma sociedade de amigos do bairro e, através dela, conseguimos assinaturas. Fomos até a Prefeitura, falamos com muitas pessoas, até que resolveram fazer a creche. Aceitar tudo não quer dizer ficar parado, sem fazer nada, nem esperar que tudo caia do céu! Essa conversa está boa, mas preciso dar os últimos retoques, o Júlio já deve estar chegando.

—Dona Marilda, vá sem medo. Se for permitido por Deus, a senhora vai falar com a dona Fernanda.

—Assim espero. Estou curiosa. Outro dia continuaremos falando sobre esse assunto.

—A senhora vai me contar o que acontecer lá?

—Claro que vou.

Voltou para o quarto, olhou mais uma vez no espelho, ajeitou um fio de cabelo que estava fora do lugar. Sorriu, olhou através da janela, exatamente no momento em que Júlio estacionava o carro. Saiu correndo em direção a ele. Quando chegou perto, sorriu ao ver que ele estava todo atrapalhado junto ao portão procurando a campainha. Ao vê-la, sorriu.

—Por que as campainhas ficam sempre escondidas?

—Ela não está escondida! Está do outro lado!

Ele olhou e, ainda sorrindo, disse:

—Você não me deu tempo para procurar!

—Eu estava ansiosa te esperando... por isso, olhava pela janela a todo instante.

Entraram no carro. Renata, olhando pela janela da sala, viu os dois, sorriu pensou:

"Ele é um homem bonito! Tomara que faça a dona Marilda feliz. Ela merece."

Júlio começou a dirigir e a levou ao mesmo restaurante da noite anterior. Comeram e ele não permitiu que ela falasse sobre Fernanda, Lia ou na sua mãe. Apenas quis relembrar os dias que ficaram juntos na Itália. Riram muito quando lembraram do susto que ela levou ao acordar e ver que ele não estava ao seu lado. Ela disse, fazendo uma careta:

—Hoje estou rindo, mas naquele dia sofri muito!

—Sofreu sem necessidade, por uma coisa que só estava na sua cabeça. Bem, agora que terminamos de comer, acho que está na hora de irmos.

—Está bem, só espere um pouco. Quero retocar a minha maquiagem e arrumar os meus cabelos. Preciso causar boa impressão à sua mãe.

—Pode ir, mas não precisa, a minha mãe não vai olhar para a sua aparência, ela enxerga mais além.

—Tem certeza?

—Claro que tenho, eu a conheço desde que nasci!

—Está bem, mas mesmo assim prefiro chegar impecável. Quero que ela goste de mim.

Saiu em direção ao banheiro. Ele ficou para pagar a conta. Na rua, entraram no carro. Marilda continuava pisando em nuvens. Estava distraída, conversando, quando percebeu que ele estava indo em direção a sua casa.

—Está indo para a minha casa, Júlio?

—Estou , durante o almoço pensei bem e resolvi que não vou te levar para conhecer a minha mãe...

Ela, sem entender e preocupada, perguntou:

— Resolveu isso durante o almoço?

— Foi.

— Fiz ou disse algo que te desagradou? Está com vergonha de me levar para conhecer a sua mãe?

—Não sei bem qual foi o motivo, mas não quero te levar hoje.

Quem sabe outro dia.

Ela ficou calada, pensando:

"Eu devia saber que isso não poderia durar muito tempo, era bom de mais. Claro, como fui burra! Como ele poderia levar uma velha e apresentar como sua namorada? Bem, acho que o sonho terminou."

Ele entrou com o carro na rua em que ela morava, passou por sua casa, que ficava na esquina, mas não parou.

— Você não vai parar? A minha casa é aqui!

Ele não respondeu, continuou dirigindo até a próxima esquina o parou o carro. Olhou para ela e, sorrindo, disse:

— Vamos descer?

— Vai fazer com que eu ande até a minha casa?

— Não, vou fazer com que entre nesta!

Ela olhou para a casa que ficava na outra esquina da rua em que morava. Já vira aquela casa muitas vezes, achava-a linda, mas não conhecia os moradores.

— De quem é essa casa?

— É a minha casa!

— Não acredito! Você mora aqui?

— Sim, faz muito tempo.

— Por que não me disse? Por que me assustou dizendo que estava me levando para a minha casa?

— Para que você parasse de pensar que não estou sendo sincero e acredite que te amo e que te apresentarei a todos meus familiares e amigos.

—Você gosta de me assustar.

—Isso acontecerá até o dia que acreditar em mim.

—Não acredito que somos vizinhos!

—Nem eu acreditei quando você me deu o seu endereço.

—Pensar que precisamos ir até a Itália para nos encontrar. Não acredito mesmo!

—Coisas do destino! Talvez, antes disso, não estivessem prontos para nos conhecer. Não estava na hora.

—Deve ter sido isso mesmo.

—Tudo na nossa vida tem hora certa. Ainda bem que nossa chegou. Vamos entrar?

—Estou um pouco nervosa, será que a sua mãe vai me aceitar, gostar de mim?

—Claro que sim, não se preocupe!

Antes de descer do carro, Marilda abriu a bolsa, tirou um pequeno espelho, se olhou, passou nos lábios um pouco de batom, depois olhou para Júlio, ansiosa:

—Como estou?

—Está linda! Vamos, a Lia já está aí.

—Como você sabe? — perguntou intrigada.

—Esse carro que está aí na nossa frente é o dela. Vamos?

Ela olhou mais uma vez no espelho, sorriu e o guardou. Desceram. Júlio abriu o portão, ela entrou na frente.

Estavam na metade do caminho para chegarem à porta da frente da casa, quando ela se abriu e por ela saiu uma senhora.

—Até que enfim chegaram! Boa tarde, você é a Marilda, não é?

Sou Rosa, a mãe do Júlio! Estou feliz por ter vindo à minha casa! Seja bem-vinda — disse, enquanto beijava Júlio.

Estendeu a mão para Marilda, que a recebeu sorrindo.

—Muito obrigada, também estou feliz por estar aqui.

—Venha! Vamos entrar. O Júlio falou muito bem a seu respeito e confesso que estava curiosa para te conhecer.

Marilda sorriu, não sabia o que falar, pois estava emocionada. Entraram.

Assim que entraram na sala, Marilda deu uma olhada rápida e pôde ver que era grande e com móveis modernos e coloridos. Achou linda. Bem em frente à porta, viu uma fonte grande, enfeitada com plantas e pedras.

—Essa fonte é linda! — disse encantada.

—É sim. Gosto muito dela. O barulho da água nos traz harmonia e paz. As energias fluem melhor e todos se sentem bem aqui em casa.

—Tem razão, ela é linda mesmo!

—Venha até a cozinha, Lia está lá. Normalmente, recebo as visitas na sala, mas não te considero uma visita. Já faz parte da família. Acho que a cozinha é o melhor lugar da casa para se conversar, pois enquanto conversamos poderemos ir tomando um café ou suco. A Lia acabou de chegar e eu estou preparando um café. Quer um também?

—Gostaria dona Rosa.

Entraram por uma porta e deram com uma cozinha grande, no seu centro uma mesa, com cadeiras à sua volta, e em uma delas

estava sentada uma senhora sorridente. Ao vê-los, levantou-se e estendeu a mão para Marilda, dizendo:

—Boa tarde, como vai? Sou a Lia!

—Boa tarde, sou Marilda. Dadas as circunstâncias, estou bem... Gostaria de estar melhor...

—Entendo, a Rosa me contou sobre a sua amiga. Foi muito triste, mas Deus é nosso Pai e não nos abandona nunca.

Antes de Marilda dizer qualquer coisa, Rosa disse:

—Sei que acabaram de almoçar, por isso, agora, vamos só tomar um café e depois que conversarmos faremos um lanche.

Marilda, aos poucos, foi ficando à vontade. Sentou-se em uma das cadeiras e Júlio sentou-se ao seu lado. Rosa serviu o café e tomaram. Marilda estava se sentindo bem naquela casa. Rosa a recebeu muito bem e parecia sincera. Lia, levando a xícara aos lábios, disse:

—A Rosa me contou que a sua amiga morreu de uma forma estranha. Como foi?

Os olhos de Marilda encheram-se de lágrimas.

—Foi. Infelizmente, ela se suicidou...

—Isso é terrível para o espírito. Em um momento do desespero, a pessoa comete um ato como esse, sem imaginar as consequências que terá de enfrentar pela frente.

—É isso que está me deixando mais aflita. Ela foi sempre muito boa. Claro que, como todo mundo, teve acertos e erros, mas posso garantir que a conhecia muito bem e sei que ela deve ter tido mais acertos. Sempre acreditou em Deus e criou a filha

ensinando o caminho do bem.

—Vocês eram muito ligadas, não?

—Sim, nos conhecemos desde crianças.

—Ela estava triste por algum motivo?

—Foi abandonada pelo marido e não conseguia aceitar essa separação, pois foi sempre muito dedicada a ele e à filha. Sempre foi uma esposa e mãe exemplar.

—Nesta vida, temos que passar por algumas provas para que possamos vencer as nossas fraquezas. Normalmente passamos, pois para isso temos ajuda, muita ajuda...

—Ela não teve! Deus a abandonou!

—Não, Deus nunca nos abandona. Sempre temos ao nosso lado um ou mais amigos espirituais que nos ajudam e intuem nos bons e maus momentos, principalmente na hora da passagem e, mais ainda, quando se está perto de cometer um suicídio. Eles ficam o tempo todo, tentando nos tirar aqueles pensamentos destrutivos e sofrem muito quando não conseguem.

—Se fosse assim, ninguém se suicidaria!

—Eles podem intuir e mandar bons pensamentos, mas não podem interferir. Existe uma Lei maior, a do livre-arbítrio, e por ela cada um de nós é responsável. Por isso, só nós podemos decidir o que fazer com a nossa vida e com tudo mais.

—Já ouvi falar em livre-arbítrio. Aprendi sobre ele na faculdade, quando estudei Direito. Mas como uma pessoa que está triste e doente pode exercer o seu livre-arbítrio?

—Sempre se pode exercer o livre-arbítrio. Como te disse,

sempre teremos ajuda para que isso aconteça.

—Então, quer dizer que não há salvação para Fernanda e que ela estará, realmente, condenada por toda a eternidade?

—Ela terá que arcar com as consequências dos seus atos, sim. Terá que resgatar esse erro que, diante de Deus, é o mais terrível e de difícil resgate. Mas não pela eternidade. Deus, nosso Pai, não permitiria. Depois de algum tempo, sofrendo muito em um vale de sombras, provavelmente retornará para a Terra, em uma situação não muito boa. Terá uma vida com muitos problemas e até poderá nascer com alguma doença grave ou um defeito físico, mas sempre terá a chance de se redimir. Como disse antes, Deus não nos abandona.

—Está falando em renascer na Terra? Em reencarnação?

—Isso mesmo. Na Terra ou em qualquer outro planeta. Lembre-se, Jesus disse: Existem muitas moradas na casa do meu Pai. Estou, sim, falando de vida após a morte. Depois da nossa morte, existe uma vida vibrante.

—Desculpe, mas não acredito nisso! Ninguém voltou para nos contar se tudo isso é verdade.

—Muitos voltaram e nos contaram. Eu acredito piamente.

—Pois eu não. Acho que tudo isso faz parte de uma grande mentira para que as pessoas se tornem presas fáceis dos charlatões e embusteiros. Ou, também, para que as pessoas se tornem fracas e possam ser guiadas, aumentando, assim, o poder daqueles que as guiam. Para ser sincera, não acredito em religião alguma, só mesmo em Deus.

—Todas as religiões são boas. Elas servem para nos ajudar a distinguir o bem do mal. Muitas pessoas passam pela vida fazendo caridade, ensinando, aprendendo e ajudando as pessoas, sem nunca ter tido, querido ou precisado seguir uma religião. Outros precisam ter alguém que lhes guie, ensine o caminho. Caminhos esses que são muitos e que pretendem levar, cada um a sua maneira, ao mesmo destino: Deus.

Embora o ser humano viva muito pelo dinheiro e aparência, lá no fundo, bem no fundo, seu espírito sabe que existe uma vida após a morte. Ele traz consigo lembranças. Você pode notar que todos precisam acreditar em algo mais, em um ser superior. De uma maneira ou de outra, todos têm a sua crença e a esperança de encontrar a paz e a felicidade depois da morte.

—Eu tenho essa esperança, só não acredito que se possa retornar um dia. Acho que quando se morre é para sempre, Lia.

—Pois é bem ao contrário. Quando se morre, a vida continua, temos muito a aprender e trabalhar.

—Trabalhar?

—Isso mesmo. A vida, mesmo depois da morte, não teria sentido se não tivéssemos o que fazer. Os espíritos estão espalhados pelo Universo todo, ajudando as pessoas nas horas de tormento e vibrando com elas nas horas de felicidade. Existem muitas equipes de trabalho. Existem médicos que fazem curas milagrosas e que, na maioria das vezes, a pessoa que foi curada nem imagina que contou com a ajuda deles.

—Não consigo acreditar em tudo isso, Lia.

Mas devia, já que, agora mesmo, acabou de entrar aqui um médico. É um senhor de cabelos levemente grisalhos, com bigode; está sorrindo e mandando-me dizer:

"Milinha, estou feliz por te ver. Sei que você tem cumprido muito bem os seus compromissos assumidos antes de nascer; que Deus te abençoe."

Marilda deu um pulo da cadeira e se levantou no susto; chorando, gritou:

— Não pode ser! Não pode ser!

Júlio, que se assustou com a reação dela, também se levantou, perguntando aflito:

— Que aconteceu, por que você está assim?

Ela não conseguia falar, chorava e ria ao mesmo tempo. Rosa e Júlio estavam aflitos, mas Lia olhou à sua frente e sorriu, agradecendo em pensamento.

"Obrigada, meu irmão, por se fazer presente."

"Eu sempre estive ao lado dela. Só agora me fiz presente, neste momento difícil pelo qual está passando, para que ela saiba que Deus, nosso Pai, não nos abandona nunca."

Enquanto Lia conversava com o médico, Rosa, assustada e aflita, pegou um copo de água e ofereceu para Marilda, que não conseguia parar de chorar.

Júlio, também assustado, segurou-a pelos ombros e, olhando em seus olhos, disse firme:

— O que aconteceu? Por que está chorando dessa maneira? Precisa se controlar! Respire fundo!

Ela enxugou os olhos com as mãos e respirou fundo. Após alguns segundos, tentando voltar ao normal, disse:

—Lia! Não pode ser! É verdade mesmo?

—Não sei, eu apenas repeti o que ele disse.

—Não pode ser! Não pode ser!

—Não pode ser o quê, Marilda? — perguntou Júlio, aflito.

—A única pessoa, neste mundo, que me chamava de Milinha era o meu pai! Ninguém mais! — disse chorando.

—É verdade? Está achando que o seu pai está aqui?

—Só pode ser, pois ninguém mais me chamava assim!

—É ele mesmo — disse Lia —, bendito seja Deus. Agora você está tendo a prova de que tudo aquilo que falei é verdade. Existe, sim, a vida após a morte e trabalho também. Seu pai faz parte de uma equipe de médicos que continua tratando das pessoas, vivas ou mortas. Ele está sorrindo e pedindo para eu dizer que trabalha muito! Muito mais do que trabalhava quando estava aqui na Terra.

—Não pode ser, não pode ser.

—Pode, sim! Ele está aqui e te manda um beijo, disse que não pode ficar mais. Precisa ir embora, mas que te deixa a sua benção e a certeza de que tudo ficará bem. Para que não se desespere, pois a verdade sempre aparece e a justiça é sempre feita. Está pedindo para que feche os olhos e agradeça a Deus pela vida e por tudo que te deu.

—Espere! Ele não pode ir embora assim, tenho muitas coisas para perguntar! Papai! Fique por favor...

—Ele não pode ficar mais. Disse que você não precisa fazer perguntas, pois todas elas terão respostas. Disse, também, que não pode ficar mais, porque você sabe que ele sempre deixou tudo de lado para atender um paciente e que agora tem muitos que precisam do seu atendimento. Pediu que fechasse os olhos.

Ela conhecia o pai, sabia que ele não era de falar muito. Sabia também o quanto ele a amava. Obedeceu, fechou os olhos.

—Papai, obrigada por ter vindo. Se puder, ajude a Fernanda. O senhor a conhecia e sabe como ela foi sempre muito boa e minha amiga. Acho que ela está precisando de ajuda.

Não ouviu o que ele dizia. Apenas sentiu um leve frescor em seu rosto, como se estivesse recebendo um beijo. Realmente seu pai a beijava, e dizia:

— Deus te abençoe, minha filha, e não se preocupe com a Fernanda, ela ficará bem. Até mais.

Ao sentir aquele frescor no rosto, as lágrimas voltaram a cair de seus olhos, só que agora não eram mais de susto ou aflição, mas de felicidade, de amor e de esperança no amanhã. Marilda sabia que um dia em algum lugar, reencontraria seu pai, sua mãe, Fernanda e todos aqueles que partiram e por quem tanto chorou. Estava feliz e tranquila. Sabia que o seu pai não abandonaria Fernanda e que, daquele dia em diante, ela estaria protegida.

Júlio e Rosa, acostumados e acreditando em tudo, pois já há muito tempo haviam tomado conhecimento da doutrina, pegaram um de cada lado, na mão de Marilda, que pegou na de Lia, formando assim uma corrente. Júlio disse, emocionado:

—Obrigado, meu Deus, por mais essa prova do Seu amor por nós. De nosso coração só pode partir a felicidade por termos conhecido, através dos Seus ensinamentos, a grandiosidade da Sua obra. Continue nos abençoando.

Lia também estava tranquila. Mais uma vez, através dela, Deus pôde se manifestar. Ela só tinha a agradecer aquele dom, que Ele havia lhe dado, e pedia sempre que a ajudasse para que ela nunca o usasse se não fosse para o bem, para ajudar as pessoas.

Marilda, um pouco mais calma, embora tivesse certeza que seu pai estivera ali, estava confusa e emocionada.

—Sei que foi o meu pai mesmo quem esteve aqui, mas se ele é um espírito deve saber e ver tudo! Por isso, ele deve saber de minha angústia em relação à Fernanda. Por que não me contou o que realmente aconteceu com ela? Por que não disse se realmente ela se matou? Ele deve saber que eu estou desesperada, Lia...

—Nem sempre o espírito sabe o que acontece. O morrer não significa santidade ou poder. Cada um volta para o Pai exatamente como era com seus defeitos e qualidades. A morte não lhe dá poderes especiais. Por isso, mesmo amando àqueles que deixaram aqui, embora querendo, nem sempre podem ajudar. Cada um tem seus próprios compromissos na evolução do seu espírito. Talvez ele até saiba o que aconteceu de verdade, mas não possa dizer, pois tudo tem que acontecer da maneira e na hora certa. Ele esteve aqui, sim, apenas para que você repense a sua vida e as suas crenças. Para que saiba que, não importa se

vivos ou mortos, a nossa vida continua e, com ela, todos os nossos deveres e obrigações. Por isso, temos que ter muito cuidado com as nossas ações, pois delas depende o nosso futuro espiritual.

—É tudo muito novo. Estou confusa e com dificuldades para entender, e olhe que sempre me julguei muito inteligente.

—Não se preocupe tudo que precisar saber ou entender virá até você. Está começando uma nova etapa da sua vida. Estudou, se formou e é, hoje, uma profissional; está preparada para enfrentar quase todos os problemas desta vida. Chegou à hora de estudar e aprender para ficar preparada para os problemas da outra vida, que ela, sim, é que tem o verdadeiro valor.

—Vim aqui para saber da Fernanda, para conversar com ela. Pelo que estou vendo, isso não acontecerá...

—Hoje não, é muito cedo para falar com ela. Mas não foi esse o motivo que te trouxe aqui. Na realidade, você veio tomar conhecimento da vida eterna.

—Sim, pode ter sido isso, mas ainda estou preocupada com a Fernanda. Preciso saber como ela está.

—Não se preocupe Marilda, ela está bem. Esqueceu o que eu disse? Deus não nos abandona nunca.

—Está bem; mesmo se matando, Lia?

—Quem dá cabo de sua vida precisa reparar esse erro de alguma maneira e, infelizmente, é sempre de uma maneira dolorosa. Mas, mesmo assim, nunca fica abandonado à sua própria sorte. Sempre terá ajuda e a oportunidade de reparar o seu erro. O que

você pode e todos nós podemos e devemos fazer é rezar, enviar luz e amor para que ela, onde estiver, possa descobrir que somente o amor, o perdão e o arrependimento poderão lhe servir agora.

Não sabemos por onde, com quem e como estará caminhando, só podemos tentar ajudá-la através do amor e da certeza que Deus estará com ela.

—O que está dizendo não está me ajudando muito...

—É só isso que posso lhe dizer, pois é só isso que sei.

—É muito pouco! Preciso de mais!

—No momento, é tudo que precisa saber. Sinto muito si não posso te ajudar mais. Talvez se frequentar uma casa espírita, ler e estudar possa entender mais. Lembre-se de que a procura da verdade é o melhor caminho para se conseguir a felicidade.

—Eu trabalho muito e estou aqui por estar em férias. Mas, assim que voltar ao meu trabalho terei muito pouco tempo livre. Não posso me dedicar a outra coisa além do trabalho.

—Não se preocupe. Tudo tem a hora certa, e, se você sentir necessidade, encontrará tempo. Por hoje, não tenho mais o que dizer. Está ficando tarde, preciso ir. Tenho que preparar o meu jantar. Logo, todos estarão chegando em casa e estarão com fome. Sinto muito não ter podido dar todas as respostas, mas, também, não sei tudo. Assim como todos, também estou caminhando e aprendendo a cada dia.

Pelo tom da voz de Lia, Marilda percebeu que o encontro havia terminado.

—Desculpe, estou sendo ingrata, Lia. Eu deveria ter ficado feliz só com a presença do meu pai. No entanto, você sabe como é o ser humano, sempre quer mais.

—Sim, e isso é o que o torna diferente dos animais. O querer saber, o querer mais foi o que impulsionou e ainda impulsiona a humanidade. Eu entendo, pois também sou assim. Por querer saber mais foi que estudei e me aprofundei. Por isso, hoje posso te dizer que, apesar disso, não sei tudo e que tenho muito a aprender. Só de uma coisa eu tenho certeza: do profundo amor de Deus por todos nós. Agora preciso ir.

—Não, espere — disse Rosa. — Vamos tomar um lanche.

—Desculpe Rosa, mas ficamos conversando e não vimos o tempo passar. Outra hora eu voltarei.

Marilda, sempre que precisar conversar me telefone. Anote o meu número. Se precisar de mais algum esclarecimento, estarei sempre disposta a conversar com você e tentarei responder a todas as suas perguntas. Pelo menos as que eu souber.

Dizendo isso, Lia levantou-se, beijou Rosa, Júlio e, quando chegou perto de Marilda, ela, constrangida, sabendo que havia sido ingrata e mal-educada, disse:

—Lia, desculpe. Acho que, mesmo sem querer, te ofendi. Juro que essa não foi a minha intenção.

—Não se preocupe com isso. Não estou ofendida, estou mesmo atrasada. Quando começo a falar sobre a espiritualidade, me esqueço do mundo, não vejo o tempo passar. Tenho ainda as minhas obrigações com a minha família. Como te disse, já fui

assim como você: tive muitas perguntas, poucas respostas. Por isso fui à busca delas e posso te garantir que encontrei respostas para todas. Você está, agora, no início de uma nova vida. Tem muito para aprender e aprenderá. Um dia, estará assim como eu, passando para o outro aquilo que aprendeu.

Foi em direção à porta da sala, saiu. No portão, deu adeus tom à mão, entrou no carro e foi embora.

Marilda também queria ir embora, mas Rosa, pegando em seu braço, convidou-a para que entrasse novamente na casa.

— Vamos entrar — disse sorrindo —, ainda não tomamos o nosso lanche. Eu preparei uma torta de palmito, sei que você vai adorar! É a minha especialidade.

—Marilda, sei que não vai se arrepender. A torta da minha mãe é realmente uma delícia. Venha, vamos entrar — disse Júlio.

—Você chegou e não tivemos tempo para conversar. Quero te mostrar o resto da casa. Afinal, esta é uma visita que se tornará rotina.

O Júlio está muito impressionado com você e espero que sinta o mesmo por ele. Fazia muito tempo que eu não via o meu filho tão feliz. Obrigada. Por que está assim tão preocupada?

—Acho que ofendi a Lia. Ela, com tão boa vontade, tentou me ajudar... E eu fui indelicada...

—Ora! Nada disso! A Lia não se ofende facilmente. Ela tem mesmo que fazer o jantar, já a conheço há muito tempo. Eu sei que se a tivesse ofendido ela te responderia à altura. Ela não é de levar desaforo para casa! Vamos entrar!

—Embora a senhora e ela mesma tenham dito que não a ofendi, sinto que exagerei. Estou confusa com tudo que aconteceu. Não vim preparada para sentir a presença do meu pai. Para dizer a verdade, nem estava pensando nele. A minha única preocupação era saber sobre a Fernanda.

—Não se preocupe, ela entende muito bem a sua situação. Todos já passamos por isso. Eu mesma quase a expulsei quando me disse que a Isaura estava aqui na minha casa.

Disse essas palavras olhando para Júlio, que, percebendo que ela estava embaraçada, disse:

— Pode continuar mamãe, eu contei tudo para a Marilda.

—Pois é; para você ver, eu, que também era assim como você, não quis acreditar e fiquei furiosa. Lia, com toda a paciência do mundo, me esclareceu e, hoje, eu agradeço muito a ela por isso. Vamos entrar? Convidou Rosa.

Entraram, mas, por mais que Rosa e a própria Lia dissesse que não estava ofendida, Marilda não estava bem. Sentaram ao redor da mesa e comeram a torta, que estava realmente muito boa. Marilda se deliciou.

Rosa mostrou a casa, conversaram muito sobre a vida e sobre os filhos de Júlio, que não estavam ali naquele momento. Aos poucos, Marilda foi ficando à vontade. Falou de sua vida, de seu pai e da imensa felicidade que estava sentindo por ter sentido a presença dele e por saber que, em algum lugar, ele estava vivo e que também, um dia, voltaria a vê-lo.

Acabou ficando para o jantar. Já eram quase dez horas da noite

quando Júlio a levou para casa.

Foram caminhando. Quando chegaram ao portão, ela perguntou:

— Não quer entrar e conhecer a minha casa?

— Quero, sim, mas não só conhecer a sua casa, eu quero ficar com você a noite toda.

Ela beijou o seu rosto e o encaminhou para dentro da casa. Sabia que aquela seria mais uma noite de amor.

Notícias de Fernanda

Marilda e Júlio ficaram juntos naquela noite. Ao acordar pela manhã, não cabiam em si de felicidade. Júlio, ainda deitado, a abraçou, dizendo:

— Fazia muito tempo que eu não me sentia tão feliz assim. Bendito aquele dia em que te encontrei lá em Roma e que você precisava de ajuda e eu estava na hora e no lugar certo.

—E pensar que eu fiquei furiosa por minhas malas terem sido extraviadas...

—É assim mesmo que acontece. Nem sempre o que parece ruim na realidade é. Muitas vezes é só o destino trabalhando.

—Tem razão, quando eu poderia imaginar que aquela viagem, que eu havia sonhado tanto, seria muito mais do que uma simples viagem? Também estou feliz por ter te encontrado e por estar com você aqui ao meu lado, Júlio.

—Também estou, mas não fique achando que vai ser sempre assim. Terá que se acostumar com a minha rotina.

—Por que está dizendo isso?

—Esqueceu que sou médico e que muitas vezes tenho que sair durante a noite para atender a pacientes? Esposa de médico tem que ter muita paciência.

—Esposa?!

—Claro que esposa! Ou está achando que vai aproveitar só o bom desta relação? Quero ser tratado por você com muito carinho, ter uma casa para chegar, com uma mulherzinha linda, amorosa e sorridente me esperando, com a minha comida pronta.

—Acho que você é quem está esquecendo — disse rindo e o beijando — que sou uma mulher que trabalha fora.

—Sei disso, mas quem sabe você resolva abandonar o seu trabalho e viver só para nós...

—Sinto muito, mas não posso. Amo o meu trabalho e gosto de me sentir útil. Estudei e trabalhei muito para chegar aonde cheguei, não conseguiria abandonar tudo.

—Não faria isso nem mesmo para ser a minha esposa?

—Desculpe, mas não. Adoro-te, quero ficar ao teu lado para sempre, mas, deixar o meu trabalho, não. Ainda mais depois do que aconteceu com a Fernanda. Ela abandonou tudo para se dedicar ao marido e a filha, e no final foi abandonada e ficou sozinha. Sem saber o que fazer com a vida. Sem saber cuidar do seu dinheiro, que ela na realidade nunca teve, pois o Antero se

encarregou de suprir todas as suas necessidades.

—Você não pode me comparar com o Antero! Sou diferente dele e te amo e já te dei provas disso!

—Estou acreditando nisso e sou feliz, mas quando eles se casaram também se amavam. Ninguém se casa para que haja uma separação, a vida dá muitas voltas. Quero ficar ao teu lado, mas continuarei trabalhando. Te garanto que será muito bem cuidado, a Renata é especialista e muito eficiente.

—Está bem, não vamos ter a nossa primeira briga por isso. Se quiser continuar trabalhando, não me oponho. A opção é sua. Agora preciso ir, vou até em casa trocar de roupa e depois irei para o hospital.

Ele se levantou. Ela também, se levantou e o acompanhou até a porta. Beijando-a novamente, ele foi embora. Ela voltou para o quarto, tornou a se deitar. Era ainda muito cedo.

Não fazia nem meia hora quando o telefone tocou. Ela se assustou, pois quem fazia aquilo com ela era a Fernanda. Não podendo imaginar quem seria, atendeu:

—Alô.

—Alô, meu amor! Estou te ligando para dizer que hoje pela manhã a Lia telefonou para a minha mãe. Disse que precisa falar urgente com você.

—Comigo?! Ela não disse sobre o que quer falar?

—Não disse, mas deixou o número do telefone e pediu que você telefonasse o mais breve possível.

—Estranho o que será?

—Não sei, mas pode telefonar agora. Ela está esperando o seu telefonema. Depois me conte sobre o que ela quer conversar de tão urgente com você.

—Está bem, vou fazer isso agora mesmo.

Anotou o número e, assim que desligou, intrigada, telefonou para Lia, que atendeu prontamente.

—Alô, Lia, sou eu, a Marilda. Desculpe, sei que ainda é cedo, mas o Júlio disse que você queria falar comigo urgente.

—Queria muito, tenho uma notícia para te dar que com certeza te deixará feliz, Marilda.

—Que notícia é essa?

—Tenho quase certeza que a sua amiga não se suicidou!

—Como?!

—É isso mesmo. Eu tive um sonho com ela e, da maneira como estava, é sinal que não se suicidou. Pois se isso, realmente, tivesse acontecido, ela estaria em uma situação muito ruim.

—Mas se foi só um sonho, como sabe que é verdade e pode falar com tanta certeza?

—Sei disso porque é assim que o meu guia se comunica comigo, através dos sonhos. Ele me mostrou a Fernanda dormindo, tranquila e muito bem.

—Não está dizendo isso só para me consolar?

—Não, eu não faria isso! Ela está bem, sim, e, se não se suicidou, alguém a matou. O meu guia me mostrou como ela está para que você fique tranquila e não se preocupe mais. Quem a matou será castigado. Se não for nesta vida, com certeza será na outra.

Mande, em pensamento, muito amor e luz para a Fernanda, garanto que lhe fará muito bem.

—Não sei se posso acreditar nisso que está me dizendo...

—Ainda tem dúvidas sobre a vida depois da morte?

—Claro que não! Eu não vi, mas senti a presença do meu pai, e só poderia ser ele quem te mandou dizer aquelas coisas, era o único que me chamava pelo apelido. Minha mãe brigava com ele, mas não adiantava. Quando eu nasci, ela quis colocar o nome da mãe dela, de quem por sinal ele não gostava. Sabe como é, coisas de família — disse isso rindo —, por isso se recusava a me chamar de Marilda e sempre me chamou por Milinha. Não tenho como duvidar, sei que era ele mesmo...

—Está vendo que não tem motivo para duvidar do que estou te dizendo. Só tem que agradecer a Deus por sua amiga estar bem. Isso é o mais importante.

—Farei isso, mas quem a matou? Não te disseram?

—Não, esse assunto será resolvido pelo plano espiritual. Só comunicam aquilo que é permitido. Mas não se preocupe, tenho certeza que tudo será esclarecido. Deus é nosso Pai e não nos abandona nunca! O importante é que ela esteja bem.

—Se realmente for verdade, estou feliz mesmo, e nem sei como te agradecer por esta notícia.

—Não tem o que agradecer, só estou cumprindo a minha obrigação. Quando recebo uma mensagem do meu mentor, preciso transmitir o mais breve possível. Fico feliz por ela e por você. Agora, preciso desligar. Tenho uma casa inteira para

cuidar. Até mais tarde. Ainda estou na Terra — disse isso rindo.
—Até mais tarde e obrigada mais uma vez.

Marilda colocou o telefone de volta no gancho. Ao mesmo tempo em que estava feliz por ter tido notícias de Fernanda, estava intrigada e com muita raiva:

"Ainda bem, minha amiga, que você não se matou! Deus te abençoe por isso, mas quem te matou não pode ficar impune! Quem teria feito isso e por quê? Só pode ter sido o Antero! Era o único que teria um motivo! Mas que motivo? Ele já havia saído de casa! Também não acredito que ele teria coragem de fazer uma coisa como essa! Não! Não pode ter sido ele! Preciso conversar com a Renata e saber direito como foi à conversa que ela teve com a Fernanda quando eu estava viajando. Pelo jeito, o Antero ia voltar para casa, mas, se foi isso, por que ele não me contou? Está tudo muito estranho. Daqui a pouco a Renata vai chegar e poderá me esclarecer tudo."

Foi até a cozinha; como Renata ainda não havia chegado, colocou água no fogo para ferver. Queria e precisava tomar um café. Assim que a água ferveu, coou o café e colocou em uma xícara; sentando em uma cadeira, começou a beber. Estava pensativa, quando a porta da cozinha se abriu e por ela entrou Renata, que se assustou ao vê-la, tomando café ali na cozinha:

—Dona Marilda, a senhora já está acordada? Desculpe, mas não consigo chegar mais cedo.

—Não se preocupe com isso, sei bem a hora em que você chega. Acordei cedo e fiquei com vontade de tomar café. Preciso

também conversar com você.

—O que é? Fiz alguma coisa errada?

—Não, não é nada disso. Você me disse que a Fernanda telefonou no dia em que morreu. Quero que me diga, exatamente, o que ela te disse, e a que horas foi.

—Ela telefonou, sim, acho que era lá pelas duas da tarde, eu estava terminando de arrumar para ir embora. O telefone tocou.

—Alô

—Renata! Sou eu, a Fernanda, estou telefonando para saber se a ___Marilda já telefonou para você.

___Ainda não, mas acho que ela vai telefonar logo.

—Quando ela telefonar, diz que ela não precisa mais se preocupar comigo e que estou muito feliz. O Antero vai voltar para casa! Ele vem jantar e eu estou preparando um jantar caprichado! Estou muito feliz!"

—Aí, eu desliguei dona Marilda. Por isso levei o maior susto quando soube que ela tinha se matado. Não conseguia acreditar, ela me pareceu tão feliz! Ninguém se mata quando está feliz...

— Talvez ela não tenha feito isso.

— O que a senhora está dizendo? Ela não se matou?

— Não posso te dizer com certeza, mas tenho uma grande suspeita que ela não fez aquilo, suspeita não! Quase certeza!

—Se ela não se matou alguém a matou! Quem foi?

—Não sei, mas vou descobrir!

—Como à senhora soube disso?

Marilda contou tudo que havia acontecido na casa de Júlio.

—Foi o seu pai, sim, dona Marilda! — Renata disse, parecendo não se admirar — Tenho certeza! Que bom que isso aconteceu. Deus está sempre ao nosso lado mesmo. Acho que chegou a hora da senhora estudar e conhecer a espiritualidade. Quando chega a hora, não tem jeito não. Agora, a senhora, começando a estudar, vai entender muitas coisas que não entendia. O Altair vai ficar feliz. Ele acredita muito e, quando eu dizia que a senhora era muito sozinha, ele sempre dizia:

—Não se preocupe, para tudo sempre tem a hora certa. A dona Marilda é uma pessoa boa e com certeza tudo de bom vai acontecer na vida dela. É só ter paciência e esperar.

—Ela não acredita na espiritualidade.

—Para isso, também, tem a hora certa e , quando essa hora chegar, não tem retorno não.

—Se for mesmo do jeito que ele fala, agora, deve ter chegado há sua hora, dona Marilda.

— Chegou, sim, e estou curiosa sobre esse assunto. Vou comprar alguns livros e estudar. Mas a minha prioridade é descobrir quem matou a Fernanda! Desconfio de alguém, mas parece que ele preparou um bom álibi. Mas mesmo assim vou investigar. Sei que descobrirei a verdade.

— Investigue, sim. Se isso aconteceu mesmo, foi uma maldade e precisa ser descoberta.

— Essa é a minha intenção. O criminoso não pode ficar impune! Tem que ser descoberto e preso!

— O leite está fervendo, vou colocar a mesa.

— Faça isso. Vou tomar um banho e virei em seguida. Hoje o dia vai ser intenso. Preciso fazer uma visita a alguém que terá de me dar explicações. Dependendo dessas explicações, talvez eu até tenha que ir à polícia.

— A senhora vai à polícia? — perguntou Renata, assustada.

— Se for preciso, sim. Antes preciso conversar com ele.

— Pensando bem, a senhora tem que fazer isso mesmo! A dona Fernanda era tão boa e sua amiga sincera! Se alguém a matou, tem que ser preso e condenado.

— No que depender de mim, isso acontecerá!

Marilda se levantou e saiu da cozinha. Renata, enquanto colocava a mesa, pensava:

"Será que ela não se matou mesmo? Meu Deus tomara que isso seja verdade... dona Fernanda, não sei onde a senhora está agora, mas, onde estiver, receba a minha saudade e muita luz para que possa seguir em frente. Deus a proteja."

Marilda, em seu quarto, estava preparando a roupa que iria vestir quando o telefone tocou. Atendeu.

— Alô!

— Sou eu, você está bem? Estou curioso para saber o que a Lia tinha de tão urgente para te falar.

— Ela queria me dizer que a Fernanda não se matou, Júlio.

— O quê?!

— Ela disse que sonhou com a Fernanda em um lugar muito bom, dormindo tranquila, e que isso significa que ela não se matou. Se ela tivesse feito isso, estaria em um lugar ruim.

— Graças a Deus! Você acreditou nela, Marilda?

— Não sei, talvez tenha sido a vontade de acreditar, mas eu mesma nunca aceitei essa idéia. A Fernanda não era uma pessoa fraca. Ela poderia ter todos os defeitos, mas era lutadora. Um pouco dominada pelo Antero, mas mesmo assim, quando o assunto não era ele, então, ela lutava muito. Estava fazendo de tudo na tentativa de trazê-lo para casa. Para ser sincera, não sei se ela teria coragem para se matar. Só o faria se tivesse a certeza que o Antero não voltaria mesmo, nunca mais.

— Isso não pode ter acontecido?

— Quem sabe. De alguma maneira ela, pode ter tido essa certeza. Mas acredito que não faria nada antes da minha volta. Além do mais, ela telefonou na tarde do dia da sua morte para a Renata, dizendo que estava feliz e para eu não me preocupar mais, pois o Antero iria jantar na sua casa e voltaria para ela.

— Ela fez isso?

— Sim, como então poderia ter se matado? Não faz sentido.

— Acho que você tem razão, mas o que pretende fazer?

— Estou querendo ir à delegacia falar com o delegado e dizer das minhas suspeitas.

— Não pode chegar lá e dizer que a sua amiga não se matou e que foi uma médium que lhe disse isso.

— Tem razão, eles não acreditariam, mas pensei muito e já sei o vou fazer!

— O que vai fazer Marilda?

— Vou até a empresa conversar com o Antero e contar do

telefonema da Fernanda. Quero ver a sua reação.

— Desconfia dele?

— Muito, pois ele disse que não estava na cidade e que só chegou à manhã do dia seguinte em que ela morreu. Se ele não estava na cidade, como ela deu aquele telefonema dizendo que ele ia jantar com ela? Ele está mentindo!

—É muito estranho, mas acho que você não deve ir até lá sozinha. Ficarei aqui no hospital até as duas horas da tarde. Assim que eu sair, vou te buscar e irei com você. Se ele tiver alguma culpa, não será bom que saiba que você desconfia dele.

—Não, não conseguirei esperar, irei agora mesmo! Não se preocupe, estarei na empresa e, ali, ele não poderá fazer nada. Não vou dizer que desconfio dele, só falarei do telefonema e prestarei atenção na sua reação.

— Não sei, acho que não deve ir sozinha. Mas como já sei que é uma mulher independente, sei que irá. Por favor, me telefone quando sair de lá.

—Vou telefonar. Tenho que fazer isso. Se não fizer, não terei sossego. Não vai me acontecer nada. Ele só precisa saber que sei muito mais do que ele imagina.

— Está bem, até mais tarde!

Logo que desligou o telefone, Marilda sentiu um aperto no coração. Não sabia dizer o que era aquilo, mas ficou triste. Em seu pensamento surgiu à imagem de Fernanda, sorrindo. Com lágrimas nos olhos, pensou:

"Minha amiga, sei que muitas vezes perdi a paciência com você,

mas sempre fui e serei sua amiga. Naquilo que depender de mim, descobrirei quem fez essa maldade com você."

Vestiu-se e foi para a copa. A mesa já estava colocada, mas ela estava sem fome. Tomou só uma xícara com café. Saiu apressada. Ela precisava falar com Antero o mais rápido possível, tinha na garganta aquele caroço seu conhecido, que só sairia depois que conversasse com ele. Precisava tomar cuidado ao conversar com Antero, não poderia, de maneira alguma, deixar que ele suspeitasse que ela sabia mais do que ele pensava.

Em busca de paz

Antero chegou à empresa, foi para sua sala, sentou-se e ficou pensando:

— Bom dia — disse Flávio, entrando na sala —, já é quase onze horas. O que aconteceu?

— Bom dia, não dormi bem esta noite.

— Estou notando. Você está com olheiras. Não dormiu por quê? Estava com alguma dor? Está doente?

— Não, não estou doente. Não sei o que foi. Tentei dormir, mas não consegui. A imagem da Fernanda, naquele caixão, não saiu, nem sai da minha cabeça.

— Foi triste mesmo, mas agora terminou. Você tem que retornar à sua vida.

— Sei disso, mas, por mais que eu tente, não consigo me livrar da culpa.

— Que culpa?

— Se eu não a tivesse abandonado isso não teria acontecido. Quando decidi sair de casa, nem por um momento pensei que ela poderia cometer uma loucura como essa.

— Nem eu, pois ela sempre pareceu ser equilibrada, mas você não pode se culpar. Ela não aceitou o abandono, por isso se destruiu, mas a culpa não é sua. Sempre existiu e continuarão existindo casais que se separam. Ela deveria saber disso e procurar entender. Para dizer a verdade, eu acho que, na realidade, ela não queria se matar. Queria apenas chamar a sua atenção e fazer com que você voltasse para ela. Se não fosse por amor, que fosse por pena, remorso ou por qualquer coisa parecida. Ela te queria de volta. Só ia tentar, mas se deu mal. Acho que errou a dose.

— Acredita mesmo nisso, Flávio?

— Não, mas não deixa de ser uma boa teoria. Sou seu amigo há muito tempo, como também era dela. Assim como todos estou arrasado com o que aconteceu. Mas sei também que nada poderá ser mudado. A única coisa que você tem a fazer é retomar a sua vida e ser feliz. Sabe muito bem o que tem que fazer para que isso aconteça. Agora está livre e poderá realizar os seus sonhos. Você não é culpado, não foi você quem a matou. Quando vai para Louveira?

— Não sei, ainda é muito cedo para isso. Preciso dar um tempo e

conversar com a minha filha.

— Estranhei a Fernanda não ter contado para a Regiane sobre a separação. Por que ela teria feito isso, Antero?

— Não sei, talvez porque, no fundo, acreditava que eu voltaria para casa e não queria preocupá-la.

— É, pode ser... Mas mesmo assim não deixa de ser estranho. Além do mais, se ela não queria preocupar a filha, como foi tomar uma decisão drástica como a de se matar sem deixar um bilhete? Será que ela não pensou que isso, sim, seria motivo não só de preocupação, mas de muita tristeza?

— Acho que ela não pensou nisso, nem sei como ela teve a coragem de fazer uma coisa como essa...

— Bem, meu amigo, mas, de certa maneira, a morte dela veio bem a calhar.

— Por que está dizendo isso?

— Ela morrendo e não contando nada à Regiane, deixou o caminho livre para que você decida a sua vida. Convenhamos que seja muito mais fácil.

— Não estou te entendendo, Flávio.

— Como não? Vai me dizer que já não pensou nisso!

— Claro que não. Ao contrário, com relação à Regiane, tudo ficou mais difícil.

— Difícil como?

— Você acha que ela irá aceitar a minha relação com outra pessoa sabendo que a mãe morreu e da forma como foi?

— Claro que acho. Estou te estranhando. Quando saiu de casa

disse estar disposto a encarar tudo para poder se realizar e ser feliz. Por que agora tudo isso? Por que essa insegurança? Você não quer mais ser feliz, realizar o seu sonho?

— Claro que sim! Só que terei de esperar mais um pouco. Preciso dar um tempo e esperar que a minha filha deixe de sofrer tanto com a morte da mãe. Depois com mais calma, eu contarei o que pretendo fazer, mas por enquanto não.

— Acha que conseguirá esse tempo? Tomou a decisão de sair de casa porque não tinha mais tempo... Precisava resolver a sua vida. Terá mais tempo agora?

— Terei que ter. As coisas mudaram, agora sou um homem livre, diferente daquele que eu era.

— Não estou te entendendo, Antero, mas você, com certeza, deve saber o que está fazendo. Preciso ir para minha sala. Hoje, teremos um dia cheio. O gerente do banco virá às duas horas. Como gerente-financeiro, vou ter que conversar com ele e obter mais prazo. Não vai ser fácil, mas farei o possível.

— Se ele não aceitar?

— Se isso acontecer, estaremos perdidos.

— Você pode usar o argumento de que, com a morte da Fernanda, haverá um inventário e terei dinheiro, disponível, para acertar tudo. Se ela estivesse viva, com certeza não concordaria. Posso vender alguns dos nossos apartamentos e até a nossa casa.

— Vai vender a sua casa?

— Claro que sim. Sabe muito bem que não poderei voltar a viver

lá. Tem muitas lembranças que só atrapalharia a minha nova vida e isso eu não quero. Só quero ser feliz.

—Não acredito que esteja pensando em fazer isso! Aquela casa foi construída e decorada com tanto carinho por vocês dois. Pensei que gostasse dela.

—Gosto, mas agora não posso continuar morando nela.

—Está certo, mas, pensando bem, não deixa de ser um bom argumento para o gerente do banco. Pois, mesmo com a partilha, dará para pagar tudo e ainda sobrar muito. A Regiane deixará você vender a casa?

—Terá que deixar. Ela já tem a sua própria casa e mora distante. Não pretende morar lá. Por isso sei que ela ficará contente com a sua parte na partilha.

—Tomara que consiga o que deseja, sem muito trauma para ela. Agora preciso ir. Até mais tarde.

Flávio saiu da sala. Antero ficou com o olhar perdido no espaço relembando de sua vida, que passou quase que toda ao lado do Fernanda.

"Não posso negar que, embora não a tenha amado, tive momentos felizes ao seu lado. Não precisava terminar assim. Se eu soubesse que isso iria acontecer, jamais teria saído de casa. Mas o Flávio tem razão: com a morte dela, será mais fácil eu falar com Regiane. Sei que a princípio ela não aceitará, mas com o tempo perceberá que será para a minha felicidade e sei que é isso o que deseja. Ainda bem que Fernanda não lhe contou. Seria pior. Se ela soubesse que eu havia abandonado Fernanda, com

certeza estaria com muita raiva. Não sabendo, ao contrário, está tão perplexa quanto qualquer um.

Mas por que não consigo tirar da minha mente a imagem de Fernanda naquele caixão? Preciso trabalhar, mas não estou conseguindo... o que quero mesmo é sair, andar sem rumo. Não estou bem. Se eu acreditasse em vida pós-morte, diria que Fernanda está aqui ao meu lado. Mas sei que isso não existe. Está tudo muito recente e com o tempo sei que vai passar. Como se diz: o tempo sempre cura tudo."

Antero tentou ficar na sala por mais um tempo, mas não conseguiu. Sentia-se abafado, precisava de ar, respirar. Pegou o paletó e saiu. Luciana quis conversar com ele, mas ele passou por ela sem nada dizer.

"O que será que ele tem? — pensou intrigada. — Não me parece bem, vou falar com o doutor Flávio."

Foi para a sala de Flávio, bateu de leve e entrou.

—Doutor , estou preocupada com o doutor Antero.

— Por quê?

— Ele saiu e não disse onde estaria. Não costuma fazer isso. Sempre que sai, me avisa onde posso encontrá-lo, caso precise. Tentei falar com ele, mas não me respondeu.

—Também achei que ele não estava bem. Mas precisamos entender que a morte da esposa, principalmente da maneira como foi, o deixou abalado. Vamos esperar até ele retornar. Conversarei e verei se consigo descobrir o que está acontecendo. Você está com algum problema, precisando dele?

- Não, está tudo sob controle, só estou preocupada.
- Está bem; se precisar de alguma coisa, estarei aqui.
- Obrigada, Doutor Flávio.

Luciana saiu da sala. Flávio ficou pensando.

"Ele está abalado com a morte da Fernanda e é compreensível. Dentro de alguns dias estará bem. Vou esperar que volte e tentarei conversar novamente."

Antero tomou o elevador, saiu para a rua e foi para um bar que havia ali, onde sempre ia tomar café com clientes ou fornecedores. Entrou no bar. Assim que o garçom o viu sentar-se junto ao balcão, disse com a voz embargada:

— Sinto muito, doutor, por aquilo que aconteceu com a sua mulher. O senhor veio aqui com ela algumas vezes e me pareceu ser uma mulher feliz. Nunca pensei que ela pudesse fazer uma coisa assim.

— Nem eu... Nem eu... Mas, por favor, sirva-me um café.

— É para já.

O garçom o serviu e ele, levando a xícara até os lábios, continuava pensando em sua vida junto com Fernanda e na imagem dela no caixão.

"Ela estava com uma expressão estranha. O que terá acontecido? Por que fez aquilo? Será que foi como o Flávio disse: para chamar a minha atenção? Não. Se fosse isso, ela teria tomado cuidado. Sabia exatamente a quantidade de remédio que poderia tomar. Jamais tomaria uma dose excessiva. Mas por que fez isso? Por que não veio me procurar na empresa ou mesmo lá no

apartamento? Já que estava me seguindo; sabia que eu estava lá. Por quê? Por quê? Talvez porque eu a tenha recebido tão mal quando veio com a Marilda. Meu Deus, se eu soubesse que isso pudesse acontecer, jamais teria agido daquela maneira!"

Ficou ali, tomando o café, mas logo percebeu que ali também não estava bem. Voltou para o prédio, foi até o estacionamento, entrou no carro e, sem comunicar a ninguém, saiu sem destino. Dirigiu por ruas que estava acostumado a passar. Dirigia o carro, mas seu pensamento não estava na direção, só no rosto de Fernanda dentro daquele caixão. Quando percebeu, estava na estrada que o levaria para a região de Campinas; tentou fazer a volta, mas decidiu:

"Já que vim até aqui, vou em frente. Preciso falar com alguém e não existe ninguém melhor do que ela."

Dirigindo pela estrada, ficou olhando o verde que a cercava, e aos poucos foi ficando mais calmo. Assim que viu a placa que mostrava a entrada da cidade de Louveira, sabia que mais algum metro à frente estava à entrada de acesso à cidade. Sentiu que ali encontraria paz.

Pegou a estrada e, pouco tempo depois, estava diante de uma casa com um lindo jardim, com muitos pés de rosas de todas as cores. Ele conhecia bem aquele lugar. Foi ali que passou muitas horas de total felicidade. Estacionou o carro, desceu, abriu o portão e entrou.

Suspeitas confirmadas

Assim que abriu a porta onde ficava o escritório de Antero, se dirigiu para a recepcionista, perguntando:

—O Antero está? Preciso falar urgente com ele.

—Ele não está. Saiu logo cedo, mas a Luciana, sua secretária, deve saber aonde ele foi. Espere um minuto.

Ela se comunicou através de um interfone. Minutos depois, Luciana surgiu em uma porta. Ao ver Marilda, disse sorrindo:

— A senhora não é a amiga da dona Fernanda? Fiquei muito triste com o que aconteceu com ela.

Marilda sentiu-se envergonhada por, juntamente com Fernanda, tê-la seguido, considerando que ela fosse a causadora do abandono de Antero, e por descobrir que ela era uma moça sofrida.

— Não sei se a senhora acredita, mas frequento uma casa espírita e, lá, todos estamos fazendo preces vibrando e enviando muita luz para a dona Fernanda.

— Acredito, sim, e agradeço muito. Sei que é disso que ela está precisando. Mas o Antero não está? Sabe para onde ele foi e quando vai voltar?

— Infelizmente não. Ele estava estranho, saiu sem dizer para onde ia. Estou preocupada, pois ele não costuma fazer isso.

Marilda, decepcionada, disse:

— É uma pena, preciso muito falar com ele. Está bem, mais tarde

eu telefonarei para ver se ele voltou.

— Faça isso; ou melhor, já que é tão urgente, assim que ele voltar, digo que a senhora esteve aqui e em seguida lhe telefono.

— Está bem. Estarei esperando. Anote o número do meu telefone, estarei em casa a tarde toda. Muito obrigada por sua atenção. Até logo.

Luciana sorriu e, quando estava entrando novamente por aquela porta da qual havia saído, Flávio estava entrando na recepção. Ao ver Marilda saindo, disse feliz:

— Marilda! Você aqui! Que surpresa!

— Olá, Flávio, como está?

— Estou bem, na medida do possível. Mas não vá embora, venha até a minha sala e poderemos conversar um pouco sobre tudo que se passou com a Fernanda. Sabe que custo acreditar que aquilo realmente aconteceu.

— Eu também. Vim conversar com o Antero, mas ele não está. Voltarei mais tarde.

— É sobre ele que quero falar com você. Estou preocupado. Entre e conversaremos.

Marilda sabia que, assim como ela era amiga de Fernanda, Flávio também era o melhor amigo de Antero, por isso precisaria tomar cuidado ao conversar com ele. Não poderia deixar de maneira alguma que ele suspeitasse das desconfianças dela, mas, vendo que não haveria alternativa, acompanhou-o. Ele a conduziu até a sua sala. Pediu à secretária que lhes servisse um café, em seguida apontou para Marilda uma cadeira que estava em frente à sua

mesa, sentaram-se.

— Posso saber o que você quer conversar com o Antero?

— Não é nada importante, só queria ver como ele está. No enterro, não deu para conversarmos muito.

— Ele não está bem e estou preocupado.

— Não está bem como?

— Está estranho, sente-se culpado pela morte da Fernanda.

— Culpado? Por quê?

— Disse que se ele não tivesse saído de casa... Você sabe que ele saiu, não é? A Fernanda não contou para a filha, mas para você ela deve ter contado. Você sempre foi a sua melhor amiga.

— Claro que sei, mas não acredito que esse tenha sido o motivo que levou Fernanda à morte.

— Por que está dizendo isso? Não estou entendendo...

— Ela estava triste com a separação, mas tinha esperança que ele voltaria para casa. Estava procurando por sua amante e queria saber o motivo exato para ele ter tomado essa atitude. Ela não se mataria, antes que tivesse a certeza que ele não voltaria mais. Eu fui viajar e ela me disse que esperaria a minha volta. Você sabe quem é a outra mulher?

— Ele disse que havia outra mulher?

— Não. Mas qual seria o motivo? Ninguém sai de casa porque a mulher tem mania de limpeza. Isso não existe!

— Acalme-se. Sei que tem motivo para estar revoltada com ele, mas te garanto que, quando ele saiu de casa, nem por um minuto, pensou que isso poderia acontecer.

— Desculpe, estou nervosa mesmo, mas não é para menos. Como uma coisa dessas foi acontecer? Não consigo me conformar, Fernanda era cheia de vida e sempre a considereei feliz. De repente, sem mais nem menos, ela morre! Se estivesse doente, eu até entenderia, mas não, ela gozava de perfeita saúde!

— Tem razão. Foi muito triste. Ainda mais da maneira como aconteceu. O Antero também não se conforma, hoje pela manhã estava estranho e saiu sem dizer nada. Estou preocupado. Não sei o que está passando pela mente dele.

— Deve estar assim como nós, com um agravante; ele pode ter sido o causador da morte dela e isso deve pesar muito. Agora preciso ir embora, sei que você deve ter muito para fazer.

— Neste momento até que não, mas à tarde terei uma conversa séria com o gerente do banco.

— Séria por quê?

— Estamos com alguns problemas financeiros. Não vendemos os apartamentos como tínhamos planejado e, para construí-los, fizemos um empréstimo. Agora estamos com dificuldades para saldar a dívida.

— Vocês estão com problemas? A Fernanda não comentou sobre isso! Ela não sabia?

— Não, ela não sabia. Sabe como o Antero é, ele nunca quis que ela se envolvesse com os problemas da empresa.

— Mas deveria afinal ela também era sócia.

— Sei disso, mas Antero sempre resolveu tudo.

— Bem, de qualquer maneira, preciso ir embora. Quando o

Antero chegar, diga que preciso falar com ele. Peça que me telefone. Até mais e boa sorte com o gerente do banco.

Marilda saiu da sala. Flávio a acompanhou até a recepção e despediram-se. Ela estava cada vez mais certa de que Antero, mesmo que não tivesse matado Fernanda, de alguma maneira havia tomado parte. Por que teria mentido, dizendo que havia viajado a noite inteira? Sim, pois a Fernanda disse que ele ia até a casa dela naquela noite. Estava aflita e nervosa.

"Não se preocupe, minha amiga — pensou no elevador. — Você, antes de morrer, deixou uma pista. Vou segui-la e encontrarei o culpado por sua morte! Pode ser que até demore, mas sei que conseguirei."

Pegou o carro e foi dirigindo. Olhou o relógio, era quase meio-dia. Foi para casa. Renata já estava com o almoço pronto, Marilda almoçou e foi para o seu quarto. Sabia que, logo mais, Júlio chegaria e ela lhe contaria tudo que conversou com Flávio. Talvez ele tivesse alguma idéia do que ela poderia fazer para desmascarar o Antero. Pegou um livro e começou a ler, mas não conseguia se concentrar na leitura. Mesmo não querendo, não conseguia esquecer o que conversou com Flávio.

"Se o Antero estava com problemas financeiros, por que não contou para a Fernanda? Com a morte dela, ele terá muito dinheiro e poderá saldar suas dívidas. Não. Ele não precisaria tê-la matado para conseguir o dinheiro. Ela o amava e faria tudo para ajudá-lo, mesmo se desfazendo de tudo que tinham. Ela não seria um empecilho. Não, esse também não deve ter sido o

motivo. Meu Deus! Qual foi o motivo da morte dela? Preciso de um caminho para seguir... a pista que Fernanda deixou. Mas como segui-la? Não sei o que fazer para desvendar esse mistério. Sempre ouvi dizer que não existe crime perfeito, mas acho que, neste caso, existe sim. Se eu disser para a polícia que a Fernanda, naquela noite, estava esperando por ele para jantar, será que eles não fariam uma investigação? Claro que sim! É isso que vou fazer! Assim que o Júlio chegar, contarei tudo que conversei com o Flávio e, se ele quiser, iremos juntos até a delegacia!"

Ela estava deitada tentando ler e adormeceu. Sonhou que estava em uma casa grande, brincando com algumas crianças. Ela era criança e deveria ter uns nove ou dez anos. Estavam brincando de esconder, quando encontrou outra menina, mais ou menos de sua idade. As duas, rindo muito, se abraçaram. Acordou, estranhou aquele sonho, lembrava de tudo com perfeição: da casa, das crianças e principalmente daquela menina. Estava emocionada e não sabia dizer por quê. Sentou-se na cama, pensando:

"Que sonho estranho... eu conheço aquela casa, aquelas crianças. E aquela menina, quem é? Estávamos vestidas com roupas de outra época e eu era criança? Que sonho estranho..."

Levantou-se, foi até a cozinha e bebeu um pouco de água. Renata não estava mais ali, já tinha ido embora. Olhou para o relógio que estava na parede, lembrou que não havia telefonado para Júlio. Pensou em telefonar para o hospital e saber dele, mas imediatamente pensou:

"Não, não vou fazer isso, embora eu tenha dito que telefonaria assim que conversasse com o Antero. Se demorei e ele não telefonou, deve ter tido algum motivo, vou esperar. Tenho que me acostumar com a vida de uma esposa de médico. Esposa? — pensou sorrindo. Imagine só! Esposa! Nunca pensei que isso aconteceria em minha vida! Mas acho que, vou sim, ser uma esposa de médico!"

Foi para o escritório. Assim que entrou, viu sobre a mesa um saquinho de plástico branco. Abriu e dentro dele estavam vários rolos de filmes ainda para serem revelados.

"Os filmes da viagem! Com tudo que aconteceu, esqueci de mandar revelar. Vou fazer isso hoje mesmo. Quando o Júlio chegar, pedirei que me acompanhe."

Ouviu o toque da campainha do portão. Olhou pela janela, era Júlio quem havia tocado. Saiu apressada do escritório e foi ao encontro dele, que a recebeu com um sorriso:

— Já não me ama mais?

— Por que está dizendo isso?

— Não estava na janela, tive que chamar pela campainha.

— Eu me distraí — disse, abrindo o portão e recebendo na testa o beijo dele —, encontrei os filmes da viagem e lembrei que não havia mandado revelar. Têm nossas fotos!

— Poderemos ir mais tarde, também quero ver essas fotos! Quero ver se ficaram boas.

Entraram em casa, abraçados. Lá dentro, beijaram-se apaixonados. Após o beijo, ele disse:

— Desculpe pela demora, mas na hora em que eu estava saindo do hospital chegou uma emergência. Tive que atender.

—Conseguiu ajudar a pessoa?

—Sim, era uma criança que caiu de um muro.

—Nossa! Estava muito machucada?

—Sim, mas agora está bem. Isso sempre acontece. Acidentes com crianças têm quase todos os dias, mas não precisava ser na hora em que eu estava saindo — disse, rindo.

— O importante é que chegou e está agora aqui ao meu lado. Quer tomar alguma coisa?

— Sim, gostaria muito de um café.

— Vou preparar agora mesmo.

— O que a minha amada fez hoje?

— Fui à empresa conversar com o Antero. Precisava descobrir alguma coisa.

— Descobriu?

— Não, ele não estava lá.

— Não?! Onde estava?

— Não sei e ninguém sabe, vou te contar.

Contou à conversa que teve com Flávio e a sua idéia de ir até a polícia e contar que Fernanda havia telefonado.

— Estou muito desconfiada — terminou dizendo — que Antero tenha alguma coisa a ver com a morte da Fernanda. A atitude estranha dele e as dificuldades financeiras. Por que ele mentiu dizendo que não estava na cidade e a Fernanda telefonou dizendo que estava tudo bem e que ele ia jantar com ela?

— São dúvidas razoáveis. Acho que suficientes para que a polícia investigue. O que pretende fazer?

— Estava esperando você chegar para ver se achava conveniente eu ir até a delegacia e se queria me acompanhar.

— Acho que agora, sim, terá argumentos para falar com a polícia. Não poderia chegar e dizer que a sua amiga não havia se matado porque uma médium te contou. Nisso, com certeza, eles não acreditariam. Claro que vou te acompanhar.

— Acredita em crime perfeito? Acredita que qualquer pessoa possa cometer um crime e ficar impune, sem que a justiça possa apanhá-la e ela possa continuar vivendo tranquilamente?

— Não sei se há crime perfeito, nem se alguém pode fugir da justiça da Terra, mas à de Deus não fugirá. Sempre haverá uma forma de se pagar e também de se redimir de um crime.

— O que quer dizer com isso?

— Quando vemos alguém sofrendo alguma injustiça ou tendo uma vida difícil, é Deus praticando a Sua justiça.

— Quer dizer que aquilo que praticamos de bem ou de mal receberemos de volta na mesma proporção e que, se não for nesta vida, será em outra?

— Isso mesmo. Já aprendeu muito!

— Sempre ouvi falar dessas coisas, só que nunca dei muita atenção. Também, nunca aceitei. Não me importa o que acontecerá em outra vida, com o Antero ou com a pessoa que matou a Fernanda. Quero que a justiça seja feita, aqui, nesta vida mesmo, pois em outra não se lembrarão. Portanto não estarão

pagando, apenas sendo vítimas. Por isso vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para descobrir nesta vida mesmo.

—Está certa em pensar assim, mas mesmo não concordando é assim que acontece. Deus nos julga a todos e nos dá de acordo bom os nossos merecimentos e ninguém, ninguém mesmo, consegue escapar da Sua justiça.

—Bem, posso até esperar outra vida se não conseguir fazer nesta, mas farei tudo que puder para encontrar o assassino da Fernanda. Ela era minha amiga e não merecia ter uma morte como essa. Farei tudo o que estiver ao meu alcance.

—Está bem. Faça isso, mas agora vamos tomar o café, nos amarmos e depois iremos até a polícia.

Foi o que fizeram.

A quem de direito

Chegaram à delegacia. Embora fosse advogada, Marilda nunca havia ido a uma delegacia. Nunca pensou em ser uma advogada criminalista, pois sempre julgou ser muito difícil defender um criminoso. Ficou admirada com a quantidade de pessoas que estavam ali sentadas, esperando para serem atendidas. Pensou em se identificar como advogada, mas achou melhor não usar dessa prerrogativa. Esperaria como os demais. Ela e Júlio esperaram por um bom tempo, até que finalmente foram

atendidos. O delegado os recebeu com um sorriso.

—Em que posso ajudá-los?

—Estamos aqui para poder lhe contar algumas suspeitas que temos sobre uma morte — disse Marilda.

—Suspeitas? Pode contar, do que se trata?

Ela contou tudo que havia acontecido desde que chegou da viagem. O delegado ouviu atentamente.

—Eu me lembro desse caso... Parece que o meu colega do turno da manhã já o arquivou. Mas diante de tudo que me contou, vou rever. Um momento, por favor.

Pediu ao escrivão que pegasse o prontuário. Assim que o escrivão trouxe, ele leu e falou em seguida:

—Aqui diz que ela foi encontrada morta na cozinha da casa e que tinha, ao seu lado, um vidro contendo soníferos muito potentes. A autópsia revelou que não houve luta e que ela morreu por ter ingerido uma grande quantidade daqueles soníferos, entre sete e oito horas da noite. Diz também que foi encontrada na manhã seguinte. Não resta a menor dúvida que foi suicídio, mas diante do que me contou estou curioso. O marido disse que não estava na cidade, que viajou durante toda a noite e que só tomou conhecimento na manhã seguinte, quando estava no escritório da empresa onde trabalha. Falou o quanto a esposa estava deprimida porque eles haviam se separado. A senhora está me dizendo que ela, no dia da sua morte, durante à tarde, telefonou para sua casa dizendo que estava tudo bem e que ele iria jantar com ela e voltar para casa?

—Foi isso exatamente que aconteceu. A minha empregada recebeu o telefonema e me contou. Eles estavam realmente separados e ela estava, sim, muito nervosa. Posso dizer que até deprimida, mas nunca se mataria.

— Como pode ter tanta certeza? A senhora não imagina quantos casos de homicídio passam por esta delegacia e o que tanto homens como mulheres podem fazer quando são abandonados, desde o assassinato até o suicídio. Isso é muito comum de acontecer!

—Não! A Fernanda não faria isso, esperaria ao menos eu voltar da viagem. Éramos muito amigas e ela sabia que poderia confiar em mim, a qualquer momento.

—Pode ser que ela não tenha querido esperar a senhora retornar. Mas, de qualquer maneira, está me apresentando um fato novo. Vou intimar o marido para que venha até aqui e preste um novo depoimento. Agora ele terá que explicar esse telefonema que ela deu. A sua empregada estará disposta a vir até aqui e confirmar o que está me dizendo?

— Não posso responder por ela, mas acredito que não haverá problema algum. Ela virá, sim.

— Está bem, depois que eu conversar com o marido, entrarei em contato com a senhora e lhe direi o que descobri.

—Obrigada. Sei que talvez o senhor não entenda, mas nada me convence que a Fernanda se matou.

—Fique tranquila, se isso não aconteceu, descobriremos.

—Obrigada por sua atenção, estarei esperando ansiosa.

—Não se preocupe tudo será esclarecido.

Ela e Júlio saíram dali. Estava mais tranquila por ter contado tudo que sabia e por ter sentido que o delegado se interessou e ia investigar realmente.

Já na rua, Júlio, a abraçando, disse:

— Está mais tranquila agora?

— Sim, parece que ele vai investigar.

— Parece não, ele vai investigar! Bem, agora você precisa deixar de ficar tão ansiosa e entregar tudo nas mãos de Deus, pois a justiça será feita. Disso não tenha dúvidas.

— Não sei não, acontecem tantos crimes que ficam por muito tempo sem solução.

— Tem razão, mas alguns são descobertos e os culpados são pegos. Já te disse que, mesmo que isso não aconteça nesta vida, com toda a certeza do mundo, acontecerá em outra.

— Sempre fui muito desconfiada quanto às religiões. Acho que elas deixam as pessoas alienadas em relação ao mundo. As pessoas se tornam dependentes de outras para resolverem os seus problemas. Em todas as religiões, sempre existe aquele que julga saber mais e a quem as pessoas seguem sem discutir. Essa mesma, que você pratica e que estou começando a aprender, diz que tudo tem relação com uma vida passada. Não sei, mas parece muito conveniente julgarmos que tudo que nos acontece foi por causa de uma vida passada e deixarmos para resolver os problemas para uma próxima vida. Claro que estou acreditando que exista uma vida depois da morte. Mas estou vivendo aqui e é

agora que vejo tantas coisas acontecendo. Foi agora que a Fernanda morreu! E é agora que o assassino está solto. Nessa outra vida, não sei como será! Não sei se um dia, se realmente eu renascer, me lembrarei desta. Que bobagem estou dizendo! Eu sei, com certeza, que não me lembro da anterior. Desculpe, mas não me convence! Sei que há outra vida, isso não posso negar, pois o meu pai esteve presente. Mas se tudo que nos acontecer deve ser deixado para lá, sinto muito, mas não dá para aceitar com tanta facilidade! Não conseguirei!

—Você e outras milhões de pessoas. É realmente difícil e conveniente, mas religião foi algo inventado pelo homem. Ele precisou fazer isso porque o ser humano não é só matéria. Em todos os tempos, ele precisou acreditar que existia algo além. Precisou acreditar em um ser superior. Não importa qual seja a religião que sigamos, em todos os momentos da nossa vida sempre temos e teremos ao nosso lado espíritos amigos nos ensinando, intuindo e dando forças para que atravessemos qualquer obstáculo e nos alertando quando pretendemos fazer algo que seja errado. Nunca estamos sós, eu acredito nisso. Pode não ser verdade ou conveniente, como você diz, mas é o que eu acredito e não preciso de alguém que saiba mais, ou menos, para me guiar. Só preciso ter a certeza que sou filho de um Deus maravilhoso, que é justo. O aceitar não significa ficarmos parados e esperarmos que todas as soluções venham do céu. Precisamos sempre lutar por aquilo em que acreditamos, defender os nossos direitos, sem nunca nos esquecermos das

nossas obrigações. Neste caso, você tem as suas dúvidas, trouxe a quem de direito. Agora, só resta esperar. Não tem outra coisa a fazer, além disso, Marilda.

—De certa maneira você tem razão, não poderei fazer nada além de esperar que o delegado investigue e consiga descobrir quem matou Fernanda.

—Isso mesmo. Mas vamos deixar essa conversa para outro dia. Quero passar o fim de semana com você. Embora eu não tenha todo um fim de semana livre, quero passar todas as horas possíveis ao seu lado.

— Também quero. Na segunda-feira voltarei ao trabalho. Apesar de todos esses problemas, estou feliz por ter te encontrado. Vou fazer parte das pessoas que convenientemente deixam os problemas nas mãos de Deus.

—Posso te garantir que são as melhores mãos que existem.

Conversa franca

Antero abriu o portão, caminhou até porta da frente da casa, tirou um chaveiro do bolso.

Escolheu uma das chaves, abriu e entrou.

Caminhou pelos vários cômodos, mas eles estavam vazios. Foi para a cozinha, abriu a geladeira, pegou uma garrafa com água, colocou em um copo e começou a beber lentamente. Em

seguida, ainda com o copo na mão, foi para a sala de visitas, ligou o televisor, sentou, continuou bebendo a água e ficou pensativo.

"Embora eu não tenha planejado, no fim deu tudo certo. Com a morte da Fernanda agora será mais fácil, embora saiba que não precisaria ter sido dessa maneira. Por que não consigo esquecer o rosto dela naquele caixão? Parecia estar me acusando. Preciso encontrar uma maneira de me controlar... estou nervoso, não consigo raciocinar e preciso continuar com os meus negócios. Tomara que o Flávio consiga convencer o gerente do banco a nos dar mais prazo. São tantos os problemas..."

Estava assim distraído, pensando, quando a porta abriu e entrou uma mulher, que disse surpresa:

— Você está aqui? Fiquei surpresa quando vi o seu carro lá fora. Não me avisou que viria, fui até o supermercado.

— Eu não sabia que viria. Não dormi bem e não consegui ficar na empresa. Saí dirigindo sem destino... No meio do caminho resolvi vir até aqui — disse, enquanto a beijava.

— Não dormiu bem, por quê?

— Não estou bem. Não consigo esquecer a Fernanda naquele caixão, sua imagem não sai do meu pensamento.

— Isso era de se esperar. Tudo está ainda muito recente. Também, assim como todos, estou abismada com o que aconteceu... Mas venha, vou te servir um café. Estava morrendo de saudade. Eu queria muito ter estado ao seu lado naqueles momentos, mas sabemos que foi melhor eu não ter ido. Se nos encontrássemos lá, não conseguiríamos disfarçar e as pessoas

poderiam desconfiar.

—Sei disso; embora eu tenha pedido a você que não fosse, senti muito a sua falta. Não foi fácil.

—Posso imaginar, mas agora tudo passou e em breve poderemos nos revelar. Já esperamos muito. Sabe o quanto te amo, acho que já dei provas disso, Antero.

— Também sabe o quanto te amo e também já dei provas disso. Por você, abandonei a minha casa.

—Agora é só questão de tempo — disse, sentando-se ao lado dele. — Tome o café.

— Não sei, nunca pensei que ela reagiria dessa maneira, estava preparado para choros e pedidos de volta, mas nunca para um suicídio... Isso nunca esperei...

—Nem eu, Antero. Pensava que conhecia a Fernanda, mas parece que me enganei. Como ela teve coragem para fazer aquilo? Não consigo acreditar...

Nesse momento, sem poder se controlar, Antero começou a chorar desesperadamente. Seu corpo tremia e não conseguia controlar os soluços, que vinham do fundo. Ela, ansiosa, perguntou:

—Por que está chorando assim? Acalme-se, Antero...

—Eu ainda não estou acreditando. Por que ela fez isso? Se eu soubesse, juro que não teria saído de casa! Ela foi uma boa esposa e companheira. Sempre soube que eu não a amava, mas mesmo assim fez tudo que podia para me manter feliz e tratou com carinho nossa filha. Talvez fosse um pouco exagerada com a

limpeza da casa, mas sei que foi sempre para que eu me sentisse bem. Consegui manter um lar harmonioso. Isso não podia ter acontecido. Eu, só eu, sou o culpado de tudo e deveria morrer também! — disse, entre soluços.

— Pare com isso! Você não tem culpa de nada! Se ela foi tudo isso que você disse com certeza você também foi! Foi um bom marido e sempre esteve ao lado dela e de sua filha! Mesmo sendo infeliz, ficou ali durante todo esse tempo!

— Se você não tivesse me pressionado e abandonado, eu estaria em casa até hoje e nada disso teria acontecido!

— Agora está dizendo que eu fui à culpada?

— Não estou dizendo isso, mas se não tivesse exigido a minha separação, nada disso teria acontecido.

— Você já imaginou há quanto tempo estou esperando que você tome a decisão de deixar a sua casa e ficar comigo? Você já imaginou o que é a vida de uma amante? Sei que todos condenam, mas ninguém imagina o que é ficar sempre sozinha, tentando adivinhar o que você estará fazendo, principalmente com ela. Passar finais de semana sozinha, Natal, Ano Novo e todos os outros feriados, familiares ou não! Quando chegavam as férias escolares, você pegava a sua linda família e ia viajar! Eu ficava sempre sozinha esperando a sua volta. Foram anos de espera, pois você sempre dizia que, quando a sua filha crescesse, quando seu pai morresse, ficaria comigo. Isso tudo aconteceu. Seu pai morreu, a sua filha cresceu e casou! Agora eu não poderia esperar mais, estou velha! Passei toda a minha juventude

à espera de uma decisão sua que nunca veio! Não venha me dizer que eu não deveria ter te abandonado e exigido essa decisão! Esperei muito! Por que se casou com ela, se sempre disse que era a mim que amava? Não venha com a desculpa que foi por causa do seu pai!

—Sabe como ele era autoritário e nós, seus filhos, tínhamos que obedecê-lo cegamente! Quando Fernanda engravidou, meu pai me obrigou a casar! Você sabe muito bem disso!

—Claro que sei! Você namorava comigo, mas, sem que eu soubesse, começou a namorar com ela também! Isso eu também nunca deveria ter perdoado! A sua traição! Não venha me dizer que se casou por causa do seu pai! Você sabia muito bem a fortuna que o pai dela possuía. Sabia, portanto, que, ao lado dela, teria uma vida bem melhor do que ao meu, filha de um motorista! Você se casou por interesse e, durante toda a vida, deu uma de vítima! Você é um dissimulado! Agora mesmo não sei se essas lágrimas são verdadeiras! Pode estar fingindo novamente!

Ela, muito nervosa e com muita raiva, começou chorar.

—Nem sei se essas lágrimas são verdadeiras. Pode estar fingindo, como sempre fez. Estou cansada das suas mentiras!

Ela começou a chorar, mas de raiva. Ele a abraçou, chorando também. Ela continuou falando entre soluços:

—Você acha que foi fácil eu tomar a decisão de deixar o meu apartamento, meu emprego, a minha vida, e ter vindo para cá? Não foi fácil, eu tinha uma vida organizada! Só tomei essa

decisão depois que o seu pai morreu, e ele, segundo você, era o único obstáculo para ficarmos juntos! Mas você continuava sempre com mais desculpas. Cansei de ficar sozinha, de não ter uma família, de não ler um filho, não ter nada! Enquanto a mulher que você dizia não amar tinha tudo! Não te obriguei, simplesmente te deixei em paz para que decidisse a sua vida! Portanto, não venha me culpar, pois eu não aceito! Já me senti culpada demais! Agora você está livre e pode fazer o que quiser com a sua vida!

—Sabe que é o que mais quero! Embora diga tudo isso, você foi à única mulher que amei em toda a minha vida! Quero ficar no seu lado para sempre! Só que precisamos esperar um pouco para anunciar essa nossa decisão.

—Está com novas desculpas! Não estou disposta a esperar.

—Você tem que ser razoável... Sabe que não posso chegar agora e dizer que vou me casar. Vamos esperar mais um pouco? Já esperamos tanto... Um pouco mais não fará diferença. Depois, te prometo que farei tudo como você quiser...

— Está bem, sei que desta vez está certo. Vamos esperar. Venha, vamos tomar o café.

Tomaram o café, voltaram para a sala. Ela o olhou com carinho, disse com a voz macia;

— Venha, vamos para o quarto. Você precisa relaxar e eu estou aqui para isso, Antero...

Foram para o quarto e se entregaram ao amor. Ficaram ali por um bom tempo, até que ela se levantou.

—Fique aí — disse carinhosa — que vou preparar algo para comermos. Está na hora.

—Não quero, não estou com fome.

—Eu também não, mas é preciso. Temos que conversar.

—Não, hoje não. Vou comer alguma coisa e voltar para a empresa. Saí sem avisar e todos devem estar preocupados.

—Por que não telefona para o Flávio?

—É... É isso que vou fazer.

Pegou o telefone e discou para o Flávio, que atendeu.

—Puxa Antero! — Flávio disse nervoso. — Onde você está? Saiu sem avisar! Estou preocupado!

—Estou bem, não se preocupe. Estou aqui em Louveira.

—Ainda bem, agora sei que está bem mesmo! Vou ficar tranquilo. E ela, como está?

—Assim como todos, abismada.

— á conversou com ela sobre aquilo que falei?

—Sobre o quê?

—Sobre como, com a morte da Fernanda, tudo ficou mais fácil para vocês e para a empresa?

—Claro que não conversei sobre isso, não é hora!

—Não precisa ficar nervoso, mas que estou certo, isso estou.

—Está bem, depois falaremos. Já estou voltando.

—A Marilda esteve aqui te procurando.

—O que ela queria?

—Não sei, disse que vai te telefonar. Ela estava estranha.

__ Estranha como?

—Tentei descobrir, mas você sabe como ela é não queria que eu soubesse o motivo da sua visita e conseguiu. Tentei fazer com que falasse, mas foi inútil. Fiquei sem saber.

—Está bem. Se ela telefonar, diga que logo mais estarei aí e que também estou querendo falar com ela.

Desligou o telefone, dizendo:

— Meu amor, preciso ir para a empresa. Logo mais te telefono.

— Quem era “ela”?

— A Marilda esteve me procurando. O Flávio não sabe o que ela queria, mas disse que, mais tarde, ela vai telefonar para conversar comigo. Não imagino o que ela deseja...

— Ela era muito amiga da Fernanda.

— Sim, muito amiga. Você sabe o quanto.

Ela o abraçou; disse, beijando de leve os seus lábios:

— Sabe que estarei aqui te esperando, como sempre...

Notícias do delegado

Na segunda-feira, Marilda acordou ouvindo o despertador, que ela havia marcado para que tocasse na hora em que costumava acordar para ir ao trabalho. Virou na cama, com aquela vontade de ficar mais um pouco. Durante o tempo em que esteve de férias, se acostumou a não ter hora para nada, inclusive para se levantar. Pela primeira vez em sua vida, não sentia vontade de ir

trabalhar. Levantou, foi para o banheiro. Precisava se preparar, sabia que o dia seria cheio, pois, embora tivesse deixado o escritório nas mãos de Laura e soubesse que ela era competente, Marilda tinha muitos processos em andamento. Depois de tomar banho, foi para o quarto e começou a se vestir.

"Estou me sentindo tão estranha. Sempre fui uma mulher decidida, sempre soube o que queria da minha vida. Nunca pensei no futuro com medo, pois sabia que ele só dependeria do meu esforço, da minha vontade e, hoje, estou com medo dele. Está tudo indo tão bem na minha vida, que estou com medo de morrer! Morrer?! Credo! O que é isso? Nunca pensei na morte!"

Terminou de se vestir e saiu.

"Estranho aquele pensamento de morte. Isso nunca me preocupou. Talvez por estar tudo tão bem e eu tão feliz, chego a ter medo. Sinto que já não sou a mesma que era. Sempre me julguei uma pessoa equilibrada. Tanto que muitas vezes critiquei Fernanda por sua maneira submissa, mas acho que fazia isso por nunca ter conhecido o verdadeiro amor. Hoje, depois do Júlio, acho que faria qualquer coisa que ele quisesse. Sinto que o meu único desejo é vê-lo feliz. Esse fim de semana foi maravilhoso! Aliás, todos os dias, depois que o conheci, foram maravilhosos. Nunca pensei que o amor pudesse ser tão importante na nossa vida, ainda mais quando encontramos alguém que também nos ame. Só posso agradecer a Deus por tudo."

Chegou ao escritório e, como já esperava, tinha realmente muito trabalho: tanto, que quase se esqueceu de Fernanda e de Júlio. Já

eram quase seis horas da tarde quando Júlio telefonou, dizendo;

—Oi, meu amor, passou bem o dia?

—Com muito trabalho, mas estou feliz. E você?

— Estou aqui no meu consultório. Também tive muito trabalho, mas estarei livre depois das sete horas. Quer me ver?

—Claro que quero! Quer que eu passe aí para te pegar?

—Não, vá para casa. Preciso jantar em casa, senão minha mãe vai ficar com ciúmes e isso não é bom. Já reclamou por eu ter passado quase todo o fim de semana fora — disse, rindo.

—Está bem, tenho muito trabalho; se você for jantar na sua casa, virá só depois disso. Então, vou aproveitar e ficar mais um pouco por aqui. Que tal lá pelas nove?

— Está ótimo! Ainda bem que moramos na mesma rua!

— Estarei te esperando, um beijo.

"Ele é mesmo maravilhoso! Nunca pensei que existisse um homem como ele. Parece adivinhar o que estou pensando. Será esse o amor verdadeiro? Será que somos almas gêmeas? Se alma gêmea realmente existir, com certeza somos e eu estou muito feliz por isso. Bem, preciso voltar ao trabalho."

Passaram-se os dias. Marilda dividia o seu tempo entre o trabalho e Júlio. Esqueceu o delegado e a investigação que ele disse que faria. Eram quase seis horas da tarde, o telefone tocou:

—Doutora Marilda, é Tomas o delegado. Como está?

—Delegado! Estou bem, obrigada. Tem algo para me dizer? Estou ansiosa esperando notícias suas!

—Tenho notícias, sim. Hoje é o meu plantão. Gostaria que, se a

senhora pudesse, viesse até aqui.

—Claro que posso! Estou ansiosa por suas notícias! A que horas quer que eu vá?

—A qualquer hora. Estarei aqui à noite toda.

—Está bem, irei assim que sair do trabalho.

"Finalmente, agora sei que haverá uma solução para a morte da Fernanda" — pensou enquanto desligou o telefone.

Em seguida telefonou para Júlio e contou-lhe sobre o telefonema do delegado. Marcaram um encontro para as nove horas, em frente à delegacia. Marilda não conseguiu mais trabalhar, estava muito ansiosa. Saiu do escritório, foi para casa. Precisava se acalmar e esperar que Júlio estivesse desocupado para acompanhá-la. Havia prometido a ele que não iria sozinha à delegacia e pretendia cumprir a promessa.

"Mudei mesmo!" — pensava enquanto escolhia uma roupa para vestir. — "Se fosse há outros tempos, não estaria aqui esperando. Assim que o delegado me telefonou, voaria para a delegacia. Mas olhe só! Estou aqui, na dependência do Júlio para me acompanhar, só para que não fique magoado."

Quando faltava meia hora para as nove horas, ela saiu de casa. No pátio da delegacia ficou esperando Júlio, que chegou logo depois. Entraram juntos. O delegado estava atendendo um caso. Sentaram-se e ficaram esperando.

—Que bom que estão aqui. Entrem. Sei que o que tenho para contar fará que fiquem mais tranquilos. Entrem, por favor.

—O senhor intimou Antero, doutor? — Marilda perguntou

aflita. — Ele veio e explicou o telefonema da Fernanda?

—Calma doutora! Eu o intimei, sim, e ele atendeu prontamente. Deu um novo depoimento, só não pôde explicar a respeito do telefonema. Disse que não sabia sobre o jantar e que não havia se comunicado com a esposa desde o dia em que as senhoras foram juntas na empresa.

—Ele está mentindo! Claro que sabia do jantar e que também disse a ela que voltaria para casa! Ela não teria inventado uma história como essa! Por que ligaria para minha casa, sabendo que eu não estava lá? Estava ansiosa para que eu soubesse e ficasse tranquila em relação a ela!

—A senhora tem razão em estar desconfiada, mas o álibi dele é perfeito. Esteve realmente viajando a noite toda, só chegou a São Paulo pela manhã.

—Não pode ser! Como pode ter certeza que ele esteve viajando durante a noite?

—Ele viajou em companhia de um corretor que queria lhe mostrar umas terras. Para que os gastos da empresa sejam controlados, eles têm e sempre tiveram por norma pegar notas fiscais em todos os postos de gasolina onde abastecem o carro e nos pedágios. Trouxe duas notas de dois postos diferentes e alguns recibos de pedágio. Ele esteve viajando a noite toda. Disse que além do corretor que o acompanhava jantou com os vendedores das terras e que eles poderiam confirmar que esteve lá. Estando tão longe, não teria como ter matado a sua amiga. Não foi ele. Pela autópsia, ela ingeriu uma quantidade grande

dos comprimidos que estavam espalhados pelo chão, que ela deve ter deixado cair. Sinto muito, sei que é difícil, mas a senhora precisa se conformar com a idéia de que ela se matou realmente.

—Não pode ser! Por que ela telefonaria para a minha casa, para que eu ficasse tranquila caso eu telefonasse, se estava pensando em se matar?

—Isso não posso lhe responder. Sabe-se lá o que se passa pela cabeça de um suicida, mas posso lhe garantir que se alguém a matou não foi ele.

—Como pode ter tanta certeza disso?

—Sou delegado há muito tempo, só nesta delegacia trabalho há mais de dez anos. Sei como interrogar uma pessoa e sei também que, se ela for culpada, não conseguirá escapar das minhas armadilhas. Por isso, tenho quase certeza de que não foi ele.

Júlio, que assim como ela prestava atenção e acompanhava a conversa, disse, colocando o braço sobre os ombros de Marilda:

—Bem, Marilda, acho que o delegado tem razão. Ele conhece o seu trabalho. Precisamos ir embora e procurar esquecer tudo que passou. A única coisa que podemos fazer pela Fernanda é vibrarmos muito por seu espírito e pedir que Deus não a abandone, esteja onde estiver. Acredito que Ele nunca fará isso.

—Sabe doutora, já vi muitos crimes que, aparentemente, pareciam sem solução. Mas do nada, quando já não me lembrava mais, sempre surgia uma pista e pegávamos o assassino. Por isso lhe digo que não vou parar as investigações, embora esteja

convencido de que ela realmente se matou.

—Obrigada, doutor, por sua atenção. Conto com o senhor, pois ainda não estou convencida que ela tenha feito isso.

—Não tem que agradecer. Estou somente cumprindo com o meu dever — disse isso rindo. — Não esqueça que sou um servidor público e que o meu salário é pago pela senhora.

—Estou certa de que o dinheiro dos meus impostos está sendo bem usado se for investido, em funcionários como o senhor — Marilda disse, também rindo. — Até logo e qualquer novidade me comunique, por favor.

—Não se preocupe. Procure esquecer e continue a sua vida. Nada mais poderá fazer por sua amiga. Até logo.

Saíram, pararam no pátio e ficaram conversando.

—Júlio, não consigo aceitar! De alguma maneira, o Antero está envolvido! Ele matou a Fernanda!

—Não tem como provar. Se foi ele, planejou muito bem. Agora, vamos para a sua casa, lá conversaremos mais. Não poderei passar a noite com você. Hoje, tenho plantão no hospital.

—Vamos — disse, sorrindo. — Ao menos poderemos ficar algum tempo juntos.

Em casa, conversaram sobre o que o delegado havia dito. Meia hora depois, Júlio foi embora. Marilda foi para o seu quarto, deitou e, olhando para o teto, pensou com lágrimas nos olhos:

"Fernanda, minha amiga, sei que você não tirou a sua vida, mas sinto que não terei como provar. Não entendo muito bem da vida espiritual, mas de acordo com o que me disseram o que

mais precisa neste momento é de muito amor. É isso que estou te enviando neste momento: luz, amor e muita saudade. Fique bem e seja feliz onde estiver. Sei que Deus não te deixará sozinha." Sentiu uma brisa suave e adormeceu.

O desabafo

Antero chegou à empresa e estava nervoso. Assim que entrou na sua sala, Flávio também entrou e percebeu que o amigo não estava bem; perguntou:

—O que aconteceu agora, Antero?

—Ontem à noite te procurei, mas não o encontrei. No final da tarde, o delegado telefonou e pediu para que eu fosse até a delegacia para prestar alguns esclarecimentos sobre o dia da morte da Fernanda. Fiquei preocupado, não queria ir sozinho, mas como não te encontrei não tive alternativa e fui sozinho.

—Você sabia que eu precisava sair mais cedo, mas por que isso? O que ele queria?

—Não sei, mas acho que ele estava desconfiado que ela não se matou, que foi um assassinato.

—O quê?! Assassinada?! De onde ele tirou essa idéia?

—Não sei Flávio, disse que ficou sabendo que a Fernanda, na noite em que morreu, estava me esperando para jantar porque eu voltaria para casa.

—O quê?! Quem disse isso a ele, Antero?

—Não sei, perguntei, mas ele não quis dizer. Deduzi que só pode ter sido a Marilda.

—Por que ela faria isso? Além do mais, você nem estava aqui, na cidade! Estava comprando aquelas terras...

—Pois é, não sei de onde ela tirou essa idéia. Mas não foi difícil convencer o delegado de que eu não estava mesmo aqui. Além das notas fiscais dos postos de gasolina, dos recibos dos pedágios, eu estava acompanhado do corretor. Foi a minha sorte.

—O que pretende fazer agora?

—Vou conversar com a Marilda. Ela vai ter que me explicar o porquê de ter inventado uma coisa como essa. Não entendo!

—Mas e se não foi ela quem disse ao delegado?

—É isso que preciso saber. Se não foi ela, não consigo imaginar quem poderia ter sido. Mais tarde vou ligar para o escritório dela e perguntar. Com tudo isso que está acontecendo, esqueci de te perguntar: o que resolveu com o gerente do banco?

—Depois de muita discussão e muito tempo, ele resolveu aceitar a minha proposta para que fizesse um novo plano de pagamento da nossa dívida e, assim que o inventário fique pronto, pagaremos tudo de uma vez. Embora tenha sido difícil, no final ele concordou.

—Melhor assim. Antes, preciso falar com a Regiane. Vou precisar dizer a situação da empresa e convencê-la a vender ao menos dois apartamentos.

—Você acredita que ela vai concordar Antero?

—Acredito que sim, pois também tem uma boa retirada mensal da empresa e, se ela for mal, Regiane também sofrerá.

—Sabe que a morte da Fernanda aconteceu em boa hora.

—O que está dizendo, Flávio! Está louco?

—Não estou dizendo nada do que você já não tenha pensado. Vai me dizer que não pensou sobre isso, Antero. Sabe muito bem que, se não voltasse para casa, ela jamais aceitaria vender qualquer uma das propriedades, muito menos a casa de que ela tanto gostava. Não se esqueça de que o primeiro dinheiro desta empresa veio da herança dos pais dela.

—Nunca pensei sobre isso! Eu jamais seria capaz de matar a Fernanda. Ela era a minha esposa e foi sempre dedicada a mim e à Regiane! Eu não a amava, mas a respeitava muito! Nunca passou pela minha cabeça a possibilidade da morte dela! Sei que seria difícil convencê-la, mas eu tentaria fazer com que entendesse que, se eu não tivesse dinheiro, a empresa poderia ser fechada e sei que isso ela também não ia querer. Ela concordaria.

—Mesmo que para isso fosse obrigado a voltar para casa?

—Eu jamais voltaria, mas encontraria algum argumento. Nunca matá-la, Flávio! Você sabe disso, Flávio...

—Claro que sei, mas de qualquer forma a morte dela foi providencial. Vai facilitar em muito o nosso problema.

—Como você pode ser tão insensível? Sempre me pareceu que gostava dela!

—E gostava, nunca quis a morte dela, só que não pode negar que foi providencial e que aconteceu em boa hora, Antero.

—Pois eu preferiria que isso não tivesse acontecido. Encontraríamos uma solução para o problema da empresa, sem que, para isso, ela tivesse que morrer.

—Que solução, Antero? Não havia nenhuma. Sabe muito bem que todo o meu dinheiro empreguei aqui na empresa e na construção desses apartamentos, que, se não forem vendidos ainda na construção, não teremos como terminar e entregar.

—Sei disso, mas ela não precisava ter morrido Flávio.

—Agora não tem mais jeito. Fernanda morreu, está enterrada e você poderá finalmente resolver a sua vida e ser realmente feliz. Não foi isso o que sempre quis?

—Foi. Eu sempre quis ser feliz, mas não precisava ser dessa maneira. Agora chega! Essa conversa está me deixando nervoso! Vá arrumar alguma coisa para fazer e me deixe em paz. Não quero mais falar sobre isso! Da maneira como está falando, até parece que está feliz com a morte dela! Se o delegado te ouvisse, pensaria que foi você quem a matou, Flávio!

—Eu não a matei, mas não posso negar que a morte dela foi a nossa solução.

—Vá embora, Flávio! Saia! Está me deixando nervoso!

—Está bem, não precisa ficar nervoso. Estou indo...

Flávio saiu, Antero estava realmente nervoso.

"Como ele pode pensar e dizer uma coisa como essa? Eu nunca quis a morte da Fernanda! Ela foi sempre uma ótima esposa e companheira para todas as horas! Se eu conversasse com ela, sei que entenderia e não se oporia a me ajudar com a empresa. O

Flávio está louco em pensar isso! Preciso falar com a Marilda, ela tem que me explicar o que aconteceu e por que está inventando essa história de que eu jantaria com a Fernanda — olhou para o relógio que estava em seu pulso.

—Há essa hora, ela já deve estar no escritório. Vou telefonar e saber o que está acontecendo."

Procurou na agenda e discou o número de Marilda. Ela estava entretida lendo um processo, atendeu:

—Marilda, sou eu, o Antero. Precisamos conversar, quer almoçar comigo?

—Olá, Antero, acredito que não poderei ir, tenho muito trabalho. Vou comer um lanche aqui mesmo no escritório.

—O que tenho para conversar com você é muito sério. Quando poderemos nos ver?

—Parece sério mesmo! Do que se trata? Sinto muito, mas hoje não poder ser.

—Fui intimado a comparecer na delegacia.

—Sei disso.

—Sabe?! Então foi você mesmo quem contou aquela história louca de que eu iria jantar com a Fernanda?!

—Sim, fui eu.

—Por que fez isso? Sei que você era a sua melhor amiga e que não quer aceitar que ela tenha se matado, mas foi o que aconteceu! Eu também estou sentindo muito e me julgando culpado por tê-la abandonado, mas nunca pensei ou desejei a sua morte! De onde tirou essa idéia de jantar?

—Você sabe que eu viajei. Ela telefonou lá para casa e disse para a minha empregada que, se eu telefonasse, era para ela me dizer que estava tudo bem e que você iria jantar com ela naquela noite e voltaria para casa. Como pode ver, ela estava feliz e jamais se mataria. Se estivesse na minha situação, o que faria? Com certeza, iria até a delegacia e contaria o que sabia; foi o que fiz. Não acredito nem quero acreditar que ela tenha se matado!

—Não pode ser! Demorei muito para tomar a decisão de sair de casa e não voltaria! A sua empregada deve estar mentindo!

—Por que ela faria isso? Qual o interesse dela? Não, ela não mentiu! Se alguém está mentindo, esse alguém é você!

— Marilda , nos conhecemos há tanto tempo. Nunca pensei que poderia ouvir isso de você! Eu provei para o delegado que estava viajando e, para minha sorte, estava acompanhado. Como poderia tê-la matado a quilômetros de distância?

— Não sei. E é isso que está me confundindo, mas tenho certeza que ela não se matou! Isso ela não fez!

— Sei que é o que deseja, mas infelizmente ela fez. Não houve luta! Ela ingeriu uma quantidade grande daqueles comprimidos, Marilda!

—Alguém pode tê-la obrigado!

—Se isso tivesse acontecido haveria algum sinal de luta em seu corpo, haveria alguma marca de agressão e, de acordo com a autópsia, não havia! Ela se matou, sim! Mas, mesmo que tivesse sido assassinada, não fui eu. Eu estava muito longe!

—Pode ter feito essa viagem de caso pensado, enquanto um

cúmplice fazia a parte suja!

—Por favor, Marilda, tire isso da sua cabeça. Para mim também está sendo difícil aceitar e, pode não acreditar, mas estou sofrendo muito também!

—Sinto muito. Não acredito que ela tenha se matado e não acredito que você não tenha nada com isso! Era o único que tinha um motivo!

—Que motivo?

—Com a morte dela poderá assumir uma nova vida com outro alguém.

—Eu já havia feito isso! Já havia saído de casa, Marilda.

—Sim, mas teria que enfrentar a sua filha e amigos, e sabe que isso também não seria fácil.

—Eu, antes de sair de casa, pensei em tudo isso. Sabia que seria difícil, mas nada me importava. Queria e quero ser feliz e isso só acontecerá ao lado da mulher que sempre amei, mesmo antes de me casar com a Fernanda!

—Está me dizendo que não trocou a Fernanda por uma menininha? Que sempre a enganou? Que durante todo o tempo manteve um caso fora do lar, Antero?

—Sim, foi isso mesmo que fiz. Quando me casei estava apaixonado pela Zuleica.

—Zuleica?! A mesma que conhecemos?!

—Sim, ela mesma! Fui obrigado por meu pai a assumir o filho que a Fernanda estava esperando, mas mesmo assim nunca nos separamos. Zuleica ficou ao meu lado todo esse tempo, me

ajudou a construir a empresa, trabalhando sempre ao meu lado. Esperou minha filha crescer, meu pai morrer e só aí decidi que não queria mais ser a minha amante. Foi embora da empresa dizendo que ou eu abandonava a Fernanda ou ela nunca mais me veria. Eu, que sempre a amei, tomei a decisão de abandonar tudo e ficar ao seu lado.

Marilda estava abismada, nunca poderia imaginar que a Zuleica tivesse um caso com Antero.

—Não pode ser, ela fazia parte da nossa turma na faculdade e sempre foi nossa amiga! Nunca deixou transparecer que estavam juntos! Frequentou a sua casa, nas festas e aniversários!

—Apesar de me amar, também gostava da Fernanda. Zuleica entendeu quando ela engravidou e, por me amar muito, aceitou essa situação. Prometeu que jamais revelaria para a Fernanda ou para ninguém o nosso amor.

—Estou pasma, sem saber o que falar. A Fernanda poderia duvidar de qualquer pessoa, menos dela.

—Sei disso, mas a Zuleica não quis continuar. Ela não queria mais a situação de ser minha amante. Não havia mais motivo, minha filha estava casada e meu pai morto.

—E a Fernanda, como ficaria nessa história? Não pensou em quanto a estava fazendo sofrer?

—Ela nunca sofreu! Sempre fui um bom marido e pai!

—Disso tenho certeza. Por isso também não entendia a sua rápida decisão de sair de casa, sem dizer o motivo. Fernanda também não entendeu. Pensou que a culpada fosse a Luciana.

—A Luciana?! Aquela menina?!

—Sim. Assim que Fernanda a viu na empresa, percebeu o quanto ela é jovem e bonita. Nós a seguimos e descobrimos que ela é uma boa moça lutadora e que tem uma vida muito sofrida.

—Vocês a seguiram?! Não posso acreditar nisso!

—Sim, e o culpado foi você. A desculpa de que a Fernanda tinha mania de limpeza não convenceu a ela, nem a mim. Você só poderia ter deixado tudo por alguém e esse alguém deveria ser mais nova e bonita que a Fernanda, nunca por outra com a mesma idade dela e não tão bonita quanto ela!

—Viu como estavam enganadas?

—Sim, muito enganadas, mas agora não podemos mais continuar conversando. Eu tenho mesmo muito trabalho. Sei que a Fernanda não se matou e que o assassino será descoberto. Sei também que tudo é uma questão de tempo.

Marilda desligou o telefone. Estava abismada e ainda mais enfurecida. Pensou, ainda com o telefone na mão:

“Como eles puderam enganar Fernanda por tanto tempo? Será que ela descobriu enquanto estive viajando? Acho que não, pois ela telefonou dizendo que estava tudo bem. Meu Deus, não sei mais o que pensar, mas agora preciso mesmo voltar ao meu trabalho. Mais tarde vou telefonar para o Júlio e contar a conversa que tive com Antero”.

Antero, também, enquanto desligava o telefone, pensava:

"Por que a Fernanda telefonou dizendo aquilo? Eu não a vejo desde o dia em que estive com Marilda aqui na empresa. Nunca

lhe disse que iria jantar e muito menos que voltaria para casa. O que terá acontecido para ela dizer uma coisa como essa? Será que fiz bem em revelar para a Marilda o meu relacionamento com Zuleica? Isso fará com que as suspeitas dela aumentem. Não estou bem, estou me sentindo abafado, não estou conseguindo respirar direito. Preciso sair e encontrar Zuleica, lhe contar o que aconteceu. É isso que vou fazer."

Pegou o paletó e saiu. Ao passar por Luciana, disse:

— Preciso sair e hoje não volto mais.

Ela, não entendendo a sua atitude, disse:

— Está bem, se alguém procurar pelo senhor, anotarei e amanhã lhe passarei os recados.

Ele foi até ao estacionamento do prédio, pegou seu carro e saiu dirigindo. Estava intrigado, precisava pensar e tentar descobrir o que realmente havia acontecido com Fernanda, pois diante de tudo que Marilda lhe contou ele também tinha dúvidas se Fernanda havia mesmo cometido o suicídio.

"É isso mesmo. Se o que a Marilda contou for verdade, a Fernanda não tinha intenção alguma de se matar. Vou para Louveira. Preciso de um pouco de paz. Sei que só encontrarei ao lado de Zuleica, vou lhe contar tudo o que aconteceu e ela, assim como eu, ficará surpresa."

O dia estava quente. Antero parou em um posto de gasolina para abastecer o carro e aproveitou para tirar o paletó e jogou-o no banco de trás do carro. Chegou a Louveira, saiu da estrada principal e foi para a casa de Zuleica. Abriu o portão, a porta e

entrou. A casa estava silenciosa. A porta do quarto onde Zuleica dormia estava fechada. Ele concluiu que ela deveria estar dormindo. Foi até a cozinha, estava com sede, mas, ao entrar, levou um choque, a cozinha toda estava uma bagunça. Havia louça suja por todo lado, em cima do fogão, da pia e da mesa. Parecia que não era lavada há muitos dias. Estranhou, pois, embora Zuleica não tivesse a mesma mania de limpeza que Fernanda, gostava de deixar a casa mais ou menos em ordem.

Abriu a geladeira, que estava quase vazia, tomou um pouco de água e foi para o quarto. Abriu a porta devagar. Realmente, Zuleica estava dormindo. Ele se aproximou devagar, beijou sua testa, ela demorou um pouco para abrir os olhos. Então a beijou novamente. Agora, sim, ela abriu os olhos e o viu debruçado sobre ela. Levou um susto e sentou-se na cama.

—O que você está fazendo aqui?

—Por que está perguntando isso? Achei que pudesse vir sempre que quisesse, existe algum problema?

—Problema nenhum. Só que não estava te esperando. Pensei que estivesse no trabalho, sabe que não posso telefonar para a empresa, pois poderiam reconhecer a minha voz.

—Tem razão, mas isso será por pouco tempo, logo poderemos anunciar o nosso amor para todos. Estava me sentindo muito só e confuso, precisava te ver.

—Ainda bem que essa vida de amante vai terminar. Todos condenam as amantes, mas não imaginam o sofrimento da vida delas, estou cansada da solidão e da tristeza de não saber nunca

onde você está e com quem.

—Sabe muito bem que, não importa onde eu esteja, estarei pensando em você. Não pensei que te encontraria dormindo, são mais de onze horas. Notei também que a sua casa está um tanto abandonada e a geladeira está vazia. Não está se sentindo bem? Está doente? O que você tem Zuleica?

— Não estou doente, mas sabe que não gosto do serviço da casa. É cansativo e chato. Só faço o necessário, pois sempre encontro algo melhor para fazer. Gosto menos ainda de cozinhar, por isso faço pedidos a um restaurante que tem aqui perto e eles trazem as minhas refeições. A comida é muito boa. Ontem fiquei até tarde assistindo televisão, por isso estava ainda dormindo. Não esperava que viesse hoje.

—Você é muito diferente da Fernanda, ela adorava tudo isso e muito mais acordar cedo para nos preparar o café.

—Por isso você me trocou por ela — disse, sorrindo e com ar de deboche.

Ele também sorrindo disse:

—Só que a você eu amo e muito!

Ela o abraçou, dizendo emocionada:

—Também te amo, mas até agora não me disse o que está fazendo aqui a esta hora da manhã.

—Aconteceram algumas coisas que queria te contar e saber a sua opinião a respeito.

—Está bem, espere só um pouco. Vou me levantar e tomar um banho, depois conversaremos enquanto tomo o meu café.

—Não deseja, antes, fazer amor, Zuleica?

Ela beijou o seu rosto e respondeu sorrindo:

— Sabe que estou sempre disposta a te amar. Na realidade, isso é o que vou fazer: amar-te com toda intensidade. Já volto.

Entrou no banheiro, ele deitou na cama e, olhando para o teto, ficou em silêncio e pensando:

"Como ela é diferente da Fernanda. Não se apega a nada. Nem a casa, aos móveis e não sei se a mim. Mas, como ela disse, talvez seja por isso que a amo tanto e que por ela faria qualquer loucura. Como fiz ao abandonar a Fernanda, sem medir as consequências do meu ato."

Ficou ali deitado, até que ela voltou do banho e se amaram com intensidade e amor. Depois foram para a cozinha, ela retirou as louças sujas que estavam sobre a mesa, colocou água para ferver; em seguida, pegou um pedaço de bolo e leite. Sentaram-se e, assim que a água ferveu, ela coou o café.

— O que aconteceu de tão urgente para que viesse até aqui? — Zuleica perguntou enquanto tomavam café.

Ele contou sobre a conversa que teve com Marilda. Ela ouviu calada; quando ele terminou, assustada, disse:

—Estou impressionada com a atitude dela. De onde ela tirou essa idéia? Mas ainda bem que você tem como provar que estava distante naquela noite. Só acho que você não devia ter contado para ela sobre o nosso relacionamento.

—Por que não? Agora já não existe empecilho algum. Estou livre e pretendo em breve comunicar a todos. Depois de tanto tempo

poderemos, finalmente, ser felizes.

—Ainda acho um pouco cedo. Ela poderá desconfiar de alguma coisa, sabe como ela é esperta.

—Desconfiar do quê?

—De nada... De nada...

—Está estranha, sabe de alguma coisa que eu não saiba?

—Claro que não — disse, sem conseguir esconder seu nervosismo —, só acho muito cedo.

— Estou cansado de esperar. Dentro de alguns dias, vou conversar com a Regiane e tudo ficará bem.

—Acredita mesmo que ela aceitará, assim, sem discutir?

—Ela é adulta, está em sua casa, com o marido e o filho, não pode me condenar por eu querer ser feliz.

— Não tenho tanta certeza, mas que seja tudo como você quiser. Sabe que sempre tentei fazer tudo para te agradar. Vai ficar para o almoço?

—Vou, não pretendo voltar para a empresa. Não estou com cabeça para o trabalho.

— Sendo assim, vou telefonar para o restaurante e pedir que tragam mais uma refeição.

Ela se levantou, foi até ao telefone, telefonou para o restaurante, depois voltou a sentar-se ao lado dele, perguntando:

—E os problemas financeiros da empresa, foram resolvidos? Está tudo bem?

—Flávio conversou com o gerente do banco e conseguiu que ele nos desse mais tempo, usando como argumento a morte da

Fernanda e o inventário. O gerente sabe que possuímos várias propriedades e que o dinheiro não será difícil. Tenho muito mais do que aquilo que estamos devendo.

— Até que a morte da Fernanda não foi tão má assim. Ao menos os problemas da empresa serão resolvidos.

— Você está parecendo o Flávio! — disse espantado.

— Por quê?

— Ele me disse exatamente essas mesmas palavras. Não sei como vocês podem pensar uma coisa como essa! A empresa estava, sim, com problemas, mas nada como uma boa conversa com Fernanda para que pudéssemos resolvê-los. Ela não precisava ter morrido, porque no final sempre fazia o que eu queria.

— Quanto à empresa, talvez uma boa conversa resolvesse, mas e quanto a nós, acha que ela aceitaria o divórcio, sabendo que era para você se casar com outra? Principalmente essa outra sendo eu? Claro que não! Portanto, para mim, ela ter morrido foi ótimo! Não vou te enganar dizendo que não estou feliz por isso ter acontecido, pois na realidade estou!

— Não pode estar falando sério! Você parece que a odiava e nunca me passou isso! Sempre disse que gostava dela, apesar de me amar.

— Era verdade. Mas com ela morta todos os nossos problemas estarão resolvidos. Não sei qual é o problema.

— Não acredito que esteja ouvindo essas palavras, vindas da sua boca. Estou mesmo te desconhecendo.

Ela, percebendo que havia falado demais, tentou remediar:

— Ora, meu bem, claro que não estou falando sério. Assim como você, também senti muito a morte dela, só foi um pensamento ruim que passou pela minha cabeça. Vamos mudar de assunto? Prefiro falarmos do nosso futuro e de toda a felicidade que teremos e merecemos.

Beijaram-se, passaram o dia e a noite juntos.

O despertar

O quarto era grande, com uma cama de solteiro, colchão e travesseiros macios. As paredes e o teto eram pintados em um tom de azul, bem claro. As cortinas e lençóis, também em azul, um pouco mais escuro. A iluminação vinha de uma pequena lâmpada no tom lilás. O ambiente era de profunda paz. A porta se abriu e por ela entraram duas mulheres. Uma mais velha e a outra jovem ainda. Ao se aproximarem da cama onde Fernanda estava adormecida, a mais jovem sussurrou:

—Ela ainda está dormindo, Marli...

—Sim, e dormirá por mais algum tempo.

—O que acontecerá quando ela acordar?

—O mesmo que aconteceu com todos nós e acontecerá sempre. Levará um susto, não entenderá e precisará de muito tempo para entender e aceitar, Tânia.

—Estou me lembrando de quando cheguei. Você tem razão. Eu

não entendia, nem aceitava que tinha morrido. Era muito jovem. Sabia que fracassara.

—Não importa com que idade se chega, nunca estamos preparados para aceitar a morte e sempre teremos algo para fazer na Terra. Mas com o tempo notamos que aqui, sim, é o nosso verdadeiro lugar. Diga com sinceridade: você tem vontade de renascer, de voltar a viver na Terra?

—Já pensei muito a esse respeito, sei que está chegando a hora, mas confesso que tenho medo de fracassar, outra vez.

—Não existe fracasso. O que existe é aprendizado e nada melhor que a Terra; ela é a escola mais perfeita.

—Tem razão. Mas será que ela vai se lembrar de mim?

—Claro que sim; talvez demore um pouco, mas lembrará.

Uma luz branca atravessou o teto e parou sobre o corpo adormecido de Fernanda. Ficou lá por alguns minutos. Fernanda se mexeu na cama, respirou fundo e sorriu como se estivesse sentindo um bem-estar enorme.

A mais jovem se assustou e perguntou, sussurrando:

—Marli, que luz é essa?

—Esse é o melhor remédio para todos nós que estamos aqui.

Alguém lá na Terra, neste momento, está pensando nela e está lhe enviando amor, luz e paz. Alguém que a ama e que mesmo sentindo saudade deseja tudo de bom para ela. Essa luz lhe servirá como alimento. Graças a Deus! Lá na Terra, ninguém imagina como um simples pensamento pode ajudar tanto.

—Está dizendo que um pensamento, apesar de ser de saudade,

mas tendo amor e luz, nos faz bem? Um simples pensamento pode ajudar?

—Muito mais do que você possa imaginar. O pensamento tem uma força ainda desconhecida. Assim como pode trazer paz, como neste caso, pode também trazer dor e sofrimento.

—Como assim?

—Quando o pensamento é de dor, sofrimento ou de ódio, também nos atinge da mesma maneira e pode nos causar muito mal. Quando for de dor e sofrimento pela perda, faz muito mal para aqueles que partiram e estão aqui tentando se recuperar. Você talvez não saiba que a doença mais grave do espírito é a saudade e que, para ela, o remédio é demorado. O pensamento de ódio é pior ainda, mas esse não faz mal só para quem está aqui, mas muito mais para aquele que o transmite.

—É por isso que, quando as pessoas morrem lá na Terra, todos esquecem o que fizeram de ruim e passam a acreditar que só porque morreram podem ajudar, que viraram santos?

—É isso mesmo o que acontece — disse Marli rindo. — Mal sabem eles que, depois da morte, nada muda. As pessoas continuam sendo como sempre foram, com seus defeitos e suas qualidades. Não tem poder algum e não podem se comunicar sem o consentimento dos nossos superiores.

—Tem muitas pessoas que procuram os médiuns para tentar se comunicar com aqueles que morreram?

—Sim, acontece muito e, quando não conseguem, se revoltam e passam a não acreditar mais. Não sabem em que estado o seu ser

amado chegou aqui, nem quanto tempo vai demorar a aceitar a morte e estar lúcido para poder se comunicar. Às vezes, ele está participando de alguma equipe de socorro e não pode se comunicar naquele momento. Melhor seria se, ao invés de ficar chorando ou sofrendo com a perda, fosse enviando, como aconteceu neste caso, luz, amor e, se necessário, o perdão. — Por outro lado, Marli, para nós que estamos aqui e conhecemos o mundo espiritual, é muito fácil, mas não podemos nos esquecer que lá na Terra não temos esse conhecimento. Por isso fica tão difícil aceitarmos a perda de alguém que amamos.

—Nisso você está certa, Tânia.

—Não seria mais fácil voltarmos lembrando-se de todos os compromissos que fizemos aqui antes de renascer? Não seria mais fácil nos lembrarmos das reencarnações passadas? Assim, não nos revoltaríamos quando algo não fosse bem a nossa vida.

—Nem sempre seria mais fácil. Imagine se você encontrar no seu caminho alguém que te fez muito mal em outra vida, será que conseguiria perdoar? Ou, ao contrário, alguém a quem você fez mal, acredita que te perdoaria?

—Tendo o conhecimento de tudo, talvez sim.

—Talvez. Viu como não tem certeza? O espírito está caminhando, evoluindo a cada minuto. Você sabe que na maioria das vezes inimigos e amigos se encontram dentro de uma mesma família. Justamente para que convivam e aprendam a se amar, respeitar e principalmente perdoar.

—Nem sempre isso acontece. Existem famílias, nas quais pessoas

não se entendem e passam o tempo todo brigando.

—Sim, isso acontece. Brigam por muito tempo, mas, no final, envelhecem e começam a ver que nada na vida é para sempre e o amor de irmão, pais e filhos são sempre mais fortes. Normalmente, aqueles que foram os piores inimigos durante a vida tornam-se os melhores amigos. A força do sangue, da convivência, na maioria das vezes, sempre vence. Deus é sábio, Ele sabe o que faz.

Fernanda se virou, abriu os olhos, sorriu, ajeitou o travesseiro e voltou a dormir. Tânia sorriu perguntando:

— Ela vai acordar?

— Não sei, está dormindo profundamente. Acho que ainda não está preparada para acordar e encarar a realidade. Não está pronta para aceitar a morte, mas na hora certa acordará.

—Terá que aceitar, embora tenha vindo tão cedo, não é?

— Sim, terá que aceitar, mas será difícil. Ela era muito apegada a coisas como casa, móveis, à filha e ao marido. Como você diz, ainda mais tendo voltado antes do tempo, o que, na realidade, será o nosso maior problema.

—Como ela vai reagir quando souber o que aconteceu?

—Não sei, mas precisamos estar preparadas. Sabe que o nosso trabalho aqui é justamente esse, convencê-la de que os planos tiveram que ser mudados, pois o ódio foi mais forte e fez com que ela voltasse antes do tempo e da maneira como foi.

—Não vai ser fácil.

—Sei que não, mas faremos o melhor que pudermos. Por

enquanto, ficaremos ao seu lado, dando-lhe passes e luz. Quando chegar a hora, quando estiver pronta, acordará e aí veremos o que precisará ser feito.

—Apesar de tudo, e a partir daquele momento em que tudo foi mudado, ela cumpriu sua missão direitinho. Levou a vida como o planejado; o que não deu certo?

—Ela cumpriu, sim, mas os outros não. Não aceitaram as mudanças e agora ela está bem, e eles terão que responder por aquilo que fizeram.

—Responder como?

—Terão que pagar pelo crime cometido, essa é a Lei e dela ninguém escapa. Assim como ela, tiveram a oportunidade de resgatar, mas não tiveram paciência. Um dia, terão que voltar e responder por tudo que fizeram. Terão que prestar contas.

—Serão julgados, condenados e presos na Terra?

—Nem sempre isso acontece, mas com certeza do julgamento de Deus não escaparão. Por mais que se escondam ou disfarcem, não há como escapar.

—Ela foi quase perfeita...

—Disse bem, quase, só não aceitou e quis Antero a qualquer custo e não deixou de ser tão apegada a tudo.

Fernanda moveu-se novamente e para espanto delas abriu os olhos. Olhou para uma de cada vez, não as reconheceu. Em seguida, olhou para todo o quarto. Estava ainda um pouco adormecida e também não reconheceu aquele lugar. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Marli disse com voz suave:

—Seja bem-vinda, estávamos ansiosas para que acordasse, embora pensássemos que dormiria por mais algum tempo.

—Onde estou? Que lugar é este? Está parecendo um quarto de hospital.

—É isso mesmo o que é. Você está em um hospital, mas não se preocupe, está tendo todo o tratamento necessário.

—Estou me sentindo fraca, o que aconteceu?

—Fique calma, não se preocupe. Teve um mal-estar e foi enviada para cá, mas logo ficará bem. Meu nome é Marli, e esta é a Tânia, estamos cuidando de você desde que chegou.

—Mal-estar?! Não me lembro disso! Onde está a minha família, minha filha, meu marido?

—Eles não estão aqui. Mas não se preocupe, estão bem. O que precisa, agora, é se levantar aos poucos para que possa sair deste quarto e tomar um pouco de sol lá fora. Está amanhecendo e o sol já está nascendo. Já está aqui há vários dias.

—Vários dias?! Como cheguei aqui?

—Foi trazida minutos antes de ter tido o mal-estar.

—Estou me lembrando... Acho que já sei o que me aconteceu, eu estava nervosa por Antero ter me abandonado e pela volta dele. Não me alimentei direito, a minha pressão deve ter caído. Mas agora estou bem, já posso voltar para casa.

—Ainda não, precisa estar bem forte para que isso aconteça. Venha, tente se levantar que vamos te ajudar.

Ajudaram-na a se sentar na cama. Ela ainda estava um pouco tonta, mas aos poucos foi se sentindo bem e logo estava em pé,

amparada por elas, que a levaram até o banheiro que ficava dentro do quarto. Diante do espelho, Fernanda se olhou, estava pálida e com olheiras.

—Ainda bem — disse sorrindo — que Antero não está aqui para me ver dessa maneira. Preciso me arrumar antes que ele chegue. Não quero que me veja neste estado.

—Pode tomar um banho, vamos providenciar uma roupa limpa. Tânia, por favor, vá até o quarto e, no armário, pegue as roupas que estão lá para ela vestir.

Enquanto Tânia saía do quarto, Marli ajudou Fernanda a entrar na banheira, que já estava cheia de água quente e com sais perfumados. Fernanda entrou nela, sentou e se deliciou com a espuma colorida que a envolveu.

—Que maravilha! Sempre quis ter uma dessas em casa, mas Antero nunca quis, dizia ser bobagem. Se ele visse esta, sei que não diria mais isso.

—É realmente muito bom tomar um banho de espuma. Fique todo o tempo que quiser. Preciso sair, mas a Tânia ficará aqui com você. Voltarei em seguida.

—Está bem, mas posso mesmo ficar o quanto eu quiser?

—Claro que sim.

Marli passou a mão carinhosamente pelos cabelos de Fernanda e saiu. Ao passar por Tânia, que estava junto ao armário, pegando as roupas, disse:

—Estou indo falar com o Nivaldo, preciso saber o que temos que fazer agora que ela despertou. Cuide dela.

—Está bem, pode ir.

"Será que ela vai me reconhecer?" pensou Tânia. — "Tomara que sim ."

"Ela disse que estou aqui há alguns dias"

— Fernanda também pensava.

"Não me lembro desse mal-estar, só lembro que estava preparando o jantar. Como será que aconteceu? Se faz alguns dias que estou aqui, Marilda já deve ter voltado da viagem. Estou ansiosa para saber como foi. Agora já estou bem, acho que voltarei hoje mesmo para casa. Este hospital é diferente daqueles que conheci. O Antero deve estar pagando uma fortuna."

Fechou os olhos e aproveitou a água e a espuma colorida.

Marli entrou em uma sala não muito grande. Por detrás de uma mesa, estava um homem, jovem ainda, que ao vê-la disse:

— Olá, Marli, está tudo bem?

— Mais ou menos, Fernanda acabou de acordar. Coloquei-a na banheira e vim aqui para saber o que preciso fazer agora.

—Como ela está?

—Está bem, não se lembra de nada. Pensa que teve um mal-estar, mas quer voltar para casa. Não sei se devo dizer logo que não voltará tão cedo.

—Não, por enquanto não. Assim que ela terminar o banho, leve-a para conhecer todo o hospital. Mais tarde, traga-a até aqui e falarei com ela.

—Está bem, farei isso.

Acenou dando adeus e saiu. Marli sabia que tinha uma tarefa

árdua pela frente: convencer Fernanda de que havia morrido e tentar segurá-la no momento em que se lembrasse de como tudo havia acontecido.

Fernanda, que estava ainda dentro da banheira com espuma colorida e perfumada, abriu os olhos e olhou à sua volta. Viu que estava sozinha. Tirou a tampa da banheira e a água começou escorrer, esvaziando-a. Levantou-se, abriu a torneira do chuveiro e deixou a água quente escorrer por seu corpo e cabelos. Ao lado da banheira, havia toalhas. Ela pegou uma grande e se enrolou. Pegou outra pequena e envolveu seus cabelos. Estava sentindo-se muito bem, parecia estar com muita energia, pensou:

"Estou muito bem, já posso ir para casa. Vou telefonar para o Antero e pedir que venha me buscar. Apesar de tudo, tenho certeza que não se recusará. Aqui é muito bom e as enfermeiras são ótimas, mas prefiro estar na minha casa."

Abriu a porta do banheiro. No quarto, sentadas em um sofá, estavam Marli e Tânia, que ao vê-la sorriram. Marli se levantou para encontrá-la, dizendo:

— Parece que está muito bem, Fernanda.

— Estou mesmo, acho que já posso ir para casa.

— Você precisa de alta do doutor Nivaldo, mas ele só poderá vir à tarde. Enquanto isso, você vai se vestir e iremos dar uma volta por aí para que conheça tudo.

— Preferia telefonar para o meu marido, ao menos para saber o que me aconteceu e como está tudo lá em casa.

—Não se preocupe, está tudo bem. Depois que conversar com o doutor Nivaldo, poderá telefonar para o seu marido. Agora venha, vista essa roupa que está aqui em cima da cama. É a roupa que todos usam aqui.

Fernanda olhou para a roupa e depois a pegou em suas mãos. Era uma camisola longa, toda branca, e uma túnica curta, no mesmo azul-claro que estava pintado nas paredes. Sentiu a textura do tecido e disse admirada:

—É bonito e suave, como nunca vi!

—É de um fabricante especial, mas vista logo, quero te mostrar tudo por aqui. Sei que vai gostar.

Fernanda vestiu-se, gostou. Sentiu-se bem e em seguida saíram. Ao sair, viram diante de si um imenso corredor com muitas portas. Pararam em frente a uma delas. Marli abriu e entraram. Lá dentro havia duas camas, com duas senhoras. Ao verem Marli, uma delas disse:

—Quando vou voltar para casa? Meu filho deve estar sentindo a minha falta. Por que ele ainda não veio me ver?

—Este hospital fica um pouco longe, mas não se preocupe, ele logo virá — passando as mãos com carinho sobre os cabelos dela, continuou, — o que precisa agora é ficar forte e saudável.

—Eu estou me sentindo muito bem. Diferente de como eu me sentia quando ia lá naquele outro hospital. Como o meu filho encontrou vocês?

—Ele estava muito triste com a sua doença, pediu ajuda e foi atendido. Agora, está tudo bem, vai se sentir cada vez melhor.

Fernanda acompanhava a conversa, não estranhou, pois ela própria estava sentindo-se muito bem. Na outra cama, a senhora que estava nela permanecia adormecida. Marli mais uma vez passou as mãos sobre os cabelos da senhora, dizendo:

— Agora, precisamos ir embora. Esta aqui é a Fernanda, ela acabou de chegar.

—Fernanda! Era o nome da minha mãe. Não se preocupe, eles aqui tratam a gente muito bem.

—Já percebi... São muito atenciosos, mas preciso voltar para casa. Tenho marido, uma filha e um netinho lindo! Assim como o seu filho, eles também devem estar preocupados.

— Tem razão — disse Marli, abraçando-a —mas venha, vamos conhecer o resto. Abraçadas, saíram. Marli abriu uma porta que dava para fora do hospital, Fernanda ficou encantada:

Nossa! Como aqui é bonito! Esse jardim! Essas flores, nunca vi igual! São maravilhosos!

—São muito bonitas mesmo, como pode ver também bem tratada. Venha, quero te mostrar o lago.

—Isto aqui parece o paraíso!

—Não é ainda, mas estamos bem perto disso — Marli disse sorrindo.

Caminharam mais um pouco entre as alamedas floridas. Chegou junto ao lago, cercado por uma grama baixa e muito verde. Por todos os lados, havia prédios coloridos. Pessoas caminhavam em grupos ou sozinhas, parecia que não tinham muita pressa. O ar era puro. Sem perceber, Fernanda respirou fundo e, como não

podia deixar de ser, não cabia em si de tanta surpresa:

—Aqui tudo parece ser tão perfeito! Que cidade é esta? Já viajei muito por este Brasil todo, nunca vi algo parecido!

—Este lugar é ainda desconhecido por muitos, mas, mais cedo ou mais tarde, todos o conhecerão. Venha, tenho mais coisas para mostrar. Sei que vai gostar.

—Antes, posso tocar nessa água?

—Claro que sim, e se quiser pode até beber. É potável.

Fernanda se abaixou, tocou na água, assim que sua mão começou a se molhar, peixinhos coloridos se aproximaram e ficaram nadando ao redor dela. Fernanda não se conteve:

—São lindos! Olhe essas cores!

Marli sorria ao ver a felicidade no rosto de Fernanda. Em seguida, continuaram caminhando. Entraram em outro prédio, onde havia cadeiras como se fosse um teatro ou cinema. Em algumas cadeiras, havia pessoas que assistiam a um filme.

— Que filme é esse que estão passando? Adoro filmes!

— É só um filme que está sendo mostrado para aquele senhor. Agora não podemos ficar aqui, mas logo mais voltaremos e você poderá assistir a outro... Sei que vai gostar.

—Gosto de qualquer um, mas prefiro os românticos. Adoro chorar quando assisto a um filme triste. Antero sempre diz que eu não tenho motivo para sofrer, por isso choro no cinema.

—Não se trata disso, é que você é sensível. Mas venha, vamos continuar andando, você tem muito ainda para ver.

Continuaram andando e entraram em outro prédio, que, assim

como o outro, possuía muitas cadeiras. Só que nesse havia muitas pessoas sentadas e, no palco, uma senhora falava. Marli mostrou uma cadeira para que Fernanda sentasse.

Sentaram-se e Marli disse baixinho:

— Preste atenção no que ela está dizendo, Fernanda, sei que te fará muito bem.

— Sei que todos vocês são recém-chegados — dizia a senhora — e só agora tomaram conhecimento de sua real situação. Sei também que alguns estão tendo dificuldades para entender e aceitar. Aqui, todos têm liberdade para fazer o que mais gostar, existe trabalho e estudos para aqueles que assim o desejarem. Aqueles que estão cansados e, por qualquer motivo, não queiram participar podem simplesmente observar. Aqueles que queiram dormir poderão fazer isso, sem constrangimento algum. Alguns de vocês têm parentes e amigos esperando para um reencontro feliz. Está na vontade de cada um como desejará viver enquanto permanecerem aqui. Existem também muitos de nós dispostos a dar qualquer explicação para aqueles que ainda não entenderam ou aceitaram. Esta é uma das moradas do Pai, à qual Jesus se referiu quando esteve na Terra. Como esta existe outras tantas espalhadas por todo o universo. Aqui reina a paz e a oportunidade para todos que assim desejarem. Sei que muitos se julgam injustiçados, mas com o tempo verão que não existem injustiças, apenas acerto de contas. Lembrem-se que, em primeiro lugar, o que deve existir é a compreensão, o amor e o mais importante, o perdão. Todos terão a oportunidade de

refletir sobre tudo que aconteceu e escolher o caminho que queiram seguir. Fiquem todos na paz de Deus, nosso Pai.

A senhora que falava, com um sorriso, saiu do palco. Fernanda olhou para Marli com preocupação. Não entendeu o que estava acontecendo ali e perguntou:

— Sobre o que ela está falando? Que lugar é este?

— Mais tarde terá todas as explicações necessárias, por enquanto só precisa conhecer tudo que existe aqui.

— Desculpe Marli, você está sendo muito atenciosa, mas não quero conhecer coisa alguma. Preciso voltar para casa, tenho responsabilidades e nunca viajei sozinha.

— Sei disso, mas tenha só mais um pouco de paciência, logo tudo ficará bem. Venha, quero lhe mostrar mais lugares que tenho certeza te agradarão.

A contragosto, Fernanda a acompanhou. Ela estava preocupada com a maneira como aquela mulher havia falado.

"Ela deu a entender que todos que estão aqui não sairão mais. Não estou gostando. Será que fui internada pelo Antero? Será que ele fez isso para se livrar definitivamente de mim? Não me lembro de ter falado com ele depois daquele dia em que fui à empresa junto com a Marilda! Só o vi de longe, nunca mais conversamos. O que está acontecendo aqui?"

Marli percebeu o ar de preocupação de Fernanda, mas ficou calada. As pessoas começaram a se levantar e a se dirigir para a porta de saída. Marli pegou no braço de Fernanda e fez com que saísse. Assim que cruzaram a porta, Fernanda ficou abismada com

a quantidade de pessoas que estavam do lado de fora do prédio. Viu que as pessoas que saíam encontravam-se com outras que estavam do lado de fora e que se abraçavam e choravam, umas nos braços das outras. Não podia ouvir o que elas diziam, mas percebeu que estavam felizes. Muito intrigada, olhava tudo. Queria entender e temia saber o que realmente estava acontecendo.

Saíram dali e continuaram andando. Entraram em outro prédio, que era um enorme salão, com estantes por todos os lados, que continham muitos livros. Era uma imensa biblioteca. Fernanda, que gostava muito de ler, se admirou:

—Que lugar é este? Quantos livros existem aqui?

—Existem muitos, poderá ler quantos quiser.

—São de todos os autores?

—Sim, mas ainda não foram publicados.

—Como assim?

—Os autores os deixam prontos e, à medida do necessário, vão transmitindo para que outros os escrevam.

—Agora estou mais confusa ainda! Como um autor pode dar a sua obra para que seja publicada por outro? Isso não existe!

—Existe, sim, e muito mais do que você possa imaginar.

—Estou ficando cada vez mais confusa com tudo que estou vendo. Este lugar, ao mesmo tempo em que parece um paraíso, me causa medo. Está parecendo uma prisão da qual não poderei sair. Você precisa me dizer. Que lugar é este?

—Já te disse que aqui não é o paraíso, mas quase. Por enquanto,

não tenho mais o que dizer. Na hora certa, terá todas as explicações que desejar; mas posso te adiantar que aqui ninguém faz o que não queira e todos podem decidir sobre o futuro que desejam.

Portanto, assim que souber de tudo, poderá decidir sobre o que quer fazer. Existe uma Lei maior, a do livre-arbítrio, através da qual cada um decide sobre o que realmente quer.

—Estou ficando cada vez mais nervosa...

—Não precisa e não deve ficar. Você nunca esteve tão bem e em um lugar melhor que este. Mas venha, vamos continuar, tem muito ainda para ver, Fernanda.

Atravessaram toda a biblioteca e entraram em outra sala, onde existiam vários instrumentos musicais. Em um piano, um senhor tocava uma música suave. Aproximaram-se. Ao vê-las chegando, ele sorriu, continuou tocando e disse:

— Olá, Marli! Está gostando desta música?

— Muito... Como todas as outras que você compôs.

— Estou só dando os últimos retoques. Enviarei no fim de semana. Espero que gostem.

—Sei que será bem recebida, como todas as outras.

—Assim espero, mas quem é essa linda senhora?

—O nome dela é Fernanda, acabou de chegar e está conhecendo tudo. Fernanda, nesta sala muitos compositores compõem as suas músicas para que outros as toquem.

—Assim como os livros?

—Isso mesmo. Todas as obras que você conhece foram

compostas aqui ou em lugares semelhantes a este. Este é o Mariano. Ele teve outro nome mais conhecido, mas aqui prefere ser chamado assim. Como te disse, aqui todos só fazem o que desejam e você poderá fazer também.

— Muito prazer, senhora — disse Mariano —, espero que aproveite bem a sua estadia por aqui. Este lugar é surpreendente.

— Obrigada, estou admirada com tudo que estou vendo.

— Não duvido, pois eu também me admirei muito quando cheguei, mas tem ainda muito para ver e se admirar.

— Bem, Fernanda, vamos continuar passeando?

Fernanda ainda não entendia o que estava acontecendo, mas estava curiosa e queria ver o resto.

— Vamos, sim. Este lugar é mesmo sensacional, Marli.

Marli pegou em seu braço e, dando adeus para Mariano, saíram. Ele sorriu e continuou tocando. Elas entraram em outra sala, onde havia várias pessoas em frente a telas pintando com maestria. As pinceladas eram rápidas e, em poucos segundos, imagens apareciam nas telas. Fernanda parou na porta e ficou olhando; estava emocionada, não conseguia andar. Sempre desejou ser pintora, mas achava que não tinha jeito e nunca tentou.

— Você gosta de pinturas e de pintar, não é, Fernanda?

— Gosto, sim, Marli e essas telas estão maravilhosas, nunca vi nada igual! Estou encantada!

— Venha, vamos entrar. Todas as telas que você já viu foram

pintadas aqui. Como os livros e as músicas, as telas também são criadas para que outros pintem.

Cada vez entendo menos.

—Mas logo entenderá e verá como é bom estar em um lugar como este. Venha, vamos conversar com Otaviano.

Entraram. Marli se dirigiu para um senhor que olhava atentamente uma tela que, pelo jeito, havia terminado de pintar. Ao se aproximarem, ela disse sorrindo:

— Otaviano, está lindo a sua tela!

— Olá, Marli — disse, voltando-se para elas e sorrindo —, está mesmo? Sabe que para um pintor uma tela nunca está pronta...

—Sei disso, mas está tão perfeita que, com um pouco de esforço, pode-se até ouvir o barulho das ondas batendo nos rochedos... Espalhando toda essa espuma branca...

—Era exatamente isso o que eu estava fazendo quando chegaram: tentando ouvir o barulho das ondas. Esta tela só estará pronta quando eu conseguir ouvir.

—Pois eu já estou ouvindo. Esta é a Fernanda, ela sempre quis ser pintora.

—E não é? Por quê? — perguntou para Fernanda.

—Sempre achei que não levava jeito.

—Tentou alguma vez?

—Não, nunca tive coragem.

—Este é o mal de todos nós. Por medo do fracasso, deixamos de tentar muitas coisas. Venha, vamos até aquela outra tela, que está ali.

Fernanda olhou para Marli, que, sorrindo e com um sinal, fez com que ela o seguisse. Fernanda, um pouco tímida, acompanhou Otaviano. Diante de uma tela em branco, ele disse: — Pegue o pincel que desejar e escolha na palheta a cor que mais gostar. Fique à vontade.

Ela olhou para onde ele apontava com a mão. Do lado da tela, havia tubos de tinta, vários pincéis e uma palheta.

— Não, não vou conseguir!

— Como vai saber se não tentar? Faça o que te disse!

Ela, tremendo muito, escolheu o pincel e a cor da tinta. Ele, colocando-se por trás dela, estendeu as suas mãos ao lado de sua cabeça. Sem saber como explicar, Fernanda deu a primeira pincelada, depois outra e outra... Misturou as tintas, usou o branco para dar luz e, em um breve momento, surgiu diante dela uma paisagem linda de um campo florido, um rio com uma leve queda de água tendo no fundo uma montanha toda verde, em verde de vários tons. Assim que julgou ter terminado, colocou-se a certa distância e ficou admirando a tela. Ela não acreditava que havia pintado aquela tela tão linda. Disse, entusiasmada:

— Não fui eu quem fez isso! Não fui eu quem pintou!

— Claro que foi eu apenas te dei intuição, é a isso que se dá o nome de inspiração. É assim que todas as telas são pintadas, livros são escritos e músicas são compostas.

— Não estou entendendo, mas estou adorando!

— Sei que não entende, mas é muito fácil, só que as pessoas não acreditam. Muitas vezes, sentem desejo de escrever um livro,

pintar uma tela ou compor uma música e deixam para lá essa idéia por não se julgarem capazes. É uma pena, pois muitos talentos são desperdiçados, simplesmente, por medo de se tentar. — Sempre desejei pintar... O senhor tem razão, nunca tive coragem de tentar.

— Agora já sabe que pode; espero que continue.

— Vou continuar, sim. Assim que chegar em casa, vou contar para todos e em seguida vou me matricular em uma escola de pintura. Quando eu contar tudo que vi aqui, ninguém vai acreditar! Mas que lugar é este?

— Este é o lugar que todos procuramos encontrar durante toda a nossa vida — disse, sorrindo e olhando para Marli.

— Vou trazer todos que conheço para cá! Até a Marilda! Ela vai ficar feliz quando chegar e vir que estou muito bem!

— Mas enquanto eles não chegam, vamos continuar andando por aí, até chegar a hora de encontrarmos Nivaldo. Até mais, Otaviano.

— Até mais, e você, Fernanda, volte sempre que quiser.

— Voltarei, sim, no entanto sinto que não será por muito tempo, porque estou bem e acredito que voltarei logo para casa. Mas virei passar alguns dias aqui com toda a minha família.

— Estarei esperando, disse Otaviano, sorrindo.

Marli segurou no braço de Fernanda, saíram e foram até uma praça onde havia uma fonte que jorrava água em abundância. Pessoas iam e vinham, crianças brincavam. Fernanda ficava cada vez mais encantada com tudo que estava vendo:

— Isto é uma cidade! Mas que cidade é esta que nunca ouvi falar? Aqui tudo parece perfeito! Olhe esses prédios, que lindos! A arquitetura também é diferente de tudo que já vi! Preciso trazer todos para cá! Sei que eles vão adorar!
Marli apenas sorriu, e continuaram andando.

Recebendo esclarecimento

Chegou a hora em que deveriam se encontrar com Nivaldo. Marli, segurando no braço de Fernanda, disse:

— Agora vamos entrar ali naquele prédio, Nivaldo deve estar nos esperando.

— Ele vai me dar alta e assim poderei voltar para casa?

— Ele vai conversar com você e te dizer o que precisará fazer. Vamos, você entenderá tudo.

Atravessaram uma praça e entraram em um prédio que, assim como os outros, estava limpo e decorado com plantas conhecidas e desconhecidas por Fernanda. Após atravessarem uma sala imensa, Marli bateu suavemente em uma porta e abriu. Lá dentro, por detrás de uma mesa, estava Nivaldo que Fernanda, ainda não conhecia. Ao vê-lo, pensou:

"Ele é jovem ainda e muito bonito".

— Marli, Fernanda! — ele disse, sorrindo, assim que as viu.

— Sejam bem-vindas! Estava esperando que chegassem.

Marli, segurando no braço de Fernanda, fez com que ela entrasse.

Fernanda estava um tanto tímida, pela presença daquele homem, que ela parecia conhecer, mas não podia precisar de onde. Ele saiu de trás da mesa e se aproximou, abraçando-a. Ela se assustou com a atitude dele, mas o abraço lhe pareceu tão sincero, que também o abraçou. Ele parecia emocionado por vê-la. Depois do abraço, ele se afastou e olhou bem para ela, dizendo:

— Embora, não fosse ainda à hora da sua volta, estou feliz por te reencontrar. Estava ansioso para te rever.

— Não estou entendendo e estou confusa. Parece que me conhece, mas eu, embora sinta que também o conheça, não sei precisar como e de onde; lamento.

— Desculpe, eu não devia ter agido assim, mas fiquei tão feliz ao te rever, que não me contive.

— Me rever?! De onde nos conhecemos? Estou tentando, mas não consigo me lembrar!

— Esta é uma longa história. Mas sentem-se, temos muito para conversar.

Elas sentaram-se. Fernanda estava cada vez mais intrigada, ele, percebendo, disse:

— Sei que está intrigada e querendo saber o que está acontecendo e vou procurar esclarecer todas as suas dúvidas. O que deseja saber primeiro?

— Embora esteja adorando este lugar, estou também achando tudo muito estranho. Se fui internada em um hospital e estava

em quarto particular, por que, quando acordei, não tinha ninguém da minha família?

— Eles estiveram aqui enquanto você estava dormindo, mas não se preocupe, eles estão bem.

— Eu também estou bem e acredito que já possa voltar para casa. Quando irei?

— Espere um pouco. Precisamos conversar. Depois você mesma decidirá quando irá.

— Eu vou decidir? Então, quero ir agora mesmo! Pode telefonar e pedir para que alguém venha me buscar?

— Eu disse que irá depois que conversarmos Fernanda.

— Está bem, sobre o que quer conversar? Se for sobre a minha saúde, posso lhe garantir que nunca estive tão bem.

— Sei disso, mas não é sobre a sua saúde que quero falar. Preciso saber qual é a última coisa de que se lembra antes de acordar aqui. É importante que eu saiba.

— Lembro que eu estava feliz preparando o jantar para Antero, pois ele viria jantar comigo e voltaria para casa. Não sei se sabe, mas fazia alguns dias que ele havia saído de casa.

— E depois, o que aconteceu?

— Não sei, não consigo me lembrar. Sei que telefonei para a casa da Marilda e falei com a Renata. A Marilda é a minha melhor amiga. Ela foi viajar. Sei que está preocupada.

— Sabemos disso — disse, sorrindo e olhando para Marli —, mas foi Antero quem te avisou que jantaria na sua casa? Foi ele quem pediu para que preparasse o jantar?

— Não, ele pediu para a Zuleica me telefonar. Ele estava no interior vendo algumas terras e voltaria só à noite, e aí viria direto para a minha casa.

— Ele foi?

— Não; quando era um pouco mais de sete horas da noite, quem chegou foi a Zuleica. Ela me disse que ele se atrasaria, mas que viria e que era para eu ficar preparada.

— Você não se admirou de ver Zuleica na sua casa? Afinal, ela não trabalhava mais na empresa, já há um bom tempo...

— Não, nem pensei nisso, pois a minha atenção estava toda no preparo do jantar. Embora ela não trabalhasse mais na empresa, sempre foi nossa amiga. Éramos conhecidas desde a faculdade, Eu não queria dividir aquela noite com ninguém. Desejava que ela fosse só nossa, mas mesmo assim eu a recebi bem, contei a ela o que estava acontecendo. Ela disse que estranhou Antero ter telefonado e pedido para que ela me transmitisse aquele recado.

— Você não estranhou também?

— Não. Eu estava tão feliz, que não conseguia ou queria pensar em qualquer coisa que não fosse o jantar. Muito menos em algo que pudesse estragar aquela noite.

— Depois, o que aconteceu?

— Ela disse que ia embora em seguida, só pediu para que eu fizesse um café para tomarmos juntas.

— E você, o que fez?

— Passei o café e tomamos juntas.

— E depois, o que aconteceu?

— Não sei, acho que fiquei com muito sono, não consigo me lembrar. Só me lembro do momento em que acordei aqui, hoje pela manhã. Mais nada. O que me aconteceu?

— Antes que tomasse o café, ela te pediu alguma coisa?

Fernanda pensou por algum tempo, depois respondeu:

— Sim, ela disse que estava com dor de cabeça e perguntou se eu não tinha algum comprimido para dor. Eu disse que sim e fui até o meu quarto, onde ficam guardados os remédios. Peguei, voltei e ela tomou com o café puro e eu tomei café-com-leite.

— Você não sentiu um gosto diferente no café?

— Não, pois eu tomo com adoçantes, e deve saber como é... Sempre dão um gosto diferente ao café. Já estou acostumada. Mas por que está me fazendo todas essas perguntas?

— Por nada. Só queria saber se você se lembrava de tudo que aconteceu naquela noite.

— É tudo do que me lembro, mas espere; o que realmente aconteceu? Que lugar é este? Um lugar assim não ficaria escondido. Se alguém tivesse descoberto e vindo até aqui, com certeza faria muita propaganda! Eu nunca ouvi falar dele e olhe que viajo muito! É impossível que a minha agente de viagens nunca tenha me falado sobre este lugar!

— Fique calma, tem razão. Um lugar como este ninguém esqueceria, mas isso acontece. Todos os que por aqui passaram guardam dentro de si lembranças e a certeza de que existe este lugar, mas não se lembram de onde ele fica exatamente.

— Não estou entendendo, desde que acordei passei por emoções

diferentes, que me encantaram e também me confundiram. Agora, estou mais confusa ainda! Por que Antero não veio para o jantar? Por que não me lembro do que aconteceu após ter tomado o café junto com Zuleica? Por que senti aquele sono imenso? Por favor, responda!

— O que você sabia sobre a vida após a morte?

— Nada, mas por que está perguntando isso? Está querendo dizer que eu estou morta e que este é o céu?

— Mais ou menos isso. Como você pode ver, não está morta e aqui também não é o céu... Está perto de ser, mas ainda não é. Para chegarmos a ele, ainda nos falta muito.

— Você está brincando comigo! — Fernanda disse muito assustada e com lágrimas nos olhos. — Não estou morta! Sinto o meu corpo, até almocei ao lado da Marli! Não foi, Marli?

Marli sorriu e, com a cabeça, afirmou que sim.

— Então, como posso estar morta?! Estou tão nervosa, que sinto vontade até de ir ao banheiro! Não posso estar morta! Não posso e nem quero! Tenho medo da morte, sempre tive!

— Acalme-se, a sensação é exatamente essa: parece que nada mudou e, na realidade, não mudou mesmo.

Depois da morte, continuamos como éramos por um bom tempo. Mas logo se acostumará. Não está feliz aqui, Fernanda?

— Sim, este lugar é maravilhoso. Mas quero voltar para a minha casa, para junto da minha família! Não posso ser feliz longe deles! Preciso voltar!

— Poderá ir visitá-los sempre que quiser e não tiver algum

trabalho para fazer. Não por enquanto, pois, agora, da maneira como está, a sua presença ao lado deles poderia lhes causar mal. Você agora está em outra dimensão, a sua energia é diferente das deles. Logo mais, será acompanhada até a sua casa.

— Não estou morta! — disse, chorando desesperada. — Não quero estar morta! Eu tinha toda a saúde do mundo, como isso foi acontecer? Estava feliz por que Antero ia voltar para casa! Não pode ser! Era ainda muito cedo para eu morrer!

— Tem razão. Era ainda muito cedo, mas aconteceu. O que tem a fazer agora é aceitar a sua morte e se preparar para uma vida futura. Aqui terá toda a assistência necessária para que toda essa mudança seja rápida, aceita e entendida.

— Como posso aceitar a morte? Nunca pensei nela! Para mim, ela sempre esteve muito distante!

— Sei disso, acontece com quase todos nós. Nós não pensamos na morte, embora saibamos que ela é o único futuro certo que temos. Quando somos pequenos e durante a vida, estudamos sobre muitas coisas, mas nunca sobre a morte, como se ela não fizesse parte da nossa existência.

— Realmente, a morte nunca fez parte das minhas preocupações, mas você falou de uma vida futura, o que é isso?

— Somos todos criação e filhos de um Deus maravilhoso, que nos deu todo esse Universo. Criou-nos dando a liberdade para que nós mesmos escolhêssemos o caminho que quiséssemos seguir. Somos espíritos e todos nós, espíritos trazemos desde a muito tempo um pouco de amor, mas muito de ódio, ciúmes,

desejo de vingança e ganância, muita ganância.

Deus, na Sua infinita bondade, nos dá a oportunidade de nascermos e renascermos tantas vezes quantas forem necessárias, pois a cada reencarnação o nosso espírito vai sendo lapidado, até que um dia chegaremos àquele céu esperado por todos.

—Renascermos! Você está mesmo brincando comigo! Não quero renascer! Quero voltar para a minha casa.

— Renascermos, sim, Fernanda. Deus não seria justo se nos desse só uma vida de setenta, oitenta ou até cem anos vivendo sempre com sofrimento e, depois da nossa morte, não existisse coisa alguma, ou melhor, encontrássemos o castigo eterno ou a benção do céu.

Todos os que estão renascidos não são ruins o suficiente para terem um castigo eterno nem bom o suficiente para terem um céu eterno, todos os que estão renascidos na Terra ou em outro lugar semelhante, estão aparando suas arestas. Um dia, sim, quem sabe quando, estaremos no céu tão esperado.

Mas posso te dizer que esse céu também não é da maneira como nos ensinaram. Nele, também existe muito trabalho, pois na ociosidade ninguém pode ser feliz, e o céu, supõe-se, é um lugar de felicidade. Não importa onde estejamos, nem o grau de espiritualidade que alcançamos, sempre haverá alguém a quem amamos que precisará renascer. Por isso, muitos voltam, mesmo estando em um céu maravilhoso, por sua vontade, apenas para ajudar aqueles que ficaram para trás na caminhada, porque não seriam felizes enquanto não tivessem ao seu lado aqueles a quem

amam. Essa é a beleza da escolha e do amor de Deus.

Embora revoltada, Fernanda, sem perceber, começou a ouvir atentamente aquilo que Nivaldo dizia. Não entendia muito bem, mas começava a fazer sentido.

— Tudo que está me dizendo faz sentido, mas o que eu tenho a ver com isso? Não sei se sou um espírito iluminado ou não. Nunca me preocupei, mas se o que está dizendo for verdade, na realidade estou morta e agora terei que enfrentar o juízo final. Não estou nem um pouco preocupada. Talvez eu não tenha sido um anjo de candura, mas procurei viver a minha vida junto de minha família e me esforcei para ser uma boa mãe e esposa. Dei para a minha filha a educação que conhecia e parece que deu certo, pois hoje ela é uma pessoa de bem.

— Sim, você, a partir de sua escolha, cumpriu de uma maneira certa e digna a sua missão, por isso está tendo toda a nossa assistência, Fernanda.

— Não recebem a todos da mesma maneira?

— Com tristeza, preciso lhe dizer que nem sempre é possível. Existem aqueles que, ao desencarnarem, trazem muita maldade, estão cercados de energias ruins e, por causa delas, nem sempre conseguimos nos aproximar e fazer com que durmam segundos antes do desenlace.

— Eles são abandonados à própria sorte? Sem ajuda?

— Não. Ninguém fica sozinho, encarnado ou não. Sempre houve, há e haverá espíritos que os amem, nos bons e maus momentos. Tentando ajudá-lo nos maus e vibrando de felicidade nos bons,

mas nem sempre é possível ajudar. Somente por culpa deles mesmos, de suas energias ruins.

— Não estou entendendo. Por que por culpa deles?

— Por não querer aceitar a sua real situação e querer continuar seguindo a fazer as maldades de sempre. Infelizmente existem também os suicidas, que ficam muitas vezes por longos anos perambulando, sofrendo e revivendo os últimos momentos de vida que tiveram em que praticaram o suicídio. Eles sentem e sofrem ao perceberem o que está acontecendo.

— Isso é cruel. Se esse Deus é tão perfeito, como pode permitir uma coisa dessas?

— Ele é perfeito, por isso não pode ser injusto. Todos nós precisamos aprender por nós mesmos. O suicida prova para si mesmo que não acredita na bondade de Deus, não acredita que Ele não abandona filho algum e que nos ama a todos, muito mais do que acontece com os pais na Terra ou em outro planeta qualquer.

Os pais da Terra estão sempre ao lado dos filhos, sejam eles da maneira como forem. Para os pais, serão sempre seus filhos e os defenderão sempre, apesar de saberem que eles merecem os castigos que a vida e a sociedade lhes impõem por erros praticados contra ela e a si mesmo. Deus não poderia ser diferente. Ele nos ama, por isso tem que nos mostrar o caminho; cabe a nós seguirmos ou não. Ele nos deu o direito da escolha daquilo que queremos para o presente e para o futuro. Ele estará sempre ao nosso lado, nos dando todas as oportunidades que

precisarmos. Sua paciência é infinita, pois sabe que um dia chegaremos lá, não se importando quanto tempo demore. Sabe esperar...

— Não sei se consigo acreditar em tudo isso, mas mesmo assim Ele, comigo, não agiu corretamente. Se tudo isso é verdade, sempre procurei levar uma vida normal, tentando, e acho que consegui não fazer mal. Sempre procurei ajudar as pessoas e só fazer o bem. Estou pensando agora, como foi que eu morri? Estava bem e feliz, sofri algum enfarte ou um derrame?

— Não. Feche os olhos. Verá agora o que aconteceu nos últimos minutos da sua vida na Terra.

Embora ainda não estivesse acreditando em tudo aquilo e sentindo que estava tendo um pesadelo, Fernanda fechou os olhos.

Nivaldo saiu de trás da mesa, aproximou-se dela, colocou as mãos em volta de sua cabeça a certa distância. Olhou para Marli, que se colocou à frente de Fernanda, abrindo os braços em sua direção. Luzes brancas envolveram Fernanda. Nivaldo e Marli sorriram e voltaram a ficar na mesma posição anterior.

Fernanda, no mesmo instante, se viu na cozinha da sua casa. Sobre o fogão, as panelas ferviam e, sentada em uma cadeira junto à mesa, estava Zuleica, que sorrindo lhe dizia:

— Depois de tudo que me contou, não consigo acreditar. Vocês pareciam fazer um casal perfeito. Parecia que o seu casamento foi sempre um mar de rosas.

— Realmente, eu também sempre pensei que fosse. Claro que

tivemos brigas, como todos os casais, principalmente no início, pois sabe como é, são duas pessoas que tiveram educação e conceitos diferentes. Mas a cada briga e a cada reconciliação, com o passar do tempo, fomos nos adequando e, agora, estávamos muito bem. Eu tinha muitos planos. Depois que Regiane se casasse e após o término do empreendimento, poderíamos viajar por todo esse mundo.

Foi por isso que não acreditei nem aceitei quando ele disse que ia embora de casa para ser feliz. Nunca pensei que ele havia sido infeliz durante o tempo em que estivemos casados. Mas felizmente tudo passou e hoje ele virá jantar e voltará para sempre. Foi só mais uma briga, como todas as outras que tivemos.

—Não sei o que é uma vida a dois, pois, como sabe, eu nunca me casei...

—Sabe que nunca entendi isso, Zuleica. Você sempre foi e é uma mulher bonita, inteligente. Posso te fazer uma pergunta?

—Claro que sim. Quantas quiser, prometo que responderei a todas, sejam quais forem. A minha intenção de vir aqui hoje foi justamente para conversar com você.

—Por que não se casou?

—Talvez por nunca ter encontrado o homem da minha vida ou, quem sabe, ao encontrá-lo descobrir que ele nunca seria meu realmente. Não sei, talvez estivesse esperando o príncipe encantado que nunca chegou. Ou estivesse esperando que um dia ele se decidisse e resolvesse aparecer. Não sei, mas hoje, com

quase cinquenta anos, sem filhos, sem nada, sinto que perdi toda a minha vida e a minha juventude vivendo uma ilusão.

—Que ilusão?"

—Esperando por alguém que eu sabia que nunca seria meu realmente.

—Não consigo imaginar como seria a minha vida sem a minha filha, meu neto e, principalmente, sem Antero. Agradeço a Deus, todos os dias, por ele ter me dado uma família tão maravilhosa. A vida passa muito depressa, nem acredito que também já estou com quase cinquenta anos. Mas você nunca contou se teve algum namorado. Você teve?

— Sim, no tempo da faculdade, me apaixonei perdidamente por um rapaz, mas ele se casou com outra e eu nunca mais consegui ou quis amar outro.

—Acho que isso foi um erro. Poderia ter encontrado outro e hoje estaria assim como eu, com a minha filha e com o meu neto. Com a volta do Antero para casa, serei a mulher mais feliz deste mundo.

—Bem, acho que está na hora de eu ir embora, não quero estragar a sua noite, Fernanda.

—Ainda bem que você entende e não vai ficar magoada, mas você tem razão. Esta noite vai ser decisiva para a minha felicidade. Antero vai voltar, vou propor a ele fazermos uma viagem, uma segunda lua-de-mel.

—Faça isso, vocês merecem. Cheguei e você não me ofereceu nem um café.

— Desculpe, estou tão preocupada com o jantar, que nem pensei nisso. Mas eu passo agora mesmo, vou tomar também. Só que com leite, não gosto muito de café puro.

— Pois eu gosto dele puro e forte.

— Vai ficar pronto em um minuto. Estou mesmo muito nervosa. Sofri muito com o abandono do Antero, mas sinto que agora tudo ficará bem.

Fernanda estava junto ao fogão; assim que terminou de passar o café, disse:

— O café está pronto, vamos tomar.

— Não sei o que está se passando comigo. De repente a minha cabeça começou a doer. Você não teria um comprimido para que eu pudesse tomar junto com o café?

— Tenho, sim, mas acha bom tomar com café?

— Não tem problema algum. Estou acostumada. Não sei o que tenho. Já tem alguns dias que estou sentindo essa dor. Ela vem de repente e desaparece assim que tomo um comprimido.

— Precisa ir a um médico e ver do que se trata. Dor de cabeça é um sinal que algo não vai bem, Zuleica.

— Farei isso. Mas, enquanto não vou ao médico, pode me dar um comprimido?

— Posso, sim, está em meu quarto, vou buscar. Olhe o leite para que não derrame quando ferver.

— Olharei, pode ficar sossegada.

Nesse momento, Fernanda viu Nivaldo, Marli e Tânia entrando na cozinha. Depois ela se viu saindo da cozinha, viu também

quando Zuleica levantou-se, abriu a bolsa e tirou de dentro dela um vidrinho. Tânia se aproximou dizendo:

— Zuleica, não faça isso, pois se fizer vai se arrepender muito. Esse não é o caminho... — Tânia dizia baixinho.

Nivaldo e Marli colocaram-se em volta das duas e começaram a jogar luzes sobre elas. Zuleica, como se ouvisse aquela voz suplicante, por alguns instantes ficou olhando para o vidrinho, mas o abriu. Desligou o fogão e jogou uma grande quantidade de um pó branco dentro da leiteria e mexeu com uma colher. Permaneceu ali até que Fernanda voltasse trazendo o comprimido para a dor de cabeça.

Ela entrou sorrindo:

—Aqui está o comprimido. É o que sempre uso. Creio que te fará bem, mas, mesmo assim, precisa ir a um médico.

—Irei amanhã mesmo. O leite ferveu e eu apaguei o fogo. Vamos tomar?

—Vamos, sim, sente-se enquanto eu preparo a mesa.

Sentaram-se e Fernanda colocou o leite em sua xícara; colocou muito, pois gostava do café-com-leite bem clarinho. Zuleica colocou um pouco de café preto na sua e tomaram. Passados alguns segundos, Fernanda sentiu que não estava bem.

—Zuleica, não estou bem. Não sei o que aconteceu, mas estou me sentindo muito fraca, estou tendo dificuldades para controlar o meu corpo.

Zuleica levantou e se aproximou dela, dizendo:

—Deve ser uma queda de pressão. Sei como é. Tenho sempre.

Fique calma, que logo passará.

— Não sei se foi isso, mas sinto que vou desmaiar.

Tentou se levantar, mas não conseguiu, caiu em seguida. Tentou falar algo, mas também não conseguiu.

Zuleica ficou olhando para Fernanda caída no chão, sem fazer nada. Poucos segundos depois, Nivaldo pegou em seus braços o espírito adormecido de Fernanda, enquanto seu corpo permanecia caído no chão. Os três olharam tristes para Zuleica e afastaram-se levando Fernanda com eles.

Fernanda deu um pulo, abriu os olhos e disse abismada:

— Eu morri?! Ela me matou, mas por quê?! Ela sempre foi minha amiga! Isso não é verdade! Vocês estão brincando!

Marli a abraçou enquanto Nivaldo dizia:

— Infelizmente não é uma brincadeira, tudo isso aconteceu realmente. Tentamos evitar, mas não foi possível. Não podemos nunca interferir no livre-arbítrio de cada um. Podemos enviar bons pensamentos de alerta, mas interferir nunca!

Ela cometeu um crime grave e por ele terá que prestar contas. Você voltou para casa antes do tempo. Embora estivesse previsto que Zuleica poderia fazer isso, ela tinha a chance de mudar essa expectativa. O que infelizmente não aconteceu.

Fernanda tremia e chorava em desespero.

— Isso não pode ser verdade! Não consigo acreditar!

— Para nós também foi difícil e está sendo, mas aconteceu realmente e nada poderá fazer com que mude. Está feito.

— Por que ela fez isso?

— Não prefere continuar vendo? Por mais que tentemos te explicar, nunca será tão convincente como se você mesma vir.

— Não sei... Estou nervosa, não sei o que desejo realmente. Minha única vontade é ir até ela, fazer com que saiba que agora eu sei de tudo e que quero matá-la também!

— Assim como ela errou você também erraria muito se fizesse o mesmo com ela...

— Erraria?! Não está vendo que ela me matou sem um motivo aparente?! Não sei o que vocês pensam, nem me importo com isso! Ela me matou! Tirou a oportunidade de o Antero voltar para casa e eu ser feliz novamente! Não posso ficar aqui, parada, vivendo esta vida de sonho, neste lugar maravilhoso, mas longe da minha família, enquanto ela fica lá, sem sofrer nada! Preciso voltar para me vingar! Antes preciso saber por que ela fez isso.

— Terá todas as respostas, mas para isso precisa se acalmar e fechar os olhos novamente.

— Não sei se conseguirei me acalmar e muito menos fechar os olhos. Já vi o suficiente. Agora só quero voltar para lá e ir ao encontro dela! É só isso o que quero nada mais!

— Mais tarde, se quiser iremos. Mas agora precisa ver tudo até ao final. Assim, saberá o motivo e poderá tomar uma decisão. A partir de certo momento, você cumpriu a sua parte nessa encarnação, não pode estragar tudo agora.

— Cumpri a minha parte?! Do que me adiantou se, no final, fui assassinada de uma maneira tão cruel? Sempre ouvi falar que as pessoas boas são as que mais sofrem; acho que isso é verdade!

Procurei viver a vida da melhor maneira possível e olhe o que me restou! Isso não é justo. Não posso aceitar!

— Você está nervosa e tem razão, mas veja até o final e verá que nada está errado e que nunca podemos dizer o que é certo, justo ou não. Só posso lhe dizer que Deus é nosso Pai e Criador e que Ele tem toda a justiça do mundo. Quer ver o que aconteceu em seguida e saber qual foi o motivo?

— Quero, pois, por mais que eu pense, não entendo nem encontro justificativa.

— Sendo assim, feche os olhos e continue vendo.

Fernanda, embora nervosa, fechou os olhos. Nivaldo levantou os braços em frente a ela e na direção da sua cabeça. Em poucos instantes, ela se viu novamente na cozinha da sua casa e viu também o seu corpo deitado no chão e Zuleica a olhando. Depois, Zuleica se abaixou, colocou a mão no pescoço de Fernanda, percebeu que a veia não batia mais. Não contente, tirou da bolsa um pequeno espelho e colocou junto ao nariz de Fernanda para ver se ela ainda respirava. Constatou que ela não respirava mais.

— Está feito — disse, sorrindo — agora preciso tirar todo vestígio da minha estada aqui. Preciso dar um fim a toda essa comida que está pronta. Senão, ninguém vai acreditar que ela se matou. Ninguém prepara comida antes de se matar.

Pegou um saco de lixo, colocou a comida dentro dele. Depois lavou a louça e limpou a cozinha. Fazendo tudo com luvas de borracha para que não ficassem impressões digitais. Assim que

tudo estava limpo e arrumado, voltou para junto do corpo de Fernanda, Tirou da bolsa outro vidro de comprimidos, espalhou pelo chão, fazendo parecer que os comprimidos haviam caído das mãos de Fernanda. Em seguida, abriu a mão de Fernanda e colocou o vidrinho nela. Ficou olhando para Fernanda e para tudo à sua volta. Precisava ver se tudo estava em ordem. Disse: — Está tudo certo. Vou embora e agora sim, poderei ser feliz com Antero sem a sua presença. A sua morte vai me trazer toda a felicidade do mundo e resolverá também os problemas financeiros da empresa.

Pegou o saco de lixo que estava com toda a comida e sujeira, saiu da casa. Fechou a porta, caminhou até onde estava o carro, colocou o saco no banco de trás. Olhou para a rua e viu que não havia ninguém. Entrou, ligou o motor e foi embora.

Fernanda abriu os olhos novamente, disse entre espantada, nervosa e admirada:

—Antero?! Ela fez isso por causa do Antero?! Por causa de problemas financeiros da empresa?! O que ela tem a ver com Antero?! Que problemas estão tendo a empresa que eu não sei?! Agora ela não estava mais chorando ou nervosa. Estava estupefata, e não entendendo nada daquilo.

— Essa é uma longa história — disse Nivaldo — eles se amavam bem antes do seu casamento.

— O quê?!

— É isso mesmo. Quando vocês se conheceram na faculdade, eles começaram a namorar. Mas nunca contaram a ninguém.

Você sempre soube como os pais dela eram, não permitiam que ela saísse de casa sem que fosse na companhia deles. Por isso, ela não comparecia a festas. Lembra-se daquela festa em que Zuleica não pôde comparecer, pois seu pai não deixou, e foi quando você e o Antero começaram a namorar?

— Claro que me lembro, mas eles já namoravam naquele tempo? Eu nunca soube disso!

— Sim, mas ela ficou com medo de contar para alguém e que chegasse aos ouvidos do pai. Ele não podia nem imaginar que ela estivesse namorando. Julgava que ela era muito jovem e que só podia se interessar pelos estudos. Na realidade, ele morria de ciúmes.

Ela pretendia contar para você e para a Marilda, mas só depois de convencer o pai a aceitar Antero.

— Eu nunca imaginei que isso estava acontecendo...

— Depois daquela noite, você e Antero começaram a se ver com mais frequência. Zuleica ficou sabendo, sofreu muito e não quis mais ver Antero. Ele a convenceu que o que sentia por você, Fernanda, não era amor, só uma atração sexual, e que era dela que ele gostava realmente.

— Antero fez isso?

— Sim, pois ele também não sabia de qual das duas gostava mais. Isso durou muito tempo, até o dia em que você disse a ele que estava grávida. Ele tentou desmanchar o namoro, mas o pai dele não permitiu e vocês se casaram.

— Estou me lembrando agora que Zuleica não compareceu ao

meu casamento. Disse que a sua mãe estava doente.

— Quem ficou doente naquele dia foi ela. Chorou e sofreu muito. Antero a havia enganado e ela não se conformava.

— Não posso acreditar que ele tenha feito isso.

— Mas fez. Depois disso, ficou um bom tempo sem se ver, até quando vocês montaram a empresa e ele levou Zuleica para trabalhar lá. Depois disso, começaram a se ver todos os dias e, com o tempo, o amor que existia entre eles foi mais forte e acabaram se tornando amantes.

— Eles ficaram juntos todo esse tempo? — agora Fernanda estava novamente muito nervosa, até com ódio. — Ela frequentou a minha casa e sempre disse ser minha amiga.

— Sim, pois sendo sua amiga não poderia deixar de atender a um convite seu, e, mais ainda, ela tinha curiosidade para saber como vocês viviam e como se tratavam. Se fizer um esforço, lembrará que sempre que ela estava presente Antero ficava distante de você. Sempre conversando com outras pessoas e quase nunca com ela. Ele dizia para ela que não gostava de você, que só estava ao seu lado por causa da sua filha e por causa do pai dele, que nunca permitiria uma separação. Prometia sempre que, assim que a sua filha se casasse e o pai dele morresse, ele ia embora de casa e ficaria com ela para sempre. Ela acreditou.

— Mas eu não consigo acreditar que ele tenha feito isso. Também não posso perdoá-la por ter me enganado durante tanto tempo. Por ter frequentado a minha casa. Isso não está certo!

— Zuleica sabia disso, mas o amor que julgava sentir era mais

forte.

O tempo foi passando, até o dia em que o pai dele morreu. Ela, vendo que ele não tomaria uma decisão e percebendo que havia perdido toda a sua juventude ao lado dele, arrependeu-se de todo o tempo perdido.

Saiu da empresa e disse que não queria mais vê-lo a não ser no dia em que ele realmente te abandonasse e a assumisse totalmente.

Viu que no final nada lhe restou, pois não tinha propriedades e nem sequer um filho para lhe fazer companhia na velhice. Não suportava saber que não tinha nada, enquanto você tinha tudo.

— Foi por isso que ele me abandonou? Por ela?

— Sim. Ele também achou que estava na hora, pois na realidade ele, no seu egoísmo, sempre amou Zuleica de verdade, só não queria complicação.

— Se ele me abandonou por ela, por que ela me matou? Isso é estranho! Não tinha mais um motivo...

— Ele já havia mentido tanto, que ela não acreditava mais e, através de maus pensamentos, atraiu para o seu lado espíritos sofredores e vingativos. Estando na mesma faixa que ela, eles começaram a envolvê-la, sussurrando coisas más contra você e contra o Antero. Diziam que ele estava mentindo novamente e que só ficaria com ela quando você morresse e que os problemas da empresa só teriam solução com a sua morte.

— Meu Deus... Que problemas a empresa está passando? Ele nunca me disse nada; ao contrário, quando eu lhe perguntava,

sempre dizia que estava tudo bem.

— Ele não conseguiu vender os apartamentos da forma como pensou que aconteceria. Sabe que o prédio estava em construção e que ele tinha prazo para entregar. Por isso pediu muitos empréstimos a vários bancos e não estava conseguindo cumprir seus compromissos.

— Eu não sabia disso. Mas uma coisa eu não entendo: como e em que a minha morte poderia ajudar?

— Ele temia ter que se desfazer de alguns dos seus bens. Entre eles, a casa em que moravam que ele sabia ser a sua paixão. Temia que você não concordasse em vendê-la. Com a sua morte, haveria o inventário e, como a sua filha já têm a sua própria casa, não se oporia. Ela poderia pegar a sua parte da herança e assim Antero poderia pagar os bancos e continuar com a construção.

Antero nunca havia pensado nisso, mas Zuleica, sim, e começou a planejar a sua morte. Teria que ser de uma forma que parecesse suicídio e que não a envolvesse ou Antero.

— Ele sabia dos planos dela?

— Não; embora várias vezes, tenha comentado com ela o medo que tinha de te dizer que precisaria vender a casa de vocês.

— Não estou conseguindo acreditar em tudo isso. Acho que estou tendo um sonho mal. Sei que vou acordar.

— Infelizmente tudo aconteceu. Não vai acordar, está acordada e terá que se esforçar para entender e aceitar.

— Entender? Aceitar? Não pode ser! Foi muito cruel! Todos

aceitaram a minha morte? Ninguém desconfiou de assassinato? Acreditaram mesmo que eu me suicidei?

— Aceitaram e acreditaram, pois Zuleica fez bem feito. Planejou, durante muito tempo, nos mínimos detalhes para que nada desse errado. Você se lembra que naquela noite já estava escuro quando ela chegou à sua casa?

— Sim, eu estava terminando o jantar.

— Ela sabia que Antero estava longe dali e acompanhado, por isso não teria como ser envolvido. Deixou o carro estacionado a algumas quadras da sua casa e caminhou. Antes de tocar a campainha, olhou a rua para ver se não tinha ninguém. Viu que a rua estava deserta, tocou a campainha, você atendeu e a convidou para entrar; depois que terminou tudo e com o saco de lixo nas mãos, também olhou a rua para ter a certeza que ninguém a veria. Já era tarde da noite e todos os seus vizinhos estavam dentro de casa, provavelmente assistindo televisão. Vendo que não havia ninguém, ela caminhou até o carro, entrou e saiu dirigindo. Em uma praça distante dali, deixou os sacos de lixo com a comida. Sabia que por ali existiam mendigos que ficariam felizes ao verem toda aquela comida.

— Ela pensou em tudo mesmo. E agora, como ela está?

— Por enquanto está bem. Feliz por saber que poderá ficar com Antero para sempre e que a empresa será salva.

— Não pode ser! Ela não pode ficar impune! Tem que ser desmascarada! Alguém tem de fazer alguma coisa!

— Isso não nos compete. Mais cedo ou mais tarde, ela será

descoberta. O que desejamos é que você a entenda e a perdoe e deixe o resto nas mãos de Deus. Ele saberá como agir.

— Perdoar? Nunca! Como posso perdoar a alguém que me fez tanto mal? Que foi como uma sombra na minha vida? Que desejou e conseguiu a minha morte? Sinto muito, mas não posso! Está além das minhas forças! Nunca fui vingativa e, sempre que alguém me fazia alguma coisa que me deixava triste, eu procurava esquecer; nunca alimentei ódio. Mas, por ela, estou sentindo um ódio incrível! Não posso perdoar! Nunca!

— Você está chocada com tudo que descobriu. Com o tempo entenderá melhor e verá que nada que faça lhe satisfará. Deixe nas mãos de Deus e de Seu julgamento, Ele sempre sabe o que faz. Não erra nunca!

— Como sabe o que faz? Onde ele estava quando ela conseguiu me matar? Como ele permitiu isso? Eu não merecia...

— Não cai uma folha de uma árvore sem o consentimento Dele, disso tenha certeza.

— Isso é mais uma das bobagens que estão escritas na Bíblia! Depois de tudo que vi, não posso mais acreditar! A Zuleica me matou e está impune! Será que não entende isso?

— Entendo que pense assim, mas posso te garantir que as palavras que estão na Bíblia são verdadeiras. Jesus veio mesmo nos ensinar o caminho para chegarmos ao Pai. Por isso sei que ninguém fica impune. Todos teremos que responder por nossos atos, cedo ou tarde, disso você pode ter certeza...

— Não acredito que isso aconteça. Você mesmo disse que

Zuleica planejou muito bem. Ela não será descoberta! Sei que está morando em uma cidade distante. Ninguém desconfiará dela e, pelo que me disse, ninguém desconfia de nada. Todos acreditaram que me matei realmente. Antero, minha filha e os meus amigos! Todos acreditaram nessa mentira?

— Todos, menos Marilda. Ela não aceitou. Aquele telefonema dizendo que Antero viria jantar com você reforçou mais a certeza que ela já tinha. Com isso, ela foi até a delegacia e contou a sua suspeita para o delegado, ele está investigando.

— Marilda sempre foi minha amiga! Descobrirão?

— Será difícil, mas não posso te dar essa resposta. Fique tranquila. De uma maneira ou de outra, tudo será descoberto.

Acredite nisso e verá como tudo ficará mais fácil.

— Não acredito no que está me dizendo! Nunca me interessei muito em aprender nada sobre a espiritualidade. Aprendi que todos tinham uma alma. Agora que estou aqui, sentindo que o meu corpo ainda existe, mesmo depois da morte, chego à conclusão que este corpo é a minha alma. Se for assim, poderei voar e ir a qualquer lugar que queira.

— Sim, em parte tem razão. Poderá, sim, ir a qualquer lugar, mas para isso tem que obter uma autorização.

— Uma autorização? E se não derem?

— Na hora certa, ela será concedida.

— Quem decide à hora certa?

— Nossos superiores. Só eles sabem quando você estará pronta para ir a qualquer lugar.

— Se eu não aceitar?

— Aqui, como em todo lugar, existem regras para serem cumpridas. Enquanto estiver aqui, terá toda a proteção que precisar, mas, no momento em que não aceitar e desejar desobedecer, poderá fazer isso, pois tem o seu livre-arbítrio e contra ele nada podemos fazer. Se sair daqui sem autorização, ficará sem proteção e responsável por tudo que possa te acontecer.

— O que poderá ser pior que a minha morte?

— Você está morta, mas pode ver que não está tão ruim assim. Está em um lugar muito bom, onde poderá fazer tudo que quiser. Aqui, terá a oportunidade de trabalhar e aprender muito. Além de se preparar para uma nova encarnação.

— Nova encarnação? Como funciona?

— Você será preparada para isso. Terá que rever todo o seu passado e decidir como e onde irá renascer.

— Eu vou decidir?

— Sim, mais uma vez fará uso do seu livre-arbítrio.

— Se eu não aceitar, o que poderá me acontecer?

— Ficarà à mercê da sua própria sorte. Fora desta cidade, existem muitos perigos e seres que você nem pode imaginar. Com muito custo, nós os deixamos afastados.

— Está dizendo isso para me assustar. Está querendo me manter prisioneira aqui nesta terra de sonhos?

— Nem você nem ninguém é prisioneiro aqui. Poderá fazer o que quiser. Mas para continuar nesta terra de sonhos, como disse

terá que cumprir as regras. Se eu te disse que não pode sair sozinha foi simplesmente para te proteger. O melhor que tem a fazer é deixar tudo entregue nas mãos de Deus. Ele se encarregará de julgar e dar o castigo ou merecimento para todos. Nada do que faça poderá modificar isso. Você, até agora, está tendo a nossa proteção e a proteção deste lugar, porque, apesar de escolhas erradas, cumpriu quase todos os compromissos assumidos antes de renascer. A escolha é sua. Você teve e tem aqui muitos amigos, além de mim, Tânia e Marli.

Quando renasceu na Terra, torcemos muito para que se saísse bem. Estamos aqui e estaremos sempre ao seu lado. Procuraremos fazer que entenda tudo que se passou, mas não podemos nem queremos desrespeitar as regras que regem este lugar. Está em suas mãos o seu futuro. Está na hora de escolher.

— Não sei o que fazer. Por mais que tente, não consigo perdoar a traição e a maldade que fizeram contra mim durante tanto tempo. Não é fácil para ninguém. Talvez seja para vocês, que são iluminados, mas para uma pessoa comum como eu sou, é realmente difícil. Fui enganada durante toda a minha vida!

— Sabemos disso e, por isso também, estamos aqui te dando todos os esclarecimentos e te mostrando o caminho que deve seguir. Mas, como já disse, a escolha é só sua.

— Não poderei voltar, nem por um instante, só para ver como tudo está por lá?

— Poderá, claro que poderá. Só que não neste momento. Agora que tomou conhecimento de sua real situação, deve se adaptar

por aqui e entregar tudo nas mãos de Deus. Aliás, era o que todos nós deveríamos fazer nos momentos de desespero, decisão e ansiedade.

Quando aprendermos a fazer isso, veremos que tudo se tornará mais fácil. Quando tivermos a certeza de que nunca estamos sós, que sempre temos ao nosso lado espíritos amigos tomando conta de tudo e fazendo o possível para que a nossa jornada seja a melhor possível, veremos como conseguiremos caminhar com mais facilidade.

Estamos ainda nos primeiros passos em direção da Luz Divina, mas, com certeza, um dia chegaremos lá. Não somos ninguém para julgar. Precisamos apenas nos preocupar em aprender sempre mais.

Fernanda começou a chorar, mas agora não era mais com raiva. Não conseguia dizer exatamente o que estava sentindo.

Acreditava nas palavras de Nivaldo, mas ao mesmo tempo não conseguia entender e perdoar.

— Não sei o que fazer, estou nervosa e magoada com tudo que me contou. Quero que todos paguem pelo que me fizeram. Sempre fui muito dependente do Antero. Nunca fiz uma viagem sozinha. Tenho vontade de sair daqui e ir ao encontro dela para que seja descoberta.

Ao mesmo tempo, tenho medo de ir sozinha, ainda mais depois do que disse. Se eu encontrar um ser estranho, sinto que não saberei reagir e que serei uma presa fácil. Preciso pensar um pouco, antes de decidir o que fazer.

— Faça isso, pense bem. Enquanto isso continue visitando tudo por aí. Talvez encontre algo que chame a sua atenção. Nivaldo voltou-se para Marli, dizendo:

— Marli, leve-a até a câmara de passes. Ela precisa de um tratamento, de receber novas energias.

Fernanda conversaremos em outra hora.

— Farei isso — disse Marli. — Vamos, Fernanda?

Fernanda, ainda um pouco confusa com tudo que ficou sabendo, consentiu com a cabeça e saíram. Assim que elas saíram, Nivaldo fechou os olhos e disse em pensamento:

"Meu Pai, sei que a sua bondade e perdão são infinitos. Permita que ela aceite e perdoe para que eu não seja obrigado a lhe contar tudo. Sei que um dia ela terá que saber, mas sei também que agora não é o momento. Obrigado, meu Deus, por todas as bênçãos que nos dá todos os dias..."

Assim que saíram, Marli disse:

— Fernanda, espero que tenha entendido tudo que te aconteceu e siga os conselhos do Nivaldo. Ele gosta muito de você e disse tudo àquilo porque quer realmente te proteger.

— Sei que aconteceu, mas não consigo entender. Se realmente querem me ajudar, precisam deixar que eu volte para ver como ela está. É impossível que não sinta arrependimento pelo que fez. Sempre ouvi dizer que existe uma consciência e que ela nos condena quando fazemos algo errado. Será que a Zuleica não tem essa consciência? Será que ela poderá ser feliz, apesar de ter cometido um crime como esse? Será que a minha morte vai ser

esquecida por todos e ninguém conseguirá ou se importará em descobrir a verdade? Ninguém fará justiça?

— Isso não posso te responder. Não sabemos o que acontecerá com ela. Só sabemos o que pode acontecer com você. Tem aqui a oportunidade de trabalhar, aprender e se preparar para uma nova reencarnação. Mas para isso é necessário que entregue o seu sofrimento e revolta nas mãos de Deus. Ele, e só Ele, saberá como praticar a justiça.

— No momento, não sei o que fazer. Estou confusa e com muito ódio, por tudo que vocês me disseram. Não deveria ser assim, mas não consigo evitar. Estou muito longe da perfeição e revoltada com tudo que me fizeram. Por isso, vou pensar mais um pouco, tentar aceitar os conselhos e deixar tudo nas mãos de Deus. Mas sei que vai ser difícil.

— Ótimo, vou te levar a vários outros lugares. Você verá que este lugar tem muito para te oferecer. O tempo, aqui ou em qualquer outro lugar, é o remédio para tudo. No tempo certo, você poderá voltar. Por enquanto, vamos procurar algo que você possa fazer para sentir-se melhor. Vamos?

— Vamos — disse Fernanda, tentando sorrir — mas eu quero voltar para cobrar o mal que me fizeram.

— Voltará, voltará...

A influência

Zuleica acordou. Naquela manhã estava feliz. Antero passou a noite toda ao seu lado. Isso dificilmente acontecia, pois, embora ele ficasse com ela algumas horas do dia, nunca conseguia ficar durante a noite. Sempre precisava voltar para casa para os braços de Fernanda, a quem ele dizia não amar. Olhou para o lado da cama, ele estava lá. Levantou devagar:

"Não quero acordá-lo. Vou preparar um café da maneira que ele gosta. Finalmente seremos felizes, nada mais poderá evitar que isso aconteça. Agora, Fernanda não está mais aqui para impedir. Por que não a matei antes? Nunca pensei que seria tão fácil! Ainda dizem por aí que não existe o crime perfeito. Claro que existe e ninguém desconfiará de nada e, mesmo que desconfiem, não terão como envolver a mim ou ao Antero. Marilda é a única que está desconfiando de algo, mas que também não tem como provar. Com o tempo, ela esquecerá e nós, eu e Antero, poderemos ser felizes para sempre, como sempre quisemos e merecemos. Ninguém poderá impedir..."

Vestiu um roupão por cima da camisola e foi para a cozinha. Colocou água no fogo para fazer café, foi para o banheiro. Diante do espelho olhou para seu rosto, pensou tristemente:

"Estou ficando velha e muitas rugas estão surgindo no meu rosto, mas Antero parece que não as vê. Ele provou que realmente me ama quando saiu de casa. Acho que valeu a pena todo esse tempo de espera. Daqui para frente, seremos felizes."

Antero também acordou, viu quando Zuleica saiu do quarto. Não sentia vontade de falar com ela. Deitado de costas, ficou olhando para o teto e pensando:

"Não sei por que estou me sentido assim. Eu deveria estar contente por poder finalmente viver ao lado da mulher que sempre julguei amar. Mas agora não sei se a amo realmente. Não consigo esquecer as palavras do delegado:

— Sua mulher telefonou para a casa da amiga, dizendo que estava feliz, e preparando um jantar, pois o senhor avisou que voltaria para casa.

"Por que Fernanda faria isso? Se o que Marilda está dizendo for verdade, alguém disse para ela que eu estava voltando, mas quem e por quê? Por mais que pense, não consigo encontrar uma explicação. Se isso for verdade, ela realmente não teria motivo para se matar. Será que ela não se matou? Será que foi assassinada? Não, não pode ser. Quem faria isso e por quê? Estou confuso, nunca pensei que sentiria a falta dela, mas estou sentindo. Zuleica é uma mulher maravilhosa, mas sinto agora que, na realidade, eu nunca a amei. Não sei se amei Fernanda, mas sinto falta dela, só que agora é tarde demais. Ela morreu, não está mais aqui e nunca mais voltará. Estranho como o pensamento pode mudar de uma hora para outra. Como pode ser que o sonho, o desejo, só é bom quando não se consegue realizar e, ao se conseguir, parece não ter sentido? Sempre quis estar assim como estou hoje, livre para viver ao lado da Zuleica, mas não estou feliz."

Zuleica entrou no quarto, viu que Antero estava acordado, aproximou-se e beijou seus lábios suavemente, dizendo:

— Bom dia, meu amor. O café já está pronto e eu caprichei. Vai passar o dia comigo?

— Não, preciso ir até a empresa, há muitos problemas para serem resolvidos e só eu posso resolver.

— Vamos fazer amor antes ou depois do café?

Ele a olhou. Parecia que aquela que estava diante dele era outra pessoa, não a Zuleica a quem havia amado a vida toda.

— Não estou me sentindo bem — respondeu nervoso, — não estou em condições de fazer amor. Voltarei à noite, estarei melhor e tudo ficará bem.

— Não quer fazer amor? Não estou te entendendo, nunca se recusou. Por que está fazendo isso, agora que estamos livres para nos amar sem culpa?

— Não sei o que está acontecendo, mas não consigo deixar de pensar na Fernanda e na maneira como ela morreu. Aquilo que o delegado me disse, de ela ter telefonado para a casa da Marilda dizendo que eu estava voltando, me deixou muito preocupado. Quem teria dito isso a ela? De onde Fernanda tirou essa idéia? Não consigo encontrar resposta...

— Eu é que não estou entendendo o que está acontecendo. Sempre pensei que você me amava e que queria ser livre para ficar comigo, Antero!

— Eu te amo e o que sempre desejei na vida foi justamente isso. Só não sei o que está acontecendo. Não me sinto bem e não estou

com vontade de fazer amor com você ou com ninguém. Preciso ir embora, ficar sozinho para pensar.

Estava nervoso, sentia raiva de Zuleica, mas não conseguia saber por quê.

Levantou-se, tomou um banho rápido, vestiu sua roupa e foi até a cozinha. Zuleica estava sentada junto à mesa, que estava preparada com um saboroso café da manhã. Assim que ele entrou, ela se levantou dizendo:

— Sente-se e tome o seu café. À noite, quando voltar, conversaremos e você verá que tudo ficará bem.

— Não vou me sentar, só tomarei um café puro. Já está tarde. Não se esqueça de que terei que fazer uma viagem até chegar à empresa. Você não precisava ter se mudado para tão longe.

— Sei disso, mas sabe muito bem porque me mudei. Pode tomar um café decente, tem tempo para isso. Alguns minutos não fará diferença, Antero.

— Não! — ele gritou. — Estou me sentindo abafado. Preciso sair desta casa e respirar ar puro! O ar aqui está pesado! À noite voltarei e, por favor, não telefone para a empresa. Alguém poderá desconfiar. Ainda não quero isso!

— Sabe que não telefono para a empresa — disse, abismada com a atitude dele — mas agora já poderia fazer isso sem problema algum. Ninguém desconfiaria de nada. Afinal trabalhei lá por muitos anos. Também, se desconfiarem, qual é o problema? Agora está livre e pode fazer o que quiser com a sua vida. Só dependerá da sua vontade. Não estou entendendo.

— Estou livre de quê? Da Fernanda? — perguntou mais irritado.

— Pois quero lhe dizer que não estou livre, que nunca pensei nela como agora! Até mais tarde!

— Está bem, mas não vai tomar nem o café?

— Não, estou atrasado, até mais.

Ela quis acompanhá-lo até o portão, mas ele não deixou.

— Fique aqui dentro, não quero que me acompanhe.

Ela parou, ficou olhando para ele sem saber o que fazer. Aquele homem que estava na sua frente ela não conhecia. O que estaria acontecendo com ele?

Antero entrou no carro. Estava realmente muito nervoso o não sabia explicar qual era o motivo. Em poucos minutos, entrou na rodovia que o levaria para São Paulo e, à medida que foi se afastando, sentiu-se mais calmo. Ao seu lado, sem que sequer desconfiasse, estava sentado Nivaldo, que lhe disse:

— É meu irmão, você errou. Errou não, pois erro não existe, o que existe é apenas aprendizado. Você escolheu mal e agora terá que pagar as consequências. Mas estive, estou e estarei sempre ao seu lado. Agora, acalme-se, você está em uma rodovia e não é responsável só por sua vida, mas por todos que trafegam por ela. Em breve tudo será resolvido.

Antero, sem perceber, respirou fundo, recebeu uma rajada de luz branca que o envolveu totalmente por fora e por dentro. Sentiu-se calmo. Continuou dirigindo.

Zuleica foi para o seu quarto e se deitou. Estava nervosa e preocupada com a atitude de Antero.

"O que será que deu nele? Por que agiu daquela maneira?".
"Parecia que estava me odiando. Disse que nunca pensou tanto na Fernanda como agora! Não pode ser! Será que tudo que fiz foi inútil? Será que me tornei uma assassina por nada?"

— Infelizmente foi isso o que aconteceu, minha irmã. Você e o Antero não aceitaram a mudança de planos. Sei que era difícil, mas poderiam ter escolhido outro caminho. Antero foi fraco, ganancioso e escolheu mal. Você, infelizmente, se deixou levar pelo ódio, pelo ciúme e o sentimento de vingança. Agora, com a sua atitude, tudo se complicou. Entendo a ânsia que tinham de ficarem juntos, mas mesmo depois do fato consumado passaram por cima de tudo, não se preocupando com quem estavam magoando. Com você foi pior ainda, chegou às últimas consequências. Agora, não sei o que acontecerá com você, mas estou aqui ao seu lado e ficarei até quando me for permitido — Zuleica não percebeu, mas quem lhe falava era Marli.

Uma ventania se fez sentir e atrás dela um homem surgiu, era bonito, alto e forte, só tinha o rosto crispado de ódio.

— O que está fazendo aqui, Marli? — disse, com muito ódio. Sabe que ela sempre foi e continuará sendo minha! Ela atendeu aos meus apelos e cometeu aquilo que lhe intuí. Agora, ficará ao meu lado para sempre e você não pode ficar aqui!

Marli não pareceu estar surpresa; tentando esboçar um sorriso, disse:

— Olá, Aristides, como vai?

— Estou bem e nem um pouco feliz por te ver.

— Pois eu estou feliz em te ver. Sabe que te procurei por todos os lugares onde eu pudesse chegar...

— Esteve sempre perdendo o seu tempo. Onde estou só os corajosos podem chegar! Ninguém assim como você ou aqueles que te acompanham, chegam lá.

— Não sabe o quanto sinto por você, Aristides.

— Não preciso que sinta nada! Estou muito bem .Só quero que vá embora! Não quero te fazer mal, mas, se insistir em ficar aqui, não terei outro remédio .

—Não precisa fingir um poder que sabe não ter. Ficarei aqui todo o tempo que for necessário. Zuleica se deixou sucumbir pelos seus desejos, mas você sabe que nunca é tarde para se redimir. Estou e ficarei aqui, até que ela decida o que fará com a sua vida terrestre e espiritual. Sinto que será difícil fazer com que ela se arrependa, mas tentarei o máximo possível.

—Sabe bem que ela tinha motivos para fazer o que fez.

— Sei, sim, mas sei também que ela poderia ter escolhido outro caminho. Poderia exercer o perdão e tudo seria diferente para ela e para todos os envolvidos.

— Ela aceitou a minha influência e agora não a deixarei nunca mais! Finalmente poderei ser feliz! Será minha para sempre.

— Você sabe que o sempre ou o nunca não existem, são apenas palavras. Sabe também que um dia terá que renascer e terá que responder por todos os seus atos.

— Não quero e não vou renascer! Gosto de estar aqui e não quero voltar para aquela Terra.

— Entendo que tenha medo. Sabe que, depois de tudo que fez, intuindo-a ao crime, terá que responder não só pelos seus erros, mas pelos dela também. Sabe que, quando chegar a hora, não terá como evitar a reencarnação e que ela será sofrida. Sabe que a sua vida terrestre não será boa. Será mais uma daquelas pessoas que não entendem o motivo de seus sofrimentos e se revoltam contra Deus e contra todos. Isso acontece porque não sabe o quanto fizeram de mal e que a vida na Terra é uma bênção divina. É a oportunidade para resgatarmos todos os nossos erros.

— Essa conversa é fiada! Não estou interessado nela! Só quero que saia daqui. Nada mais!

— Vou embora, sim, mas não porque você está mandando, Aristides. Vou porque sei que nada poderei fazer até que Zuleica se arrependa e peça perdão a Deus pelos crimes cometidos. Mas quero te advertir que, se isso acontecer, estarei aqui para levá-la para a casa do Pai. Você não conseguirá me impedir.

— Pode esperar sentada, Marli. Ela não vai fazer isso, pois, ao contrário de você, ficarei aqui ao seu lado e não deixarei que ela se arrependa. Sou eu que vou levá-la para a minha casa!

Marli sabia que infelizmente ele tinha razão. Zuleica havia se deixado envolver por seus conselhos e se colocou na mesma faixa em que ele estava. Ela sabia também que não poderia interferir na escolha de Zuleica. Só poderia mesmo ficar orando e pedindo a Deus que ela se arrependesse. Triste, desapareceu. Encontrou com Nivaldo, que seguia ao lado de Antero no carro. Ela sentou-se no banco de trás, perguntando:

— Como ele está?

— Está desconfiando de alguma coisa, não sabe muito bem do que, mas já é um caminho. A Fernanda como está?

— Deixei-a com a Tânia. Deve estar bem, mas muito revoltada e com razão. Sei que a Tânia saberá fazer com que ela veja tudo de uma maneira diferente e compreenda.

— Espero que sim. Pretendo adiar, o máximo que puder, para lhe contar o que se passou na encarnação anterior.

— Sabe que chegará a hora em que não poderá evitar.

— Sei disso. Mas até lá espero que ela esteja adaptada à nova vida. Assim, entenderá com mais facilidade.

— Não sei, acho que, quanto mais tempo passar, pior ficará. Vai ficar aqui ao lado dele?

— Não. Você sabe que tenho compromissos. Ele mesmo já está pensando a respeito e, mais cedo ou mais tarde, ligará Zuleica ao crime. Só precisamos dar tempo ao tempo. Podemos ir embora. Quero ver como Fernanda está.

Antes, diga: a Zuleica, como está? Ainda confiante na impunidade?

— O Aristides esteve o tempo todo com ela...

— Já imaginava isso. Sabia que ele tentaria tudo para fazer com que ela fizesse o que ele queria e, infelizmente, conseguiu.

— Sim, ela se deixou envolver.

— Como ele está?

— Revoltado como sempre. Mas tenho fé que ele consiga se arrepender e encontrar o caminho do perdão.

— Para isso estamos e estaremos lutando. Parece que o nosso trabalho aqui, por enquanto, acabou. Antero já está chegando à empresa e, ali, ficará bem. Vamos embora? Voltaremos mais tarde.

Marli não respondeu, apenas consentiu com a cabeça. Desapareceram.

Lição de mediunidade

Nivaldo e Marli chegaram e foram em busca de Fernanda, que estava na companhia de Otaviano, o pintor.

— Pode pintar sempre que quiser Fernanda. Fico feliz com a sua presença, mas agora não poderei ficar aqui, pois, assim como você está hoje ao meu lado, preciso auxiliar uma discípula que já esteve aqui e hoje está renascida. Está tentando pintar, mas tem dúvidas sobre a minha presença. Isso torna o meu trabalho mais difícil. Ela pinta telas belíssimas. Todos dizem que está recebendo a minha intuição, mas não quer aceitar.

— Onde ela está?

— Está agora em uma reunião de trabalho em uma casa espírita. Todos estão envolvidos em profunda vibração. O momento não poderia ser melhor para que ela se entregasse à pintura, mas está vacilando. Ela tem medo de que seja ela mesma e não um pintor do além que a esteja inspirando.

— Mas não me disse que toda e qualquer criação é feita primeiro aqui e que a isso se dá o nome de inspiração?

— Exatamente, é assim que acontece. Mas todo artista tem que estar aberto e confiante para poder receber. Se isso não acontece, fica difícil. Difícil, mas não impossível. Com o tempo, todos conseguem. Venha comigo, vou te mostrar como funciona.

Nivaldo e Marli entraram na sala, Otaviano sorriu.

— Sejam bem-vindos. Estou mostrando para Fernanda como funciona aquilo que chamam de inspiração. Ia levá-la até uma reunião para ela ter uma melhor idéia de como tudo funciona.

— Estou feliz que ela esteja querendo aprender — Nivaldo disse, sorrindo. — Podem ir e, quando voltarem, conversaremos.

Fernanda não sabia por que, mas gostava muito de Nivaldo. Não entendia também por que isso acontecia, pois acabara de conhecê-lo, mas não teve muito tempo para pensar. Otaviano pegou em sua mão e ela se viu voando pela cidade. Estava feliz. Não conseguia expressar o que sentia, apenas podia dizer que estava feliz. Chegaram a uma casa, onde várias pessoas estavam reunidas em profunda meditação. Otaviano, após cumprimentar alguns outros espíritos que estavam ali, disse:

— Neste local, Fernanda está sendo administradas aulas práticas para médiuns. Eles se reúnem uma vez por semana para treinarem a mediunidade em suas diversas formas.

— Não sabia que existia esse tipo de aula. Também, nunca me interessei.

— Existem, sim, e muito mais do que você possa imaginar.

Todos os que estão sentados ao redor dessa mesa são médiuns. Só falta eles próprios acreditarem.

— O que está dizendo? Eles estão aqui, mas não acreditam na mediunidade?

— A maioria não. Pensam que são eles mesmos quem transmitem as mensagens, pintam ou escrevem. Não acreditam que estejam sendo intuídos.

Assim dizendo, colocou-se atrás de uma senhora que estava diante de uma folha de papel branco. Abriu suas mãos sobre a cabeça dela e fechou os olhos. A senhora sentiu como um leve tremor nas mãos e começou a pintar, com uma agilidade que impressionava a qualquer um que a estivesse vendo, sem ver Otaviano. Em poucos minutos, surgiu no papel, em tamanho menor, a mesma paisagem que Fernanda viu Otaviano terminando de pintar. Ela falou abismada e feliz:

— Não pode ser! Você a reproduziu em poucos minutos! Está linda, tanto quanto a maior que te vi terminando!

— Está linda mesmo! Mas não fui eu; usei a energia que emana dessa senhora... Por alguns instantes ela se deixou levar e se entregou totalmente. Só assim eu consegui passar para o plano físico a tela que havia pintado no astral. Mas olhe, nós sabemos o que aconteceu, porém ela não. Veja o que está pensando.

Fernanda, curiosa, fixou sua atenção na mulher, que, olhando para o papel que estava à sua frente e no qual acabara de reproduzir a tela de Otaviano, pensava:

"Essa paisagem está linda! Não sei como explicar de que maneira

ela surgiu, mas não pode ter sido através de um mentor. Estou consciente! Eu mesma escolhi as cores que usaria! Se me disser que estou consciente, as pessoas, assim como eu, não irão acreditar que foi através de um mentor, e não posso culpá-las! Eu mesma não acredito, e acho que fui eu mesma...

— É assim que sempre funciona? — perguntou Fernanda.

— Na maioria das vezes, as pessoas não acreditam e isso dificulta muito o nosso trabalho.

— Estou vendo e entendendo a aflição dessa senhora. Ela não acredita na sua interferência por estar consciente?

— Sim, mas com o tempo, e através de várias provas que lhe daremos, esperamos que ela passe a acreditar.

—Entendo, mas, para ela poder pintar, é preciso estar em um lugar como este, cercada de tanta vibração boa?

—Seria o ideal, mas não é necessário. Sempre que alguém se colocar diante de uma tela, esteja onde estiver, terá ao seu lado um inspirador como eu — disse isso, rindo muito.

— Pensar que tantas vezes tive vontade de pintar, mas nunca me julguei capaz. Sempre achei que não conseguiria pintar coisa alguma — confessou Fernanda.

— Não se recrimine por isso, acontece com milhões de espíritos encarnados. Todos têm, como se diz aqui, uma veia artística, mas a maioria não sabe ou não quer acreditar nisso, e sentem medo de tentar.

— Que pena, se eu soubesse disso quando estava Terra...

— Nunca é tarde para se aprender. Olhe, ali, aquele senhor.

Ela olhou para onde ele apontava: viu um senhor que também estava sentado diante de uma folha de papel branco. Viu também uma senhora sorridente e percebeu que ela também estava desencarnada. Otaviano aproximou-se dela, dizendo:

— Olá, Justina, está aqui também cumprindo a sua missão?

— Estou, sim, mas está difícil... Já mandei várias mensagens, mas ele não quer escrever; julga que as idéias são dele. Como sempre acontece, está com medo de mentir.

—Essa desconfiança atrapalha muito mesmo. Eu estava comentando isso com a Fernanda. Ela está me acompanhando para ver como funciona a mediunidade.

— Olá, Fernanda, está gostando do que está vendo?

— Muito! Nunca imaginei que fosse assim, Justina.

— Pois é assim mesmo. Esse meu irmão já está há muito tempo tentando. Com a minha ajuda escreve mensagens belíssimas, mas não acredita e julga que escreve sozinho.

— Por que não acredita?

— As pessoas se enganam e acham que, para serem aceitas ou para que tenham credibilidade, precisam fazer um ar de mistério dizendo que não se lembram do que falaram ou escreveram que estavam inconscientes. Isso atrapalha aqueles que, por estarem conscientes e sabendo muito bem de tudo que se passa ao seu redor, acreditam que estejam mentindo ou mistificando. Muitos médiuns já se afastaram da doutrina ou de sua missão por essa dúvida que os cerca.

— Nunca frequentei ou conheci profundamente essa religião

onde existem médiuns, mas sempre ouvi dizer que eles estavam inconscientes e que não sabiam como escreviam ou falavam pelos espíritos. Isso não é verdade? Todos sabem o que está passando ao seu redor, Justina?

Justina olhou para Otaviano e os dois sorriram:

— Felizmente, sim. Imagine se alguém perdesse totalmente a consciência e não soubesse o que estava escrevendo, pintando ou falando. Em um lugar como este, onde existe aquela separação magnética — Justina apontou com a mão e Fernanda viu uma corrente de luz que rodeava os médiuns — estão todos protegidos.

Eu, o Otaviano e todos os outros que está vendo estamos trabalhando em paz. Otaviano está intuindo essa senhora e ela terminou de pintar essa linda paisagem.

Através da minha intuição, esse senhor pode escrever mensagens de amor, esperança, felicidade e transmitir ensinamentos. Mas, em outros lugares onde não existe a mesma proteção, eles poderiam ser visitados não só por espíritos de luz, mas também pelos das trevas, espíritos maus ou simplesmente brincalhões, e, ao invés desse nosso trabalho, poderia surgir uma pintura pornográfica ou uma escrita cheia de ódio e mentira. Por isso, é necessário que o médium esteja consciente, para que sirva de sensor e perceba se o que está escrevendo, pintando ou falando está vindo mesmo de um espírito de luz ou de qualquer outro. Além do que, se assim não fosse, estaria sendo violada uma das maiores leis, a do livre-arbítrio.

— É uma pena que isso aconteça. Que não acreditem em uma coisa tão maravilhosa — disse Fernanda.

— Sim, mas está mudando. Com o tempo, todos irão perceber que, para a doutrina ser conhecida, respeitada e para os médiuns também serem respeitados, não será mais necessário coisas espetaculares ou sobrenaturais. O que vai importar mesmo é a doutrina como um todo: as mensagens de amor e paz que serão espalhadas por todos os lugares criados por Deus. No início, foi importante e necessário que essas coisas acontecessem. Eram outros tempos e surgia uma doutrina nova como essa, que ensinava coisas diferentes de tudo que se sabia e se havia aprendido até então. O plano espiritual sabia que a quebra de tabus e as coisas novas assustariam a todos.

Essa doutrina deveria surgir e provar a existência de vida após a morte e que cada um é responsável por suas ações; que o céu não se compra com dinheiro, mas sim com trabalho, com o aperfeiçoamento do espírito através de várias encarnações.

Para isso foi preciso que coisas espetaculares e sobrenaturais acontecessem. Hoje, isso não se faz mais necessário, muitos estão aceitando com tranquilidade e procurando viver a doutrina, sabendo que o que importa na realidade, são as mensagens transmitidas de todas as formas possíveis.

— Desculpe a minha curiosidade, mas não existe nenhum médium inconsciente, Justina?

— Na realidade não. O que acontece com alguns é que, por acreditarem que são intuídos e terem a certeza de que tudo que

fazem não parte deles entregam-se totalmente. Tanto que, às vezes, distanciam-se, deixando que os mentores trabalhem em paz, por isso lhes parece que são inconscientes. Mas, na realidade, não o são, pois, ao sentirem que o que estão dizendo, pintando, compondo ou escrevendo não corresponde à verdade ou estão desvirtuando os ensinamentos, imediatamente tomam os seus lugares e dão por encerrados os trabalhos. Esse é o seu papel de sensor. Além do mais, se assim não fosse, estaria sendo violada uma das maiores leis, a do livre-arbítrio, pois estaria tirando-se do médium o seu direito de escolha, e isso não pode acontecer, pois, em última análise, o médium é o responsável por tudo que faz. É assim que precisa ser para o bem da doutrina.

— Entendo... Mas como são escolhidos os médiuns? Eles precisam pertencer a essa doutrina?

— Todos são médiuns, pertencendo à doutrina ou não. Até mesmo aquele que não acredita em Deus, aquele que se diz ateu. Qualquer um poderia pintar, escrever ou falar através de nós. O que impede é a falta de fé em si mesmo e o medo de falhar. Mas existem aqueles que conseguem compor, pintar, escrever ou falar mesmo não pertencendo à doutrina. Assim surgem obras belíssimas.

Agora, preciso voltar para o meu amigo, vamos ver se hoje eu consigo fazer com que escreva.

Fernanda olhou ao redor da mesa e percebeu que, atrás de cada uma das pessoas que estavam sentadas, tinha um mentor com as mãos abertas e que de suas cabeças saíam raios que iam

diretamente para a cabeça dos médiuns. Ficou encantada com o que viu. Aos poucos, foi notando que os médiuns iam escrevendo e pintando sob a influência dos espíritos. Disse para Otaviano:

— Isso tudo aqui é maravilhoso! Jamais imaginei que fosse assim. Estou encantada! Será que algum dia poderei estar em um lugar como este, fazendo as mesmas coisas que vocês fazem?

— Poderá estar, sim, mas ainda não viu tudo. Você ainda tem muito para ver e aprender.

Ficaram ali por mais ou menos duas horas. Eles e Justina ficaram felizes, pois o senhor a quem ela estava se dedicando finalmente conseguiu escrever algumas palavras. Em seguida, os trabalhos foram encerrados e eles voltaram para a cidade.

Ao se encontrar com Marli e Tânia, Fernanda disse, animada:

— Marli, Tânia! O Otaviano me levou para passear! Fomos lá a Terra, a um tipo de escola, onde as pessoas, sob a influência dos espíritos, fizeram coisas maravilhosas!

— Parece que você gostou — disse Marli.

— Muito! Nunca pensei que fosse assim e estou arrependida de não ter querido conhecer mais quando estive na Terra.

— Não se preocupe com isso, não era à sua hora. Em uma próxima encarnação, agirá diferente, pois está tendo a oportunidade de ver aqui como tudo acontece.

Fernanda parou de falar e em seus olhos surgiu uma sombra.

—O que aconteceu, Fernanda? Eu falei algo errado?

—Não falou Marli, só me fez lembrar que estou morta e que

nunca mais poderei estar ao lado daqueles que deixei. Queria estar lá para poder contar tudo que estou vendo aqui e também lhes confirmar que a vida existe depois da morte e que tudo continua igual. Não posso deixar de lembrar-me da Zuleica e de todo o mal que ela me fez.

— Você está tendo uma visão diferente de tudo que pensou. Não deixe que maus pensamentos estraguem tudo. Embora triste e revoltada, aceitou bem a sua morte e viu que ela não é o fim, mas apenas o começo. Não se preocupe com o que está se passando por lá. Deixe nas mãos de Deus e continue desfrutando de tudo que tem aqui. Tem muito ainda para ver e aprender.

— Tento fazer isso, mas está sendo difícil. Vocês falam em perdão, mas eu não consigo... Sempre que me lembro, sinto uma revolta imensa. Não sei se um dia conseguirei perdoar. Zuleica não estava contente só em tirar o meu marido, quis e conseguiu tirar a minha vida. Por causa dela, não vou ver o meu neto crescer nem os que estão para nascer.

— Como não? Poderá ir até lá quando quiser. Você estará sempre ao lado deles e, quanto aos netos que nascerão você os verá aqui. Verá como são preparados para renascer! Está na hora de saber que a Tânia está se preparando para renascer e será na casa da sua filha. Ela será sua neta...

Fernanda olhou incrédula para Tânia, que sorria, e perguntou:

— Você vai ser a minha neta? Não posso acreditar nisso!

— Vou renascer, sim — disse Tânia em lágrimas —, preciso voltar. Na última encarnação deixei algumas coisas sem

terminar.

— Mas por que na minha família? Por que ser minha neta?

— Estamos ligados por laços de amor e ódio. Com todos aqueles que reencontramos na vida física, temos algo em comum, resgates, amor ou ódio para que possamos caminhar juntos.

— Resgates, amor e ódio? Está dizendo que em algum tempo já nos encontramos? Já convivemos na mesma família?

— Sim, por muitas vezes. Mas, embora eu quisesse, não consegui resgatar todos os meus erros. Estou voltando para mais uma tentativa e queira Deus que desta vez eu consiga.

— Posso saber como e quando foi a nossa última encarnação? Estou curiosa...

Tânia olhou para Marli, que respondeu:

— Terá que saber, mas precisamos conversar com Nivaldo. Ele saberá te dizer quando poderá saber.

— Vai perguntar para ele? Agora estou ansiosa, Marli!

— Conversarei e veremos como ele deseja fazer. Por enquanto, continue vendo tudo por aí com a Tânia, preciso fazer algo.

Sorriu e saiu. Precisava conversar com Nivaldo. Sabia que havia chegado à hora de contar tudo para Fernanda. Entrou na sala de Nivaldo. Assim que a viu, sorriu e perguntou:

— Olá, está tudo bem? Parece preocupada...

— Estou as duas coisas, bem e preocupada.

— Está preocupada com o quê? Que aconteceu?

— Fernanda esteve com Otaviano em uma aula prática de médiuns. Acabou de chegar.

— O que ela achou? Não gostou?

— Gostou muito e voltou encantada.

— Então, qual é o problema, Marli?

— Apesar da sua felicidade e de estar se adaptando muito bem aqui, não consegue esquecer e perdoar Zuleica. Cada vez que se lembra do que ela lhe fez, fica envolvida por uma nuvem escura e isso está me preocupando. Outra coisa: enquanto conversávamos, eu falei que a Tânia está se preparando para nascer e que será a sua neta.

— Fernanda... Como reagiu?

— Ficou feliz e interessada em saber sobre sua última encarnação. Pediu que eu lhe pedisse permissão para lhe contar.

— Você acha que ela já está pronta para isso, Marli?

— Não sei, às vezes parece que sim. Mas, em outras, temo que seja cedo demais.

— Sabemos que não poderá ser adiado por muito tempo. Faça o seguinte, Marli, marque para daqui a um mês e, se ela continuar agindo assim como está fazendo agora, nos reuniremos e contaremos tudo. Durante esse tempo, tentaremos fazer com que perdoe Zuleica, mesmo desconhecendo o passado.

— Falando em Zuleica, estou preocupada com Aristides. Ele está ao lado dela e poderá fazer com que pratique outras maldades ou até o suicídio. Você o conhece e sabe como é vingativo, por isso poderá conseguir tudo que quer.

— Sim, tem razão. Mas ela se deixou envolver. O Aristides, como sabemos, está envolvido com as forças do mal. Por enquanto,

vamos nos preocupar com Fernanda e em como ajudá-la. Talvez então possamos fazer algo por ele e pela Zuleica. Sabe que todos estão envolvidos por laços imensos.

— Está bem, vou falar com ela.

Despediu-se com um aceno de mão e voltou para junto de Fernanda e Tânia, que conversavam animadamente:

— Fernanda, disse aproximando-se, conversei com o Nivaldo. Ele disse que dentro de um mês nos reuniremos para que possa lembrar a sua encarnação passada.

— Ótimo! Por que só daqui a um mês, não pode ser agora?

— Não, julgamos que você ainda não esteja preparada. Mas não se preocupe, tem muito para ver. Sei que costumava frequentar a igreja católica tem aqui igrejas maravilhosas, que poderá visitar sempre que quiser.

— Igrejas católicas, aqui? Como pode ser?

— Igrejas católicas, protestantes, evangélicas, sinagogas, mesquitas, templos budistas e terreiros de umbanda, com seus pretos velhos, caboclos e suas crianças. Temos também terreiros de candomblé, com seus orixás, e todas as crenças e religiões.

— Não acredito! Como pode ser?!

— Nem todos os que chegam, assim como você, conhecem ou entendem da espiritualidade: aqueles que nada sabem julgam se tratar do demônio. Eles trazem suas crenças. Aqui, não se impõe. Aqui não existe religião. Por isso, todos continuam frequentando os lugares a que estavam acostumados e, com o tempo, vai lhes sendo revelada a vida após a morte.

—Não pode ser! Tudo aqui é perfeito!

—Tentamos fazer com que seja — Marli disse, sorrindo.

— Seria cruel impor uma crença para alguém que viveu outra e acreditou durante toda a sua vida terrena. Nunca nos esquecendo que cada um imagina o céu de uma forma e muitos levam tempo para aceitar que estão mortos e que a vida continua.

Para que possam se adaptar, sem grandes traumas, encontram aqui tudo que precisam para serem felizes. Não seriam felizes se não pudessem professar a crença que conheceram e acreditaram. Nem se lhes fosse imposta outra, que julgavam ser do demônio.

—Estou cada vez mais encantada.

—Tem muito ainda para se encantar. Encontrará aqui tudo que viu enquanto esteve na Terra e muito mais.

—Este é mesmo o céu?

—Ainda não, estamos distantes dele. Precisamos caminhar muito até lá, Fernanda.

—Por que eu aceitei logo a minha morte?

—Antes de renascer, escolheu a vida que queria ter para reparar e resgatar alguns erros. Você foi muito bem preparada e através do livre-arbítrio, fez algumas escolhas e se desviou do prometido. Mas, apesar disso, daí para frente, cumpriu quase tudo daquilo a que havia se proposto. Por isso, ao desencarnar, nós estávamos lá esperando para te trazer par cá. Durante o tempo em que ficou adormecida, recebeu um tratamento de passes e energia. Quando acordou, estava mais ou menos

preparada. No momento em que Nivaldo te contou, não sabíamos qual seria a sua reação, mas graças a Deus foi muito boa.

—A princípio eu me revoltei e não aceitei.

—A princípio, mas em seguida foi aceitando e agora parece que aceitou de vez.

—Com tudo que estou vendo aqui, não teria como não aceitar. No entanto, ainda não aceito a forma como a minha morte se deu nem a impunidade de Zuleica. Não consigo deixar de sentir um ódio muito grande por ela e o desejo de vingança me persegue. Só ficarei bem quando conseguir me vingar.

—Não deve se preocupar. Ao contrário, procure assimilar o máximo que puder de tudo que está vendo por aqui, garanto que em uma próxima encarnação lhe será muito útil. O crime nunca fica impune. Poderá ficar nas leis dos homens, mas perante Deus não. Todos, cedo ou tarde, terão o seu julgamento. Confie nisso e será feliz. Tente tirar esses pensamentos de ódio e vingança, pois eles não te ajudarão; ao contrário, só poderão te fazer mal.

—Vou tentar, mas não sei se conseguirei.

Marli, você há de convir que não é fácil quando se descobre que sempre foi traída. Ainda mais para alguém que, como eu, sempre pensou estar tudo bem em sua vida.

—Entendo, sim, por isso vou repetir. Está tendo toda a assistência que precisa. Dentro de um mês entenderá mais ainda.

—Estarei esperando ansiosa. Ficarei contando os minutos.

—Faça isso. Agora, continue com a Tânia. Poderemos nos ver

mais tarde.

Marli se afastou e Fernanda a acompanhou com os olhos.

Nada é como parece

O tempo foi passando. Fernanda procurou conhecer todos os recantos, distraíndo-se até que chegasse o dia em que saberia todo o passado e pudesse ir visitar aqueles que deixara e amava. Ficou encantada ao ver uma fábrica de brinquedos; perguntou para Tânia, que a acompanhava:

— Até os brinquedos são feitos aqui?

— Sim, eles são feitos e testados. Depois, são passados para aqueles que se dedicam a esse tipo de trabalho nas fábricas de brinquedos. Antes de renascer, foram treinados aqui.

— Como são passadas essas idéias? Através de médiuns?

— Não. Geralmente são passadas durante a noite, quando aquele que precisa recordar o que fez aqui está dormindo. Uma equipe daqui vai até ele para trazê-lo aqui. Ele percorre tudo e, quando acorda pela manhã, acha que teve uma idéia, coloca-a em prática e assim surgem os brinquedos.

— Pelo que estou vendo, tudo que é inventado na Terra antes foi criado aqui.

— Isso mesmo. As pessoas não sabem, mas todas trabalham naquilo em que foram treinadas aqui. Algumas não aceitam e

tentam fazer outras coisas por causa do dinheiro ou para manter um status, mas, nunca dá certo. Mais cedo ou mais tarde, voltam para realizar aquilo que sempre sonharam e planejaram. Sonhos e planos que levaram daqui ou de outro lugar como este.

—Existem outros lugares como este Tânia?

—Sim, muitos, em todo o Universo. Lugares como este servem para receber os recém-chegados, auxiliá-los em tudo que precisarem, e depois, se pertencerem a outro lugar, serão levados.

Isso porque sempre estaremos ao lado de nossos companheiros de caminhada: amigos e até inimigos, sem esquecer os nossos familiares que nos antecederam.

Estavam conversando, quando um raio de luz caiu sobre Fernanda, envolvendo-a totalmente. Ela se assustou, deu um pulo para trás, dizendo:

—O que é isso?!

—Não se preocupe — disse Tânia rindo —, essa luz significa que alguém lá na Terra está pensando em você, com amor, paz e saudade, mas sem sofrimento. Mesmo sem saber, está te mandando essa luz, que se transforma em energia.

—Como? Que luz é essa?

—Quando alguém pensa naquele que partiu do alto da sua cabeça sai esse tipo de luz, que na realidade é uma energia muito boa. Você verá como se sentirá bem, isso acontece sempre.

—Nunca vi em mim ou em qualquer outra pessoa...

—Mas chegaram muitas vezes. Geralmente quando isso acontece

estamos dormindo e não percebemos. Para você, no início, chegaram muitas! Eu mesma presenciei e com o tempo elas foram se tornando mais raras.

—Por quê? As pessoas se esqueceram de mim?

—Não! Sempre que alguém morre, no início chora-se muito, mas aos poucos se acostumam e vão se esquecendo.

—Tem razão. Quando perdi meus pais, sofri muito, mas com o tempo a lembrança deles foi-se tornando mais distante. Por que isso acontece?

—Deus é mesmo sábio. Ele faz com que, à medida que o tempo vai passando, as pessoas vão sendo envolvidas pelas lutas do dia a dia e deixam de pensar naqueles que foram. Isso é bom para elas próprias e muito mais para aqueles que estão aqui. Nem sempre a luz é como essa que chegou agora. Muitas vezes são de dor e na não aceitação da morte. Nesses casos, a luz, ao invés de fazer bem, como está acontecendo com você, causa muito mal, pois uma das doenças do espírito chama-se saudade.

—É mesmo? Eu não sabia disso!

—Não é difícil de entender. Mesmo quando vivos, ao ficarmos distantes, não sentimos saudade daqueles que amamos?

—Sim e, dependendo de onde estivermos, sentimos muito.

—Aqui não poderia ser diferente. Ficamos ansiosos para revê-los e lhes contar tudo que vimos.

—É verdade. Neste momento, é o que mais desejo.

—Mas nem sempre é possível. Alguns levam muito tempo para entender e aceitar a sua atual situação. Enquanto não estiverem

prontos, não poderão voltar. Outros, embora aceitem e entendam prontamente, se deixam envolver por trabalhos e raramente voltam ao seu antigo lar.

—Isso acontece?

—Sim, pois para os que estão aqui é indispensável que tenham trabalho. Já cumpriram o seu tempo renascido e agora precisam se preparar para uma próxima volta.

Assim como acontece na Terra, aqui também todos são envolvidos, para que possam continuar a caminhada. Isso só é possível de acontecer quando aqueles que ficaram na Terra só lembram-se deles com saudade e amor, sem sofrimento e, principalmente, sem ódio, mágoa ou rancor.

—A energia de ódio e mágoa também chega?

—Sim. Da mesma forma que esta que chegou para você te fez bem, aquela que vem com dor, sofrimento, ódio e mágoa causa muito mal.

—Quem terá me mandado essa luz?

—Não sei, mas poderemos verificar; você gostaria?

—Claro que sim.

—Vamos conversar com a Marli ou o Nivaldo, só eles saberão como tirar a sua curiosidade.

Encontraram Marli na sala de Nivaldo. Estavam conversando, quando Tânia e Fernanda entraram. Foram recebidas com sorrisos.

—Fernanda — disse Nivaldo — estava falando a seu respeito. Íamos pedir que viesse até aqui. Mas já que veio sem o convite,

deve ter algum motivo, posso saber qual é?

—Que bom que falavam sobre mim, mas o que falavam? Espero que seja a respeito da promessa que me fizeram, de revelar tudo que aconteceu na minha encarnação passada.

—Era sobre isso mesmo que falávamos, mas antes, sentem-se e digam qual o motivo da sua presença aqui.

—Estávamos conversando eu e Tânia — disse Fernanda enquanto sentavam-se — quando uma imensa bola de luz caiu sobre mim.

Confesso que, a princípio, me assustei, mas depois me senti muito bem. Tânia disse que aquela luz provinha de alguém que estava pensando em mim com muito amor e saudade, sem sofrimento. Que luz foi aquela?

—Luzes como essa chegam diariamente. Elas são, sim, mensagens de amor, paz, saudade e o desejo de que aqueles a quem elas foram dirigidas estejam bem e felizes.

—Quem me enviou?

—Não posso te responder de imediato, mas posso quase adivinhar que foi a Marilda.

—A Marilda! Só ela?

—Não, todos os seus mandam, só que com dor e sofrimento, por acreditarem que você cometeu realmente o suicídio. Marilda é a única que não acredita, portanto sabe que você está bem e sempre te manda pensamentos de amor e paz. Ainda mais depois que começou a conhecer a doutrina.

—Ela está conhecendo? Nunca se interessou por nada!

— Tudo tem a sua hora. Agora, chegou a hora de Marilda deixar de se preocupar só com o material e se preocupar um pouco mais com o espírito: é o que está fazendo, e muito bem. Ela foi uma grande aliada nossa para a sua recuperação.

—Ela, realmente, sempre foi minha amiga. Gostaria de fazer algo para agradecer-lhe esses bons pensamentos.

—Para isso, só precisa mandar-lhe também pensamentos de amor. Ela não verá a luz caindo, assim como aconteceu com você, mas certamente a receberá e lhe fará muito bem.

Fernanda fechou os olhos, pensou firmemente em Marilda:

—Obrigada, minha amiga, por ter estado sempre ao meu lado, mesmo nos meus momentos mais difíceis e, agora, por não acreditar que cometi esse terrível pecado. Estou bem e desejando que você também esteja e que tenha toda a felicidade do mundo.

Enquanto Fernanda fazia isso, uma imensa esfera de luz saiu de seu peito e sumiu no espaço.

Depois disso, ela abriu os olhos, dizendo preocupada:

—Será que consegui?

—Consegui, sim — disse Nivaldo sorrindo.

— Neste momento, esteja Marilda onde estiver, estará recebendo uma dose de energia muito grande e se lembrará de você. É assim que funciona; o amor não tem fronteiras, nem distâncias. As pessoas trocam energias, mesmo sem saber ou perceber.

— Estou me sentindo muito bem.

—Esse é o melhor remédio que há para todos nós. Mas agora, já que está aqui, quer mesmo saber como foi a sua encarnação anterior?

—É o que mais desejo.

—Talvez vá se surpreender — disse Nivaldo.

—Depois de ter descoberto que Antero me traiu a vida toda e que Zuleica me matou, nada mais poderá me surpreender.

—Estou sentindo que ainda não conseguiu perdoar, apesar de ter estado muito bem aqui, Fernanda.

—Desculpe, mas não consegui mesmo e acho que nunca conseguirei. Foi muita traição.

—O perdão é algo que deve ser sincero e de coração. Não esquecendo jamais que tudo tem a sua hora.

—Tenho me esforçado muito, mas não consigo. Sempre que me lembro, uma onda de ódio cresce dentro de mim.

—Está bem, mas agora vamos até o auditório. Lá você assistirá a um filme e talvez mude de idéia e entenda que o perdão foi, é e sempre será a melhor solução.

—O filme que vou ver é igual ao que vi aquele homem assistindo quando estava conhecendo tudo por aqui?

—Isso mesmo. Naquele dia, ele estava assistindo ao filme que o interessava. Hoje, você vai assistir ao seu, vamos?

Levantaram-se, saíram do prédio e se encaminharam até o auditório que estava vazio. Nivaldo apontou uma poltrona para cada uma de suas acompanhantes, dizendo:

—Agora, Fernanda, procure ficar calma e não interromper.

Preferi conservar os nomes das pessoas, conforme você as conhece hoje. Embora tudo isso tenha acontecido em outra época e todos, então, tinham outros nomes.

Ela sorriu, estava ansiosa para ver, e Nivaldo, sabendo de sua ansiedade, fez um sinal para alguém que ela não viu. A tela se iluminou e apareceu um quarto imenso, com os móveis em madeira escura e a decoração toda verde, com detalhes em dourado. A cama era grande e tinha sobre ela um véu em verde bem claro. O ambiente era luxuoso. Fernanda se vê diante de um espelho e parecia feliz. Por uma porta entrou outra moça bonita e com um vestido de festa azul-turquesa:

—Você está muito bonita, mas já está atrasada. Estão todos te esperando, Fernanda!

—Sei disso, mas só faltam alguns retoques. Quero estar bem bonita e que todas as atenções sejam voltadas para mim.

—Isso não será difícil, pois sempre foi e será a mais bonita de nós três.

—Somos eu e a Marilda? — perguntou Fernanda, no presente e assustada

—Estamos com roupas diferentes das que usamos agora! Mas somos nós mesmas!

—Claro que são vocês! — disse Marli, sorrindo. — Só que em outra época. Não queria saber como foi a sua última encarnação? Não pode ficar interrompendo, apenas assista até o final. Então, entenderá tudo que te aconteceu.

—Desculpe, mas é que não consegui me conter. Estamos muito

bonitas! Tem certeza que somos nós mesmas?

—Claro que sim, mas continue assistindo.

Fernanda, cada vez mais curiosa, se calou. Na tela, ela e Marilda conversavam:

—Marilda tem muitos rapazes lá embaixo?

—Sim, Fernanda, sabe que sim. Todos da alta sociedade. Vamos, minha irmã! Você está atrasando a festa! Afinal, você é a aniversariante e nem sempre se faz dezoito anos.

—Estou bem mesmo?

—Claro que está! Vamos você está linda!

Saíram juntas e abraçadas. Seguiram por um corredor e chegaram a uma escadaria em formato de caracol e forrada com tapete vermelho. Do alto podia-se ver um imenso salão todo enfeitado com camélias e lírios brancos. O ambiente era rico e deslumbrante. Assim que Fernanda e Marilda surgiram no alto da escada, todos os olhares se voltaram para elas, que, sorrindo, desceram calmamente. Um senhor elegante se aproximou, dizendo eufórico:

—Minha filha, você está linda.

Um pouco encabulada Fernanda disse:

—Obrigada, papai, e obrigada por esta linda festa.

—Você merece. Venha, estamos te esperando. Quero ser o primeiro a dançar com você para que todos sintam inveja.

Ela sorriu e, assim que entrou no salão, a valsa começou a ser tocada por uma orquestra que só estava esperando a chegada dela para começar. Ela saiu dançando nos braços do pai, feliz.

Marilda se aproximou de uma outra moça que, como todos, acompanhava os dois dançando, disse:

—Zuleica, ela está mesmo linda, não é?

—Está sim Marilda, mas não esqueça que ela sempre foi a mais bonita de nós três.

—Pode ser, mas nós também não ficamos atrás. Somos também muito bonitas.

Zuleica sorriu, confirmando com a cabeça, e perguntou:

—Onde está mamãe?"

—Está toda atrapalhada com os convidados. Você sabe que ela não gosta de festas. Ela deve estar torcendo para a noite passar depressa e tudo isso terminar.

—Ela sempre foi assim, mas olhe quem está chegando!

Marilda olhou para onde Zuleica apontava e viu Nivaldo chegando acompanhado por outro rapaz desconhecido delas.

—Quem é aquele que está com Nivaldo?" — perguntou Marilda espantada.

—Não o conheço, nunca o vi por aqui!

—Deve ser o irmão dele, estuda na França.

—Ele é muito bonito, Zuleica!

—É mesmo, muito mais que o Nivaldo.

—Vamos esperar que se aproximem... assim, a nossa curiosidade será satisfeita.

—Senhoritas, boa noite, disse Nivaldo gentil.

Nivaldo cumprimentou Marilda, beijando-a na mão. Em seguida, fez o mesmo com Zuleica. Depois, voltando-se para o rapaz que

o acompanhava, disse:

—Este é o meu irmão Antero, que estava estudando na França.

—Olhou para ele e disse:

— Estas são Marilda e Zuleica, duas pérolas da sociedade. A outra é aquela que está dançando com o pai. Seu nome é Fernanda.

Antero olhou primeiro para Fernanda, depois cumprimentou Marilda e, quando ia beijar a mão de Zuleica, seus olhos se encontraram.

No mesmo instante, sentiram o corpo todo estremecer, como se fosse uma corrente elétrica passando por eles. Um pouco constrangidos, tentando esconder um do outro o que estavam sentindo, sorriram.

—Fernanda, como sempre, está muito bonita e parece feliz — disse Nivaldo, sem perceber a reação dos dois.

— Ela é bonita — disse Marilda, — e está feliz. Sabe como ela é. Apesar de estar fazendo dezoito anos, ainda parece uma criança. Acredito que continuará sendo assim para sempre.

—Isso que a torna encantadora. Não querem dançar?

Marilda olhou para Zuleica e notou que ela estava um tanto diferente do normal. Perguntou, sorrindo:

—Zuleica, você quer dançar?

—Quero... — respondeu um pouco desajeitada.

Nivaldo estendeu a mão para Marilda, Antero fez o mesmo para Zuleica, saíram dançando.

Zuleica tremia muito e não conseguia coordenar os passos.

Por muitas vezes, pisou no pé de Antero, que se divertia muito. Em dado momento ele disse:

—O meu irmão falou muito de vocês três e de como eram bonitas. Mas acho que ele não conseguiu transmitir o quanto.

Ela sorriu e disse:

—De nós três, eu sou a menos bonita...

—Não acho. Ao contrário, a sua beleza é terna. Estou muito impressionado, nunca senti o que estou sentindo agora.

Ela, tímida, não sabia o que dizer; estava confusa, mas feliz por estar nos braços dele. A música parou e Fernanda caminhou em direção a eles. Quando ela se aproximou, conversavam.

—Nivaldo! Estou feliz por ter vindo!

—Também estou Fernanda. Este é o meu irmão Antero, que estava estudando na França e que acabou de chegar. Antero, esta é Fernanda, outra pérola da casa.

—Muito prazer, senhorita!

Fernanda estendeu a mão, que ele beijou delicadamente.

—A senhorita é realmente muito bonita, muito mais do que pensei que fosse.

—Obrigada. O senhor é muito gentil.

Sorriram e continuaram conversando. Fernanda também se impressionou com ele, mas, por ser a aniversariante, teve que se afastar. Antero e Zuleica dançaram durante o tempo todo. Em dado momento ele a puxou para uma das sacadas que havia em volta do salão, pegou em suas mãos, dizendo:

—Senhorita estou encantado com a sua beleza. Não sei o que

estou sentindo, mas a sua companhia me faz muito bem. Já ouvi falar em amor à primeira vista. Não sei se o que estou sentindo é amor, mas queria a sua permissão para pedir ao seu pai licença para poder visitá-la.

Ela não sabia o que dizer, mas com a voz trêmula disse:

—Também estou sentindo algo diferente, algo que nunca senti antes. Não sei se meu pai permitirá. O senhor teve uma educação na Europa; ali, pelo que ouvi dizer, é diferente, mas aqui as moças devem obediência aos seus pais. Meu pai tem planos para nós e é ele, também, quem vai escolher os nossos maridos.

—Na Europa também ainda existe isso. Mas, está mudando. Eu não concordo com arranjos matrimoniais, pois acredito que cada um deve ser responsável pela sua vida e escolher com quem deve ficar. Mas os costumes são assim e precisamos respeitá-los; mesmo assim, gostaria de tentar. Acredito que não haverá empecilho, pois também pertencço a uma família rica e poderosa, tanto quanto vocês. Além do mais, nossos pais são amigos. Se a senhorita permitir, tentarei.

—Por mim está bem, e ficarei feliz se ele concordar.

—Quem está feliz com a sua resposta sou eu, mas vamos voltar ao salão e dançar? A festa está linda e devemos aproveitar.

Ela sorriu, pegou no braço que ele lhe oferecia, foram para o meio do salão e começaram a dançar.

Em um canto, sozinho, outro rapaz os observava. Não conseguia disfarçar o ódio que estava sentindo por vê-los dançando felizes. Uma moça se aproximou dele.

—Aristides, meu irmão, como está?

—Estou bem e exatamente no lugar em que devo estar. Com ódio desse estranho que está com Zuleica!

—Você precisa tirar esses pensamentos que tem a respeito dela. Sabe que o padrinho jamais concordará que ela se case com você. Sabe também que ele já tem planos para as filhas.

—Sei disso, mas não acho justo. Eu a amo desde criança e quero que ela seja minha esposa.

Fernanda, no presente, e que até aí assistia calada, não resistiu e disse entusiasmada:

— Marli, Nivaldo! Vocês também estavam lá, viveram no mesmo tempo que eu?

— Sim — disse Marli, sorrindo — vivemos juntos no mesmo tempo. Continue assistindo. Tem ainda muito para ver.

Ela se ajeitou na poltrona e voltou sua atenção para a tela.

—Não sei o que fazer — Aristides falava.

—Não consigo tirar esse amor do meu peito.

—Tem que tirar meu irmão. Se não fizer isso, sofrerá para sempre. Sabe bem que ela gosta de você como a um irmão. Desde que os nossos pais morreram o padrinho, por ser o único amigo e por não termos família, nos trouxe para a casa dele. Criaram-nos com carinho, como se fôssemos seus filhos.

— Como se fôssemos, mas não somos Marli! Não temos direito a coisa alguma que é deles. Não tenho dinheiro nem posição, por isso não posso me atrever a sequer pensar em casar com uma das suas filhas.

—Tem razão, mas existem outras moças que ficarão felizes em se casar com você, Aristides!

—Não quero outra moça! Quero-a e conseguirei, pois, se ela não for minha, não será de mais ninguém!

—Não diga isso, pense em mim. Se fizer alguma coisa que te prejudique, eu também serei prejudicada, só tenho a você!

—Não haverá problema. Sabe que Nivaldo está interessado em você e que o padrinho não se oporá, pois ele é também de família rica e poderosa! Eu, sim, é que não conseguirei o que mais quero, o amor da Zuleica. Ser feliz ao lado dela!

—Não sei mais o que te dizer, estou preocupada. Te amo, você é o meu irmão. Só posso te pedir que, antes de tomar qualquer atitude, pense bem nas consequências que poderá ter...

Fernanda se aproximou deles.

—Olá, está tudo bem por aqui? Parecem nervosos.

—Está tudo bem. Só estamos conversando, Fernanda.

—Pelo rosto dos dois, parece que a conversa não está sendo muito boa — disse, com ironia.

—Será que estão falando da Zuleica e daquele moço com quem ela está dançando?

—É sobre isso mesmo que estamos falando — respondeu Aristides, agressivo.

—Estão dançando há muito tempo!

—Acho que você deve esquecer Zuleica. Assim como eu e a Marilda, ela te considera como a um irmão, Aristides.

Bem, preciso ir. Tenho que atender aos convidados.

Saiu, deixando os dois. Ao passar por Zuleica e Antero, que dançavam e pareciam apaixonados, pensou:

Ele é realmente muito bonito; quando o cumprimentei não notei, parece que está interessado nela..

A festa terminou. Os convidados foram embora e as irmãs, apesar de cansadas, queriam comentar sobre tudo que aconteceu naquela noite. Foram para o quarto de Fernanda, que era o maior de todos. Depois de fazer muita birra, e por ser a preferida do pai, ela conseguiu aquele quarto, que por direito pertenceria a Marilda por ser a mais velha. No princípio, Marilda brigou, mas aos poucos Fernanda foi conquistando a sua amizade novamente, mas nunca deixando que elas, as irmãs, esquecessem que naquela casa quem tinha o poder era ela. Zuleica, embora não tivesse demonstrado para Antero, estava exultante:

—Ele é maravilhoso, atencioso e parece que gostou realmente de mim! Estou tão feliz! Ele disse que pedirá permissão ao papai para me visitar.

—Fico feliz por você minha irmã, disse Marilda.

— Ele me parece um bom moço. Se for como o Nivaldo, sei que te fará feliz. Falando em Nivaldo, onde está Marli?

—Se ela não está aqui — disse Fernanda debochando — deve estar com ele. Não esqueçam que irão se casar em breve. Ela teve muita sorte: apesar de não possuir fortuna ou pertencer a uma boa família, conseguiu conquistar um rapaz como o Nivaldo. Nunca gostei dela, sempre me pareceu ser fingida e invejosa.

—Não fale assim, Fernanda — disse Zuleica, muito nervosa.

—Ela está aqui desde que era ainda uma criança. Fomos criadas juntas, eu os considero como se fossem minha família, ela e o Aristides. Você sabe que o papai e a mamãe, também.

—Pois eu, não. São dois estranhos que entraram na nossa casa e hoje se comportam como um de nós. Você devia ter visto os dois conversando e o ódio que o Aristides estava sentindo te vendo dançar com Antero. Você sabe que ele sempre te amou.

—Não sei por que ele insiste nisso. Já conversamos muito a esse respeito e sempre lhe disse que não o amava e que nunca me casarei com ele.

—Ele não gosta de você — disse Fernanda, ainda debochando — Ele sabe que não tem direito a coisa alguma da herança de nossos pais e está querendo se casar com você somente para se tornar um herdeiro.

—Nossa Fernanda — disse Marilda, nervosa. — Você está sendo cruel! Sabemos que ele a ama desde muito tempo! Acredita que Zuleica não tenha atributos para despertar o amor? Apesar de não ser tão bonita quanto você, ela também é linda! Isso foi provado hoje, pois um rapaz bonito como Antero se impressionou com ela e não fez questão nenhuma de esconder de todos. Não sei se percebeu, mas ele nem sequer nos notou.

—Não percebi — disse, com ar de despeito — estava ocupada atendendo aos convidados. Mas ele poderia estar brincando.

—Fernanda! Pare com isso! Não queira estragar a felicidade da Zuleica com insinuações que não são verdadeiras. Ele disse que conversará com papai, espero sinceramente que isso aconteça!

disse Fernanda furiosa.

—Eu também — disse Zuleica —pois, se não acontecer, serei a mulher mais infeliz do mundo. O papai aceitará Antero. Ele pertence a uma boa família e papai tem muitos negócios com o pai dele. Não sei se é amor, mas não consigo esquecê-lo nem por um minuto. A todo o momento o vejo diante de mim. Aquele rosto, aquele sorriso. Será que estou amando mesmo, de verdade?

—Está amando, sim — disse Marilda.

— Posso te dizer isso, pois é o mesmo que sinto em relação a Júlio. Também não consigo esquecê-lo, nem por um minuto sequer. Agora está na hora de dormirmos. Conversaremos mais amanhã. Venha, Zuleica, vamos deixar a rainha dormir.

Levantaram-se da cama e saíram. Fernanda também se levantou, foi até ao espelho, começou soltar os cabelos.

"Ele não pode estar apaixonado por Zuleica. Não pode ter deixado de me notar. Como disse a Marilda, sou muito mais bonita que as duas. Se ele não me notou, com certeza farei com que me note. Ele é um bonito rapaz e bom partido, não deixarei que fique com a Zuleica, aquela tonta.

Terminou de soltar os cabelos, passou sobre eles uma escova e depois foi para a cama. Deitou-se. Fazia um esforço enorme para lembrar-se do rosto de Antero, mas não conseguia. Pois na realidade ela também não o havia notado.

—Está certo que também não o notei, mas a partir de agora passarei a notar.

Marilda e Zuleica entraram no quarto de Zuleica. Dirigiram-se para a cama. Marilda, ainda nervosa, disse:

—A Fernanda, às vezes, se torna insuportável! Parece que, apesar de ter uma beleza invejável, de ter um pai que a ama com predileção, ela sente inveja das coisas que conseguimos!

Lembra-se quando eu comecei namorar com o Júlio? Ela fez tudo para nos separar, inventou uma porção de mentiras.

—Mas não adiantou. Vocês estão noivos e, assim que ele terminar a faculdade se casará e será muito feliz, Marilda.

—Espero que sim. Ele se dedica tanto aos estudos, quer tanto ser médico, que nem pôde comparecer hoje à festa, pois está em provas e não poderia viajar. Eu o amo profundamente! Assim como acredito que você também está amando Antero, mas agora vamos dormir e esperar para ver o que acontece.

—Vamos, sim, mas sinto que vou demorar um pouco para adormecer. Estou sentindo o toque das suas mãos e seu cheiro.

—Boa noite, e tenha bons sonhos, você merece.

Fernanda, no presente, e que a tudo assistia, ao ver a sua atitude no passado, disse, um pouco nervosa e assustada:

—Nivaldo, essa que vocês estão mostrando não sou eu! Eu não sou assim! Vivi para a minha casa e para o meu marido! Procurei ser uma pessoa de bem, nunca senti inveja de ninguém nem quis nada que não me pertencesse, Nivaldo...

—Sabemos disso. Graças a Deus, você mudou, mas você era essa mesma que está sendo mostrada. Para ganhar tempo, vou te contar o que aconteceu depois dessa noite. Antero começou a

frequentar a sua casa, seu pai permitiu.

Você, não se conformando com a felicidade de Zuleica, se insinuou muitas vezes para ele, tentando fazer com que ele se apaixonasse. Mas tudo foi em vão, ele amava realmente a Zuleica e por isso fingia não entender as suas reais intenções. Eles ficaram noivos e, um ano depois, se casaram. O casamento teve uma festa suntuosa. Seu pai fazia questão que todos soubessem que ele tinha muito dinheiro e, por consequência, muito poder. Fazia questão de ser respeitado pelas pessoas.

Zuleica estava linda, não só devido ao rico vestido de noiva que usou, mas pela felicidade que transmitia em seus olhos. Você estava à distância olhando e invejando a felicidade dela, quando viu, em um canto, Aristides, que também a observava; aproximou-se e percebeu que ele estava se remoendo de ódio.

A tela se iluminou novamente e apareceu aquele mesmo salão, todo iluminado e decorado. Fernanda, no passado, aproximou-se de Aristides e disse com ironia nos olhos e na voz:

—Parece que as suas esperanças terminaram. Ela se casou com outro, Aristides, e você a perdeu para sempre...

—Aristides estava muito nervoso — Nivaldo continuou falando.

—Por isso levou alguns minutos para responder:

—Infelizmente, você tem razão, Fernanda.

—O que pretende fazer, Aristides?

— Não sei, mas acredito que não tenho mais o que fazer. Agora a perdi para sempre. Só resta me conformar.

—Para sempre é muito tempo. Quem sabe não aconteça algo que

a traga de volta para você, e assim poderão ser felizes!

—O que poderia acontecer? Está tudo terminado!

—Quem sabe... ele morrer...

—O que está dizendo? Como morrer?

—Um acidente sempre pode acontecer, Aristides...

—O que está insinuando? Que eu o mate? Está louca! Nunca farei isso, por mais que a ame!

—Nunca também é muito tempo. Se a ama de verdade, pensará nisso com carinho...

—Após dizer isso, você se afastou, Fernanda. Aristides ficou olhando você e Zuleica, que, feliz, dançava nos braços de Antero.

Uma onda de ódio tomou conta de todo o seu ser. Aristides procurou tirar aquelas idéias da cabeça, se afastou e foi para o seu quarto. A festa terminou. Zuleica e Antero, para desespero de Aristides e o seu, ficaram morando naquela casa.

Você, Fernanda, ficava, cada vez mais, irritada com a felicidade deles. Você, que a princípio queria apenas tirar o namorado da sua irmã, com o tempo e diante da recusa dele, e da felicidade de Zuleica, julgou-se apaixonada por Antero e não se conformava por tê-lo perdido para ela. Ficava pensando, todo o tempo, em uma maneira de separá-los, mas não encontrava. Um ano depois do casamento de Zuleica, com uma grande festa, eu e Marli, e Marilda e Júlio, nos casamos e fomos morar em nossas casas. O tempo foi passando.

Ja fazer dois anos que eles estavam casados, não tinham tido

filhos, pois Tânia ainda estava sendo preparada para renascer, como filha deles. Ela tinha um trabalho importante para fazer: lutaria junto dos demais abolicionistas pela liberdade dos escravos.

Quando Tânia ficou pronta e Zuleica descobriu que estava esperando um filho, a felicidade foi completa. Seu pai ficou feliz, pois seria o seu primeiro neto. Ele nem queria pensar na possibilidade de ter uma neta. Havia tido três filhas, que amava, mas nunca se conformou por não ter tido um filho para que o seu nome seguisse adiante. Todos ficaram felizes, menos você, pois, embora houvessem aparecido muitos pretendentes, você não aceitou nenhum e convenceu seu pai a também não aceitá-los. No fundo, ele te amava de uma maneira obsessiva e não queria te ver casada com ninguém. Por isso, ficava feliz quando você recusava um pretendente. Agora, com a criança que iria nascer você ficou com mais ódio de Zuleica e da sua felicidade:

"Essa criança não nascerá! Não permitirei!"

—Você ia ser a minha sobrinha, Tânia?

—Ia não, fui. Você não se lembra Fernanda?

—Não, tudo que estou vendo está me parecendo ser a história de outra pessoa.

—Mas é a sua mesmo — disse Nivaldo — mas, vamos continuar. A felicidade deles cada vez mais a irritava. Aristides também não se conformava de ter perdido Zuleica e você se aproveitou disso. Então, começou a tentar convencê-lo:

—Aristides sei que está sofrendo muito; eu também, pois amo

Antero perdidamente. Precisamos encontrar uma maneira de matá-lo. Assim, Zuleica acabará te aceitando, e eu, por minha vez, se não puder ficar com ele, não quero que fique com ela. Não suporto ver a felicidade deles!

—Você dizia isso para Aristides — falou Nivaldo — mas na realidade queria que quem morresse fosse Zuleica, pois ela, além de ter o amor de Antero, trazia agora, dentro de si, um filho dele e isso você, Fernanda, não poderia suportar. Uma noite, aproximou-se de Aristides, que continuava com muita raiva e ciúmes:

—Aristides — disse sussurrando —, descobri uma maneira de você matar o Antero.

— Como? Não quero ser preso.

—Se fizer da maneira como vou te dizer, isso não vai acontecer, e você ficará livre para conquistar Zuleica.

— Como?

—Percebi que, todas as vezes que eles saem de carruagem, ela sempre senta do lado direito do banco. Se você ficar escondido do lado esquerdo, poderá atirar cruzado, e com certeza irá acertá-lo. Depois, sozinha, triste e esperando um filho, Zuleica ficará feliz em encontrar alguém que se case com ela. Meu pai também não se oporá, pois não vai querer uma filha sem marido. Ele te conhece e sabe que você é um bom rapaz e que poderá fazer Zuleica feliz. Essa é a única chance de você ser feliz.

—Como vou fazer isso? Alguém pode me ver atirando; até mesmo o cocheiro, se me vir, me reconhecerá!

—Todas as quartas-feiras, eles vão jantar na casa de Marli e de Nivaldo. A carruagem é obrigada a passar por aquela rua, onde não tem casa ou ninguém por perto. Na rua tem muitas árvores e, entre elas, uma com muitos galhos e folhas. Sempre que eles saem, já está anoitecendo. Você poderá esconder-se e, quando a carruagem passar, você atira no lado direito e, fatalmente, atingirá Antero. O cocheiro ficará tão desesperado, que não vai querer ficar procurando quem atirou. Ele vai querer socorrer Antero. Você fica ali, escondido no meio da árvore, até eles irem embora. Depois, volta para casa e fica esperando. Quando a notícia chegar, assim como eu, você deve ficar desesperado.

—Não sei não, e se não der certo? Se o cocheiro ou a Zuleica resolverem me procurar e me acharem?

—Você acha que eles irão se preocupar com isso? Estarão mais interessados em salvar a vida da Zuleica. Não esqueça que o tiro tem que ser certo e só poderá dar um, pois, se errar, estará perdido. Antero e o cocheiro ouvirão e, aí sim, irão atrás de quem atirou e certamente te encontrarão."

—No exército, me especializei em tiro. Não errarei!

—Está bem, então fica para a próxima quarta-feira.

—Meu Deus — disse Fernanda no presente e chorando —, eu fiz isso mesmo! Estou me lembrando! Fiz mesmo, Marli!

—Infelizmente fez — disse Marli —, mas já pagou por tudo isso; quer continuar vendo? Podemos parar.

—Não, Tânia, você disse que falhou na sua última encarnação. Quero saber por quê. Estou me lembrando, mas não de tudo.

Não sei o que se passou depois.

—Está bem — disse Nivaldo — vamos continuar.

Você disse aquilo para Aristides, mas era mentira. Na realidade, você sabia que quem viajava do lado direito era Antero. A sua real intenção era que Aristides, ao atirar, matasse Zuleica e a criança que estava para nascer. Pois assim você ficaria com Antero. Imaginava que ele, sozinho, sem a mulher que amava e o filho que esperava, ficaria triste o suficiente para aceitar a sua atenção e o seu amor. Era sábado quando combinaram tudo e Aristides ficou esperando ansioso o dia chegar. Na quarta-feira, quando Zuleica e Antero se prepararam para sair, você se despediu, como sempre, beijando o rosto de Zuleica. O beijo da traição já aconteceu antes e acontecerá muitas vezes.

Nivaldo disse isso com dor. Fernanda entendeu o que ele quis dizer, baixou a cabeça e, com a mão, tentou secar a lágrima que corria por seu rosto. Ele continuou.

—Na quarta-feira seguinte, bem antes da hora, Aristides foi até a árvore; olhou seus galhos, subiu e ficou escondido em um deles, do lado contrário ao que julgava que Antero estaria sentado. Assim que a carruagem passou, ele atirou e ouviu um grito. O cocheiro parou, desceu e correu para ver se alguém havia sido atingido. Depois voltou desesperado para frente, chicoteou os cavalos e saiu em disparada. Aristides, nervoso e já arrependido, tremia muito. Deixou passar alguns minutos, depois desceu da árvore e passou por um rio que corria ali perto. Por cima da ponte, jogou a garrucha que havia usado. Aristides sabia que ali

ninguém a encontraria, pois o rio era fundo. Além disso, ninguém sabia que ele possuía uma arma. Foi para casa. Assim que entrou, viu que você, Fernanda, estava sentada ao lado de seu pai e fingia bordar.

Você olhou para ele, que confirmou com a cabeça. Intimamente, você sorriu, sabia que agora o caminho estava livre para poder, finalmente, viver o seu grande amor. Ficou ali até que Zefinha, a escrava que havia criado vocês três e que as amava como se fossem suas filhas, entrou na sala, avisando que o jantar já estava pronto. Você e seu pai se levantaram e foram jantar. Aristides, também os acompanhou. Durante todo o tempo em que estiveram jantando, evitaram se olhar. Estavam terminando de jantar, quando ouviram alguém batendo na porta. Vocês já sabiam do que se tratava. Jeremias, que era marido de Zefinha e que fazia às vezes de mordomo, foi abrir a porta e por ela entrou o cocheiro, desesperado. Seu pai se assustou, perguntou:

—O que aconteceu, homem? Por que está assim?

—Alguém atirou na gente, lá naquela rua que não tem nada, só árvores. O senhor Antero morreu.

— Como? O que está dizendo?! Quem fez isso?

—Não sei senhor, quando a menina Zuleica viu o marido todo ensanguentado, não me deixou procurar quem tinha atirado e, desesperada, pediu que eu fosse rápido para o hospital. Os cavalos correram o mais que conseguiram, mas não adiantou; antes da gente chegar ao hospital, o senhor Antero morreu.

—Não pode ser! Quem faria isso? Nem ele nem eu temos

inimigos! Nunca tivemos!

—Também não sei.

—Meu Deus do céu! Zuleica, onde está?

—Ficou lá no hospital. Não quis sair do lado do marido.

—Você, Fernanda — continuou Nivaldo — que estava em pé, sentiu o chão sumir sob seus pés, ficou branca como cera e desmaiou. Aristides não entendeu aquele desmaio. Afinal, sabia que aquilo aconteceria e julgou que você estivesse fingindo. Chamou Zefinha, que veio com uma garrafa de vinagre e esfregou em seu rosto, mãos e pés. Aos poucos, você foi recobrando a razão. Ao perceber o que havia acontecido você começou a chorar desesperadamente. Antero trocou de lugar com Zuleica, por isso morreu e você tinha sido a culpada.

Você queria que Zuleica morresse para ficar com Antero e quem morreu foi ele. Como se diz, o feitiço virou contra o feiticeiro. Seu pai, juntamente com Aristides e o cocheiro, foi até o hospital.

Quando chegaram, encontraram Zuleica, que chorava sem parar. O enterro foi feito. Zuleica entrou em uma depressão profunda. Para ela, a vida tinha terminado com a morte de Antero. Marilda e Marli ficaram ao lado dela e foram importantes, no sentido de fazer com que ela se lembrasse que estava esperando um filho e que dedicasse sua vida a ele. Com o tempo, Zuleica foi se acalmando e esperou, com ansiedade, o nascimento da criança. Você se tornou triste e foi entendendo o terrível erro que cometeu; tornou-se uma pessoa amarga. Não restou nada

daquela menina bonita e feliz. Aristides procurou se aproximar de Zuleica, mas ela não lhe deu chance. Falava que, para ela, ele continuava sendo seu irmão.

Ao ouvir aquilo, ele foi para o quarto, chorando:

"Não adiantou nada o que fiz. Ela nunca ficará ao meu lado. Matei um homem e hoje sei que não devia ter feito. Já que não poderei ficar com ela, prefiro morrer."

— Foi até a sala de armas de seu pai, Fernanda — Nivaldo continuou — pegou uma das garruchas, voltou para o quarto e atirou na cabeça. Aristides morreu na hora. Usando o seu direito de escolha, cometeu o maior dos erros, o suicídio. Ninguém entendeu o motivo daquele ato desesperado. Só você, Fernanda, sabia o que realmente havia acontecido, mas ficou calada.

Enquanto as cenas iam passando na tela e Nivaldo falava, Fernanda ia se encolhendo cada vez mais na poltrona. Estava triste e envergonhada, não querendo acreditar nas imagens que via e no que ele falava.

Na tela, apareceu Zuleica dando à luz. Todos corriam pela casa. Zefinha, ajudada por outra escrava, atendia Zuleica. Finalmente, a criança nasceu. Fernanda estava do lado de fora do quarto, junto com o pai. Quando ouviram o choro da criança, sorriram.

—Nasceu! Nasceu, é uma menina! — Zefinha saiu do quarto, dizendo isso feliz. Seu pai, Fernanda, começou a chorar de alegria — Nivaldo continuou falando.

—Você se afastou e foi para o seu quarto, onde também chorou, mas de revolta e ódio.

"Nasceu a filha dele e eu estou sozinha. Zuleica, apesar de tudo, venceu! Eu a odeio e não vou perdoá-la nunca por ter me tirado o homem a quem eu amava tanto."

—Você, Fernanda, estava com tanto ódio e ciúmes da sua irmã, que não percebia que na realidade, você nunca o amou; apenas não suportou a idéia de que um homem bonito como ele não havia te notado e escolheu a sua irmã. Apesar de saber que era e sempre seria mais bonita do que ela. Tudo que fez foi movida por inveja e por ciúmes.

—Não posso acreditar Nivaldo!

— Agora Fernanda chorava desesperada — Eu não posso ter feito isso! Não posso ter sido tão má! Sou totalmente diferente! Jamais faria!

—Não se culpe; apesar de toda a maldade que cometeu Deus nunca te abandonou. Mas não terminou aí, muito ainda iria acontecer. Com o nascimento da Tânia, a paz pareceu voltar àquela casa. Zuleica, embora se dedicasse à filha, não deixava de pensar em Antero e foi ficando cada vez mais triste, apesar dos esforços da Marilda e da Marli.

Quando Tânia completou oito anos, Zuleica contraiu tuberculose e, apesar de todos os esforços, ela morreu. Foi outro choque para seu pai. Marilda e Marli sabiam que você não estava bem, pois ainda continuava triste e amarga. Quiseram levar Tânia para viver com uma delas, mas seu pai não aceitou, ele amava muito aquela menina.

Tânia continuou com vocês, mas era uma menina triste. Apesar

do amor de seu pai, ele era um tanto calado e você não lhe dava a mínima atenção. Só quem cuidava dela com amor era Zefinha. Quando Tânia ia fazer quinze anos, seu pai também morreu. A dor dela foi imensa, pois sabia que não teria mais ninguém para amá-la.

Você ficou cada dia mais amarga, e a maltratava cada vez mais. Agora, você, Fernanda, sem o seu pai por perto, podia demonstrar o ódio que sentia por ela, por ser a filha do homem que julgou amar e da irmã a quem invejava e odiava. Tânia, que várias vezes, em muitas vidas, praticou o suicídio, nessa também não resistiu ao apelo e, por falta de amor, carinho e proteção, também sucumbiu: enforcou-se em uma árvore e outra vez desperdiçou uma encarnação.

Fernanda, no presente, olhou para Tânia, que chorava:

—Perdão, Tânia, por todo o sofrimento que te causei. Perdão por não ter sido a tia que deveria ser.

Tânia levantou-se da poltrona em que estava sentada, aproximou-se de Fernanda, abraçaram-se e beijaram-se.

—Não tenho o que te perdoar Fernanda. O erro foi todo meu. Apesar de tudo, eu deveria ter lutado contra o meu desejo de suicídio. O suicida sempre encontra um motivo para cometer esse erro. Por isso lhe, disse que, ao voltar dessa vez, eu tinha a esperança em Deus, de não fracassar novamente, mas não consegui.

—Perdão, Tânia. Se eu tivesse te ajudado, talvez você não tivesse feito isso.

—O "se" é relativo. Aprendi que todos somos espíritos livres e, por isso mesmo, responsável por tudo que nos acontece.

—Fernanda — continuou Nivaldo — ela tem razão no que diz. Geralmente, tudo que nos acontece na vida física ou espiritual é sempre de nossa responsabilidade. Cada um colhe o que planta, embora, se usássemos o perdão, que é o antídoto para todos os males, muito seria evitado. Aqueles que foram prejudicados poderão exigir a justiça de Deus, e ela tem que ser cumprida. Tânia foi, é e será responsável por sua vida. Ela, só ela, poderá lutar contra suas fraquezas. Aconteça o que acontecer, o suicídio nunca será solução, e sim um agravamento da pena.

—Estou começando a entender. Mas o que aconteceu comigo? Qual foi o meu merecido castigo, Nivaldo?

—Como já disse você se tornou cada vez mais amarga.

Com a morte da Tânia, piorou muito, isolou-se naquela casa e não queria receber ninguém. Você ficou presa aos seus pensamentos e não conseguia tirar da memória o crime que havia praticado. Suas irmãs tentaram te ajudar, mas você não permitiu. Morreu com quase setenta anos, sozinha, sentindo que não havia construído coisa alguma na vida. Não se casou, não teve filhos, não participou de nada perante a sociedade. Apenas viveu e, infelizmente, perdeu uma encarnação, que é tão desejada por muitos. Como todos nós já havíamos voltado e como não recebia visitas, levou algum tempo para ser encontrada.

Foi enterrada por estranhos. Por pessoas que não conheciam a

sua história e que se comoveram ao vê-la morrer sozinha e abandonada.

Enquanto Nivaldo falava, na tela aparecia o corpo de Fernanda jogado na cama, já em estado de putrefação. Logo depois, algumas pessoas, condoídas, levaram-na para que fosse enterrada.

Fernanda viu o momento em que seu espírito saiu do corpo e foi levado por Aristides que, apesar de estar um pouco diferente daquele que ela se lembrava, pôde reconhecê-lo. Estava tão apavorada, que não conseguia falar.

Nivaldo continuou, enquanto as imagens apareciam na tela.

—Quando você morreu, Aristides estava à sua espera. Nós, aqui no plano, não pudemos evitar. Vocês estavam ligados pelo mesmo crime.

Aristides desapareceu com você. Tentamos te encontrar, mas foi impossível. Existem lugares em que nem mesmo nós podemos chegar sem que haja um motivo justo. Você estava colhendo aquilo que havia plantado. Escapou da justiça dos homens, pois a morte do Antero nunca foi solucionada, portanto você nunca respondeu por ela. Mas da justiça de Deus não teria como escapar.

Ficou vagando por muito tempo, sofrendo tormentos jamais imaginados. Via e revia Antero morto e o seu corpo putreficado. Foi visitada por seres horrendos, que te apavoravam. Tentava fugir, mas, por mais que quisesse, não conseguia. Viveu em constante estado de terror.

Fernanda, embora envergonhada, assustada e sofrendo muito, conseguiu perguntar, gaguejando:

—O que aconteceu com Zuleica e Antero?

—Zuleica, quando chegou aqui, foi recebida por nós e tratada durante muito tempo. Quando ela estava recuperada e sabendo que estava morta, perguntou por Antero.

Embora ele estivesse ao seu lado durante todo o tempo, ela não o havia visto. Eles se encontraram e fizeram juras de amor. Assim como aconteceu com você e acontece com todos, ela também quis saber o que havia acontecido com Antero, quem o havia matado e por quê. Assim como está acontecendo hoje com você, ela foi trazida para esta mesma sala e assistiu a este mesmo filme.

—Não! Não fizeram isso! — gritou Fernanda. — Ela deve ter me odiado, da mesma maneira que eu estou me odiando!

—Adiamos o máximo que pudemos, mas chegou uma hora em que teve que ser mostrado. Realmente, assim como você, ela se revoltou e queria a qualquer custo fazer com que você fosse desmascarada, presa e condenada. Antero, que já havia passado por todo esse mesmo processo, convenceu-a de que não valia à pena, que ela precisava perdoar e deixar que a justiça de Deus se encarregasse do resto. Ela não se conformou, mas depois de muita conversa aceitou. Quis procurar Aristides, mas não o encontraram. Antero e Zuleica não queriam te procurar.

—Não podemos fazer isso — disse Marilda.

—Ela é nossa irmã. Não poderemos abandoná-la. Precisamos pedir com fervor para que ela se arrependa e assim possamos

ajudá-la.

—Podemos até fazer isso por Fernanda, Marilda, mas o que quero mesmo é encontrar Tânia. Precisamos procurá-la. Ela já sofreu muito, foi apenas uma vítima.

—Não, Zuleica — disse Marilda — ninguém é vítima. Tânia foi para a Terra com uma missão. Sabia que não poderia mais se matar. Fracassou, não conseguimos evitar, ela teve que passar algum tempo no vale, não sabemos se o tempo já terminou. Mas tem razão, precisamos encontrar uma maneira de ajudá-la.

—Daquele dia em diante, Fernanda, ficamos pedindo uma oportunidade de ajudar vocês duas e Aristides. Mandávamos luzes, como aquela que você viu hoje. Quando a luz saía daqui, era imensa, mas, ao atravessar a densa energia onde vocês estavam, chegava fraca. Mesmo assim não desistimos. Sabíamos que, na hora certa, a luz conseguiria atravessar a energia e chegar até vocês.

Estávamos um dia conversando, quando chegou até nós uma luz fraca. Sabíamos que ela vinha de um de vocês, mas não sabíamos de quem. Ficamos eufóricos, fomos conversar com Adriano, que é o responsável por todos os que estão nos diversos vales de sofrimento. Ele se prontificou a nos acompanhar enquanto seguíamos a luz e, juntamente com alguns outros, também acostumados a andar por aqueles caminhos, acompanhamos aquela luz fraca. Estávamos protegidos por uma corrente magnética. Por causa dela não enxergávamos o que acontecia à nossa volta, só o caminho que deveríamos seguir. Ouvimos os

lamentos de dor, medo e sofrimento. Depois de caminharmos com muita dificuldade, chegamos ao final da luz. Lá, encontramos Tânia, que corria de um lado para outro, chorava e dizia:

—Mamãe! Onde a senhora está? Estou com medo, preciso da senhora! Venha me buscar, mamãe! Por que a senhora me abandonou? Venha me buscar!

—Todos nos emocionamos ao vermos aquela menina ali sozinha e chorando daquela maneira. Zuleica foi a primeira que correu para ela, segurou-a e fez com que se sentasse, depois se sentou ao seu lado, segurou a sua cabeça e trouxe-a para junto de si.

Enquanto a beijava e abraçava, dizia, também chorando:

—Estou aqui, minha filha querida. Perdão por ter te abandonado; eu te amo muito! Eu e seu pai estamos aqui, viemos te buscar e nunca mais te abandonaremos.

—Tânia ouviu aquela voz e sentiu os abraços e beijos. Abriu os olhos, nos viu a todos, principalmente Zuleica, a quem havia conhecido muito pouco, mas de quem nunca se esqueceu. Não conseguiu falar, apenas sorriu e desmaiou. Antero correu para ela, também a abraçou e pegou no colo. Todos agradeceram a Deus por aquele momento. Antero, com Tânia nos braços, Zuleica e todos nós, chorando e emocionados, tomamos o caminho de volta.

Finalmente a encontramos. Agora, ela estava protegida de todo o mal — explicou Nivaldo.

A tela se apagou. Todos que estavam naquela sala choraram.

Muito mais Fernanda, por saber que ela havia sido a causadora de todo aquele sofrimento. Ela não conseguia falar. A dor, o sofrimento, a vergonha e o arrependimento que sentia eram imensos. Permaneceu muito tempo de cabeça baixa, sem coragem de encará-los. Até que Nivaldo disse:

—Fernanda, foi isso o que aconteceu.

Fernanda levantou os olhos, encarou um a um e disse:

—Estou profundamente envergonhada por tudo que fiz. Não sei o que dizer ou fazer. Devo ter sofrido um castigo, mas até agora eu não sei o que me aconteceu. Mostraram a minha morte e o Aristides me levando embora; o que aconteceu depois?

A tela voltou a se iluminar. Nela apareceram todos aqueles que haviam partido em busca da luz: Antero trazia Tânia adormecida nos braços. Zuleica, ao seu lado, chorava, mas não de desespero, e sim de felicidade e paz. Levaram Tânia para um quarto, acomodaram-na em uma cama e todos ficaram ao seu lado, jogando sobre ela focos de luzes coloridas.

—Por vários meses, continuamos o tratamento. Antero e Zuleica foram os que mais se dedicaram, até que, finalmente, Tânia começou a se recuperar e ficou totalmente curada. Agora, ela já estava pronta para rever o que havia feito e planejar o que faria em seguida. Foi quando a nossa preocupação em relação a ela terminou.

Zuleica não se conformava em saber que você, Fernanda, poderia estar naquele lugar horrível, onde encontramos Tânia. Tanto insistiu que começamos também a vibrar, orar e pedir

muito para que, assim como aconteceu com Tânia, surgisse uma luz que nos conduzisse até você. Passou muito tempo até que, finalmente, um foco brilhante de luz surgiu. Não tínhamos certeza, mas desejávamos que aquela luz fosse à resposta que tanto esperávamos. Novamente, com o auxílio de Adriano, seguimos a luz. Como aconteceu com Tânia, a luz, ao penetrar nas trevas, tornou-se fraca, mas não desistimos até chegarmos ao ponto em que ela começava.

Enquanto Nivaldo falava, as imagens passavam na tela. No final da luz, encontraram Fernanda, que chorava muito. Por seus pensamentos, revia tudo que havia feito. Via monstros que eram criados por sua própria mente. Tentava se esconder, mas sem conseguir gritava desesperada.

Ao vê-la naquela situação, nenhum deles conseguiu evitar se emocionar e de se condoer. Zuleica, chorando muito, disse:

—Sei que Fernanda me fez muito mal, mas não consigo deixar de pensar que ela é minha irmã, e é aquela mesma que cresceu ao meu lado e a quem eu tanto amei. Temos que encontrar uma maneira de ajudá-la. Ela não pode continuar aqui.

—Foi para isso que viemos — disse Nivaldo.

— No momento em que a luz chegou até nós, foi para nos dizer que o tempo havia terminado e que ela poderia ser resgatada. Vamos levá-la conosco. Ela terá novas oportunidades.

Aproximaram-se, mas Fernanda, assim que os viu chegando perto, apavorou-se ainda mais e começou a correr alucinada e gritando, julgando serem mais monstros que se aproximavam.

Zuleica tentou falar com ela:

—Fernanda sou eu, a Zuleica, viemos aqui para te levar para um lugar bom e feliz.

Fernanda, com o rosto coberto pelas mãos, olhou somente pelos vãos de seus dedos. Aflita e gritando, não conseguia esconder o medo que estava sentindo:

—É mentira! Você não é Zuleica! Está aqui para me levar para junto daqueles monstros horrendos! Vá embora! Não se aproxime! Sei que está querendo me enganar!

Vendo a reação inesperada dela, todos pararam onde estavam. Marilda se aproximou e, emocionada, disse:

—Fernanda sou eu, a Marilda. Também estou aqui. Estamos todos. Sei que está com razão de ter medo. Sei que também sabe todo o mal que causou, mas o tempo de sofrimento terminou. Sou sua irmã, aquela que sempre esteve ao seu lado e que sempre estará. Nunca menti e não mentiria agora. Com a graça de Deus, conseguimos te encontrar. Venha, minha irmã, venha para os meus braços e sentirá o quanto te amo.

Fernanda deixou aparecer o outro lado do rosto — Nivaldo continuou falando. — Estava envelhecida, com sombras pretas em volta dos olhos. Não lembrava, nem de longe, aquela menina bonita que fora. Marilda aproximou-se mais. Bem devagar, segurou sua mão. Aos poucos, foi subindo as mãos e tocando nos seus braços, até que, finalmente, te trouxe para junto do peito. Emocionada, dizia:

—Fernanda, o momento de desespero passou. Você esteve aqui

por um longo tempo, pôde refletir sobre tudo que fez. Agora irá conosco, que te amamos, e ficará bem.

— Você começou a olhar um a um. Baixava os olhos, talvez por vergonha, não sabemos, mas isso não nos importava. Você estava ali ao alcance dos nossos braços e com um futuro, quem sabe, melhor pela frente.

Te trouxemos para cá, ficou sob os cuidados de Marli, Marilda e Zuleica por mais um longo tempo.

Fernanda olhou para eles com um sorriso de gratidão. Sabia que, se estava ali, sentindo-se protegida, era porque de alguma maneira eles se preocuparam com ela e a amaram.

— Foi demorada a sua cura — disse Marli, para que Fernanda não ficasse envergonhada —, mas conseguimos. Finalmente todos estavam preparados para voltar.

— Por que desta vez também não deu certo, Nivaldo?

— Em uma reunião com todos os presentes e mais alguns amigos e nossos conselheiros ficaram decididos que nos reencontraríamos novamente. Não mais na mesma família, pois, além de tudo que aconteceu cada um de nós teria que prosseguir com os nossos próprios resgates e a busca do conhecimento. Zuleica e Antero decidiram que se encontrariam, casariam e seguiriam a vida, como teria sido antes de você os interromper. Eu e Marli ficaríamos aqui, pois tínhamos um trabalho para fazer que nos tomaria muito tempo, mas mesmo assim procuraríamos ajudá-los nos momentos difíceis. Marilda e Júlio demorariam um pouco para se encontrar, pois ela vivera uma vida submissa, sem

reclamar nem lutar por aquilo que achava certo. Desejava e precisava provar a si mesma que poderia vencer sozinha. Júlio, apesar de ter tido uma encarnação relativamente boa, contraiu algumas dívidas que precisava resgatar. Se casaria, teria dois filhos e só depois poderia ser feliz nos braços de Marilda. Você, por ter feito tanto mal, pediu, para na próxima encarnação, viver sozinha, somente ajudando as pessoas. Tânia, por ter sido um espírito que já havia praticado o suicídio muitas vezes, precisava de mais um bom tempo para se preparar e tentar, dessa vez, escapar a essa tentação. Seria a neta de Antero e de Zuleica, onde teria muito amor e proteção, para não ter motivos de incorrer na mesma falha. Outros, nossos amigos, iriam para ajudar; alguns como amigos, outros como inimigos, mas sempre com um único desejo: o crescimento e aprimoramento de todos.

—Já que estava tudo bem planejado, por que não deu certo? Perguntou Fernanda, curiosa.

—Quando estamos aqui, conhecemos as nossas falhas, sabemos o que precisamos fazer para resgatarmos e enriquecermos o nosso espírito. Por isso escolhemos a maneira como viveremos no corpo físico, sabendo também que teremos de passar pelas mesmas situações nas quais falhamos e tentar vencê-las.

Aqui, nos propomos a fazer o melhor possível para que consigamos superar e vencer. Sabemos que, se conseguirmos, teremos caminhado alguns passos. Mas, ao chegarmos lá, o esquecimento nos é forçado, para que possamos realmente lutar contra essas mesmas falhas e vencer.

—Por que acontece o esquecimento? — perguntou Fernanda. — Seria muito mais fácil se todos se lembrassem. Aí, sim, conseguiriam evitar cometer os mesmos fracassos.

—Mas não haveria mérito algum. Além do mais, conhecendo o passado, ninguém suportaria viver e conviver na mesma família ou no mesmo círculo de amigos com outro alguém que lhes tivesse feito mal. Desconhecendo o passado, há sempre uma melhor chance de reconciliação. Mas, como eu dizia, ao chegarmos no plano físico com o esquecimento, quando as mesmas situações surgem, alguns conseguem superá-las, outros não. Foi o que aconteceu com você, Fernanda. Ao conhecer Antero, aquele amor doentio que julgava sentir por ele aflorou, quis conquistá-lo de qualquer maneira. Primeiro tentou envolvê-lo com ternura e carinho, mas logo percebeu que não adiantava, pois ele só te queria como amiga. Você, inconformada, foi tentando outras formas até conseguir ter com ele um romance e finalmente esperar um filho. Sabia que assim conseguiria tê-lo para sempre, pois ele já havia comentado sobre a rigidez com que fora criado e você sabia que o pai dele não permitiria que ele fugisse à responsabilidade. Naquele momento, com aquela sua escolha, você mudou tudo que havia planejado aqui e nós também tivemos que mudar. Você fez uma nova escolha.

—Embora tenha sido tão bem planejado, pode-se mudar?

—Não esqueça Fernanda, de que tudo é planejado quando estamos aqui, protegidos e sabendo das nossas reais necessidades.

Tudo é planejado da melhor maneira, para o aperfeiçoamento de todos.

Mas a resposta de cada um virá de acordo com o seu livre-arbítrio, que é o direito que Deus nos dá para decidirmos sobre a nossa vida física e espiritual. Deus nunca quis impor o seu desejo, pois, se quisesse tudo seria perfeito.

Ele quis dar a cada um o direito de escolher o seu próprio caminho rumo à perfeição. Jesus nos falou sobre isso, na parábola dos talentos. A cada um daqueles três homens foi dada uma moeda e cada um deles fez com ela o que desejou. Assim Deus age com todos: Ele dá as mesmas oportunidades, não de riqueza ou poder, mas de aprender e caminhar.

Alguns caminham com maior rapidez, outros demoram um pouco, desviam-se. Mas Deus sabe que, um dia, em algum momento, reencontrarão a luz. Por aquela sua atitude, Fernanda, algumas coisas precisaram ser mudadas. A Zefinha, que fora quem te criara e que te amava muito, prontificou-se a renascer como tua filha. Ela não estava programada para renascer, mas, diante daquela situação, não quis te deixar sozinha.

—Por que isso não foi evitado?

—Em parte, a atitude do Antero também contribuiu para essa mudança de planos, pois, embora ele já tivesse encontrado Zuleica e já estivessem namorando, ele se deixou levar pela vaidade de ser amado por duas mulheres e também pela fortuna que sabia poder herdar de seus pais. Ele aceitou sem discutir as exigências do pai e se casou com você, mas nunca deixou de

amar Zuleica. Com o seu casamento, ela se afastou, mas tornaram a se encontrar e a se envolver de uma forma definitiva. Antero, seguindo a educação que havia recebido no lar, foi para você um bom marido e um ótimo pai, mas foi para Zuleica que ele dedicou todo o seu amor e com quem desejava ficar realmente.

—Ela soube o tempo todo que ele estava casado comigo! Éramos amigas! Quando comecei a sair com Antero, não sabia que eles estavam namorando!

—Se você tentar se lembrar, depois de seu casamento, ela ficou um bom tempo sem aparecer, foi morar no interior, para não sofrer vendo a sua felicidade.

Mas precisava trabalhar para ajudar seus pais e, no interior, não encontrou trabalho; teve que voltar para a Capital e candidatar-se a uma vaga que estava sendo oferecida em um jornal. Assim que chegou para a entrevista, foi recebida pelo Antero. Vocês já estavam casados há mais de dois anos. O encontro deles foi definitivo.

Todo o amor que sentiam aflorou e não resistiram. Começaram a ter um relacionamento, que durou todo esse tempo, durante o qual se amaram intensamente.

—Ela aceitou essa situação, a de ser amante?

—Ela o amava muito, aceitou e procurou não reclamar, pois ele sempre lhe dizia que, a qualquer momento, te deixaria e ficaria com ela para sempre.

—Se ela concordou com essa situação, por que mudou tão

radicalmente a ponto de me matar?

—Aristides, durante o tempo todo em que ficou vagando e longe dos nossos olhos, se envolveu cada vez mais no mundo das trevas.

Em vão procuramos por ele e esperamos que a luz viesse nos indicar o seu paradeiro, mas ele não permitiu e, por sua vez, procurava por você e por Zuleica. Dela, ele queria o amor e, de você, queria se vingar, pois agora sabia que você o havia usado e julgava que você fosse à causadora de todos os seus males. Encontrou primeiro Zuleica e, através dela, você.

Assim, começou a instigá-la dizendo-lhe que só com sua morte ela poderia ser feliz ao lado de Antero. Foi aos poucos a envolvendo, até que ela se deixou levar. O ódio que começou a sentir por você foi incontrolável, até finalmente concretizar os desejos do Aristides.

—Está me dizendo que todos podem ser envolvidos dessa maneira e cometer um crime? — perguntou Fernanda, intrigada.

—Todos podem ser envolvidos, mas depende de cada um resistir a uma influência negativa.

—Não entendi; como isso pode ser feito?

—Todos sabem, desde muito cedo, o que é certo e o que é errado. Por isso, temos a oportunidade de escolher o nosso caminho e o que podemos ou não fazer. Sempre que surge no nosso pensamento algo que vá contra aquilo que julgamos não ser o certo, devemos resistir. Com certeza esse pensamento não é nosso, mas, sim, de algum espírito que está querendo nos usar.

—Ela não resistiu...

—Foi isso o que aconteceu. Embora estivéssemos o tempo todo, enviando-lhe bons pensamentos e tentando de todas as formas fazer com que desistisse da idéia, Zuleica não aceitou e preferiu se deixar envolver pelo Aristides. Ela cometeu o crime e por ele terá de responder. Essa é uma das leis.

—Não se pode fazer nada para ajudá-la?

—Sim, claro que sim! Estaremos sempre ao seu lado, mesmo enquanto ela estiver no vale do sofrimento. Mas Zuleica terá que passar por lá para refletir no que fez e, um dia, quando retornar para a vida física, terá uma nova oportunidade para se redimir. Não se esqueça de que Deus é o nosso Pai e Criador e que nos ama muito, a todos, sem distinção, apesar das nossas falhas.

—Desejava muito ajudar a Zuleica, afinal fui à culpada de tudo, mas não sei como fazer.

—Deus nos dá todas as ferramentas de que precisamos para evoluir; uma delas é o perdão. Muitas vezes dizemos que nunca vamos perdoar, quando, na realidade, somos nós que precisamos de perdão. Por isso, ao invés de perdoarmos, temos que primeiro pedir o perdão para aqueles que conhecemos e também aos que desconhecemos. Zuleica foi, sim, uma vítima, mas teve a oportunidade de perdoar e não o fez. Terá que pagar pelo que fez, mas, com a graça de Deus, terá um dia uma nova oportunidade e, quando esse dia chegar, esperamos, em Deus, poder estar aqui para recebê-la com muito carinho.

—Que posso fazer agora?

— Somente agradecer a Deus a oportunidade que está tendo e se colocar à disposição Dele para se redimir de todo o seu passado. Quebrar essa corrente de ódio que existe entre vocês e, o mais importante, confiar sempre na bondade e justiça de Deus.

Fernanda olhou para os outros, que, assim como ela, prestavam atenção em tudo que o Nivaldo falava. Para eles também estava servindo de lição. Ela estava envergonhada por tudo que havia feito, mas aprendeu que nada está perdido e que a qualquer momento podemos nos aproximar de Deus e Ele estará sempre de braços abertos para nos receber; apesar de tudo que tenhamos feito de certo ou errado, Ele será sempre aquele Pai carinhoso, que sempre nos dará novas oportunidades.

—Meus amigos — disse Fernanda, tentando sorrir — preciso agradecer a todos vocês tudo que fizeram para me ajudar, e lamento não ter correspondido. Mas, da próxima vez, se Deus me der essa nova graça, prometo que farei o melhor que puder.

—Não se atormente — disse Marli. — Todos estão na mesma classe da escola da espiritualidade e todos têm muito a aprender. Não existe ninguém melhor ou pior, só espíritos caminhando para a luz. Sabemos que algum dia a encontraremos, mesmo que para isso falte muito tempo. Um dia chegaremos, pois somos todos filhos de um Deus amoroso que nos criou e nos deu o direito de escolhermos o nosso caminho. Por isso, não precisa se envergonhar, apenas reconheça os pontos em que falhou e tente acertar da próxima vez.

Agora que já está tudo esclarecido, queria pedir para que me

acompanhassem com uma prece em favor do meu irmão Aristides. Eu sei que ele está perdido entre o amor doentio que sente por Zuleica e o ódio que sente por você, Fernanda, mas sei que, com a ajuda do nosso bom Deus, poderemos ajudá-lo e fazer com que retorne para o lado do bem.

Vendo todos concordarem, ela disse, com a voz emocionada:

—Senhor, meu Deus, que a todos ama e a todos dá sempre novas oportunidades. Estamos aqui para pedir em favor do nosso irmão Aristides, pois sabemos que ele está perdido e andando por caminhos escuros e preso ainda a conceitos falsos. Sabemos também que, se for da Sua vontade, ele poderá encontrar o caminho da luz. Senhor permita que consigamos nos aproximar dele e, com o Seu amor, fazer com que reconheça seus erros e volte para os Seus braços. Em Suas mãos, colocamos a nossa vida espiritual e a dele também.

A pior acusadora

Passou-se mais de um ano desde aquela conversa. Fernanda pediu muitas vezes para retornar a terra, queria ver como estavam os seus. Quando pedia para vê-los, respondiam-lhe que ainda não era hora. Enquanto isso gastava o seu tempo entre muitos afazeres. A maior parte do tempo passava ao lado de

Otaviano pintando e o acompanhando nas suas tentativas de fazer com que os médiuns pintassem.

Ela ficou alegre ao perceber que aquela senhora que era tão insegura quanto sua mediunidade agora já pintava com facilidade e, com agilidade, ia misturando as cores, deixando-se levar. Pela intuição de Otaviano, pintava belíssimas telas. Ao terminar uma, Otaviano disse sorridente:

—Até que enfim, ela se entregou totalmente. Daqui para frente será cada vez mais fácil.

—Estou impressionada, pensei que ela nunca conseguiria.

—Ainda hoje ela tem dúvidas, mas agora já não se preocupa tanto. Sabe que nunca conseguiria ter tanta agilidade e pintar com tanta desenvoltura. Só posso dizer que estou feliz, tornou mais fácil o meu trabalho.

—Pensar que todos os artistas são intuídos, sendo médiuns ou não, pertencendo a uma religião ou não. Deus é mesmo fabuloso!

—É, sim, Fernanda, Ele nos ama a todos e não tem filhos prediletos. Religião é só questão de escolha e predileção, para Ele não tem a menor importância.

—Algumas pessoas não pensam assim, acham que Ele é injusto e que está distante delas.

—Você mesma já teve provas de que isso não é verdade.

—Tem razão. Nunca pensei, quando estava na Terra, que havia feito tanto mal e prejudicado tantas pessoas.

—Você e quase todas as pessoas que estão encarnadas. Mas agora continue a sua pintura.

Ela olhou para a sua tela, sorriu e continuou pintando.

Em uma tarde, ela estava pintando, quando Marli entrou afobada.

—Fernanda! Chegou à hora! Recebemos uma luz e Adriano disse que ela veio com uma autorização para visitar Aristides! Pode imaginar como estou me sentindo?

—Isso quer dizer que ele que pediu perdão?

— Não. Significa que chegou a hora de ele receber ajuda. Quem sabe conseguimos fazer com que reconheça suas falhas e possamos fazer com que volte! Quer ir conosco?

—Claro que sim! Sabe o quanto esperei por este momento! Tenho e quero fazer todo o possível para ajudá-lo. Preciso de alguma forma reparar o meu erro.

—Acredito que a sua chance chegou! Venha, não temos muito tempo. Precisamos nos preparar! Adriano e sua equipe, além de Nivaldo e Tânia, irão nos acompanhar. Estou tão feliz, que não consigo esconder a minha ansiedade. Vamos?

—Agora mesmo! Otaviano, depois eu termino essa tela.

—Não se preocupe, ela estará aqui te esperando. Vá visitar Aristides, que no momento é mais importante.

Ela e Marli saíram dali apressadas, pois sabiam que a preparação precisava ser feita com esmero. Precisavam modificar suas energias para se aproximar de Aristides, pois, embora a luz tivesse chegado, sabiam que ele ainda permanecia na casa de Zuleica e sob uma energia carregada.

Encontraram-se com Adriano, sua equipe, Nivaldo e Tânia, que

já as esperavam. Quando todos estavam reunidos, colocaram-se em posição de oração. Nivaldo, emocionado, fechou os olhos e disse:

— Senhor, meu pai, sei que neste momento está nos dando à oportunidade de resgatarmos o nosso irmão Aristides. Que possamos Senhor, bem cumprir a nossa missão. Sabemos que estaremos protegidos de todo o mal, pois o Seu amor é infinito e a Sua luz divina nos acompanhará.

Após a oração, deram-se as mãos e partiram. Seguiram a luz, e em pouco tempo chegaram à casa de Zuleica. Ela estava deitada sobre a cama e chorava, tendo ao seu lado Aristides, que não percebeu a presença deles. Zuleica chorava muito, seus olhos estavam inchados. Aristides lhe falava:

— Não adianta esperar, ele não vem mais, te esqueceu!

Agora, a sua única saída é se matar. Assim, poderei te levar para viver ao meu lado para sempre! Sempre te amei e continuarei amando! Você é minha! No momento em que matou Fernanda, se entregou a mim totalmente! Da Fernanda já cuidamos, agora você precisa dar um fim no Antero! Ele é um traidor e nunca te amou, sempre mentiu!

Ele dizia essas palavras rindo sem parar. De seus olhos saíam faíscas vermelhas, que a atingiam completamente.

Zuleica tentava encontrar uma posição para seu corpo, mas não achava. Estava desesperada, um pouco devido à influência de Aristides, mas muito mais por ter entendido que, mesmo com a morte de Fernanda, não havia conseguido fazer com que Antero

ficasse ao seu lado. Pior, parecia que o havia afastado ainda mais. "Não posso continuar vivendo assim! — chorava; — Do que adianta! Não tenho um minuto de paz! Antero nunca mais veio até aqui, nem atende quando lhe telefono! Preciso me encontrar com ele! Tenho que fazer alguma coisa, mas não sei o quê! Tentarei falar com ele; se não conseguir, terei de matá-lo..."

Fernanda, ao ver Zuleica naquela situação e, ao se lembrar de que tudo foi por sua culpa, começou a chorar em silêncio.

—Fernanda — disse Marli — você não é a culpada.

—Como não? Sabe que eu os destruí! Eu fui à culpada; se não tivesse me intrometido na vida deles, estariam casados e felizes! Eu errei no passado e voltei a errar!

—Em parte, o que está dizendo é a verdade. Mas não se esqueça de que, assim como você teve o direito de usar o seu livre-arbítrio, eles também tiveram o direito de usar o deles!

—Não estou entendendo!

—Antero poderia ter te repellido e ficado com Zuleica, pois já a havia encontrado e sabia que a amava. Mas ele se deixou envolver pela ganância do dinheiro de seus pais.

—Mas eu sabia que o pai dele não permitiria que fugisse a um compromisso. Por isso, o envolvi e consegui esperar um filho!

—O pai não permitiria, mas ele poderia ter evitado não se deixando envolver, mas ele não o fez.

—Zuleica cometeu um crime terrível por minha culpa, por eu ter interferido e feito com que todo o plano fosse mudado.

—Você realmente provocou essa mudança, mas mesmo assim ela

poderia ter aceitado e continuado a sua vida. No momento da mudança, outros caminhos surgiriam para ela. Você teve, sim, a sua parcela de culpa, mas eles também tiveram a deles. Por isso, todos terão que refazer os planos e, no futuro, tentarem novamente.

Por ora, só o que podemos fazer é tentar convencer Aristides de que a abandone e deixe que ela própria tome a decisão e direção de suas ações e que faça as suas escolhas...

—Conseguiremos? Ele parece tão enfurecido...

—Não sei se conseguiremos, mas para Deus nada é impossível. Se a luz chegou até nós, foi porque existe uma esperança. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance. O que você tem a fazer é parar de chorar e se entregar à oração, pedindo que possamos ser intuídos nas palavras que usaremos e que possamos conseguir encaminhá-los de volta para a luz.

Fernanda entendeu. Fechou os olhos e se colocou em oração para aqueles irmãos que um dia haviam feito parte de sua vida. Zuleica, alheia a tudo que se passava à sua volta, pegou o telefone e discou o número do escritório de Antero. Foi atendida por Luciana.

—Alô, Luciana! É a Zuleica novamente. Posso falar com o doutor Antero?

—Sinto muito, dona Zuleica, mas ele não está. Saiu cedo para visitar as obras.

—Quando ele voltará?

—Não sei, ele não disse.

—Por favor, quando ele voltar, diga que telefonei.

—Farei isso, como tenho feito todos os dias. Ele tem estado muito ocupado com a construção. A senhora sabe que está na fase de acabamento e isso toma muito tempo dele.

—De qualquer maneira, por favor, dê o meu recado.

Desligou o telefone. De seus olhos saíam faíscas de ódio.

—Não te disse que tudo acabou e que só tem um caminho para seguir? Tem que matá-lo e depois se matar! Não te resta outra coisa a fazer!

— Aristides ria enquanto dizia isso.

Como se o ouvisse, ela imediatamente pensou:

—Já sei o vou fazer! Ele está me evitando, não me quer mais! Vou matá-lo e depois me matarei! Consegui praticar um crime perfeito. Farei de novo. Não tenho outro caminho, só esse! Não sei viver sem ele...

Fernanda ouvia o que Zuleica dizia e seu coração se apertava cada vez mais.

Continuava em oração. Nivaldo se fez notar por Aristides, que, ao vê-lo, se afastou um pouco de Zuleica:

— O que você está fazendo aqui? — gritou Aristides — Sabe que ela sempre foi minha! Que a amei e continuarei amando para sempre! Você não tem o direito de continuar aqui!

—Está havendo aqui uma pequena confusão. Ela nunca te pertenceu e nem te pertencerá! Ela é criação e filha de Deus, só a Ele ela pertence, a ninguém mais.

—Não venha com essa conversa de Deus. Eu nunca o vi e sei

que nunca o verei! Não sei se Ele existe realmente, mas se existir não é um Deus amoroso como vocês pregam! Se ele fosse, não permitiria tanta desigualdade! Não permitiria que alguém como eu sofresse tanto por um amor não correspondido!

—Deus é misericordioso, tanto que nos deixa escolher o caminho que queremos seguir. Você está preso à matéria, não sabe que já não está mais vivendo no corpo físico?

—Claro que sei! O que acha que senti quando me matei, pensando que encontraria a paz, e, ao chegar aqui, perceber que tudo continuava igual e que a paz tão procurada não existia?

—A paz existe e ela é maravilhosa, só depende de cada um encontrá-la. Mas ela nunca será encontrada através do suicídio. Deus é tão misericordioso, que está te dando uma nova chance. Está em suas mãos encontrar a paz tão procurada. Estamos aqui para te ajudar, Aristides.

Enquanto Nivaldo dizia essas palavras, Aristides pôde ver os outros que estavam ali e os reconheceu.

Gritou furioso:

— Marli, você aqui novamente! Já não disse que a sua presença não é bem-vinda?

—Disse meu irmão, mas não me conformo em te ver nessa situação, Aristides. Viemos até aqui para te buscar.

—Que situação?! Estou muito bem, ainda mais estando ao lado da Zuleica! Não quero ir a lugar algum!

—Não está bem. Você está tentando se enganar e sabe disso. Sempre existe uma chance do arrependimento e de, assim,

receber as graças de Deus, nosso Pai. Ele está sempre disposto a nos receber, a qualquer momento. Ele é paciente, Aristides.

—Como sabe disso? Acha mesmo que, depois de tudo que fiz, Ele, se é que existe, ainda estaria disposto a me perdoar?

—Claro que sim. Ele só quer a nossa felicidade. Você pode se quiser, nos acompanhar e comprovará isso.

—Está mentindo! Por que está fazendo isso?

—Não estou mentindo. Sabe que sempre te amei como um irmão querido e que, durante a nossa vida, tentei muitas vezes fazer com que se conformasse e agradecesse a vida que o padrinho nos deu, depois que nossos pais morreram. Mas você nunca quis me ouvir. A sua revolta e o seu amor doentio pela Zuleica fizeram com que cometesse dois crimes: primeiro matou Antero e, depois, tirou a sua própria vida. Crimes esses que te lançaram neste vale das sombras, da dor e do desespero.

—Está querendo me convencer de que eu fui o culpado de ter perdido meus pais e ter sido obrigado a viver de favor na casa de estranhos? Isso aconteceu! A culpa não foi minha! Foi desse Deus que vocês tanto adoram!

—Não foi Dele, foi sim uma escolha sua e minha. Por isso nascemos como irmãos, mas isso não importa mais. Estamos aqui para te mostrar a bondade de Deus e te levar de volta para casa. Lá, saberá de tudo e encontrará a paz que tanto procura.

—Não posso ir! Preciso ficar ao lado da Zuleica, quero-a ao meu lado e não a deixarei aqui!

—Você poderá, um dia, ficar ao lado de Zuleica, mas, se

continuar influenciando os seus pensamentos, jamais terá essa chance. Se ela cometer mais estes crimes, matar Antero e depois se matar, estará condenada por muito tempo e cada vez mais distante de você.

Ainda está em tempo, Aristides. Fernanda também está aqui; ela, hoje, já sabe tudo que aconteceu.

Ele olhou para Fernanda, que continuava de olhos fechados, orando e ouvindo o que eles diziam. Assim que ouviu Marli se referir a ela, abriu os olhos e olhou para Aristides, que, ao vê-la, gritou raivoso e tentando atacá-la:

—Você está aqui? Sua traidora! Enganou-me, fez com que eu cometesse um crime! Te odeio ! Te odeio !

—Sei disso — Fernanda disse com lágrimas nos olhos — e infelizmente você tem razão de me odiar. Mas hoje sei o que fiz e quanto mal causei, não só a você ou a Zuleica, mas contra mim mesma. Estou arrependida e pedindo a todo instante que Deus me perdoe e que me dê uma nova chance de resgatar todo o mal que causei. Preciso pedir perdão a você e a Zuleica. Sei que, se estão nessa situação, em muito a culpa foi minha...

—Em muito não! Em tudo! Você nos enganou e traiu! Agora vem com essas lágrimas de crocodilo pedindo perdão e acha que tudo vai ficar bem? Que tudo que você fez acabou e que está tudo certo? Não está! Se for verdade que existem outras vidas, eu te perseguirei para sempre e nunca te darei paz! Você pode ter a proteção que tiver! Eu te odeio!

Fernanda ficou sem saber o que dizer. Nivaldo disse:

—Espere aí, Aristides! Ela teve culpa, sim, mas você também teve a sua parcela e não foi pouca.

—Que culpa eu tive? Ela me envolveu e mentiu!

—Foi isso que ela fez, mas você sempre soube o que era certo e errado. Apesar de o certo ou errado serem discutíveis, pois na realidade sobre muitas coisas não sabemos o que é certo ou errado, com o passar do tempo, os conceitos mudam. Mas sobre assassinato todos sabem que é errado, isso nunca mudou e nunca mudará. Você sabia que era errado, mas mesmo assim cometeu um assassinato. Você usou o seu livre-arbítrio e teve que responder por sua atitude.

—O que eu poderia ter feito? Eu amava Zuleica e sempre fui prejudicado. Desde minha infância, fui obrigado a viver de favor na casa de estranhos!

—Estranhos que te receberam e que te deram muito amor. Você pôde estudar e se preparar para o futuro, mas nunca lhes agradeceu.

Você poderia ter sido enviado a um orfanato qualquer e ser apenas um número, criado sem amor e sem carinho, como acontece com muitos. Você sempre foi egoísta e mal agradecido, por isso não soube aproveitar as oportunidades que Deus te deu e que você mesmo havia escolhido. Quando Fernanda te propôs a morte de Antero, você poderia ter reagido e se negado a praticá-la; para isso tinha o seu livre-arbítrio e o conhecimento de que era errado. Em vão, o plano espiritual tentou te demover daquela idéia. Você não ouviu e se deixou levar. Portanto, pode ver que a

culpa não foi só dela, mas muito mais sua.

Agora, tudo isso não tem mais importância, você está prestes a cometer outro crime: a morte de Antero; e ver Zuleica se perder por muito tempo no vale do sofrimento. Está em suas mãos não só o seu futuro, como o dela também. Novamente, está tendo a oportunidade de usar o seu livre-arbítrio e só você poderá fazer isso. Estamos aqui para te ajudar, para te levar de volta para o Pai, onde todo o seu passado será revelado e assim poderá decidir o seu futuro.

Aristides, embora não quisesse, ouviu tudo que Nivaldo lhe disse. Em seguida olhou para Zuleica, que continuava se remoendo de ódio e deitada na cama. Ele a amava muito e não queria ficar separado dela.

—Da maneira como você está falando — disse olhando nos olhos de Nivaldo — penso que, sim, eu tive a minha parcela de culpa, mas não posso deixar Zuleica. Quero ficar ao seu lado para sempre. Quero não, vou ficar!

—Poderá ficar ao lado dela enquanto ela estiver na mesma faixa de pensamento que o seu. Quanto a isso, não temos o que fazer. Mas, se realmente a ama e quer mesmo ajudá-la, evitar que ela se perca no vale do sofrimento, poderá fazê-lo.

—Como? O que preciso fazer?

—Deixar que ela mesma decida o que fazer. Você pode ir embora com Marli e Tânia. Elas te acompanharão e te darão toda a assistência de que precisa e verá como tudo ficará bem. Sem sua influência, Zuleica, também, poderá exercer o seu livre

arbítrio. Está em suas mãos, chegou o momento da escolha.

—Não posso abandoná-la! Eu a amo! Como posso ir para esse lugar que você diz ser bom sem saber o que vai acontecer com ela? Como poderei ficar bem?

—Se você prometer ficar quieto, sem fazer coisa alguma, aconteça o que acontecer, você poderá ficar aqui e nos ajudar.

Aristides pensou por um momento; estava cansado. Durante muito tempo, ficou vagando sem destino, sentiu sede, fome e a tristeza de não se encontrar com Zuleica. Quando a encontrou, ficou ao seu lado. Mas agora Nivaldo e os outros lhe mostraram que havia uma esperança. Amava Zuleica e sabia que ela, assim como ele, ficaria vagando sem destino, sofrendo toda sorte de aflição. Ele não queria que ela sofresse, amava-a muito.

—Está bem — disse — eu ficarei quieto. Só quero dizer que, para onde ela for, eu irei também.

—Não sabemos como ela usará o livre-arbítrio. Depende só dela o futuro que terá. Quanto a você, é também livre para escolher.

Deus nos ama tanto, que não impõe coisa alguma. Tem paciência, pois sabe que cedo ou tarde iremos para ele.

Aristides, embora sempre tentasse mostrar-se forte e poderoso, sabia que aquilo que Nivaldo dizia era a verdade. Sabia que estava cansado de vagar e queria encontrar aquela paz oferecida. O que sabia mesmo, e disso tinha convicção, era que o amor que sentia por Zuleica era verdadeiro, disse:

—Estou disposto a ficar calado e acatar tudo que está dizendo, só não quero que ela sofra.

—Infelizmente, não posso te prometer isso, pois sabe que, a cada um, será dado de acordo com as suas obras; cada um receberá de acordo com aquilo que escolheu e ela escolheu se entregar ao ódio. Assim como todos, ela terá a chance de ser feliz, mas, antes, terá de aprender que o amor deve estar sempre presente e que ele significa entrega e doação.

Antes que Aristides dissesse algo, Zuleica começou a correr de um lado para outro dentro da casa. Chorava e gritava sem parar. Parecia estar alucinada.

—Eu quero morrer! Não quero mais continuar nessa vida! Estou cansada. Antero não me quer mais e sem ele não sei viver!

Nivaldo e Marli aproximaram-se dela e, com passes de luz e energia, fizeram com que ela se acalmasse e parasse.

—Zuleica — disse Nivaldo, estendendo os braços em sua direção — você, agora, precisa parar e pensar em tudo que fez. Sabemos que, embora tenha sido vítima em outra vida, nesta tornou-se uma pessoa triste e magoada, o que permitiu que Aristides a envolvesse. Embora essa aproximação tenha sido por amor, ele te influenciou e você permitiu. Agora, tem sobre os seus ombros um crime... Que não importam quais tenham sido os motivos, sempre será um crime, e por ele terá de responder.

Ela foi até a cama e se deitou. Em seu pensamento começaram a surgir cenas do passado: quando conheceu Antero e Fernanda; o amor que sentiu por ele e a amizade que sentiu por ela; depois, veio o casamento deles, a tristeza e a revolta que sentiu. Aquelas cenas passavam por sua mente e ela chorou muito ao ver o corpo

de Fernanda caído no chão da cozinha.

—O que foi que fiz? Tirei a vida da Fernanda por ciúmes e quando não era mais necessário. Antero já a havia abandonado! Como tive coragem para fazer aquilo? Eu não tenho perdão!

—Todos nós — disse Nivaldo — temos o perdão, Zuleica.

Para isso, basta apenas reconhecer e pedir. Deus estará sempre de braços abertos para nos receber.

Zuleica não ouvia, mas sentia uma presença boa ao seu lado. Ela precisava fazer alguma coisa para se redimir do que havia feito do crime que praticou. Sabia que estava fora do alcance da justiça da Terra, pois muito tempo havia se passado desde a morte de Fernanda e nunca ela foi, sequer, mencionada. Acreditaram que Fernanda havia se matado, por isso, nesse sentido, podia ficar tranquila.

"Sei que posso ficar tranquila, nada me atingirá, nunca ninguém descobrirá que fui eu, mas por que não estou? Por que a imagem de Fernanda, deitada no chão da cozinha, não sai da minha cabeça? Meu Deus, eu vou acabar louca! Perdi Antero, matei a minha amiga, o que me resta mais para fazer?"

—Para que encontre a paz — disse Nivaldo — terá que se entregar à policia, confessar, ser julgada e pagar pelo crime que cometeu.

Ela não ouviu, achou que aquele pensamento fosse seu, pensou um pouco e depois disse:

"Não posso me entregar, nem confessar! Serei julgada e condenada! Passarei o resto dos meus dias na prisão! Não! Não!"

Levantou e continuou andando de um lado para outro. Não tinha lugar para ficar e os pensamentos não saíam de sua cabeça. Nivaldo continuou falando:

—Zuleica, estamos aqui porque nos foi permitido vir para ajudar você e Aristides, como espíritos irmãos e amigos. Estamos já há muito tempo preocupados com vocês, mas nada poderemos fazer a não ser te intuir para que faça o que é certo. Sabemos que te custará muito, que será difícil, mas é o único caminho que tem para seguir, se desejar realmente encontrar a paz e a felicidade junto a Deus.

—Nivaldo — disse Fernanda chorando — eu sou a culpada de todo esse sofrimento. Por duas encarnações eu interfeiri na vida dela e a prejudiquei. Não é justo o que está acontecendo com ela. Ela me matou, mas teve razão para fazer isso, eu merecia! Eu a destruí e roubei a sua vida!

—Não diga isso! Para o assassinato não há desculpa! Você interfeiriu, sim, mas ela deveria reagir e aceitar. Teve ajuda para isso. Poderia ter se libertado e continuado a sua vida sem Antero e encontrar em outro alguém o amor. Com a mudança dos planos, esse alguém lhe seria enviado. Deus nunca abandona seus filhos, mas ela escolheu o caminho do ódio e do rancor. Você, por suas faltas, se penitenciou; apesar de ter querido Antero a qualquer preço, viveu o resto do tempo uma vida reta. Hoje, está arrependida de tudo que fez. Zuleica terá que fazer o mesmo e novamente, todos juntos nos reuniremos e discutiremos como será a próxima encarnação. Teremos a

chance de nos encontrar novamente e tudo será reparado. Por favor, hoje, agora, deixe de se lamentar e nos ajude com vibrações de amor e paz. É só disso que ela está precisando e você também, Aristides! Levante-se desse canto em que está sentado e nos ajude; a sua vibração de amor é muito importante neste momento.

Aristides, abatido, estava sentado em um canto do quarto. Ele sabia que, apesar de amar Zuleica, havia sido parte importante nas atitudes dela. Agora, vendo-a daquela maneira, arrependeu-se, e queria fazer tudo que pudesse para ajudá-la.

Levantou-se e, junto com os outros, começou a pedir a Deus por Zuleica e principalmente por ele mesmo.

"Senhor, meu Deus, perdão por ter ficado tanto tempo longe da Sua presença, embora saiba agora que o Senhor nunca ficou longe da minha. Sei que não mereço, pois por muitas vezes me revoltei com a vida que, hoje sei, fui eu mesmo quem escolheu. Mas, meu pai, sou apenas um aprendiz que precisa de sua ajuda e de seu perdão. Permita que Zuleica encontre o seu caminho para que possa se libertar e finalmente ser feliz, ao meu lado ou não. Isso não tem mais importância, só quero o seu bem. Eu sempre a amei. Sei que por causa desse amor me destruí e a ela também."

Conforme ele pensava essas palavras, uma luz desceu sobre ele e o iluminou totalmente. Ele se encantou ao mesmo tempo em que se assustou, disse:

—Que luz é essa?

—É a luz do perdão — disse Nivaldo — e da certeza que você

está de volta ao seio do senhor! Seja bem-vindo! Agora, vamos ao trabalho.

Aristides não sabia se chorava ou ria. A emoção que sentia não conseguia descrever. Aproximou-se dos outros e, como eles, abriu suas mãos sobre Zuleica, que estava deitada. De repente, ela sentou-se na cama com os olhos esbugalhados.

Todos acompanharam seus olhos e viram o que ela via: o corpo de Fernanda, deitado na cozinha, começou a se levantar e a encarar Zuleica, dizendo com raiva:

—Você me matou! Não vou te perdoar nunca! Vai ter o castigo que merece! Vou te atormentar até o seu último suspiro!

Zuleica ficou paralisada de medo ao ver aquela cena que estava só em sua mente. Fernanda não entendeu o que estava acontecendo, perguntou assustada:

—Nivaldo, o que está acontecendo? Eu não a estou atormentando. Ao contrário, estou lhe enviando luz de amor e pedido de perdão.

—Ela, agora sem a influência de Aristides, está tomando conhecimento do que fez. Mesmo que não saibamos, o nosso espírito fica feliz quando pratica algo de bom, pois sabe que caminhou um pouco, mas fica triste e revoltado quando percebe que com uma atitude errada pôde atrasar a sua caminhada em muito. Ele se revolta e se faz presente; a isso, no corpo físico, se dá o nome de consciência. Ela é a pior das acusadoras, e, dificilmente alguém consegue escapar. A consciência vai atormentar Zuleica até que confesse o crime que cometeu e

receba o julgamento que merece dos homens, pois ao de Deus nunca conseguirá escapar. Vamos agradecer a Deus por sua consciência ter chegado com toda essa força. Sinto que o momento da libertação está próximo.

Todos se colocaram em oração, somente observando Zuleica, que se levantou, foi até a cozinha, tentou tomar um pouco de água, mas não conseguiu. Dentro do copo, via Fernanda lhe acusando, largou o copo. Andou pela casa toda e voltou para o quarto. Não tinha onde ficar. A imagem de Fernanda não saía do seu pensamento. Voltou para a cozinha, abriu a geladeira e tentou comer um pedaço de bolo, mas também não conseguiu; a imagem de Fernanda estava em todos os lugares.

"Não quero mais me lembrar daquele dia!" — disse, chorando, desesperada. "Já faz muito tempo! Ninguém desconfia de mim!"

Continuou andando. Enxugou os olhos com as mãos.

"Preciso esquecer! Não vou me entregar à polícia! Não posso fazer isso! Não quero ser presa!"

Eles continuavam observando e enviando luz sobre ela. Ela tentou dormir, não conseguiu.

Levantou, tomou um comprimido para relaxar e dormir, mas também não conseguiu. Ficou assim por vários dias, até que, não suportando mais e sentindo-se fraca, pois não conseguia comer ou beber, resolveu:

"Minha vida está terminada. Sei que cometi um crime e que, enquanto não me entregar, não terei paz. Que Deus tenha compaixão de minha alma, pois sinto que padecerei no fogo do

inferno para sempre. Vou telefonar para a delegacia, contar tudo e depois me matarei. Não suporto mais essa vida."

Nivaldo e os outros permaneceram ao lado dela durante todo o tempo e ouviram o que ela pensava. Fernanda disse:

—Ela não pode se matar! Se fizer isso estará perdida por muito tempo! Precisamos evitar de qualquer maneira!

—Sabe que não podemos interferir. Ela mesma terá que encontrar o seu caminho, só podemos continuar orando e pedindo a Deus que não a abandone nesse momento.

Todos sabiam que ele tinha razão. Até Aristides se ajoelhou e, juntos, começaram a rezar.

"Preciso tomar coragem e telefonar para a polícia" — Zuleica continuou pensando — mas não sei se terei coragem. Não quero ficar presa pelo resto da minha vida. O que preciso, mesmo, é encontrar uma maneira de me matar sem sofrer muito."

Saiu para o quintal, começou a olhar tudo, procurando algo que pudesse lhe ajudar. A sua idéia estava fixa na maneira de se matar. Foi até o portão, olhou a rua, que naquele momento estava calma; apenas um casal se aproximava e parecia feliz:

"Minha vida, que hoje está sem sentido — pensou ao vê-los —, poderia ter sido diferente. Eu estaria assim como eles se não tivesse me prendido ao amor que sentia por Antero. Poderia ter construído a minha vida de outra maneira. Já ouvi dizer que tudo depende de escolhas. Mas como saber quando a escolha é a certa? Não entendo por que ele me abandonou. Sempre acreditei

em seu amor e nas mentiras que dizia. Ele sempre me enganou, dizendo que ia abandonar Fernanda. Mas hoje sei que sempre foi mentira. Agora não me resta mais nada a fazer, a não ser me matar. Pensando bem, não vou telefonar. Vou deixar uma carta contando tudo que aconteceu... depois, vou tomar um vidro cheio de comprimidos”.

Morando sozinha, sem ter ninguém que me visite, quando me encontrarem já será tarde e eu estarei livre desta vida! É isso mesmo que vou fazer.

Aristides, ao ouvir aquilo, começou a chorar.

—Meu Deus, sei que não mereço te pedir coisa alguma, pois sei que sou culpado, mas, por favor, não permita que ela cometa essa loucura. Faça comigo o que quiser, mas ajude-a...

—Aristides —disse Nivaldo — posso entender o que está sentindo, mas agora não é hora. Não existem culpados ou inocentes, somente espíritos caminhando. Vamos continuar pedindo para que ela exerça com sabedoria o seu livre-arbítrio. Voltaram a rezar com todo o amor e a fé que possuíam.

Instrumento de Deus

Luciana desligou o telefone e foi até a sala de Antero.

Bateu e entrou:

—Doutor Antero, a dona Zuleica voltou a telefonar. Seguindo as

suas instruções, disse que o senhor não estava que tinha saído para visitar a obra.

—Ela aceitou bem?

—Não, claro que não. Ela disse que voltará a telefonar. "Será que ela ainda não entendeu que não quero mais vê-la?" — pensou nervoso — "Que tudo entre nós terminou? Que estou cansado de sua insistência?"

—Desculpe doutor, sei que o que vou dizer pode até provocar a minha demissão, mas sou mulher e conheço como as mulheres pensam. Não sei o que houve entre o senhor e dona Zuleica, mas essa atitude de ficar se escondendo nunca deu certo e nunca dará. Seria melhor que o senhor a atendesse e tivesse com ela uma conversa definitiva.

Ele olhou para ela; entre admirado e furioso, disse:

O que está dizendo? Quando foi que te dei essa confiança? Ela só foi minha funcionária! Quem te disse que tenho alguma coisa com ela? Ela disse?

—Não, doutor, ela não disse. Nem o senhor me deu liberdade para tanto, mas, como já disse, conheço os sentimentos das mulheres e sei o quanto sofrem quando são abandonadas. A mulher pensa e encara as coisas, diferente dos homens. Quando amam, se entregam totalmente. Por isso, nunca pensam que possam ser abandonadas. Esperam dos companheiros a mesma fidelidade e dedicação. Acho que o senhor deveria conversar com ela. Não adianta se esconder. Isso não resolverá a sua situação.

—Saia daqui, por favor! — Antero disse furioso.

Luciana saiu preocupada, pois sabia que havia se excedido.

Mas confiava em Deus e sabia que, se disse aquilo, não havia sido sem motivo. Sentada em sua mesa, enquanto trabalhava, sentiu uma leve brisa bater em seu rosto. Ela já conhecia aquele sinal, sabia que seu mentor estava ao seu lado.

"Não sei, meu Deus, o que me levou a dizer aquilo, mas sinto que era preciso. Meu mentor está aqui ao meu lado, portanto fiz o que precisava. Devo ter sido Seu instrumento."

Antero, em sua sala, pensava nas palavras de Luciana. A princípio, ficou nervoso com o atrevimento dela, mas aos poucos foi refletindo e decidiu:

"Ela tem razão, não posso mais protelar. Preciso conversar com Zuleica; não sei o que vou lhe dizer, pois eu mesmo não sei o que me aconteceu.

Depois da morte de Fernanda, entendi que aquele amor que sentia pela Zuleica não era tão importante assim. Só foi importante enquanto era proibido. Fernanda me faz muita falta e, por isso, eu não consegui mais ficar ao lado da Zuleica. Preciso tomar coragem e ir até lá. Não posso tratar de um assunto como esse por telefone."

Pegou o paletó; ao passar pela mesa de Luciana, disse;

—Se alguém me telefonar, diga que estou saindo e não sei a que horas voltarei. Tenho um assunto urgente para resolver.

—Está bem, doutor — ela disse, sorrindo — não se preocupe e que Deus o acompanhe.

Ele não percebeu o sorriso dela, saiu. Sabia que teria uma conversa que, embora dolorosa, era importante.

Zuleica estava sentada em uma cadeira, junto à mesa da cozinha. Tinha diante de si um papel em branco e um vidro de comprimidos, que ela sabia ser um sonífero muito forte. Era o mesmo que ela havia usado contra Fernanda. Abriu o vidro, retirou os comprimidos, pegou um e colocou em uma colher; com outra o triturou. Em seguida, jogou o pó que resultou da tritura sobre o papel. Pegou outro e mais outro e fez exatamente o que tinha feito com os comprimidos que deu para Fernanda beber e que a mataram. Depois que triturou os comprimidos que sabia ser suficiente, pegou uma caneta e, trêmula, começou a escrever.

A quem possa interessar

Estou cometendo este ato terrível, pois não suporto mais viver com a minha culpa. Matei Fernanda, minha amiga, usando o mesmo método que usarei agora contra mim. Espero que todos me perdoem e peço a Deus que também me perdoe, embora eu saiba que isso será o mais difícil.

Zuleica

Depois de ler e reler o papel levantou-se. Foi até a pia. Pegou um

copo, encheu de água e voltou a se sentar.

Colocou o pó dentro do copo e, com uma colherinha, começou a mexer.

Aristides e Fernanda, agora abraçados, choravam.

Nivaldo e os outros continuavam em oração e, de suas mãos, luzes continuavam caindo sobre Zuleica. Ela mexeu o pó no copo por um bom tempo. Sabia que precisava fazer aquilo e que não haveria outra solução. Mas estava lhe faltando coragem. De seus olhos, lágrimas começaram a cair.

Antero estacionou o carro em frente ao portão da casa de Zuleica e, como sempre fazia, tirou as chaves do bolso e entrou sem se anunciar. Abriu a porta da sala e ela não estava. Foi até a cozinha e viu que ela estava sentada de costas para ele. Ela estava com os cotovelos sobre a mesa, com as mãos sobre a cabeça e chorava muito. Ele ficou perturbado com a situação em que ela se encontrava. Ela, envolta em seus pensamentos, não percebeu quando ele entrou. Ele se aproximou devagar para não assustá-la. Quando chegou perto, viu sobre a mesa o copo com aquela água esbranquiçada e o papel escrito. Mesmo de longe, conseguiu ler o que estava escrito. Disse desesperado:

—Zuleica! O que você fez? O que está fazendo? Ela se voltou, levantou e se abraçou a ele:

—Eu a matei! Eu a matei! Matei Fernanda!

—Mas por que fez isso?

—Eu queria você só para mim! Fui uma louca e estou arrependida! Agora tenho que morrer!

—Eu sempre fui seu! Eu abandonei Fernanda para ficar com você! Que mais eu poderia fazer para que acreditasse?

—Depois que ela morreu, percebi que você foi se afastando aos poucos e quase não vinha me ver! Matei-a por causa de seus problemas financeiros. Eu pensava que, com a morte dela, você seria meu para sempre e que os problemas seriam resolvidos.

—Não precisava fazer isso! Eu só me afastei porque o delegado estava desconfiando e eu não queria lhe dar a oportunidade de encontrar um motivo. Quanto aos problemas financeiros, haveria uma maneira de superar! Você não precisava ter feito isso! Foi uma loucura!

—Hoje sei disso, mas naquele momento acreditava ser a única solução. Perdoe-me, Antero!

Ele a soltou foi até a geladeira, colocou água em um copo e tomou.

Estava atônito e não sabia o que fazer ou dizer. Nunca imaginou que aquilo poderia ter acontecido. Ela tornou a sentar e ficou olhando para o copo com aquela água esbranquiçada. Ele voltou a levantar, olhou bem em seus olhos, dizendo:

—Você não precisa se matar! Já se passou muito tempo! Ninguém conseguiu encontrar algo que te envolvesse, nem mesmo que provasse que Fernanda não se matou! Eu não direi coisa alguma! Você poderá recomeçar a sua vida!

—Você ficará comigo?

—Infelizmente não. Já deve ter percebido que tentei me afastar definitivamente de você. Aos poucos, fui percebendo que aquele

amor que sentia não era tão forte assim. Vim aqui hoje para te dizer isso, mas poderá continuar a sua vida mesmo sem a minha companhia! Não pode se matar! A sua vida vale muito! Não pode jogá-la fora dessa maneira! É preciosa!

—Para quem?

Nivaldo levou as mãos até a garganta de Antero, que disse:

—Para Deus! Sim, para Deus! Ele é nosso pai e saberá perdoar! Ele não nos abandona nunca!

Antero mesmo não entendia como e por que havia dito aquelas palavras. Nunca havia sido muito católico ou pertencera a qualquer outra religião e, para dizer a verdade, nunca pensou muito em Deus. Sempre se preocupou só em ganhar dinheiro.

—Deus? Você acredita mesmo que ele vai me perdoar? Nunca! Como ele pode fazer isso, se eu mesma não me perdôo?

Nivaldo continuava com a mão na garganta de Antero.

— Ele pode e faz — Antero disse, sob a influência de Nivaldo — por que é um Pai amoroso e tem tanto amor, que nos dá a todo o momento a oportunidade de nos redirmos. Por esse mesmo amor, nos perdoa e nos dá sempre novas chances!

Ela o ouviu dizendo aquelas palavras e se admirou:

—Antero! Como você está dizendo isso? Nunca te ouvi falar sobre essas coisas?

—Nem eu, mas não importa. Sinto que são verdadeiras, sinto que elas vêm do meu coração!

Ela se afastou, foi para o quarto, pensou um pouco, depois voltou, dizendo:

—Você tem razão. Acho que posso acreditar nesse amor de Deus. Sinto que tudo que você disse é a verdade, mas, para que, eu mesma acredite nisso, preciso que me acompanhe até a delegacia. Não posso ir sozinha.

—Até a delegacia?!

—Sim, preciso me entregar e confessar tudo. Sinto que esse é o único caminho para conseguir o perdão de Deus.

Ele percebeu que Zuleica falava tranquila, que realmente tinha decidido e que nada faria com que mudasse de idéia.

—Tem certeza que é isso mesmo que quer fazer? Sabe que não precisa, eu não contarei a ninguém.

—Sei o que estou fazendo. Sei que cometi um crime e que não posso mais viver com ele. Preciso pagar por aquilo que fiz. Embora sinta que o meu crime não tenha perdão, vou tentar.

Antero sentiu-se impotente diante do olhar dela, disse:

—Se é isso o que quer te acompanharei.

Ela foi para o quarto, vestiu uma blusa, pois já estava entardecendo e o céu estava cinza. Sabia que sentiria frio. Saíram.

Nivaldo e os outros foram com eles até a delegacia. Zuleica contou tudo ao delegado, que a ouviu em silêncio.

—A sua vinda até aqui — ele disse quando ela terminou de falar — vai pesar a seu favor, mas infelizmente preciso prendê-la e colocá-la à disposição da Justiça.

—É para isso que estou aqui.

—Zuleica — disse Antero, abraçando-a — sei que a culpa de

tudo que te aconteceu foi minha, mas ficarei ao seu lado para sempre. Não vou te abandonar...

—A culpa não foi sua, eu tomei a decisão e fiz. Cumprirei a minha pena sem reclamar. Sei que mereço.

O delegado chamou uma policial, e Zuleica foi levada para o interior da delegacia.

—Bem, doutor Antero — disse, com ar preocupado — preciso comunicar ao delegado que cuidou da morte da sua mulher.

—Estarei esperando notícias de Zuleica.

—Fique tranquilo, será notificado de tudo que acontecer.

Antero despediu-se e foi para a rua. Respirou fundo, seu coração estava apertado, mas sabia que aquilo era o melhor que Zuleica poderia fazer. Entrou em seu carro e partiu. Assim que ele partiu, Nivaldo disse:

—Agora podemos ir embora. A nossa missão terminou. Conseguimos evitar que ela se matasse e que, usando de seu livre-arbítrio, fizesse a coisa certa: resolveu se entregar.

—O que acontecerá agora? — perguntou Fernanda.

—Ela será julgada e condenada e terá de passar um bom tempo presa. Na prisão terá muito tempo para refletir sobre tudo que fez, e lembrar-se que Deus nunca nos abandona. Ele dará novas oportunidades para que Zuleica faça alguma coisa de bom junto a tantas outras mulheres que estão presas. Além do que, na maioria das vezes, essa prisão se deu por causa de um grande amor. Zuleica, mesmo na prisão, estará sempre protegida.

—E na vida espiritual, o que lhe acontecerá?

—Isso depende só de você, Fernanda...

—De mim?! Como, por quê?!

—Você foi sua vítima.

—Fui nesta vida, mas na outra eu fui à culpada! E nesta eu escolhi mal e modifiquei os planos de todos!

—Sim, hoje você sabe disso e vê dessa forma, mas, se estivesse no plano físico, não entenderia e teria muita dificuldade em perdoá-la. Chegará o dia que, antes de se perdoar, pediremos perdão, pois nunca saberemos quem é o verdadeiro culpado. Você poderá quebrar o elo de ódio. Poderá ficar ao lado dela, dando-lhe carinho e amor.

—Posso ficar ao lado dela até que a pena se cumpra?

—Se quiser pode, a sua presença lhe fará muito bem.

—Eu — disse Aristides — quero ficar ao lado dela.

—Você não poderá, já que tem muito a entender. Precisa fazer um tratamento que te ajudará a refletir sobre tudo que aconteceu.

Terá que passar por nossas escolas. Poderá vir visitá-la algumas vezes, mas ficar ao seu lado para sempre ainda não. As suas energias estão muito pesadas, por isso a sua presença poderá fazer mal a ela.

Aristides não discutiu. Queria descansar e sabia que estava tendo uma nova oportunidade. Fernanda lembrou-se de Antero, sentiu que, agora, já não o enxergava mais com aquele amor doentio. Mas, sim, como um companheiro de jornada.

—O que vai acontecer com Antero?

—Deus, Fernanda, tem um instrumento para nos ajudar a entender as nossas falhas, chama-se remorso.

O remorso fará com que Antero sempre saiba que, por sua ganância, desprezou um amor que sabia ser verdadeiro. Ele sabe que é o responsável por sua morte e pela prisão da Zuleica. Isso o acompanhará por todo o tempo em que permanecer no corpo físico.

—Até quando isso vai durar?

—Cada um retornará para a casa do Pai há seu tempo. Assim que todos estiverem reunidos novamente, conversaremos, estudaremos e veremos onde falhamos. Depois, juntos, planejaremos, escolheremos e renascemos torcendo que, da próxima vez, consigamos caminhar alguns passos.

—Nivaldo, pensei que a cada encarnação resgataríamos os nossos erros. Com a Zuleica isso não aconteceu. Ela foi traída e enganada na encarnação anterior e nesta o foi novamente, a ponto de cometer um crime. Como na encarnação passada, nesta também eu fui à culpada. Interferi na sua vida...

—Sim, você interferiu, mas ela se deixou levar pelo ódio, deixando-se envolver pelo Aristides. Agora, na prisão, ela terá a oportunidade de ajudar outras presas e assim caminhar alguns passos. Você entendeu o seu erro, por isso está aqui sob a nossa proteção. Sempre voltamos melhor, pois, por pior que sejam as nossas escolhas, sempre caminharemos ao menos um passo e, para Deus, será o suficiente. Ele confia na Sua criação e tem a eternidade toda para esperar. Sabe que, cedo ou tarde, o

encontraremos. Bem, acho que já respondi a todas as dúvidas.

—Tenho uma que ainda está me atormentando.

—Qual é? Pode dizer Fernanda.

—Não sei, mas tive a impressão que sempre que existe um abandono a culpa é da pessoa que foi abandonada e por erros passados, em outra vida, e não daquela por quem foi abandonada.

Nivaldo começou a rir.

—Neste caso foi, sim, mas cada caso é um caso. O que você não pode esquecer é que somos movidos por nossas escolhas.

—Quando poderemos saber se as nossas escolhas são as melhores? — perguntou Fernanda, intrigada.

—Quando nos sentirmos bem e felizes com elas. Se elas nos fizerem felizes, serão as certas. Agora precisamos ir embora...

—Posso ficar aqui ao lado da Zuleica?

—Se quiser, pode, mas sabe que não pode interferir na escolha dela. Só ela deverá ser a responsável, sem interferência.

—Não farei isso, pode ficar tranquilo.

Todos se despediram de Fernanda e partiram. Ela foi até a cela onde Zuleica estava e disse baixinho em seu ouvido:

—Estou aqui e ficarei ao seu lado, enquanto me for permitido. É o mínimo que posso fazer...

Zuleica não ouviu, mas sentiu-se muito bem e pensou: "Finalmente estou em paz."

Assim que chegou a casa, Antero telefonou para Marilda, que estava feliz, pois, após refletir muito sobre a sua vida, chegou à conclusão que estava na hora de se casar. O seu casamento seria dali a vinte dias. Em rápidas palavras, Antero contou tudo que havia acontecido com Zuleica. Marilda ficou abismada:

—O que está me dizendo? Foi a Zuleica?

— Sim, só fiquei sabendo hoje e a acompanhei até a delegacia, e lá ela contou tudo ao delegado.

—Não pode ser! Por que ela faria isso? Você já estava separado da Fernanda!

—Também não entendi. Ela disse que não queria mais me dividir e que, ficou com medo que eu voltasse para casa e que enquanto Fernanda estivesse viva, sempre haveria esse risco. Ficou com medo de me perder.

—Que loucura! Nunca imaginei que fosse ela! Que Fernanda não tinha se matado eu tinha certeza, mas que tivesse sido Zuleica, isso nunca pensei. Ela como está?

—Deixei-a na delegacia e terá que responder a um processo. Certamente será condenada, pois confessou. No entanto me pareceu bem, diria até que parecia estar em paz.

—Talvez isso esteja acontecendo por ela ter confessado.

—Acredito que sim, não sei.

—E você, como está?

—Estou arrasado, pois nunca pensei que a minha história terminaria assim. Tinha toda a minha vida sob controle e, de

repente, tudo mudou e fiquei sem nada, sozinho. Perdi Fernanda e também Zuleica. O pior é esta sensação de remorso, porque sei que foi somente por minha culpa que tudo aconteceu.

—Eu, por minha vez, estou feliz por finalmente ter a absoluta certeza que Fernanda não se matou e que, de acordo com aquilo que aprendi, deve estar em um bom lugar. Quanto a você, não sei o que dizer. Aprendi também que a culpa e o remorso são sentimentos que só nos fazem mal. Por isso, acredito que você deva se aproximar de alguma religião, buscar Deus. Ele, só ele, poderá te confortar neste momento.

—Vou fazer isso, sinto que será bom. Agora vou desligar, preciso contratar um advogado para defender Zuleica. Pensando bem, não quer pegar o caso? Afinal, você é uma advogada.

—Desculpe, mas não pode ser não advogo na área criminal, mas posso te indicar um amigo meu.

—Gostaria muito. Apesar de tudo, Zuleica sempre me amou e estive ao meu lado durante todos esses anos. Não vou abandoná-la agora.

—Anote o número do telefone dele. Eu ainda não posso perdoar Zuleica. Fernanda era minha amiga, e não merecia morrer.

—Também acho, até mais.

—Até mais, Antero.

Marilda desligou o telefone. Fechou os olhos. "Agora, sim, minha amiga, poderá descansar em paz. Onde você estiver, receba um beijo e, de acordo com o que aprendi muita luz e paz. Seja feliz!"

Fernanda, que estava ao lado de Zuleica, viu a luz chegando e a envolvendo por inteiro, sorriu: "Essa luz eu já conheço, é Marilda que está pensando em mim . Já deve ter tomado conhecimento da verdade sobre a minha morte. Obrigada, minha amiga, por sempre ter estado ao meu lado e nunca ter acreditado que eu havia praticado o suicídio."

Marilda telefonou para Júlio; após lhe contar tudo que Antero havia lhe dito, disse:

—Sei que você vai me condenar, Júlio, mas não consigo perdoar Zuleica nem Antero.

—Eu entendo o que está sentindo e que, agora, não perdoe, mas, com o tempo, tudo isso passará e você verá que o perdão é um dos sentimentos mais preciosos que temos. Por agora, só deve agradecer a Deus por saber que sua amiga não se matou e deve estar feliz. O resto deixe a cargo do tempo.

—Acho que você tem razão, farei isso.

—Eu estava pensando: não quer ir jantar lá em casa? Afinal, falta pouco tempo para o nosso casamento e a minha mãe ficará satisfeita em te receber.

—Irei, sim, adoro a sua mãe. Ela me recebeu muito bem e as suas crianças, também.

—Sim, elas só querem a minha felicidade. Agora preciso desligar, está na hora de eu atender a um paciente. Depois te telefono. Um beijo.

—Outro para você.

Epílogo

Fernanda, junto com outras equipes, ficou ao lado das prisioneiras, ajudando-as com bons pensamentos e a certeza de que, um dia, sairiam dali e poderiam recomeçar as suas vidas. Estava feliz ao ver que Zuleica, aos poucos, se entrosou bem. Ela começou a dar aulas e ensinar àquelas que não sabiam ler. De vez em quando, ela se lembrava da morte de Fernanda, chorava muito e pedia perdão. Fernanda a abraçava com carinho:

—Zuleica, estou aqui ao seu lado e sei que não tenho que te perdoar. Entendi que embora você tenha errado ao me matar, eu também errei muito. Por isso, fique em paz e cumpra todo o tempo que terá que ficar aqui. Um dia, quem sabe, encontre a felicidade que tanto procurou e que merece.

Embora Zuleica não a ouvisse ou visse, sentia-se muito bem e voltava para o seu trabalho, junto das outras detentas.

Fernanda, às vezes, ia ter com Otaviano. Pintava algumas telas e o acompanhava nas suas idas até aquela casa espírita onde a senhora, agora, pintava com desenvoltura. Estava junto com ele, terminando de pintar uma tela, quando Marli entrou afobada:

—Fernanda, conseguimos! Você pode visitar os seus!

—Posso mesmo? Ver a minha filha, o meu neto, Antero e Marilda também?

— Eu não sei se poderá ver a todos, mas poderemos conferir.

Você quer ir?

—Claro que sim! É uma pena que não poderei lhes contar de como estou vivendo e o quanto estou feliz!

—Não poderá lhes contar, mas poderá abraçá-los e ver que eles também estão vivendo bem.

—Quando iremos?

—Agora mesmo. Nivaldo está vindo para cá, ele vai nos acompanhar.

—E a Tânia? Ela vai também?

—Não, desta vez não.

—Por que não?

—Ela está envolvida em um trabalho importante, mas não se preocupe, em breve terá notícias dela. Mas não vamos perder mais tempo, olhe Nivaldo chegando!

—Olá, Fernanda — disse Nivaldo, aproximando-se — vejo que está muito bem.

—Estou sim. Muito mais agora que Marli disse que poderei ir visitar os meus.

—Pode, sim. Finalmente poderá realizar o seu desejo.

—Estou muito feliz, sabe que era o que eu mais ansiava.

—Então, vamos?

Nivaldo e Marli pegaram um de cada lado nas mãos de Fernanda e desapareceram. Chegaram a uma igreja que estava toda enfeitada por muitas flores. No altar, um padre rezava uma missa e, para sua surpresa, Fernanda viu Marilda ajoelhada, acompanhada por Júlio, que ela conhecera na encarnação

anterior, mas que nesta não havia conhecido. Curiosa, perguntou:

—O que está acontecendo aqui?! Marilda não está vestida de noiva, mas parece que está se casando!

—Está sim — disse Marli, sorrindo.

—Não pode ser Marli! Ela sempre disse que nunca se casaria! Que gostava de viver sozinha!

—Dizia isso porque não havia encontrado o homem da sua vida. Agora encontrou.

—Meu Deus do céu! Que homem é esse? Ele é lindo!

—Você não o está reconhecendo, mas é Júlio. Finalmente se encontraram novamente e, agora sim, serão felizes, pois se amam há muito tempo.

—Estou feliz por ela e não poderia mesmo faltar em uma ocasião como esta nem poderia deixar de ser a sua madrinha. Posso ficar ao lado dela?

Marli, que também estava feliz, sorriu, respondendo:

—Claro que pode, foi para isso que te trouxemos.

Fernanda passou as mãos pelos cabelos e roupas para ajustá-los e, sorrindo, se colocou ao lado de Marilda, que, sem saber por que, naquele momento pensou: "Fernanda, minha amiga, é uma pena que não esteja aqui para ver a minha felicidade, mas sei que, onde estiver, estará bem e feliz também".

A cerimônia terminou. As pessoas levantaram-se e dirigiram-se para fora da igreja para cumprimentarem os noivos. Em seguida foram para um salão de festas. Regiane, a filha de Fernanda,

também estava lá. Aproximou-se de Marilda no exato momento em que Fernanda também se aproximava. Ao vê-la, Marilda abriu os braços e a abraçou, dizendo:

—Regiane! Que bom que veio!

—Não poderia deixar de vir, sempre te considereirei como se fosse uma tia. Estou feliz por você estar casando, embora todos saibam que você nunca pensou que um dia isso aconteceria.

—Tem razão. Mas cheguei à conclusão de que não sabemos nada desta vida.

—É isso mesmo! A minha mãe, de onde estiver, deve estar muito feliz. Ela gostava muito de você, Marilda.

—Sei disso. Também estou feliz por ela, pois hoje sabemos que não praticou o suicídio, mas, neste momento, sinto a sua falta. Gostaria muito que ela estivesse aqui...

—Também sinto muito a sua falta, ainda mais hoje, depois de ter tido uma ótima notícia.

—Que notícia, Regiane?

—Hoje, pela manhã, recebi o resultado de um exame, estou grávida novamente!

—Que bom! Esperamos que agora seja uma menina, pois um lindo menino você já tem!

—Gostaria também que fosse uma menina, mas Deus é quem sabe. Qualquer um será bem-vindo.

—É você tem razão, mas o importante é que essa criança vai nascer; menino ou menina, não importa, será bem-vinda.

—Tem razão, Regiane, mas é uma pena mesmo que Fernanda

não esteja aqui, ela ficaria muito feliz! Não se preocupe de acordo com que aprendi, ela já deve saber.

Fernanda, que a tudo ouvia, olhou para Marli, surpresa:

—Você me disse que a Tânia seria minha neta, Marli! Só não disse que seria agora!

—Disse e é verdade. Tânia, agora, está pronta para renascer. Terá um bom lar, com todo carinho e atenção. Tomara que desta vez consiga fugir à tentação do suicídio.

—Ela vai conseguir — disse Fernanda, sorrindo, abraçando e beijando Regiane.

A festa continuou. Fernanda viu Antero chegando.

—Marli! Olhe lá Antero! Mas ele está diferente, parece que envelheceu vinte anos!

—Envelheceu mesmo. Depois de tudo que aconteceu, ele repensou a sua vida e percebeu que, por sua covardia, havia destruído duas mulheres, além de ter perdido o amor da filha.

—O que está dizendo? Regiane não o ama mais?

—Ela ficou magoada depois que tomou conhecimento de tudo. Acha que ele foi o culpado por sua morte e não consegue perdoá-lo.

—Isso não pode continuar! Apesar de tudo, ele sempre foi um pai amoroso.

—Tem razão, mas é preciso dar tempo ao tempo. O nascimento de Tânia vai aproximá-los. Esperamos que consigam viver em paz novamente.

Fernanda se aproximou de Antero, beijou-o com carinho.

— Antero, sei que te prejudiquei muito, por isso peço a Deus que te proteja e que te faça feliz.

Em seguida, olhou para o lado e viu Marilda, que dançava com Júlio. Aproximou-se, ouvindo o que ele dizia.

— Marilda, felizmente estamos casados e, depois da festa, embarcaremos para Veneza. Lá, teremos a nossa lua-de-mel.

—Eu não estou acreditando que tudo isso está acontecendo, parece um sonho, Júlio!

—Está acontecendo, sim — disse, sorrindo e abraçando-a mais forte — e é um sonho do qual não desejo acordar e espero que você não acorde também!

Ela sorriu e correspondeu ao abraço, enquanto Fernanda dizia com lágrimas de felicidade:

—Seja muito feliz, minha amiga! Você merece e, novamente, obrigada por tudo que fez por mim.

Outra vez, Marilda lembrou-se dela.

— Júlio , sinto falta da Fernanda neste momento.

—O que te garante que ela não está aqui, Marilda?

—O que está dizendo?

—Sabemos que a morte não é o fim e sabemos que ela não cometeu o suicídio. Portanto, ela pode muito bem estar aqui e, se ela estiver com certeza também estará feliz.

—Tem razão. Fernanda, minha amiga, onde estiver, receba toda a luz do mundo, o meu amor e paz.

—Estou recebendo, e obrigada por toda a amizade e a luz que sempre me mandou.

Beijou os dois e afastou-se. Nivaldo se aproximou:

—Precisamos ir, temos muito trabalho. Agora, dependerá de cada um encontrar o seu caminho e ser feliz.

FIM